

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ARIANNE MONTEIRO MELO ANGELELLI

DO PAI AO PA(I)TERNO:
VICISSITUDES DA CONSTITUIÇÃO DA PATERNALIDADE

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO
2022

ARIANNE MONTEIRO MELO ANGELELLI

Do pai ao pa(i)terno:

Vicissitudes da constituição da paternalidade

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, Núcleo de Método Psicanalítico e Formações da Cultura, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Elisa Maria de Ulhôa Cintra.

ANGELELI, A. M. **Do pai ao pa(i)terno: Vicissitudes da constituição da paternalidade.** 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2022.

Aprovado em: _____

Banca examinadora

Prof^a. Dr^a. Elisa Maria de Ulhôa Cintra – PUC-SP

Prof. Dr. Luís Claudio Mendonça Figueiredo – PUC-SP

Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Jr - USP

Ao meu pai, Valdosul, que estava lá para ser encontrado quando busquei o seu colo para descobrir o mundo. Este trabalho é para você.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Gabriela, que me transmitiu a alegria de aprender e estudar. Meu primeiro e grande amor.

Às minhas queridas irmãs, Aline, Karime e Alice, que me trouxeram a experiência da alteridade.

Aos meus filhos Mariana e Rodrigo, que fazem tudo valer a pena! E que compartilharam a sua mãe com uma profissão tão exigente, participando, cada um a seu modo, da elaboração das páginas deste trabalho.

À Élide, pelo acolhimento e pelo carinho.

À professora Elisa Cintra, que, além de me orientar, se tornou uma amiga querida. Como disse Clarice Lispector: “Porque entregar-se a pensar é uma grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de outrem quando a confiança é grande! Além do mais, exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também ter se dado a pensar”. Enfim: essa é a Elisa! Coração grande, generosidade, uma mente criativa: sempre aberta a escutar e compartilhar. Que sorte eu tive por ter encontrado você!

A Claudinei Affonso, que me apresentou ao ambiente acolhedor e estimulante da PUC-SP.

À professora Rosa Tosta, que bem sabe como criar um espaço potencial em cada encontro, ajudando-nos a descobrir o que já estava dentro de nós, na alegria do saber compartilhado.

Aos professores Marina Ribeiro e Luís Claudio Figueiredo, pela generosidade e pelos apontamentos no exame de qualificação. Professor Luís Claudio, uma inspiração para nós, sempre!

Ao professor Nelson Coelho Jr, por aceitar estar presente em minha banca de mestrado.

À Joel Rennó Jr, Alexandre Azuma e Rodrigo Gimenez: colegas do Pró Mulher, pelas discussões estimulantes e pela parceria.

Aos colegas do Núcleo de Saúde Mental da Sociedade Paulista de Pediatria, em especial à Denise Feliciano, por sua dedicação e generosidade. Obrigada, Cristiane Folino, Eduardo Goldenstein, Fátima Batistelli, Flávia Escrivão, Fernanda Kardosh, Fernando Lamano Ferreira, Gabriella Lube, Renata Conde, Rosa Resegue e Vera Rego Barros. Como é bom fazer parte desse time!

À Vera Iaconelli, que me trouxe para o campo da perinatalidade. Vera que me abriu caminhos, com seu dom de agregar pessoas em torno de ideias e projetos, trazendo-me para mais perto das perguntas e inquietações que estão colocadas nesse trabalho. Aos colegas do Instituto Gerar de Psicanálise.

À Honorina Almeida, por acreditar tanto em mim.

Aos queridos colegas da Casa Curumim, pelo seu trabalho sensível e inspirador.

À Dulce Amabis, Erica Abuchaim, Leda Bernardino, Roberta Kehdy e Solange Frid, psicanalistas queridas que encontrei pelo caminho dos estudos da perinatalidade, sempre me ensinando muito.

À Simone Guidugli, pela generosidade de trazer-me para mais perto da ternura paterna com o seu lindo e importante trabalho.

A Sergio Gomes da Silva, Cristina Merletti e Alexandre Coimbra Amaral, que generosamente compartilharam comigo e Simone Guidugli o projeto de um curso sobre a paternalidade.

Aos colegas da psicologia clínica da PUC-SP. Ombros amigos na fase da pandemia, ouvidos atentos para escutar e pensar juntos. Cada trabalho que surgiu nesse período do mestrado foi alegremente compartilhado entre nós. Obrigada aos colegas Bruno Gueldini, Carlos Souza, Marcelo Naves e Thiago Caveriani. Obrigada à Carolina Maia e Carolina Signorelli, Celina Diaféria, Claudia Perrota, Débora Naomi Souza, Juliana Vernachi, Luciane Fogaça, Martha Pinedo, Maria Paula Lira, Marina Costa, Miriam Saintive, Tássia Borges e Vera Barbosa. Obrigada ao grupo da “intervisão”: Andrea Accioly Firmo, Adriana Gradin, Claudia Rezende, Claudio Oliveira Filho, Danielly Passos, Juliana Zweifel, Rachelle Ferrari e Victor Costa. Vocês estão aqui, em cada página!

Ao Daniel Costa, pela parceria, pela compreensão, pela presença.

Aos meus colegas do grupo “terapêutico” de estudos de Winnicott: Angela Hiluey, Carla Metzner, Diana Goldberg, Eleonora Antunes, Gilca Zlochevsky, Gina Tamburrino, Ivonize Motta, Katia Piroli, Maria Helena Affonso, Odelis Basile e Viviane Salomone. Por tudo que compartilhamos nesses anos.

À minha querida Cecília Hirschzon, que saudade! Você foi uma das minhas maiores incentivadoras! Cecília continua viva em cada um de nós do “grupo terapêutico”: cada palavra, cada sorriso, cada ironia, cada puxão de orelha! “Vamos estudar, chega de bater papo!” Cecília, pode deixar: vamos continuar estudando!

À Amelia de Vasconcelos, Grazieta Megale, Marluce de Souza Pedro, Adriana Marciano e Telma Rodrigues; colegas e professoras do saudoso IPPIA, onde esse trabalho começou de verdade.

À Lucivânia Silva e Maria Pereira, meu “outro englobante”. Obrigada por cuidar da minha casa com tanta dedicação, para que eu pudesse me dedicar a esses estudos tranquilamente.

À Sandra Marta Souza, a melhor secretária que eu poderia desejar! Por “segurar as pontas” junto aos meus pacientes nos momentos em que eu tive de me ausentar.

À Marize Piva, minha amorosa professora de dança. A pandemia foi mais leve diante da oportunidade de estar com você, pela telinha, duas vezes por semana, para “escovar o pensamento” por meio da música e do movimento.

Ao Alexandre Monteiro, que sabe cuidar com alegria.

A Rosa Worcman: como agradecer sua disponibilidade para me “pegar no colo”, para vivenciar comigo as emoções que compartilhamos? Rosa participou da gestação da minha alma. Obrigada por me devolver a mim mesma. Você é a “estrutura enquadrante” que me deu as condições para escrever este trabalho.

Aos pais que foram meus pacientes e que comigo compartilharam as suas angústias e alegrias: muito obrigada pela confiança.

Ao meu amado Cleyton, parceiro de todas as horas, as boas e as difíceis; pai terno dos meus filhos, que cuidou do nosso ambiente quando dele precisamos. E que também esteve ao meu lado, suportando pacientemente esse novo mergulho que foi o mestrado, as horas a ele dedicadas... Cleyton, esse trabalho também é seu!

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre afastamento de alguns pais da cena perinatal em decorrência do seu adoecimento psíquico. A constituição da parentalidade é um processo de reconfiguração subjetiva que envolve aspectos culturais, sociais e psíquicos, e pode levar a uma crise vital. A chegada do bebê promove a revivescência da triangulação edípica e o contato com angústias arcaicas, oriundas dos estágios iniciais do desenvolvimento dos pais. Nesse sentido, pais e mães tendem a experienciar a transição perinatal de forma diferente. Porém, há especificidades concernentes às vivências paternas que nos levam a indagar que fatores poderiam favorecer ou dificultar os caminhos da sua ternura, no estabelecimento dos primeiros vínculos entre o pai e o filho. Os processos de subjetivação do bebê são facilitados pela presença paterna no contexto de um ambiente de sustentação, ainda que nem sempre seja o pai biológico que vai filiar a criança em nossa sociedade. Para analisar essas questões, vinhetas da clínica psiquiátrica e psicanalítica da autora são utilizadas, bem como o romance de John Updike, *Coelho, corre*, que narra o adoecimento psíquico de um pai que abandona a esposa gestante, e suas consequências. A história deste pai se abre a uma série de reflexões a respeito das angústias vividas e dos mecanismos de defesa utilizados pelo homem no enfrentamento da crise perinatal. Utilizamos neste trabalho as teorias de Winnicott e Melanie Klein para articular a hipótese de que o afastamento paterno pode se ligar a mecanismos maníacos de defesa, frequentemente utilizados no enfrentamento das angústias suscitadas pelo contato com o desamparo e pela revivescência de uma feminilidade primária que se reedita nesse momento.

Palavras-chaves: Paternidade; Pai; Período perinatal; Psicanálise; Angústia; Defesa maníaca.

ABSTRACT

This research is about father's withdrawal from perinatal scene in consequence of psychic illness. Parenting role is a subjective reorganization process that depends on cultural, social, and psychic features that can lead to a significant life crisis. The baby's arrival evokes triangular conflicts and archaic anxieties arising from parents' early development stages. Fathers and mothers tend to experience the perinatal transition in distinct ways. This research focuses on the favorable and unfavorable circumstances that benefit or hinder the constitution of the first tender and love bonds between father and child. The baby's maturational process is facilitated by a fathering presence and the contribution of a supporting environment, although fatherhood does not need to be performed by the biological father. Short case histories are drawn from the author's clinical psychiatric and psychoanalytic practice and from John Updike's novel *Rabbit, Run* on father's illnesses, difficulties, and the abandoning of a pregnant wife with tragic consequences. The clinical cases and Updike's story lead to reflections on men's anxieties and defensive mechanisms during perinatal crisis. Theories by Melanie Klein and Winnicott are used to raise the hypothesis that intense manic defenses are frequently used to react against helplessness situations and primary feminine identifications that are evoked at perinatal situation.

Keywords: Fatherhood; Father; Perinatal period; Psychoanalysis; Anxiety; Manic defense.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1	36
1.1 A PRIMEIRA FUGA	41
1.1.1 O jogo de basquete.....	41
1.1.2 Em casa	42
1.1.3 Saindo de casa	45
1.2 UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA.....	47
1.2.1 De novo em casa	48
1.2.1.1 Com June.....	49
1.2.1.2 Com Nelson.....	50
1.2.1.3 No parque.....	51
1.3 NA CASA DOS PAIS	52
1.3.1 Com a mãe.....	52
1.3.2 Com o pai.....	53
1.3.3 Desqualificando Nelson	54
1.3.4 O medo da noite.....	55
1.3.5 Transbordando.....	55
CAPÍTULO 2	58
2.1 O MENINO E O HOMEM DO CARTÃO AMARELO.....	61
2.2 A FASE DA FEMINILIDADE: INVEJA E REPARAÇÃO	63
2.2.1 Considerações a respeito da metapsicologia kleiniana: o percurso do seu pensamento.....	63
2.2.2 A fase de feminilidade.....	66
2.2.3 Implicações clínicas	69
2.3 VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ? O MEDO À MULHER, EM WINNICOTT	78
2.3.1 O caminho do bebê rumo à independência	80
2.3.2 Implicações clínicas	82
2.4 O REPÚDIO À FEMINILIDADE, DE FREUD A ANDRÉ GREEN.....	83
2.4.1 A lógica fálica	85
2.5 SER HOMEM É NÃO SER MULHER? A SITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA FUNDAMENTAL.....	87
2.6 A SITUAÇÃO PERINATAL.....	92
2.7 A GRAVIDEZ, O PARTO, MORTE E VIDA	94
2.8 COUVADE – A PATERNIDADE NO CORPO.....	97

CAPÍTULO 3	110
3.1 UMA REVISÃO SOBRE O TEMA DA ANGÚSTIA	112
3.2 A QUESTÃO EDÍPICA	121
3.2.1 Conflitos edípicos na construção da paternalidade	123
3.2.2 Impasses no atravessamento edípico na infância	125
3.3 O DESFECHO DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA.....	127
3.3.1 Na igreja.....	128
3.3.2 Uma tarde infernal.....	133
3.3.3 O final da narrativa.....	137
3.4 A DEFESA MANÍACA.....	139
3.5 OS OBJETOS PRIMÁRIOS EM COELHO	148
3.5.1 A figura materna.....	148
3.5.2 A figura paterna.....	153
CAPÍTULO 4	159
4.1 ASPECTOS NARCÍSICOS DO PROCESSO DE PARENTALIZAÇÃO	159
4.2 O SONHO, A PREOCUPAÇÃO E O DESEJO PTERNOS	164
4.3 ENTRE ÉDIPO E LAIO: O ÓDIO DO PAI	167
4.4 NÃO SONHAR.....	173
4.5 ENTRE A MORTE E A TRANSMISSÃO.....	179
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICE	199

Um homem chegou aos quarenta anos e assumiu a tristeza de não ter um filho. Chamava-se Crisóstomo. Estava sozinho, os seus amores haviam falhado e sentia que tudo lhe faltava pela metade, como se tivesse apenas metade dos olhos, metade do peito e metade das pernas, metade da casa e dos talheres, metade dos dias, metade das palavras para se explicar às pessoas. Via-se metade ao espelho e achava tudo demasiado breve, precipitado, como se as coisas lhe fugissem, a esconderem-se para evitar a sua companhia. Via-se metade ao espelho porque se via sem mais ninguém, carregado de ausências e de silêncios como os precipícios ou poços fundos. Para dentro do homem era um sem-fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia de felicidade. Para dentro do homem o homem caía.

(Valter Hugo Mãe, 2016, p. 8)

APRESENTAÇÃO

Um lugar para o pai – configuração de uma demanda.

“São necessários três para que dois tenham a ilusão de ser um.”

(Victor Guerra, 2017, p. 49)

Esta pesquisa nasceu das inquietações clínicas que me atravessaram ao atuar como psiquiatra da perinatalidade. Os pais, objeto de meu estudo, chegaram até mim, inicialmente, de forma indireta, trazidos pela mão das mulheres que procuravam a clínica do hospital ou do instituto de psicologia perinatal. Os dilemas da maternidade e as questões da subjetividade das mães transbordavam para além dos sintomas percebidos e do diagnóstico descritivo; e a medicina *baseada em evidências* não dava conta do não evidente, das manifestações do inconsciente... menos ainda da complexidade das relações familiares que concorriam para o adoecimento daquelas mães e bebês. Os companheiros que chegavam trazidos pela mão das mulheres ficavam na sala de espera, como que hesitando em tomar um lugar de palavra.

Com o passar do tempo, passei a levar em conta o pai, elemento importante, muitas vezes desconsiderado como fator de doença – e como fator de cura – naqueles casos. Como a situação gravídica e o despertar da parentalidade configuram potencialmente um período de crise¹ para todos os envolvidos, são também uma oportunidade de reconfiguração subjetiva em que os laços se reorganizam, os papéis mudam, e pais nascem como pais junto com sua criança.

Quando se abre um espaço de escuta, eis que a situação perinatal se mostra muito mais complexa deixando entrever, para além da mãe e do bebê, a importância de todos os terceiros que contribuem para sustentar ou dificultar a elaboração psíquica dos processos de gestação, parto e puerpério. A criação de um ambiente suficientemente favorável ao desenvolvimento do bebê depende de um entorno que

¹ A nível individual o desconforto, a inquietação e a angústia são características dos momentos de mudança. Podemos pensar a transição para a parentalidade como um momento de crise, aqui entendida no sentido da transformação, da desestabilização, da passagem de uma posição subjetiva a outra (AVILA; BERLINCK, 2014).

favoreça o cuidado em todas as suas dimensões. Esse cuidado inclui acolher os sujeitos que passam por esse momento e compreender sua especificidade.

A clínica deixa claro que não basta ser genitor para se tornar *pai* ou *mãe*. Este é um processo complexo, que envolve trabalho psíquico, uma construção a ser feita, que justifica o uso dos termos “maternalidade” e “paternalidade” (FERRARI; RIBEIRO, 2020) para salientar a sua natureza psicoafetiva, no sentido da conexão e do reconhecimento entre pais e filhos. A rede de significados, que vai além do cuidado material do corpo do bebê, passa por aspectos profundos que transformam a todos num tal nível que “ser” pai, “ser” mãe, ou “ser” filho significa trazer em **si mesmo** a marca dessa conexão. A mulher, para se constituir somato-psiquicamente como mãe, percorre um longo caminho (WINNICOTT, 1960/2005) e o pai, reconhecido progenitor ou não, para chegar ao paterno, tem de tecer com seu filho um fio de significado e ternura. Na medida em que o ser humano, por nascer em condições de extrema dependência e fragilidade, necessita da nutrição psíquica que os cuidadores lhe proporcionam, o aspecto contingencial destes processos se torna dramático.

Mulheres gerando bebês e se havendo com a complexidade psíquica deste processo, adoecendo às vezes, necessitando de cuidados; seus terceiros, agentes de doença ou de suporte, e os *bebês*... Conforme eu me afastava do modelo médico e me aprofundava no estudo da Psicanálise, todos os personagens da cena perinatal foram adentrando a sala de atendimento.

Os pequenos falam com o seu corpo. Durante a consulta com a mãe, eu observava detalhes, como o contato visual e a postura corporal dos pequenos, não raro percebendo neles situações de risco psíquico. Em alguns casos, parecia haver alterações nos indicadores de intersubjetividade² desses bebês, mas a conexão entre a perturbação dos vínculos, as dificuldades da criança e o diagnóstico materno não eram lineares. Um caso de depressão pós-parto, por exemplo, podia envolver mais um excesso de cuidado do que negligência. Quantas vezes encontrei a perplexidade de mulheres que diziam “*doutora, o que tenho não é depressão, pois não rejeito o meu filho, pelo contrário, não consigo me separar dele nem um minuto*”. E ali estava um bebê irritado, que não dormia bem, acordando de duas em duas horas para mamar

² Os indicadores de intersubjetividade, segundo Victor Guerra (2014), são indicadores observáveis que se remetem à qualidade da interação entre a criança e os cuidadores de referência, desde o nascimento até os dois anos de vida, que vão desde o intercâmbio de olhares até os jogos de imitação e linguagem.

a madrugada inteira, como gritando para o mundo: “por favor, me ajudem a aprender a descansar”.

Ao longo do tempo, em diversos casos de adoecimento materno (e mesmo do bebê), fui podendo perceber a importância da **função cuidadora do pai**. Seus recursos, sua resiliência e saúde mental pareciam favorecer um melhor prognóstico nos casos atendidos. Pais ternos surgiam quando mães “desatavam em choro” na sala de consulta. Pais ternos que eram pais-ímãs: na sua ligação corporal, libidinal, com suas mulheres e filhos. Pais-ímãs magnéticos, com suas propriedades ligantes, pais eróticos. Facilitadores do processo de amamentação e também do desmame do bebê. Interessados em aprender como cuidar do filho, banhar, fazer dormir. Descobrimo sua capacidade de suportar, acalmar e ninar as próprias mulheres, quando regredidas na situação perinatal. O pai terno é o guardião do triângulo parental onde aparentemente só vemos UM, mãe e bebê fusionados.

“São necessários três para que dois tenham a ilusão de ser um”, nos diz Victor Guerra (2017, p. 49). A imagem deste autor impressiona por descrever a importância do pai, de forma pictográfica, na imagem daquele que sustenta, por meio da triangulação, a própria função materna.

Por outro lado, como o leitor deve estar se perguntando, na clínica psiquiátrica de casos muitas vezes graves, eram bastante comuns situações de desamparo que não encontravam a presença do pai-terno. Mesmo a partir de nossa prática como profissionais de saúde, sabemos o quanto se sustentar num lugar de suporte para a mãe pode ser difícil³. Há pais invejosos, que querem roubar o protagonismo da mãe. Pais destrutivos, pais violentos, pais que “abandonam o barco” quando a tempestade da situação perinatal rompe a calma da família.

Num contexto quase inverso ao da ternura paterna, ocorreu-me atender e supervisionar casos de mulheres cujos parceiros “saíram de casa”, para não mais voltar, logo após o nascimento do filho. Situações de violência doméstica, abandono

³ Na clínica da perinatalidade, questões inconscientes dos profissionais (sejam eles terapeutas, enfermeiros, médicos e outros) podem interferir na qualidade do cuidado, quando se está diante dos triângulos que se formam nestes atendimentos. É necessário delicadeza e sensibilidade para se colocar, verdadeiramente, à disposição dos sujeitos envolvidos, por meio de uma postura acolhedora, facilitadora e não diretiva dos processos de ajustamento que ocorrem então. Da mesma maneira que questões inconscientes podem concorrer para dificultar ao pai uma atitude suportiva para com sua parceira, também os profissionais podem ser atravessados por fantasmas que determinarão, em última instância, violências e negligências em sua prática, conforme discutiremos mais adiante. O profissional de saúde é convocado a identificar-se, aliar-se ou mesmo a rivalizar com os personagens do teatro familiar, diante do acontecimento que é a chegada do bebê em uma família.

da gestante e relatos do envolvimento dos parceiros em relações extraconjugais traziam o pai como agente do adoecimento da mãe, por negligência ou violência. Algumas pacientes relatavam o período gestacional como um divisor de águas em seu relacionamento. Nas discussões clínicas, pairava a dúvida sobre a saúde mental paterna. Poderia o pai estar deprimido, adoecido, teria se desorganizado psicologicamente com a gravidez e a chegada do bebê?

Entretanto, os pais, via de regra, não respondiam aos nossos apelos para comparecer às consultas. Estudar a saúde mental paterna, saber como o homem produz resposta ao desafio de tornar-se pai, tornou-se, então, uma das minhas preocupações. Essa preocupação tinha um aspecto muito prático naquela clínica: conhecer para compreender, compreender para poder mobilizar, convidar, dar licença aos pais, para que sua entrada pudesse ser um fator de saúde e equilíbrio para mãe e bebê. No caso dos pais adoecidos, oferecer ajuda. No caso dos pais ausentes, encontrar na rede de apoio da mulher aqueles que pudessem fornecer suporte a ela.

Ao pesquisar sobre o assunto, encontrei a maioria dos trabalhos de base psicodinâmica enfocando a relação mãe/bebê. Como diz Marin (2017, p. 11): “o imaginário em torno da mãe como provedora única de todas as necessidades do bebê, e plenamente responsável por sua saúde mental, mesmo que histórica e culturalmente determinada, ainda prevalece nas mais diferentes teorias”. É interessante notar que as referências ao pai surgem na medida da sua importância em relação a esta díade, e o olhar que se detém sobre os processos de gestação, parto e amamentação parece não contemplar a especificidade da constituição subjetiva do pai (GUIDUGLI, 2022). A *função paterna*, tão importante, pode nos dizer algo sobre o pai, mas não abrange a complexidade do nosso objeto de estudo. O que temos a dizer sobre o desamparo paterno, sua especificidade, e sobre os percalços da construção do sentimento de ser pai? O que significa, para alguém, ocupar a posição de pai para uma criança?

À primeira vista, pode-se pensar o pai como aquele que tem uma relação com o filho que não passa pelo processo de gestá-lo em seu corpo. Mas, hoje, a **dimensão biológica** deixou de ser um *destino* para aqueles que desejam filiar alguém. Configurações familiares diversas, de casais homo parentais, de indivíduos transgênero, de pais homens, cisgênero ou não, que cuidam de seus filhos ocupando a posição de objeto primário destes bebês, levam-nos a ampliar as fronteiras da parentalidade. Pode-se mesmo perguntar se para ser “pai” é preciso ser homem ou estar identificado com o gênero masculino.

Seria *ainda* interessante considerar a especificidade do pai a partir do modelo que leva em conta o *seu corpo* no contexto do nascimento? Nesse sentido, o pai e o filho começariam a construir uma ponte entre eles **de fora para dentro**, como bem disse o poeta:

*Se ele entrou só com a gota do seu sêmen
num primeiro momento,
depois, por não ter cozido dentro de si
esse filho,
foi impelido
a erguer uma ponte entre eles,
e, para que pudessem
um ir e vir ao outro,
precisaram
construir uma história
de fora para dentro,
não como a mãe,
de dentro para fora!*

(CARRASCOZA, 2020, pp. 24-25)

O modelo biológico coloca o pai, que não gesta nem amamenta, numa situação diferente da condição materna⁴, é o que o poeta parece dizer. *O pai não cozeu dentro de si o filho...* Por isso, precisarão ir e vir um ao outro, construindo uma ponte entre eles, “cosendo” a teia dessa relação. São fenômenos como a *couvade* (THIS, 1987) e o acompanhamento de certos homens que relatam a importância de rituais modernos (como o acompanhamento do ultrassom obstétrico, por exemplo) que apontam a validade desta proposição. Sujeitos de hoje e de ontem continuam procurando imagens para lhes dar suporte na edificação dessa “ponte” de significado⁵ que é o processo de tornar-se pai.

A *couvade* é um conjunto de rituais e prescrições encontrados em diversas culturas primitivas em que os homens simulam as dores do parto, sentem mudanças em seus corpos durante a gravidez da parceira e agem de acordo com a crença de que suas atitudes têm relação direta com a formação e a ancoragem da alma ao corpo do bebê. O estudo da *couvade* nos fornece pistas interessantes sobre como, em

⁴ “Para o homem, o bebê, de início, é um **outro**” (CRESPIN, 2004, p. 29, grifo nosso).

⁵ A este respeito, sugiro a pesquisa de Alexandre C. Yamaguti, *Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna*. Neste belo trabalho, o autor tece a consideração de que o pai também é filho – *filho de sua época* – e que, se ser pai é doar tempo ao filho, esse processo está dificultado em nossos tempos de aceleração. Yamaguti pesquisa o efeito nos pais da observação do ultrassom obstétrico das companheiras e conclui que esta prática facilita ao homem a experiência de um “click” apropriativo, favorecendo a compreensão de sua condição de pai (YAMAGUTI, 2015).

diversas culturas, rituais que conectam o corpo do pai ao do filho buscam suprir, de forma imaginária, a diferença entre o pai e a mãe. O fenômeno da couvade será discutido mais adiante nesta dissertação.

Ao lado da especificidade do pai na sua relação biológica com o filho, as pesquisas que trazem em seu bojo, mais explicitamente, o lugar do pai em sua **dimensão simbólica**, abrem o campo do paterno para a ideia da terceiridade. A força da ideia da *função paterna* – dentro e fora da tradição da escola francesa de psicanálise – é ressaltar, assim, o pai como um terceiro elemento substituível, que se coloca em relação ao bebê e seu outro primordial (GREEN, 1994).

Pensar o “paterno” como um lugar, uma *posição*, pode ser interessante, na medida em que sua dimensão *simbólica* o coloca num dos vértices do triângulo composto, também, pelo bebê e pela “mãe” (biológica, ou não). Essa proposição nos permite entender o quão abstrato pode ser o lugar paterno e como a construção desse lugar pode variar no seio de cada família.

Assim, para compreender melhor a constituição do sentimento de ser pai, seus entraves, sua importância, suas possíveis variações, temos de reformular a pergunta – tantas vezes ouvida – “Quem é o pai?” em sua dimensão mais íntima, para muito além da questão biológica.

O que é um pai, o que significa ser pai? Quem é o sujeito que exerce, enfrenta, constrói para si mesmo o lugar de pai? Como este lugar se articula com a prerrogativa do exercício da *função do cuidado*? A paternalidade é um conceito difícil de se entender sem levar em consideração a relação privilegiada de alguém que se conecta à criança e seu outro primordial, estabelecendo com eles uma relação triádica.

Do ponto de vista da criança, há duas vertentes do laço primordial, as funções **materna** e **paterna**, que podem se sobrepor parcialmente às figuras da mãe e do pai mas, como funções, têm um sentido muito mais amplo. Para Crespim (2004), essas duas modalidades, diferentes, de entrar em contato com o bebê, são necessárias ao desenvolvimento de seu psiquismo.

A função materna, ligada à conexão libidinal com o corpo da criança, se estabelece a partir dos cuidados iniciais. Essa função, em última instância, constitui a *gestação psíquica* do bebê a partir do continente materno. Aquele que cuida da pequena criança como seu objeto primário investe nela amorosamente, atribuindo-lhe conteúdos psíquicos (GARRAFA, 2020), antes mesmo de poder ter os seus gestos e cuidados retribuídos: nesse sentido é uma aposta no *vir a ser* do bebê, que ainda não

se constituiu como pessoa, tendo um caráter atributivo e doador de sentido. Essa função materna parte de uma condição inicial mais indiferenciada entre os componentes da dupla e necessita da sintonia entre os corpos, da sustentação e da continência que o adulto cuidador promove para o bebê, de modo a favorecer os primórdios da sua subjetivação. O reconhecimento, o espelhamento, o *holding* e *rêverie* maternas são aspectos dessa função primordial⁶. Considerando as raízes e a natureza da relação mãe-bebê, entende-se que os processos de *separação* e *discriminação* emergem a partir de uma relação indiscriminada e simbiótica inicial, base da fantasia incestuosa que persiste, inconsciente, em fases mais tardias do desenvolvimento. A proibição do incesto, como chave de acesso à cultura, é o elemento organizador que vem para separar a simbiose original, permitindo que possa haver dois, onde, inicialmente, havia uma matriz fusional e unida.

Essa proibição do incesto, como um corte que permite a discriminação entre os membros da díade, é a função paterna. Ela se complementa à função materna e tem com ela uma relação dialética, pois, se a criança não pode nascer psicologicamente sem aquela matriz inicial, sua subjetivação também depende dessa instância separadora, organizadora. É por meio do *corte* da relação imaginária que se constitui entre o bebê e seu objeto primário, que se introduz a dimensão *simbólica* para a criança. “O laço primordial, na sua vertente paterna, introduz um corte. Ele corresponde à capacidade separadora do pai e à sua função reguladora da onipotência primordial da mãe” (CRESPIN, 2004, p. 29). Seria a *função* paterna que, em última instância, levaria à boa instalação do lugar de um terceiro na *phantasia* inconsciente (FIGUEIREDO, 2009, p. 46). E a instalação desse terceiro, como veremos adiante, é estruturante para o psiquismo de muitas maneiras, pois a função paterna não regula somente a onipotência materna, como quer Crespín, mas também pacifica o bebê, possibilitando a ele a conquista de um limite, um contorno próprio.

A relação dialética entre as funções materna e paterna também diz respeito ao vínculo com o bebê que, na vertente paterna, já é visto, de saída, por seu cuidador, como um **outro**. Como não pensar na imagem do poema de Carrascoza, quando nos diz que o pai e o filho constroem entre si uma ponte que se faz “de fora para dentro”? O pai, estando em uma *posição* privilegiada para assistir, a partir *de fora*, o nascimento

⁶ Tamanha é a riqueza da pesquisa e formulações sobre a função materna que optamos por construir um apêndice ao final desta dissertação, em que esses aspectos são discutidos com mais detalhe.

do filho, poderia se colocar, em relação a ele, de forma diferente da mãe. *É assim que a ideia da função paterna pode nos contar algo sobre o pai.*

A exemplo do real biológico durante a gestação e o aleitamento-que se desenvolve fora dele- para o homem o bebê de início é um **outro**. O homem encarna mais facilmente a função paterna porque o bebê não é pensado por ele como uma parte dele mesmo (CRESPIN, 2004, p. 29, grifo nosso)

A profundidade desses conceitos leva o observador atento a enxergar um imbricamento entre as funções materna e paterna em toda função do cuidado suficientemente bom. Basta observar os pais-ternos a que me referi no início dessa apresentação para flagrar neles muitos indícios da ligação libidinal com seus filhos. E mais: haveria um outro aspecto da função paterna (ou função terceira) que não se limitaria ao *corte*, sendo antes uma modalidade complementar de ligação, conexão e até (re) ligação. É o pai que se coloca *entre* a mãe e o bebê, conectado e conectando a ambos. “O terceiro, nesse caso, funciona como elemento, seja de separação, seja de (re) ligação. É a condição inaugural, a função primeira de um terceiro, que abre em dois o que psiquicamente funcionou como uma unidade indiferenciada e permite a triangulação” (COELHO JR., 2015, p.191).

Figueiredo (2009), para quem a função paterna é a *função do cuidado* que protege, sustenta e limita a função materna, explica como, entre essas funções, se estabelece uma relação profundamente dialética. Este autor vê a situação triangular precoce, na figura do pai, como uma condição de *possibilidade*, à qual atribui um lugar ainda mais abrangente: aquele que “limita, permite e protege a relação diádica [...] pode não ser um pai, e sim um conjunto familiar, uma instituição, que desempenha a função de dar *holding* à mãe e mais precisamente, à unidade mãe bebê” (FIGUEIREDO, 2009, p. 46).

Ao salientar a **proteção** e a **sustentação** que derivam de um “terceiro” a se colocar **entre** a mãe e o bebê, operando *em dois sentidos*, desde os primórdios, Figueiredo se aproxima da imagem de Victor Guerra. Ele desenha o *pai da ligação e do corte*, dando sustentação ao bebê “para livrá-lo da loucura materna” e **também** dando suporte à mãe por meio da “sustentação e viabilização da onipotência primordial narcísica da unidade mãe-bebê” (FIGUEIREDO, 2009, p. 41). Enfim, o TRÊS que possibilita o UM.

Da mesma maneira, a mãe deve ser capaz de ver em seu bebê um *outro* – essa é uma das condições para que possa ser “suficientemente boa” para seu bebê. A mãe *suficientemente boa*⁷, de que nos fala Winnicott (WINNICOTT, 1971/2019 a, pp. 27-28), é a mãe que é não-toda, limitada em sua onipotência. “Basta ler atentamente Winnicott, para se deparar com o pai em cada linha [...], pois parece possível dizer que no que Winnicott chama de ‘mãe suficientemente boa’ o **suficientemente** é o pai... aquele que a torna ‘*não completamente*’ devotada a seu filho (CRESPIN, 2004, p. 87). Os “nãos” da mamãe estão entre os primeiros *sinais de pai* para o bebê, pois aquela que, no primeiro momento, disse “não” ao mundo, para se dedicar quase completamente ao pequeno ser; aquela que lhe disse o primeiro grande Sim, é também a mesma pessoa que, trazendo a função paterna para a criança, lhe diz “não”: para protegê-la, para limitar sua onipotência, para estabelecer os limites entre os seus corpos (ROSA, 2011, p. 36).

O leitor terá a oportunidade, neste trabalho, de revisitar esses conceitos muitas vezes, pois a questão da terceiridade se estende também como medida da própria relação do casal parental, mais ou menos aberto à diferença e à possibilidade de cuidar de um filho. Da mesma maneira, a importância da relação do casal para os adoecimentos puerperais tem sido apontada, pois vínculos complementares podem contribuir para arranjos patológicos difíceis de serem modificados, como as inter-relações psicóticas que se manifestam como sintoma num dos membros do casal (AZOUBEL NETO, 1993).

O olhar sobre o casal é importante, já que o enfoque à mãe, dando um peso excessivo às questões intrapsíquicas da mulher, parece apequenar o papel do pai no período perinatal. E o que dizer da medicalização⁸ do sofrimento parental sob o imenso “guarda-chuva” da depressão pós-parto!

Sabemos que as parselhas encontradas na clínica não se fazem por acaso. É de se esperar que uma mulher faça suas escolhas amorosas de acordo com sua disposição psíquica e que eleja seus parceiros e parceiras de acordo com seus fantasmas inconscientes. “É inteiramente evidente que as perturbações psicológicas ligadas ao nascimento de um filho – e isso é válido tanto para o pai como para a mãe

⁷ A formulação winnicottiana sobre a mãe suficientemente boa é melhor desenvolvida no apêndice desta dissertação.

⁸ A medicalização é um fenômeno da contemporaneidade, e se trata de trazer para o âmbito da medicina, da psiquiatria biológica ou do cérebro, as modalidades do sofrimento humano (CATÃO, 2020).

– não ocorrem por acaso na história de cada um” (PARSEVAL, 1986, p. 71). Porém, diante de uma mãe ou de um bebê com maior dificuldade em sua diferenciação e subjetivação, o pai que se coloca como terceiridade e como alteridade no momento perinatal não pode ser desconsiderado. Ele é importante elemento na crise que se configura, caso sua disposição psíquica favoreça a constituição de uma verdadeira triangulação no campo familiar. Existem aspectos intrapsíquicos e intersubjetivos que concorrem para o exercício da parentalidade criativa – sem contar o papel ativo dos bebês, “parentalizando” (ou não) os próprios pais.

Os trabalhos de autores como Serge Lebovici, Graciela Crespín e Bernard Golse apontam a via de mão dupla representada pela ponte que se cria entre pais e filhos. Ampliando o que disse o poeta, a ponte da parentalidade é construída **por todos** para irem e virem *uns aos outros*. Crespín (2004) descreve o efeito psíquico que tem sobre seus pais a pouca responsividade do bebê com tendências ao fechamento autístico. Golse (2019, p. 14) afirma:

o funcionamento psíquico do filho (seu temperamento, a natureza de seu sistema projetivo, as características de suas modalidades pessoais de apego, seu estilo de ajustamento afetivo...) é igualmente suscetível de influenciar o funcionamento de seus pais, e torná-los mais ou menos seguros ou inseguros, independentemente do tipo de filhos que eles próprios foram ou que imaginam (esperam ou temem) ter sido” (GOLSE, 2019, p. 14).

Lebovici nos conta que a nossa “árvore de vida” tem suas raízes mergulhadas na terra molhada pelo sangue de nossos pais, sangue que os ferimentos provocados pelas suas dores e conflitos infantis fizeram correr. “Entretanto, essas raízes podem deixar a árvore da vida desabrochar quando elas não estão escondidas nas profundezas da terra, e, portanto, inacessíveis” (LEBOVICI, 1995, p. 5 apud MORO, 2005, p. 263). O papel ativo dos bebês e dos filhos e o potencial transformador das relações de amor e pertencimento, ao contribuir para que a árvore da vida desabroche, são potentes fatores da constituição da parentalidade.

Pensando na bela imagem da árvore da vida, gostaria de concluir a apresentação deste trabalho ressaltando a relação entre a *terceiridade* como condição de saúde, de flexibilidade psíquica, e sua conexão com a triangulação edípica, pensada desde Freud e por tantos outros que vieram depois dele⁹.

⁹ A este respeito, recomendamos o trabalho de Nelson Coelho Jr. (2015), que sumariza de forma abrangente as figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea.

A configuração edípica é um conceito metapsicológico que nos será bastante útil neste trabalho, para pensar o desenvolvimento psíquico do bebê, as dificuldades do atravessamento das transições na vida adulta e o próprio momento perinatal. Para guiar o leitor nessa trajetória, peço, neste momento, que se permita inspirar novamente pela figura do triângulo que Victor Guerra desenhou para nós: o TRÊS que possibilita o UM.

É assim que a imagem do “Édipo”, em nível intrapsíquico, faz alusão à organização mental dos adultos que se dispõem a gerar vida e contribuir para que um bebê também nasça como pessoa. E incluir o bebê “na equação”, como agente que convoca seu pai (o que observamos muitas vezes na clínica) só se torna possível a partir de uma visão que se amplia para além da relação diádica que (aparentemente) se faz entre a mãe e o bebê. O conceito da triangulação edípica e da função paterna estão profundamente imbricados. Poderia haver uma função materna pura, sem nenhuma intermediação? Seria compatível uma relação entre dois sem nenhum horizonte de alteridade, diferença ou corte?

O que proponho ao leitor, então, é que tente fazer um mergulho nesta abstração “geométrica”, imagética, para pensar o triângulo parental num nível simbólico (o complexo de Édipo em seu aspecto mais essencial) e deixar surgir o pai, pensar sobre ele.

Se o “pai” pode ser pensado de forma tão ampla, a partir do conceito da função paterna e do “outro englobante” (FIGUEIREDO, 2009, p. 135), teria sentido, ainda, invocar o parceiro(a) da mãe, daquele que *espera* na antessala do ambulatório, carregando a sacola com as roupinhas e as fraldas? Vale a pena perguntar por ele?

É a partir da clínica que pretendo afirmar que sim, que vale a pena convocar este terceiro “real”, pois em alguns momentos ele estará apenas esperando uma “deixa” para entrar na sala de consulta, narrar-se e constituir, a partir de sua conexão com a mãe e o bebê, um caminho de ternura.

Sem desconsiderar a questão intrapsíquica da mãe e a existência de muitos “terceiros” que podem fazer toda a diferença em sua vida, considerar o pai como um elemento, real, que espera uma oportunidade para ser escutado, pode fazer diferença na condução dos casos difíceis.

A partir do período perinatal, o pai seria o terceiro: aquele que sustenta a díade, aquele que assegura uma alteridade, aquele que é chamado a nomear e assumir a paternidade de alguém, e que, no caso de genitor do sexo masculino, enfrenta, a partir de um outro lugar, o processo da gestação, parto e puerpério que se passa *fora* do seu corpo.

Não é necessário aprisionar o pai (ou a mãe) em papéis rígidos, nem de gênero, nem de função. Pai e mãe podem intercambiar-se *nas diversas faces do cuidar*¹⁰ (ainda que possa ser mais difícil, para aquele que ocupa, em dado momento, o vértice de objeto primário fazer a passagem para o lado complementar), mas haverá todos os tipos de triângulo possíveis em nossa clínica, sustentando psiquismos os mais diversos.

A autora deste trabalho também partiu de uma visão mais restritiva e biologicista sobre a perinatalidade e se encaminhou para o estudo da Psicanálise como possibilidade de abertura de sentido, de compreensão sobre o humano; também chamou o “moço” da sala de espera depois de perceber que a mãe não estava sozinha em seu sofrimento. Este trabalho é resultado da pesquisa empreendida na busca de compreender a transição para a parentalidade pensada sob a ótica paterna, e as vicissitudes deste processo.

¹⁰ *As diversas faces do cuidar*, título do livro de Luís Claudio Figueiredo, é a construção que inspira o apêndice que o leitor encontrará no fim deste trabalho, compilação de algumas ideias sobre o cuidado, como pensado por diferentes autores (FIGUEIREDO, 2009).

INTRODUÇÃO

Algumas chaves de sentido para pensar o adoecimento paterno

Ainda não estamos acostumados com o mundo

Nascer é muito comprido

Murilo Mendes¹¹

A “depressão pós-parto masculina” vem aparecendo nas mídias. Embora este termo seja um tanto paradoxal, pois o parto é um evento que se passa no corpo da mãe, mais complexa é a tendência a fazer equivaler o mal-estar dos homens à depressão. Veremos a seguir como são diversos os fatores que contribuem para o *mal-estar na paternidade* (CHERER; FERRARI; PICCININI, 2018).

O adoecimento do pai, que pode ser silencioso, ecoa de muitas maneiras, no sofrimento da mãe desamparada, no corpo do bebê que não se acalma, nas consequências sociais do abandono paterno. Suas manifestações diretas e indiretas estão presentes na clínica e talvez, até, naturalizadas pelas construções de gênero que sobrecarregam o lugar da mãe com todo tipo de idealização, e reservam ao pai um lugar secundário, muito mais contingencial.

Na apresentação deste trabalho falamos da ternura paterna e pudemos delinear um objeto de estudo, o pai. Consideramos sua importância e sua dupla função: como aquele que sustenta a triangulação no início da vida, para dar suporte e continência à mãe, função cuidadora do pai, “*holding do holding*”¹² e também como um agente de função paterna, organizadora para a mãe e estruturante para o bebê.

É a noção dessa importância que desperta nossa curiosidade sobre as vicissitudes enfrentadas pelo pai em seu trajeto para a constituição de uma

¹¹ Murilo Mendes: Reflexão N 1. (apud PESSÔA. 2008,p. 201).

¹² A expressão “*holding do holding*” é formulada por Boukobza (1997), referindo-se aos cuidados da equipe de saúde diante de mães que se encontram em dificuldades com seus bebês. Neste sentido o aspecto *englobante* da função do cuidado se estende aos personagens da situação perinatal que se colocam como suporte no início da vida, sendo o pai um dos agentes desse cuidado. Para Figueiredo (2009, p. 135), jamais deixamos de necessitar, em algum nível, de um “outro englobante, o ambiente (social e físico) ou um objeto que desempenha as funções de *acolher, hospedar, agasalhar, alimentar*” (grifo nosso). Por isso a rede de apoio materna se torna muito importante: “a mãe do bebê se deixa cuidar pelo pai e pelas avós do recém-nascido, e que se deixa orientar pelo médico, pelas amigas etc” (FIGUEIREDO, 2009, pp. 135-142).

paternalidade criativa, fecunda, propícia ao desenvolvimento (não só) do bebê. De genitor a pai, paterno; do paterno ao pai-terno: como se dão estes processos?

A constituição da parentalidade é elaboração e passagem por uma crise vital que depende de um trabalho de luto e simbolização, rearranjos identitários e narcísicos que transformam profundamente os pais.

Podemos encontrar na literatura médica dados que embasam nossa percepção da vulnerabilidade masculina no período perinatal, no sentido do adoecimento mental. Em revisão bibliográfica, a depressão “pós-parto” **do pai** é elencada como um dos possíveis complicadores do processo de ajustamento do homem ao longo do primeiro ano de vida do filho (CONCEIÇÃO; BRITO; GONÇALVES; MEIRELES; PEDROSO, 2020). As bases para a construção do sentimento de ser pai, da acomodação a este papel, ficam prejudicadas quando o homem adocece neste momento e as angústias da fase não podem ser metabolizadas e elaboradas.

Situam essa problemática, porém, sob outro prisma, os pensadores da cultura e do seu mal-estar, dentro e fora da tradição psicanalítica. É possível que a hipótese da vulnerabilidade paterna na fase perinatal reflita, pelo menos em parte, questões sociais e da cultura. Para alguns, a “debandada” masculina que encontramos na clínica (e nas estatísticas) é manifestação de um mal-estar maior, que diz respeito à posição dos sujeitos diante da dificuldade que representa ocupar o lugar paterno (ou materno) numa sociedade em transformação.

A seguir, discorreremos brevemente sobre a depressão masculina e sobre o mal-estar na parentalidade que está relacionado a ela.

É interessante o fato de se encontrarem, nas pesquisas, especificidades do sofrimento masculino, no sentido da manifestação de seus sintomas. Neste sentido, o adjetivo “pós-parto” poderia até qualificar melhor a doença paterna, visto que, no caso da mãe que apresenta depressão puerperal, os sintomas começam **antes** do nascimento do bebê em boa parte dos casos¹³, já o pico de incidência da depressão no pai ocorre **após** três meses do nascimento (VALADARES et al., 2020; RAO et al., 2019).

Em relação à natureza dos sintomas, parece haver, no caso da doença mental no pai, um incremento do uso de substâncias, aumento de agressividade e atitudes

¹³ A nomenclatura “depressão periparto” existe atualmente nos manuais classificatórios por considerar que a depressão na gestação é comum e está associada ao transtorno que acontece no período pós-parto.

violentas para com a parceira. O estresse representado pela chegada do filho seria, assim, um desencadeante para essa descompensação:

Os pais têm um risco elevado de depressão e transtornos de ansiedade durante o período perinatal que está associado à depressão materna e pode afetar sua capacidade de apoiar as mães. [...] A doença mental perinatal nos pais pode ser subestimada porque os homens têm maior probabilidade de subestimar os sintomas tradicionais de depressão (por exemplo, tristeza) devido às concepções culturais de masculinidade e estigma [...] os homens podem expressar ou experimentar depressão de forma diferente [...] e tendem a se envolver em comportamentos de esquiva, fuga ou entorpecimento, como agressão, suicídio e uso de substâncias para expressar e lidar com seu sofrimento emocional. Tem se demonstrado uma forte correlação entre depressão/ ansiedade perinatal nos pais e envolvimento diminuído/ problemático com seus bebês (FISHER; COBO; FIGUEIREDO; FLETCHER; GARFIELD; HANLEY; RAMCHANDANI; SINGLEY, 2021). (tradução nossa)

O leitor deve se recordar do relato, na apresentação deste trabalho, sobre a dificuldade de trazer os pais para as consultas e sobre as queixas das companheiras, relativas ao afastamento dos parceiros e aos problemas conjugais surgidos no momento perinatal. Em pesquisas, encontramos a hipótese de que os pais podem, muitas vezes, exibir seu mal-estar de forma diferente das mães que desenvolvem um adoecimento mental durante o primeiro ano de vida do filho (GLASSER; LERNER-GEVA, 2019).

Haveria neles a presença de *sintomas externalizantes*¹⁴, o que justificaria a presença de uma taxa desproporcionalmente maior de problemas de raiva, quando comparados às mães com depressão pós-parto. Problemas ou sintomas descritos como *externalizantes* seriam os comportamentos agressivos, dificuldades ao nível da atenção e comportamentos desviantes em geral relacionando atos negativos do indivíduo perante o seu contexto social. No caso da situação perinatal, concorreriam para a atitude violenta ou negligente do pai (BRANNEY; WHITE, 2008).

Uma questão mais complexa seria avaliar em que medida tais sintomas e comportamentos poderiam ser compreendidos como *equivalentes depressivos*. O conceito de equivalentes depressivos, ou depressão *mascarada* (COSER, 2003), relaciona sintomas não característicos da depressão, como dor, hiperatividade, ou agressividade, com uma depressão de base. Neste sentido, aspectos culturais que moldam os comportamentos de gênero poderiam estar matizando os sintomas, tornando-os difíceis de reconhecer como um sofrimento pelo próprio indivíduo e seu

¹⁴ Esta nomenclatura foi inicialmente usada em pesquisas quantitativas em psiquiatria da infância e adolescência (Cf. Forns, Abad e Kirchner, 2011).

entorno. Sujeitos identificados com a masculinidade conforme definida pela cultura, diante do sofrimento psíquico, seriam desencorajados a expressá-lo da mesma maneira que as mulheres. Isso ocorreria em muitos contextos, para além da situação perinatal.

Chegamos então à ideia de uma depressão “masculina”. Se o homem refere menos sintomas como tristeza ou desânimo, sua depressão poderia não estar sendo reconhecida em razão da sua forma de manifestação. Segundo alguns pesquisadores, é mister desenvolver uma maior capacidade de reconhecer e engajar os homens que sofrem em estratégias de cuidado. A maior prevalência de depressão em mulheres pode, por exemplo, ser um *artefato* de como a depressão é reconhecida e tratada – em todo o mundo. É fato que a taxa de mortalidade por suicídio para homens é quatro vezes maior que para mulheres, o que desperta a atenção dos pesquisadores. (BRANNEY; WHITE, 2008).

Na década de 1980, um grupo de pesquisa suíço desenvolveu um instrumento de triagem para dar conta de uma demanda crescente de atendimento a homens com intenção ou tentativas de suicídio. Segundo os pesquisadores, homens com risco suicida eram menos propensos a referir humor depressivo (tristeza e desânimo) enquanto suas queixas de irritabilidade, inquietação, sentimento de frustração, raiva e abuso de substâncias eram prevalentes. Desta pesquisa nasceu a escala de *Gotland*, que buscava detectar os sintomas de homens em sofrimento psíquico, com atenção para queixas como raiva, irritabilidade, abuso de álcool e drogas. A validade deste instrumento, por valorizar sintomas que não fazem parte dos critérios cardinais para o transtorno depressivo, foi questionada, mas ela ainda é usada, junto a outros instrumentos, para detectar a depressão perinatal masculina (ARLBERG; EDHBORG; LINDBERG, 2018).

Ampliar o conceito de depressão a ponto de incluir debaixo deste “guarda-chuva” diagnóstico outros tipos de mal-estar que seriam mais bem explicados de outra maneira pode constituir um desvio biologizante que imputa **ao indivíduo e à sua vulnerabilidade** toda uma série de extravios na constituição da paternalidade, difíceis de interpretar por meio de uma única chave de sentido. Ademais, sabemos o que a inflação diagnóstica que decorre do mau uso dos manuais classificatórios em psiquiatria tem prestado de desserviço a essa prática: temos presenciado uma

medicalização cada vez mais crescente da vida e do sofrimento humanos¹⁵. Contudo, atentar para o mal-estar do pai, tantas vezes despercebido, é muito importante.

A atualidade nos traz a figura do pai terno, que pode exercer papéis outrora considerados femininos, no cuidado com seu bebê (SANTOS; ANTUNES, 2018). Mas o afastamento e o adoecimento do pai continuam sendo muito comuns. É importante considerar esses fenômenos de forma mais ampla. Pode ser que a “depressão” clínica do pai tenha raízes em variáveis – dificilmente mensuráveis – como a sociedade e a cultura em que ele se insere. Uma cultura que permite ao pai exercer a função do cuidado, mas falha em propiciar uma sustentação mais ampla à família. Qual é o lugar do pai, hoje, nas famílias, e diante das transformações, das mudanças sociais dos últimos tempos? Haveria uma “depressão”, um afundamento, um esvaziamento do lugar do pai nas raízes deste mal-estar? É esse o pensamento de Roudinesco (2003), ao historicizar as transformações e modificações da família nas últimas décadas.

Já em nosso país, seria impossível explicar o abandono paterno a partir da ideia da doença mental do pai. A não ser que possamos pensar essa “doença” num nível muito mais abstrato, sistêmico, a nível do pacto social¹⁶. Dados brasileiros apontam que o número de mulheres que cuidam dos filhos, sem a presença de um companheiro(a), nos lares mais empobrecidos, tem aumentado¹⁷. Há um “apagamento do pai” nos registros de nascimento de milhares de crianças:

O abandono paterno é um aborto simbólico. Homens não renegam apenas a paternidade de um embrião, como a mulher faz ao decidir sobre a interrupção da gestação. Eles se esquivam da paternidade de

¹⁵ A associação do mal-estar e do déficit à depressão é um ponto constantemente criticado pelos pensadores da cultura e dos fenômenos da contemporaneidade. Este ponto de vista é amplamente discutido na obra de Maria Rita Kehl (2009) e comentado por Freitas (2018, p. 9), a respeito dos tratamentos medicamentosos: “Outro ponto que me chama a atenção: enquanto encontramos novos e potentes antidepressivos, a incidência da “depressão” aumenta! O que o olhar crítico para a indústria farmacêutica tem apontado é de que (sem ironia) os antidepressivos são a causa da depressão no sentido de que, na falta de condições que permitam ao sujeito elaborar o sentido de seu abatimento, muitos depressivos expressam uma compreensão de si mesmos como alguém que sofre de algum tipo de déficit”.

¹⁶ Em tempo, neste ano (2022) a semana de arte moderna completa seu centenário. E um dos mitos brasileiros, o mito de um país sem pai, se atualiza em nosso imaginário, na figura de Macunaíma (ANDRADE, 2012). A semana de arte moderna, fruto das reflexões do grupo de artistas que a idealizaram, buscava representar *uma identidade nacional*. Macunaíma, figura mítica criada por Mario de Andrade, “filho do medo da noite”, herói “sem nenhum caráter”, e **nascido sem pai** foi concebido como o retrato do Brasil. Somos um país colonizado para a exploração, um país de filhos sem pai? A respeito do mito criado por Andrade em Macunaíma, escreve Urânia Tourinho Peres: “Mário leu Totem e tabu. O mito freudiano nos fala do assassinato do pai, o mito andradino nos fala de um herói que nasceu do medo da noite, sem referência ao pai” (PERES, 2006, p.69).

¹⁷ Os lares brasileiros estão, cada vez mais, sendo chefiados por mulheres. Segundo pesquisa publicada pelo IPEA, à medida que a renda familiar diminui, aumenta a quantidade de mulheres sozinhas a chefiar a família em condição de insegurança alimentar. As famílias chefiadas por mulheres contam com a presença de um cônjuge em apenas 34% dos casos (IPEA - 2021).

um ser humano com nome e corpo [...] ainda que os perfis das famílias estejam se diversificando ao longo do tempo, o abandono paterno é capaz de decretar a morte social de qualquer pessoa. No Brasil, segundo dados da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN) quase 170 mil crianças foram registradas sem filiação paterna em 2021. Quando analisados os dois anos de pandemia, esse número sobe para mais de 320 mil (VIEIRA JUNIOR, 2022 [on-line])

Seria este panorama decorrente de um condicionamento cultural que recrimina a mulher que abandona seu bebê e silencia diante do homem que se escusa de assumir um filho? Qual o papel da sociedade que falha como instância paterna em último grau, negando condições de sustentabilidade econômica e simbólica às famílias?¹⁸ Como pensar essa situação tão comum, problematizando-a, sem incorrer em naturalizações de gênero? Se o amor materno não é “natural” e “automático”, dependente dos “hormônios” e do “*instinto materno*” (BADINTER, 1985), também não deveria ser natural considerar que aos homens cabe “disseminar sua semente” sem responsabilidade alguma (THIS, 1987).

Então... por que os homens “fogem”?

Talvez devêssemos, na verdade, inverter essa pergunta...

Na clínica perinatal, é de certa forma surpreendente descobrir que, talvez, muitas mulheres, *se pudessem*, fugiriam também...

Segundo Iaconelli (2020a, p. 14):

Os cuidados com as crianças alcançaram a situação insustentável atual, na qual são tidos como inteira e solitária responsabilidade das mães, exemplificado pelas mães chefes de família no Brasil. Em nenhum período histórico anterior, exceto em situações extremas de guerra ou calamidades, a maternidade foi imaginada como uma tarefa individual, ainda que fosse prioritariamente feminina.

O mal-estar na parentalidade, na figura da mãe e do pai ausentes, repercute na literatura, nas artes e no cinema mundo afora, mostrando que as dificuldades encontradas em nosso país acontecem de muitas maneiras. Haja vista o sucesso de filmes, como *A filha perdida*, dirigido por Maggie Gyllenhaal (2021) e *Projeto Flórida* (2017), dirigido por Sean Baker.

¹⁸ A este respeito, recomendamos o trabalho “Pacto edípico e pacto social”, de Hélio Pelegrino. *Folha de S. Paulo*, 11 set. 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5638230/mod_resource/content/1/Pellegrino%20-%20Pacto%20ed%20C3%ADpico%20e%20pacto%20social.pdf. Acesso em: 8 mar. 2022.

Quando o “pai” está ausente, o adoecimento se manifesta na própria função materna, que não pode se constituir adequadamente. *Projeto Flórida* traz a realidade dramática de uma menina, que vive com sua mãe *solo* em uma situação de desamparo. A função paterna cai de forma violenta sobre a díade quando a denúncia de um vizinho revela a situação de negligência em que vive a criança. Aqui a instância paterna, na forma de um corte, repete o trauma do abandono por meio da ação do conselho tutelar que separa a menina da mãe. A função englobante e protetora do outro materno está ausente *intrapsiquicamente*¹⁹ na constituição mental da mãe, e também no ambiente que re-traumatiza a criança, por meio deste corte abrupto. Essa é uma história recorrente em nosso meio, em que as condições do pacto social dificultam o cuidado dos mais frágeis, por conta da falta de suporte sistêmica às mães (AFFONSO, 2015).

O foco de *A filha perdida*, por outro lado, está na ambivalência materna, representada pela figura da mulher que deixa as filhas, ainda pequenas, aos cuidados de outros, para viver com o namorado. No livro que inspira este filme (FERRANTE, 2017), essa mãe reflete sobre a contemporaneidade quando descreve a **solidão** em que se encontra:

Como sempre, pensei naquela ocasião: agora que não precisa ser pai o tempo todo, é um pai excelente, até Imma o adora; **talvez com os homens só possa ser assim: viver um pouco com eles, ter filhos e tchau**. Se fossem superficiais como Nino, iriam embora sem sentir nenhum tipo de obrigação; se fossem sérios como Pietro, não faltariam a nenhuma de suas obrigações e, quando preciso, dariam o melhor de si. Seja como for, **a época das fidelidades e das conveniências sólidas tinha acabado tanto para homens como para mulheres**. (FERRANTE, 2017, p. 192, grifos nossos).

O discurso de Elena, mãe de três meninas, denuncia a atitude do homem diante da paternidade, que hoje depende menos das convenções sociais do que de sua disposição *individual*. O pai da caçula Imma não se ocupa da filha. Já o pai das outras filhas é alguém com quem pode contar nos momentos difíceis.

Se “a época das fidelidades” acabou, precisamos nos perguntar em que medida a “depressão” materna – e paterna – podem ter raízes nas dificuldades das famílias que hoje se constituem sem o suporte e sem as certezas com que se contava outrora. A atualidade parece confirmar o que já foi demonstrado pelos historiadores: para que

¹⁹ Agradeço à amiga psicanalista Denise Feliciano que me recordou que, antes do paterno e do pai terno, há o pai *in-terno* da mãe que permite a ela bem constituir-se como cuidadora do bebê.

o “instinto” de cuidar se desenvolva, necessita estar amparado pelo ambiente e pela cultura. Coloco os termos depressão e instinto entre aspas, porque o se traduz como sintoma a nível individual e o que tenta explicar biologicamente a ligação entre a mãe e o filho são construtos que podemos des-construir quando consideramos as condições sociais, os condicionamentos culturais e o ambiente que os moldam de forma mais ampla.

Hoje, mudanças em relação aos papéis de gênero e às transformações na família trouxeram paripassu à maior mobilidade e possibilidades de realização individual um afrouxamento dos vínculos e da sua duração, abalando as “certezas” e garantias da família tradicional (BAUMAN, 2004). E isso vemos na nossa clínica todos os dias, quando acompanhamos o sofrimento de mães e pais de bebês tendo de “reinventar a roda” quando constituem um novo núcleo familiar, tentando somar aos ideais da atualidade²⁰ a difícil tarefa de cuidar de alguém. A família tradicional parecia garantir um lugar para o pai que, se não era o do cuidado direto com o bebê, estava socialmente determinado.

Se nem a “depressão” nem a biologia parecem dar conta de explicar o sofrimento dos homens e mulheres que, no período perinatal, adoecem, fogem ou se desorganizam psiquicamente; se as mudanças sociais, nas diversas formas do desamparo, podem inclusive potencializar os impasses da constituição da parentalidade, como entender e ajudar nossos pacientes em seu sofrimento?

Os pais são filhos de seu tempo. Levar em conta a aceleração da modernidade – ou pós-modernidade, como pretendem alguns (ROSA, 2019) – amplia nosso olhar e nos esclarece sobre as limitações do campo de nosso trabalho. Mas, dentro dessa limitação, o que motiva essa pesquisa é a busca de compreender o sofrimento paterno a nível do significado. Em face a fenômenos que a Psiquiatria às vezes denomina de depressão e a Sociologia associa à crise do patriarcado, interessou-nos escutar os pais e como produzem resposta a este momento de sua vida, o momento em que se veem chamados a filiar alguém, quais são as suas angústias.

²⁰ A esse respeito diz Figueiredo: “É sempre difícil, ainda que importante, lançarmos um olhar sobre o contexto cultural de nossa época [...] os agentes cuidadores e os objetos de seus cuidados têm uma existência histórica determinada [...] Será que os excessos das funções cuidadoras na implicação exagerada do acolhimento e do reconhecimento são características marcantes do nosso tempo? Aparentemente não. A capacidade de indivíduos, famílias, grupos e instituições oferecerem essas formas de cuidado parece em crise [...] uma sociedade da competição e da imagem revela, pelo avesso, as graves deficiências em mecanismos sociais de reconhecimento dos indivíduos em suas singularidades (FIGUEIREDO, 2009, p. 148).

Isto posto, convidamos agora o leitor a empreender conosco uma jornada pelas vicissitudes da constituição da paternalidade. Ao percorrer este caminho, falaremos muitas vezes da mãe e do bebê. Eles são os outros vértices de um triângulo em que todas as relações se articulam de forma interdependente. Reforçam a necessidade de se pesquisar e compreender melhor a constituição da *paternalidade*, dada a natureza triádica da constituição do psiquismo e a constatação de que, na ausência de suporte, uma mãe não consegue prover ao recém-nascido um bom cuidado.

Nascer neste lugar terceiro, construir uma ponte em seu corpo e seu psiquismo para acolher um filho, eis os desafios que um pai enfrenta. Ademais, em nossos dias, o pai, cada vez mais, cuida diretamente do bebê. Assim, tem que fazer *uma báscula*²¹, uma mudança de posição; ora sustentando firmemente uma triangulação, ocupando um lugar terceiro; ora sendo agente de função materna, constituindo-se como pai-terno, nutridor. Procuraremos pensar nesta dissertação em como o paterno e o pai-terno são aspectos indissociaveis do pai. É preciso unir, para poder cortar; é preciso estar junto para obter a licença, junto à mãe e ao beb, de ser *terceiro*...

Nesta jornada, leitor, esperamos poder conduzi-lo  descoberta de que o pai deverá lidar, no atravessamento dessa crise vital, tanto com a revivescência da situação edipiana (a partir da triangulação que a chegada do filho provoca no casal) quanto com a sua identificação *feminina*, ao se deparar com o desamparo do bebê. Chamado a cuidar, o pai deverá experimentar, vicariantemente, a passividade e a fragilidade que caracterizam os estágios iniciais da vida. O pai precisará nascer *junto com o seu filho* e, como diz o poeta, nascer pode ser muito "comprido", difícil, assustador.

Para tentar escutar a angústia paterna e sua apresentação muitas vezes muda e disfarçada, vamos pensar sobre a situação edipiana, as identificações, a feminilidade em suas diversas facetas, e até no MEDO da mulher, que é na verdade o medo da mãe todo-poderosa dos nossos primeiros tempos. Nossos autores de eleição serão Freud, Melanie Klein, Winnicott, André Green, Elisa Cintra e Luís Cláudio Figueiredo, principalmente; e, para que haja um fio condutor da teoria destes autores, situações clínicas e obras da cultura serão escolhidas como ilustrações de diversas situações de transição para a parentalidade.

²¹ Agradeço  Marina Ribeiro que, na qualificação desta dissertação, presenteou-me com a imagem da **báscula** que o pai que cuida de seu bebê realiza, ora colocando-se numa posição materna, ora colocando-se numa posição paterna.

Esperamos não decepcionar muito o leitor por escolher um caso patológico para falar da paternalidade. Sabemos que muitos casos têm um “final feliz”²², mas é a patologia, que exagera nas cores das angústias e das defesas psíquicas dos pais, que expõe de forma mais contundente as dificuldades encontradas pelos homens nos momentos mais críticos dessa transição.

Considerações sobre a estratégia da pesquisa

*O que faz uma história
é tudo que lhe falta,
o que nela havia de excesso
e lhe foi retirado*

(Carrascoza, 2020, p. 30)

Este trabalho tem como objetivo investigar a constituição da parentalidade, do ponto de vista do pai. Trata-se de uma pesquisa de âmbito teórico-clínico em Psicanálise. Por meio de casos e vinhetas clínicas, bem como de obras da cultura, buscaremos interpretar, à luz da teoria psicanalítica, a transição para a parentalidade, a nível da subjetividade dos indivíduos estudados.

Teremos como objetivo focar a natureza e o modo de enfrentamento das angústias suscitadas por essa crise, principalmente sob o ponto de vista do genitor masculino que, no campo familiar, ocupa uma posição terceira, e em geral não é o objeto primário da criança. Este trabalho é uma tentativa de compreender os mecanismos de defesa utilizados pelos homens para fazer frente às angústias deste momento, e algumas de suas possíveis consequências.

O levantamento de literatura e nossa experiência com casos difíceis de transtorno mental perinatal levaram-nos a desejar fazer um recorte a partir da falha paterna. Para simplificar nosso recorte, abordaremos a paternalidade a partir da perspectiva do homem que tem uma mulher como parceira, e é também genitor. Já esclarecemos que a configuração familiar tradicional não traz garantia alguma de que o pai venha a se constituir, *como presença* ou *como função*, mas focar a

²² O belo trabalho de Guidugli (2022) encontra no discurso de cinco homens, entrevistados antes e depois do nascimento do primeiro filho, o relato de suas experiências. O leitor encontrará nas páginas deste trabalho as vivências e angústias de *pais ternos* em que a amorosidade está presente desde o processo gestacional da parceira, e que ainda, souberam aproveitar (e agradecer) a escuta recebida como oportunidade de construção de uma narrativa para o processo que estavam vivendo.

particularidade das situações de adoção, dos casamentos homo parentais e das famílias reconstituídas exigiria de nós a possibilidade de trilhar *veredas* que não cabem dentro do escopo deste projeto de pesquisa²³.

A ambivalência, os dilemas e a angústia não são prerrogativas masculinas ou femininas, nem dos pais biológicos, e não ocorrem somente no primeiro ano de vida do filho; eles estão presentes em toda a clínica da parentalidade. Buscar, em qualquer recorte, pistas que nos levem à compreensão deste tema é apenas um meio para tornar possível o estudo de assunto tão rico e complexo.

Dentro de nosso recorte, abordaremos preferencialmente o período perinatal, da gestação ao primeiro ano de vida do filho, a partir do homem cisgênero e genitor, por meio do principal caso estudado. Este caso, escolhido para pensar o pai que falha, que sucumbe neste processo, é uma obra ficcional, o livro *Rabbit, run* (*Coelho, corre*), de John Updike (1960/2003).

Essa narrativa foi escolhida por revelar a situação extrema de uma Medeia alcoolizada²⁴ que afoga acidentalmente seu bebê após ser abandonada pelo parceiro. Em torno desse fato dramático desenvolve-se a história de Coelho, o genitor que se angustia e sofre, pai que falha no enfrentamento da crise desencadeada pela gravidez da esposa.

Por meio do método psicanalítico, abordaremos a constituição do sentimento de ser pai neste personagem, cujo acontecer psíquico é detalhadamente descrito pelo narrador onisciente. A interpretação livre de seus pensamentos, sentimentos e atitudes, descritos na obra, nos guiará na busca de teorias metapsicológicas a respeito da impossibilidade do exercício criativo da paternidade neste caso específico. A fuga de Coelho será pensada de forma simbólica, como metáfora do comportamento de

²³ A parentalidade é um grande sertão, e **a flor do amor tem muitos nomes!** Essa metáfora de Guimarães Rosa (ROSA, 1983, p. 137) quando nos fala dos amores de Riobaldo, entre eles seu companheiro de jagunçagem Diadorim, é um modo poético de pensarmos na riqueza das constituições familiares em que o amor fala mais alto que a tradição ou os laços de sangue. Desculpamo-nos desde já com os pais e mães que se constituem à margem da biologia e que poderão não se sentir representados neste trabalho. As particularidades identificatórias dos homens transgênero e o processo de filiação das crianças por pais não biológicos são muito importantes e nos ensinam belas lições que descontrolam a idealização e os vieses que normalizam e creditam o amor ao “instinto” e aos laços hereditários. A passagem de um genitor do sexo masculino a pai, no sentido psicoafetivo e simbólico do termo, pouco depende da biologia. Aliás, sabemos que filiar alguém não depende da biologia. Porém, ampliar nosso estudo para abarcar casos de adoção ou de reprodução assistida, por exemplo, tornaria muito longo este trabalho.

²⁴ Agradeço à professora Ida Kublikowski pela lembrança da associação entre esta mãe e Medeia, a princesa da mitologia grega que mata os filhos depois de ter sido traída pelo companheiro. (Informação verbal). No caso, porém, como o leitor poderá perceber mais adiante, a morte da criança não se configura como uma vingança, senão como decorrente do desamparo materno.

esquiva paterna que encontramos na clínica, conforme comentado na apresentação deste trabalho e em nossa revisão de literatura.

A interlocução entre Psicanálise e literatura é encontrada na obra de muitos autores (VIEIRA, 2014). No âmbito da pesquisa em Psicanálise, a escuta das associações livres como método de acesso ao conflito inconsciente pode se dar a partir de casos estudados, e também indiretamente, na medida em que se propõe a interpretar o discurso na obra literária.

Ao lado do estudo da narrativa da história de Coelho, utilizaremos ainda vinhetas de atendimentos realizados pela autora, e já finalizados, para dar maior colorido à trilha teórica que pretendemos percorrer com o leitor. A questão materna será ilustrada por um caso clínico já descrito na literatura (IACONELLI, 2015). Para preservar o sigilo de algumas informações destes analisandos e de proteger a sua identidade, seus casos clínicos foram recortados e ficcionalizados²⁵.

Além das vinhetas clínicas e casos ficcionais, uma revisão bibliográfica a respeito da paternidade e como ela se define através dos tempos será realizada, buscando articular seu significado simbólico e cultural, incluindo o fenômeno da *couvade*. Construtos metapsicológicos, como o conceito do complexo de Édipo e a ideia de uma feminilidade primária (RIBEIRO; BELO, 2016), entre outros, serão utilizados como chaves de compreensão para algumas das vicissitudes encontradas pelos indivíduos em sua transição para a parentalidade.

Seguiremos com alguns apontamentos teóricos sobre a questão da angústia articulando-a com a situação perinatal em nossos personagens e nas vinhetas clínicas analisadas, com auxílio de um conjunto de autores escolhidos por sua pertinência em relação ao tema.

Cada capítulo será escrito de modo interdependente. Vamos inaugurar essa jornada dedicando um tempo para conhecer o “Coelho” que foge de sua esposa gestante na obra literária *Rabbit, run*. Seu caso será tomado como disparador para pensarmos a angústia do pai, a partir da qual será desenvolvida nossa articulação teórica.

O Capítulo 2, dividido em subitens que se articulam entre si, destina-se a ilustrar, sob diversos ângulos, o enfrentamento da feminilidade pelo pai (e também pela mãe). Os autores Melanie Klein, Donald Winnicott, Freud e André Green serão

²⁵ O presente trabalho foi submetido ao comitê de ética da Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – FCMS-PUC/SP – e aprovado segundo o Parecer: 5.472.308.

os principais referenciais por meio do qual abordaremos fenômenos como a couvade, a ideia da identificação feminina e do repúdio ao feminino e ao materno, e suas consequências na clínica. Neste capítulo estarão vinhetas de casos atendidos pela autora e uma proposta de interpretação destes casos à luz da teoria kleiniana. Vamos realçar alguns pontos de convergência entre os autores acima referidos, sem tentar reduzi-las a um denominador comum, mas buscando sua aplicabilidade ao tema da situação perinatal.

A seguir teremos um capítulo que tratará do complexo de Édipo e particularmente do triângulo edípico, que se reedita na situação perinatal. Este “triângulo” será pensado sob a ótica dos autores citados acima, além das contribuições de Luís Claudio Figueiredo e Elisa Cintra, entre outros. Aqui, retomaremos o caso de Coelho, suas angústias e defesas. É principalmente Winnicott que vai nos ajudar a enxergar, com os olhos do bebê, sob seu vértice, o passo a passo da descoberta do pai. Pretendemos demonstrar como a defesa maníaca, em nosso personagem, detém o processo do amadurecimento. Na situação perinatal, ela transforma Coelho em um pai tantalizante para seus filhos.

Em nosso capítulo de conclusão, os entraves à constituição da paternalidade serão discutidos. No final de nossa jornada, esperamos lograr conduzir o leitor à compreensão de que, sem o atravessamento de um terceiro em sua constituição interna, pai ou mãe terão dificultada a sua capacidade de apercepção, separação e cuidado com um bebê. Para a mãe que tem essa dificuldade, é importante poder contar com o pai que, por meio de sua presença e ternura, pode reivindicar seu lugar junto à criança. Para o pai com fragilidades nesta constituição, a situação periparto pode ser aversiva e ocasionar, entre outras, o acionamento de defesas psíquicas alienantes e impeditivas do exercício da parentalidade.

“O abandono paterno é capaz de decretar a morte social de qualquer pessoa” (VIEIRA JUNIOR, 2022). É essencial o trabalho do sonho e do luto para que o psiquismo de um genitor se transforme de modo a gerar um filho, fruto de suas projeções narcísicas, que e-xiste no seu desejo, mas re-xiste em sua alteridade. O filho será amado e odiado, mas existirá dentro do pai! E assim o pai terno poderá nascer.

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DE COELHO

*“Para chegar a algum lugar,
primeiro você tem de saber aonde está indo.”*

(John Updike, 2003, p. 31)

Na busca de um caso clínico para aprofundar a investigação sobre nosso tema, encontramos um personagem literário cuja história se abre a uma série de reflexões a respeito das angústias e defesas utilizadas pelo homem no enfrentamento da crise perinatal. Harry Angstrom, o “Coelho”, homem americano da década de 60, é o personagem principal do romance *Rabbit, run* (UPDIKE, 2003). O romance²⁶ traz o relato marcante do desamparo de um bebê e sua mãe adoecida no pós-parto, e pode ser considerado uma rara descrição literária da situação perinatal, que reúne o adoecimento da mulher e a negligência paterna. Nessa história, Coelho abandona a esposa gestante, e o desespero dessa mulher culmina com a “pior coisa que jamais aconteceu com uma mulher em todo o mundo” (p. 231) quando ela, acidentalmente, afoga seu bebê no banho. O acidente acontece num momento em que a mãe está sozinha e muito angustiada. Percebemos, porém, que esse desfecho é a expressão da impossibilidade de ambos os pais receberem com hospitalidade uma criança em suas vidas. Nesse sentido, a morte do bebê é uma tragédia anunciada, magistralmente construída pela narrativa do autor. Ao longo do texto percebemos como mãe e pai, contando com estratégias ineficazes para fazer frente à angústia que sentem, formam um casal que não consegue fazer o investimento psíquico que a tarefa da constituição da parentalidade exige.

“Vocês todos agem como se a culpa fosse minha. Eu nem estava lá. Foi ela.” No dia dos rituais fúnebres, sentindo-se acuado pelos olhares recriminatórios da família, o pai se esquia da responsabilidade pelo afogamento da filha: ele não estava lá! (UPDIKE, 2003, p. 258). A fala de Coelho, negando sua contribuição, como pai, pelo desfecho da criança, é um discurso encontrado, frequentemente, na clínica. Nem sempre há um infanticídio real, mas muitas crianças mal acolhidas acabam por chegar

²⁶ Traduzido como *Coelho, corre* pela editora Planeta Dagostini (2003).

aos nossos consultórios e instituições de saúde, marcadas, de diversas maneiras, por esse “des-cuido”, por essa negligência.

No processo de pesquisa desta dissertação, o sentido metafórico das fugas de Coelho foi tomado como um possível caminho para pensar a falha paterna, que tantas consequências traz para a mulher e sua prole e que, como comentamos na introdução deste trabalho, é tão pouco compreendida. Sem cair na tentação da “covardia do exemplo”, esse personagem pode nos ajudar a pensar sobre a angústia que sente alguém que é convocado a cuidar de um outro, e não encontra em si mesmo a possibilidade de exercer esse cuidado.

O leitor perceberá como a escrita de Updike, como narrador onisciente, abre caminho para essas elucubrações. Sabemos que a ficção não permite a análise abrangente que representa o material clínico de pacientes reais, os quais, além da narrativa, nos presenteiam com as nuances da relação transferencial com o analista. Coelho não está no nosso divã para que possamos fazer-lhe perguntas e sentir as emoções despertadas pelo contato com ele, observar o caminho de suas associações livres, o que fala e o que cala. Mas, se esse caso fictício puder nos convidar a “sonhar” e mergulhar no mundo interno deste pai que não se cumpre, talvez nos auxilie a compreender as dificuldades dos pais *reais* que encontramos em nosso caminho.

John Updike, escritor americano, falecido em 2009, escreveu este livro em 1960. Acreditamos, porém, que o livro *Rabbit, run* permanece atual, por nos trazer a dificuldade de um homem em seu processo de amadurecimento, e que falha em exercer a função de pai, em decorrência de suas fragilidades psíquicas. Existem livros, escritos em várias épocas, que resistem ao tempo, pela universalidade das questões por eles abordadas. “Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo” (PROUST, 1995). Quando um autor consegue traduzir de alguma forma o mal-estar de seu tempo, seu legado pode nos servir de bússola para pensar fenômenos que a própria história leva tempo para perceber. O funcionamento maníaco e a aceleração de Coelho, descritos há 60 anos, estão presentes na atualidade (ROSA, 2019), e parecem ocorrer às custas dos processos de simbolização e constituição psíquica. Como diz Figueiredo (2009), nossa época não parece ser propícia para que os processos do cuidar tenham tempo de florescer.²⁷

²⁷ Falando sobre a contemporaneidade “chamamos a atenção para o regime administrativo de vida e sociabilidade e suas dimensões: a velocidade, a eficiência, o cálculo, a cosmética, a

Assim, Harry Angstrom, o “Coelho”, que ganha este apelido por conta de “um tremor nervoso sob o nariz pequeno” (p. 9) – é mesmo um rapaz acelerado, que tem o hábito de “correr” e fugir dos problemas. Vamos perceber, pela narrativa, que é a *angústia* o motor dessa grande aceleração. O nome *Harry* apresenta semelhança com a ideia da pressa (“*hurry*”, em inglês, significa apressar, precipitação). O sobrenome (Angstrom) é sugestivo da condição psíquica do personagem, pela presença do prefixo *angh-*, pois a palavra latina *angere*, que significa apertar, afogar e estreitar, deu origem à nossa “angústia”²⁸. Harry Angstrom, Coelho, portanto, tem em seu nome os significantes da angústia e da pressa. Assim, este homem, ficcionalizado por Updike há 60 anos, se parece muito com alguns pais que encontramos hoje. Harry corre pelo livro todo, acionando defesas que, ao menor sinal de angústia, colocam-se em ação. Sua intolerância à ambivalência da situação perinatal e, principalmente em relação à esposa, o leva a agir, muitas vezes, com crueldade e desconsideração para com ela.

No decorrer deste trabalho, demonstramos como a crueldade de Coelho está ligada à utilização de defesas maníacas, que determinam seu modo típico de reagir ao sofrimento, caracterizado pela fuga das situações que lhe provocam culpa ou desconforto. Começando pelo momento em que, tocado por uma cena presenciada na casa dos pais, Coelho decide deixar sua família nuclear, o escritor nos apresenta ao funcionamento mental de uma pessoa detalhista, perfeccionista, sensorial e sensual, cuja impulsividade e imaturidade trazem muita dor às pessoas. Coelho é sedutor e, muitas vezes, até meigo, mas não conseguiu chegar ao estágio do concernimento²⁹ (WINNICOTT, 1963/1983, pp. 25-26), o estágio do amor objetal, em

desmentalização farmacológica, e a ojeriza generalizada aos sofrimentos” dos nossos tempos (FIGUEIREDO, 2009, p. 19).

²⁸ Como também as palavras *angosta*, em espanhol, *angst* no alemão e *anguish* no inglês. Segundo Luis Alberto Hans, a palavra *angst*, do alemão, utilizada nos textos de Freud, apresenta complexidades em sua tradução; nem sempre sendo possível diferenciar os termos “medo”, “ansiedade” e “angústia” entre si, no contexto dos textos traduzidos. “[...] Referimo-nos à palavra *Angst*, por nós traduzida como angústia (seguindo *angoisse*, da tradução francesa) ou ansiedade (seguindo *anxiety* da tradução inglesa)”. Hans aponta que os termos “*Angst*” ansiedade e angústia possuem a mesma raiz indo-europeia: *angh-*. Essa raiz expressa a ideia de “apertado”, “apertar”, “pressionar”, “amarrar” (no alemão atual, *eng*, significa apertado) (HANS, 2006, pp. 126-129).

²⁹ O termo “concernimento” deriva do inglês “*concern*”, que expressa a ideia de interesse, preocupação, e cuidado para com o objeto. A ideia contida no termo “preocupação” não expressa o exato sentido da palavra inglesa. Por isso, em muitas traduções, o neologismo “concernimento” é criado para que o sentido dado por Winnicott a este termo seja mantido de forma mais fiel às ideias do autor. Para Signorelli (2021), o estágio do *concernimento* é atingido pelo bebê após uma considerável caminhada no rumo do amadurecimento emocional, desde que tudo tenha corrido “razoavelmente bem” e o bebê tenha adquirido uma razoável noção de “eu”. Só assim ele terá condições maturacionais para iniciar a tarefa de integrar a própria instintualidade. Signorelli acrescenta que a aquisição da capacidade

que a alteridade, os sentimentos e desejos de outros são reconhecidos e levados em conta. Sua dificuldade de simbolização é mostrada pela abundância das descrições, de sua sensorialidade exacerbada e da impulsividade, com pouco espaço para momentos reflexivos do personagem no texto.

Vamos, então, a uma breve sinopse do enredo do livro.

A narrativa se inicia com a descrição do cenário da vida de Coelho, que volta para casa depois do trabalho, encontra meninos jogando basquete numa viela e se detém para jogar com eles. O jovem foi um jogador promissor na adolescência, momento feliz que se interrompeu quando foi convocado para a guerra. Ele é o filho mais velho de um casal com quem mantém uma relação difícil, e tem uma irmã mais nova. O início da sua vida adulta é marcado pela gravidez da namorada, Janice, o casamento e o ingresso no mundo do trabalho, que não condiz com as altas expectativas que tem sobre si mesmo. Nas primeiras páginas do livro, o escritor nos apresenta a amargura e irritação deste rapaz quando chega em casa, depois do jogo, e encontra a esposa, desleixada e alcoolizada, grávida de sete meses. O filho de dois anos (Nelson) está na casa dos avós. Quando sai para buscá-lo, Coelho decide pegar o carro e ir embora. Ele sai dirigindo, sem rumo, pela estrada, e no dia seguinte conhece uma outra mulher, com quem passa a viver. Saberemos ao final do livro que essa moça (Ruth) também fica grávida de Coelho.

Durante os dois meses em que mora em outra cidade, Harry é visitado pelo pastor da congregação, o qual tenta trazer o paroquiano de volta para a família. Mas Coelho só volta, de fato, no dia do nascimento do bebê. Nasce uma menina (June), que tem seu nome escolhido pelo pai. Em seu retorno, Harry se envolve em várias atividades reparatórias, cuidando do filho pequeno em casa. Contudo, embora tenha momentos felizes na companhia do menino, enquanto aguarda a volta da esposa e da filha que estão na maternidade, percebemos que nosso personagem está sempre angustiado. Ele vai à casa dos pais e volta da visita muito entristecido, passando a se sentir temeroso pela vida do filho, que dorme ao seu lado; e apreensivo por pensar na esposa, com quem tem uma relação marcada pela ambivalência.

para o *concernimento* “não é nada simples, pois envolve a destrutividade, a atividade construtiva e a capacidade de sentir culpa” (SIGNORELLI, 2021, p. 65).

Assim, quando Janice tem alta do hospital, as demandas da fase perinatal agravam o – já difícil – relacionamento do casal, fazendo com que nosso personagem se desorganize e acabe indo embora, novamente, de casa. Na madrugada do dia seguinte, a mulher passa horas acordada esperando o retorno do esposo, fazendo uso de álcool. De manhã, acidentalmente, deixa a filha “escapar” na banheira muito cheia, provocando seu afogamento. Coelho retorna para o enterro e, no cemitério, incapaz de suportar a culpa pela morte da menina, foge pela terceira vez.

São muitas as passagens do livro que nos dão pistas sobre o funcionamento mental de nosso jovem pai, e escolher entre elas não foi tarefa fácil. As passagens transcritas a seguir foram selecionadas pelo seu sentido metafórico e em função da repetição de elementos que nos parecem importantes para imaginar os “gatilhos” para as atitudes impulsivas de Harry. O leitor notará que o elemento *angústia* aparece mais na paisagem e nas descrições do autor do que na autopercepção (muito rasa) que o protagonista tem dos seus estados internos. Assim, temos imagens de passagens *estreitas*, hesitações, situações de *aperto* e *opressão* e, em alguns momentos, o relato do próprio Coelho, quando se percebe *amarrado*, *acuado* ou *enredado*. O jovem entra num jogo de basquete numa viela *estreita*, espia o filho pela janela *numa faixa estreita de grama*, e tem na sala um armário cuja porta não se abre, *obstruída* pela televisão. Quando pensa sobre seu casamento, sente-o como uma *rede a apertar*, como se estivesse *preso numa armadilha*.

E o que faz um Coelho assustado para escapar da armadilha?

Logo no início do livro, ele foge por quinze páginas, rodando de carro, noite adentro, pelo estado da Pensilvânia. Não sabe para onde ir, não há nenhuma programação. Nem mesmo está firmemente decidido a deixar a esposa ou o casamento: ele não pensa, age. No decorrer da narrativa, Coelho corre por diversas vezes e a aceleração é *metáfora do seu acontecer psíquico*.

Após a transcrição de três cenas do início do livro, retomamos o texto a partir do momento em que Harry retorna para casa, pois nos interessa ressaltar, nas passagens concernentes ao encontro com os filhos, como representa para si mesmo a sua condição de pai. Nas sequências a seguir, salientamos os aspectos melancólicos de Coelho, que se ocultam sob a fachada da agitação, da arrogância, do seu movimento incessante.

1.1 A PRIMEIRA FUGA

Nas primeiras páginas do livro, Coelho nos é apresentado pelo narrador. A casa em que mora lhe é desconfortável, e sua situação conjugal, claustrofóbica. A gravidez da esposa lhe provoca repulsa e podemos intuir, pela descrição de Janice, que ela não está, psiquicamente, bem. A casa desleixada e o abuso de álcool da mulher, longe de denotar para o parceiro a necessidade de apoiá-la de algum modo, o exasperam. Coelho foge pela primeira vez quando sai para pegar o filho na casa da avó e o vê comendo na mesa com seus pais, percebendo que gostaria de ser *e/le* o menino que está ali, sendo cuidado e alimentado. Esperamos que o leitor possa, com esses recortes, ter um panorama da situação psíquica do personagem antes de sua primeira fuga, por meio das primeiras três cenas do livro, que intitulamos: “**o jogo de basquete**”, “**em casa**”, e “**saindo de casa**”.

Para salientar os significantes textuais que desejamos salientar, colocamos algumas expressões e frases em negrito.

1.1.1 O jogo de basquete

“Meninos jogam basquete em volta de um poste telefônico onde uma tabela foi fixada. Pernas, gritos. O ruído das solas dos tênis sobre o cascalho da viela como que projeta as vozes até acima dos fios, no céu azul e úmido da primavera. Coelho Angstrom, **entrando na viela de terno e gravata, para e fica olhando**, apesar de seus vinte e seis anos de idade e seu metro e noventa de altura [...] **Parado na viela, Coelho pensa**. Os meninos correm, de modo que ele tem que recuar a toda hora.

Sua presença constrange os meninos. Olhos olham de esquelha. Estão jogando para se divertir, não para o deleite de um adulto de jaquetão cor de cacau. Já acham esquisito um adulto entrar naquela viela. Cadê o carro dele? O cigarro o torna ainda mais sinistro...

A bola ricocheteia no aro da cesta, **salta por cima das cabeças** dos seis e cai aos pés dele; quica no chão, e ele a agarra com uma rapidez que surpreende os meninos [...] então **é como se a bola subisse** pela lapela direita do paletó e chegasse até o ombro, enquanto os joelhos se dobram um pouco, e parece que vai errar o alvo [...], mas o alvo não é a tabela. Ela cai exatamente dentro do círculo, arrancando um suspiro **feminino** da cesta ‘Ah’, grita Coelho, orgulhoso.

‘Posso jogar também?’

Coelho tira o paletó, dobra-o cuidadosamente, coloca-o sobre uma tampa limpa de lata de lixo [...] Ele mergulha no calor da batalha, arranca a bola de duas mãos fracas e sujas de menino, segura-a. O contato com o couro tenso depois de tantos anos tem o efeito de **retesar-lhe todo o corpo**, faz com que **asas brotem em seus braços**. É como se ele se **debruçasse sobre o passado** para atingir essa tensão de músculos [...] à medida que o jogo avança, ele sente os garotos tentando alcançá-lo, esbaforidos e irritados, tentando passar-lhes rasteiras, porém mudos. **Ele não quer que o respeitem, quer dizer-lhes que envelhecer não é nada demais, a gente não perde nada**.

Dez minutos depois um menino troca de lado [...] esse garoto, embora miúdo [...] é o melhor dos seis [...] esse tem talento [...] se tiver sorte, vai ser um craque quando estiver no colegial; Coelho sabe como é. **A gente vai subindo até chegar no cume**, e todo mundo aplaude e

grita; com o suor nas sobrancelhas a gente nem vê direito, e aquele barulho todo como que **levanta a gente do chão, e de repente acabou**, a gente cai fora, de início ainda lembram da gente mas acabou [...] **Acabou, e é como se a gente derretesse, e subisse mais e mais**, até que para aqueles meninos **a gente não passa de um pedaço daquele céu de adultos** que paira sobre eles na cidade, um pedaço que, por algum motivo estranho, **de repente se condensou em nuvem** e desceu para visitá-los. Eles não o esqueceram, pior ainda, nunca ouviram falar dele. No entanto, no seu tempo Coelho era famoso em todo o condado; no segundo ano colegial ele quebrou um recorde” (pp. 9-11).

Após o jogo com os meninos, Coelho corre até sua casa. O cenário muda quando entramos em contato com sua “realidade”. Nesta segunda cena, temos a descrição de sua chegada:

1.1.2 Em casa

“Correndo [...] passa por uma quadra de casas grandes [...] depois sobe até um conjunto habitacional construído todo de uma vez só nos anos 30 [...] Cada casa tem dois andares, e fica dois metros acima da anterior; no segundo andar veem-se duas janelas lívidas, uma bem afastada da outra, **como os olhos de um animal**; as casas são revestidas de ripas que variam de roxo-machucado a **cor de bosta**. As fachadas são **cobertas de crostas**, já foram brancas um dia [...] A sétima porta é a de Coelho. A escada de madeira da entrada está gasta; debaixo dela há um espaço sujo, onde um **brinquedo perdido apodrece** [...]. Para no vestíbulo, ofegante [...] A porta do vizinho do primeiro andar, do outro lado do corredor, está fechada **como um rosto ofendido**. No ar paira um cheiro [...] que ele **jamais consegue identificar**; às vezes parece repolho [...] às vezes alguma **coisa mole apodrecendo nas paredes**” (pp. 11-12).

Coelho encontra a esposa na sala.

“Ontem mesmo, Coelho pensa, ainda era bonita. Com o acréscimo de duas pequenas rugas nos cantos, **a boca ficou voraz**; e seus cabelos ficaram **ralos**, fazendo-o pensar a toda hora no **crânio que há por baixo deles**” (p. 12).

O autor segue descrevendo a casa.

“O armário fica na sala [...] **a porta só abre um pouco**, porque a televisão fica bem na frente. Coelho anda com cuidado para não tropeçar no fio, que está enfiado na tomada do outro lado da porta. Certa vez, Janice, particularmente **desajeitada** quando **grávida ou bêbada**, enrolou o pé no fio e por um triz não derrubou no chão o aparelho [...] por sorte ele conseguiu agarrar a TV enquanto ainda estava se balançando em sua base de metal, e antes que Janice começasse a dar seus faniquitos e começasse a dar chutes para todos os lados [...] **aquela imagem lhe dói**.

– Cadê o menino?

– Na casa da sua mãe.

– Na casa da *minha* mãe? O carro está com a sua mãe e o menino com a minha. Meu Deus.

Você é um fracasso.

Ela se levanta, a **sua gravidez o irrita, aquela volumosidade teimosa** [...]

– Eu estava cansada.

– Também... diz ele, quantos você tomou? – aponta para o copo com o coquetel. O lado de onde estava bebendo está manchado de açúcar.

[...] Ele se assusta. Quando está confusa, **Janice é assustadora** [...] ela fecha os olhos por um momento; ele percebe que uma onda de embriaguez a domina, e sente **nojo**.

– Mas que diabo você tem? **Toda mulher gosta de ficar grávida, porra.** Porque você tem de ser diferente, hein? Me diga, vamos, por que você tem que ser diferente? Ela abre os olhos castanhos, castanhos e turvos, como café se dissolvendo, e eles se enchem de lágrimas que transbordam as pálpebras e escorrem pelas faces, coradas de indignação, enquanto ela olha para ele e diz, com muita convicção: Seu estúpido” (pp. 13-16).

Assim somos apresentados ao sofrimento de Coelho e sua companheira, nas primeiras quatro páginas do livro. O jovem pai, de 26 anos, que se casou cedo e já foi um astro do basquete, hoje vende produtos de cozinha. Ao descrever o encontro do homem que volta, de terno, do trabalho e se encontra com meninos na viela, o autor nos coloca em contato com a sua realidade psíquica, a de alguém que compartilha o mundo dos adultos, sem sentir-se como tal. O impasse que enfrenta, a dificuldade de crescer e se responsabilizar é seu estado de permanente hesitação, parado, desejando entrar no jogo e titubeando. Sua vida parece não fazer sentido, uma vez que não encontra nela as realizações da época da adolescência – ou talvez ainda anteriores a ela, ideia que desenvolveremos mais adiante neste texto. “Acabou, e é como se a gente derretesse...”; “a gente não passa de um pedaço daquele céu de adultos... que se condensou em nuvem...”.

A imagem do derreter-se e da nuvem que se condensa nos fazem suspeitar de uma certa falta de consistência que dificulta a este homem passar pelas transições da vida. As perdas são negadas, não podem ser elaboradas. Coelho, em contato com os garotos, no jogo, sente “asas” brotando em seus braços, quer lhes dizer que “envelhecer não é nada demais, a gente não perde nada”.

Percebemos na dupla negativa da frase o que vai se notar ao longo de toda trajetória do personagem: Coelho perdeu sim, muito, ao se tornar adulto, e simplesmente não consegue “abrir mão”. Na cena inicial descrita no texto, o autor John Updike nos apresenta ao homem que cresceu, sem amadurecer. Tem um metro e noventa e um paletó, mas sente-se como os garotos da viela, deseja estar com eles. Sua alegria está em fazer mágica com a bola, arrancar um suspiro *feminino* da cesta com o seu arremesso *perfeito*. O cenário da narrativa muda quando Coelho entra em contato com a sua realidade “adulta”: sujeira, confusão, desorganização e **aperto**. Mais adiante na narrativa, encontramos muitas descrições da dificuldade de Coelho em realizar passagens e transições – sua impossibilidade de fazer o trabalho de luto que o faz encarar as travessias da vida como travessias *para a morte*. A travessia da paternidade é também sentida como morte, e o próprio personagem chegará a formular essa ideia mais claramente logo após o nascimento da filha.

Voltando às descrições do texto, notamos como a vida cotidiana de Coelho está associada à podridão e à decrepitude, sugeridas pelas expressões marcadas em negrito. A descrição do bairro e da casa, que tem “janelas como os olhos de um animal”, onde um brinquedo abandonado apodrece, e que tem um cheiro ruim, cor “de bosta”, com a fachada descascando, é um recurso por meio do qual, pelos olhos de Coelho, podemos enxergar um mundo que deteriora. Esse recurso descritivo, bastante usado pelo autor, faz cenário para o mundo interno do personagem. É como se estivéssemos diante de quadros que passam diante dos olhos do homem que, chegando em casa, atenta para os detalhes do ambiente que fazem ressonância com o que sente. A pequenez das casas e o fato de serem antigas (da mesma idade que o personagem) conectam a moradia e o mundo interno de Coelho, ainda muito ligado ao infantil.

É interessante pensar que a familiaridade sentida por Coelho com os meninos na viela, brincando de jogar basquete, sem paletó, essa familiaridade não se reproduz no momento de chegar em casa: há desolação, abandono, desconforto. A descrição da chegada em casa faz pensar o ambiente que “insiste em ser percebido e, assim, passa a ser um objeto ao qual é preciso reagir” (TOSTA, 2019, p. 544).

Ao chegar em casa, Coelho não chega em um *lar*³⁰. O sentimento de onipotência e integração que descreve por meio das sensações prazerosas no jogo de basquetebol é substituído pela irritação e pelo desconforto. Ele, que gosta de “tudo arrumado”, equaciona a gravidez de Janice ao desleixo. A decrepitude então se associa à esposa, cuja falta de cabelos faz adivinhar “o crânio que há por baixo deles”. Janice, gestante, não parece bem aos nossos olhos, expectadores que somos da cena familiar. Deixou o filho na sogra, está embriagada. Coelho se sente irritado. “Você é um fracasso.” Certamente, o abdome volumoso da mulher lhe inspira repulsa, “nojo” e ele descreve seu rosto como “voraz” e sua confusão como “assustadora”. Podemos pensar que a dificuldade da esposa se torna mais insuportável na medida em que *também para ele* o peso da família e da paternidade representam a perda de um estado mais feliz anterior, simbolizado pelo jogo de basquete. Vamos notar, mais adiante, que em sua interação com ela há um componente de *culpa* e de raiva de modo que, quanto mais ela demanda, quanto mais se fragiliza, menos consegue despertar a empatia do parceiro³¹.

³⁰ Segundo o Dicionário Michaelis (2020), o termo vem do lugar da casa onde se acende a lareira; o fogo; o fogão, mas ganhou uma conotação sentimental sobre a habitação de uma pessoa ou família, o torrão natal, pátria, a família ou sua casa.

³¹ Os trabalhos mostram que um dos maiores fatores de risco para a depressão no pai é a própria depressão puerperal materna (GLASSER; LERNER-GEVA, 2019).

A violência da falta de comunicação com essa esposa, sobre quem projeta seu descontentamento e insuficiência, é precedida por uma série de desconfortos que Coelho não consegue verbalizar. Percebe sua irritação, seu incômodo, mas não tem recursos para comunicar à companheira, de forma efetiva, a sua desolação. Não há empatia ou compreensão. Há violência verbal no diálogo. Temos a impressão de ser apresentados a duas pessoas solitárias que vivem como um casal.

Chegamos então a um momento importante para tentar compreender como se forma na mente de Coelho a decisão de fugir. Após o jogo de basquete, o encontro desolador e a altercação com a esposa, ele vai buscar o filho, de dois anos, que está na casa de sua mãe. Vejamos a descrição da sensação de *aperto* que tem no apartamento, logo antes de sair, e seu trajeto até a casa dos pais, bem como a sensação de perda da infância:

1.1.3 Saindo de casa

“A bagunça da sala – o corpo de coquetel com um resto no fundo, o cinzeiro cheio [...] o tapete amarrotado [...] os **brinquedos do menino espalhados pelo chão, quebrados**, uma perna de boneca e um pedaço de papelão recortado de uma caixa de cereais, os cotões de poeira embaixo das serpentinas de calefação, **sempre sujas – tudo aquilo parece grudar-se às suas costas** enquanto ele se afasta, **como uma rede a apertar** [...] Coelho para de repente, contemplando sua sombra, e sente que está **preso numa armadilha**. Não há dúvida. Sai. **Lá fora está escurecendo e esfriando**³² [...] De vez em quando ele toca com os dedos a casca áspera de uma árvore, os galhos secos de uma sebe, para gozar a reação discreta de uma textura [...]. Quando garoto ele adorava subir nos postes [...] chegar até o alto e ouvir os fios a cantar [...] **ouvir os fios, como se fosse possível ouvir o que as pessoas estavam dizendo, descobrir o segredo do mundo dos adultos**” (pp. 18-20).

Parece que “o segredo do mundo dos adultos” ainda está por ser descoberto... Coelho hesita entre ir buscar o carro, que está na casa dos sogros, ou o filho, que está com seus pais. A dúvida de que rumo seguir pode expressar a ideia de que o rapaz está em conflito, pois, após decidir pegar o carro primeiro, seus passos o conduzem por meio de um “ímpeto indefinido” na direção contrária. Observemos o aspecto curioso com que ele aborda a casa em que morou por vinte anos, sorrateiramente, numa atitude voyeurista, “espiando” o que se passa lá dentro, como se fosse ainda a criança excluída da intimidade e do aconchego daquela cena.

[...] Um **ímpeto indefinido** o faz continuar andando, e ele vira à esquerda (seguindo para a casa dos pais) [...] a rua onde morou vinte anos [...] Coelho se aproxima de sua antiga casa **sorrateiramente** [...] caminha pé ante pé pela faixa de grama [...] Entre as duas faixas de

³² Assim como ele se sente cada vez mais triste com a sua situação.

cimento, a faixa de grama **não tem mais que trinta centímetros** de largura. **Andar sobre ela dá a Harry uma sensação de precariedade, como andar no alto de um muro.** Coelho se aproxima da janela da cozinha, que está iluminada, passa para o cimento **sem fazer nenhum barulho** com a sola do sapato, **fica na ponta dos pés** e olha para dentro, para um canto bem claro do recinto. **Vê-se a si próprio** sentado numa cadeira de bebê, **e uma onda rápida e estranha de ciúme** vem e passa. É seu filho. O **pescocinho do menino brilha como se fosse mais um objeto limpo** da cozinha [...] os **óculos da sua mãe brilham** quando ela se inclina para frente, sentada à mesa, com uma colher de feijão fumegante na extremidade do braço roliço e curvado [...] A boca dobra-se em rugas, que desaparecem quando ela sorri; Nelson, cujos lábios Coelho não vê de onde está, deve ter comido o feijão. [...] O filho de Harry está sendo alimentado, esta casa é mais alegre que a dele; **Coelho dá um passo para trás**, por volta do cimento, e volta à faixa de grama silenciosa” (pp. 18-25).

Nesse trecho precioso da narrativa, a escrita minuciosa de Updike nos permite sentir com Coelho, fazer com ele o trajeto até a casa materna e compreender, por meio das imagens, o contraste que sente entre sua vida e o interior desta casa, onde era cuidado, alimentado, e que já não lhe pertence mais. Notemos o brilho que enxerga na cozinha *limpa*, no pescoço do filho e no rosto da mãe, e na onda de ciúme que sente ao ver o menino e a avó. Notemos, ainda, como ele vê o filho e, num relance, vê a si próprio. É então que Coelho dá um passo para trás. O que significa este passo para trás?

Se atentarmos para os trechos acima, podemos tomar os deslocamentos de Coelho como aspectos da narrativa que simbolizam as suas hesitações em relação às passagens da vida. Inicialmente, ao ver os garotos jogando, para e pensa. Estão numa viela. Vuela: uma rua estreita, que poderia representar a passagem de Coelho pela adolescência, não elaborada. Um luto não realizado pelos tempos de glória da *high school*. Ao chegar em casa, para no vestibulo, sente um cheiro desagradável. Um cheiro que ele “jamais consegue identificar”. Isso reforça a sensação de não pertencimento a este universo – o cheiro estranho. Sua hesitação em abrir a porta e a não familiaridade deste cheiro, o aperto na sala cujo armário é barrado pela TV, a bagunça da casa: tudo traduz a sensação de estranhamento e estrangulamento que vive internamente. Em um dado momento dá-se conta de estar preso numa armadilha. Em seguida, ao se aproximar da casa dos pais, não entra pela porta da frente. Sorrateiramente, de esguelha, “na ponta dos pés” (ele tem 1,90m de altura) espia a si mesmo “na pele” do filho comendo o feijão da sua mãe, que está coberta com um *brilho especial*. Parece aqui que sente uma dor, o ciúme, mas como “uma onda rápida e estranha...”. Coelho está do lado de fora, excluído da cena familiar. Diferentemente do momento em que viu os garotos jogando e pediu para participar, após uma breve

hesitação, aqui ele recua definitivamente: o passo “para trás”. É a primeira vez, nesta narrativa, em que o hesitante Coelho resolve fugir: este recuo simbólico pode ser tomado como o momento em que decide sair de casa – acionou-se a defesa diante da angústia insuportável. Que angústia seria essa? O ciúme, a sensação de estar excluído, ou seu desamparo diante da situação de **não** estar sendo alimentado? A dificuldade de estar com Janice, tão desorganizada e fragilizada pela gravidez?

Continuemos a investigar os elementos do texto. Coelho tentava entender, na cantiga dos fios, as mensagens do mundo adulto, *enigmáticas* para ele. Ele se sentiu *derreter* ao ter crescido. É um homem que fica na ponta dos pés para espiar *a si mesmo* sendo alimentado pela mãe. Elementos existem aqui para pensarmos que este jovem se prende a alguma fixação infantil; para ele a situação de ser pai de mais um bebê, de algum modo, está sendo muito angustiante. Por enquanto, não temos elementos para entender bem o que se passa com esse moço, mas é depois de sentir essa *onda de ciúme* que, de repente Coelho, “começa a agir com uma pressa decisiva”; ou seja, ele decide fugir. E Coelho foge pelo livro todo, se entregando a uma série de passagens ao ato³³: a união com outra mulher, o abandono do emprego, sem dar explicação. Coelho não fala mais com Janice, com o filho ou com os pais até o dia do parto, dia em que foge, também, da nova namorada.

Como compreender essa atitude inconsequente em um homem que, até então, parecia comportar-se de modo responsável em relação à família e ao trabalho?

1.2 UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

“Ele não matou a criança. Ele nem estava em casa, foi um acidente.” (p. 234)

³³ O conceito de “*acting out*” ou “passagem ao ato” pode ser utilizado para compreender certos comportamentos do personagem que serão descritos ao longo da narrativa deste trabalho. Segundo Laplanche e Pontalis (1991, p. 6): “Do ponto de vista descritivo, a gama dos atos que agrupamos geralmente sob a rubrica do *acting out* é muito extensa, incluindo aquilo a que a clínica psiquiátrica chama ‘passagem ao ato’ [...], mas também [...] formas muito mais discretas, desde que nelas se encontre aquela característica impulsiva, mal motivada aos olhos do próprio sujeito, que rompe com o seu comportamento habitual [...] tal característica assinala para o psicanalista o retorno do recalcado”. Green destaca a importância do *acting out* na economia psíquica de sujeitos com dificuldades de simbolização, apontando que, muitas vezes, a dinâmica evacuatória é o que melhor explica esses atos: não haveria assim um “retorno do recalcado” ou a intenção de comunicação na atitude impulsiva. Em suas palavras, este tipo de *acting out*, que ele denomina *expulsão pelo ato*, “tem o mesmo valor de evacuação da realidade psíquica. A função transformadora da realidade do ato, ou sua função comunicativa, desaparece diante de sua visada expulsiva” (GREEN, 2017b, p. 79).

Retomemos aqui nossa narrativa a partir do terço final do livro. Lembramos ao leitor que, no dia do nascimento da filha, Coelho retorna à casa. Porém, suas tentativas de reparar os “estragos” em sua relação com a família mostram-se insuficientes para pacificá-lo; e então foge pela segunda vez. Em *Psicanálise*, damos grande importância àquilo que se repete, na medida em que pode ser pensado como comunicação à espera de simbolização, de tradução.

Ressaltamos que o núcleo do conflito que leva Coelho a sair de casa, pela primeira vez, não é elaborado pelo personagem e não encontra nenhuma via de simbolização. Pelo contrário, a presença do bebê, com sua demanda de cuidado, aliada à indisponibilidade sexual da esposa, agravam a dificuldade do pai. Ele vivencia então uma forte ambivalência, desejoso de cumprir o seu papel, mas cada vez mais inquieto e culpado, experienciando, na situação, um sentimento de inadequação crescente.

Descrivemos a seguir “cenas” narradas que precedem a segunda fuga do pai, a qual, conforme o leitor poderá comprovar, tem íntima relação com o acidente do bebê. Os trechos selecionados foram reunidos em dois núcleos, batizados de: “**de novo em casa**”, para colocar em ressalva o reencontro de Harry com seu lugar de pai; e “**na casa dos pais**” para trazer ao leitor aspectos do seu conflituoso lugar de filho. Sublinhamos aqui o núcleo melancólico do personagem, que se ativa neste momento, reservando as cenas que melhor descrevem o acionamento das suas *defesas maníacas* ao Capítulo 3 desta dissertação.

1.2.1 De novo em casa

É importante ressaltar que, no dia do parto de Janice, Coelho recebe um telefonema do pastor³⁴ e volta para casa. Pensando a constituição da paternalidade neste homem, podemos considerar que é *a vinda da filha* que o convoca, para que venha a tentar restituir seu lugar na família, de modo a recebê-la. As cenas que descrevemos abaixo se passam logo após o nascimento. Janice está ainda no hospital. Temos então Coelho sendo apresentado ao bebê, e depois, em casa, assumindo os cuidados do filho de dois anos.

³⁴ A relação de Coelho e o pastor será retomada ao fim desta dissertação.

1.2.1.1 Com June

“...**não está nada preparado** quando a enfermeira do berçário, onde trouxinhas com cabeças estão enfileiradas como laranjas em cestinhas de supermercado, algumas inclinadas, leva sua filha até o vidro para mostrá-la, e é **como se um abafador comprimisse seu peito outra vez**. Uma correnteza súbita o faz **prender a respiração**. Todos dizem que um recém-nascido é muito feio, talvez seja essa a causa do seu **espanto**. A enfermeira segura a criança de modo a destacar nitidamente seu perfil avermelhado contra o branco de seu uniforme. As dobras em torno das narinas, desenhadas em escala tão pequena, parecem quase milagrosamente precisas; a dobra da pálpebra fechada, minúscula, lisa, se estende por uma longa diagonal, dando a impressão de que **os olhos, quando abertos, serão enormes, verão tudo e saberão tudo**. Na leve pressão por trás da pálpebra tranquila [...] ele percebe um toque delicioso de **desdém**. **Ela sabe que é boa. Coisa que ele jamais esperava, Coelho sente que ela é feminina**, sente algo delicado e resistente no arco do longo crânio rosado, com faixas negras de pelos úmidos. A cabeça de Nelson, quando bebê, era cheia de calombos e veias azuis assustadoras, totalmente calva [...]. Coelho olha através do vidro **com certa timidez no próprio ato de ver, como se pudesse danificar o mecanismo delicado daquela vida súbita se olhasse para ela com força excessiva** [...] O sorriso da enfermeira, distorcido pelo ângulo, entre os olhos dele e o nariz da criança, o faz sentir-se **seguro de que ele é realmente o pai** [...]. No corredor, que cheira a sabão, uma ideia lhe ocorre: a menina **vai se chamar June**³⁵ (pp. 191-192).

Observamos neste momento a reação de Coelho *reconhecendo* sua filha. O sentimento de segurança pela integridade de seu bebê se expressa pelo sorriso da enfermeira, quando se sente “seguro de que ele é *realmente* o pai” ... “No corredor, que cheira a sabão”, ele está *limpo*, purificado. Afinal, tudo está bem com a filha e ele pode voltar para casa. É como se sua fuga não tivesse, afinal, provocado tanto dano à criança. Diante do espanto com a corporalidade do bebê, Coelho enxerga nela a delicadeza feminina e a nomeia: June. Ele associa o nome aos dias luminosos do verão (junho é um mês que marca a passagem da primavera ao verão, no hemisfério norte). Neste momento, há um trabalho psíquico do pai diante do espanto inicial provocado pela visão da pequena criança.

O estranhamento diante do recém-nascido (FOLINO, 2014) é um tema ao qual retomaremos mais adiante, mas podemos aqui verificar seu sentimento de identificação com a menina, atribuindo sentido (feminilidade e beleza) aos seus traços e projetando sobre ela um futuro e uma personalidade (“ela sabe que é boa, e terá olhos que verão tudo, saberão tudo”). O susto e o espanto (“é como se um abafador comprimisse seu peito”) é a emoção que o pai, desta vez, consegue transformar: quando pensa num nome para a menina. O nome próprio traz em si algo do “sonho” paterno projetado sobre o bebê; e, neste momento de ensonhamento de sua filha, a

³⁵ Na mitologia romana, **Juno** é a esposa de Júpiter e rainha dos deuses. O nome June também se refere ao mês de junho, que coincide com o final da primavera e o início do verão no hemisfério norte.

feminilidade da menina é encarada por ele como sendo um tipo de dom. Ele a admira e, de certa forma, se identifica com ela, que “sabe que é boa”, “saberá tudo” ...e, como ele, “desdenha” o mundo... E ele teme feri-la com o seu olhar...

1.2.1.2 Com Nelson

“**Nelson o ajuda muito.** Quase com três anos, o menino **já é capaz** de cumprir tarefas [...] já sabe guardar seus brinquedos na cesta grande, e **gosta de limpeza**, ordem, luz [...] bem em frente à sua janela, Coelho vê, na direção oposta, do outro lado da cidade, o amplo vale [...] Pensa: *Meu vale, meu lar.* As paredes recobertas de papel verde manchado, os tapetes de pontas sempre viradas para cima, o armário cuja porta esbarra na televisão, estas coisas que há meses estão ausentes de seus sentidos agora lhe voltam com uma força inesperada. Cada canto se encaixa num canto em sua memória [...] este fato acrescenta mais uma **dimensão de perfeição à sua faxina.** Debaxo do sofá e das cadeiras, atrás das portas e sob os armários da cozinha, encontra fragmentos de brinquedos velhos, para delícia de Nelson [...] na semana [...] **Coelho e Nelson se divertem muito.** Passeiam pela cidade” (p. 193).

Essa pequena cena com o filho Nelson pode ser tomada como uma representação da tentativa de reparação do pai, ao voltar para casa e tentar reassumir a família. Com June, a emoção que se apresenta primeiramente é o espanto, e, por que não dizer, o “susto” (ele “prende” a respiração ao vê-la), que se segue ao júbilo de reconhecê-la *como sua*, e escolher seu nome. Com Nelson, o filho maior, Coelho também se identifica (Nelson gosta de limpar e arrumar, como ele – e, ademais, não é *misteriosamente* feminino como o bebê que nasceu). Em ambos os casos observamos que são características do pai, encontradas nas crianças, que fazem com que Coelho “se reconheça” nelas.

Apoiando-se nesse reconhecimento, Coelho religa-se consigo mesmo enquanto cuida do menino e organiza a casa. A conexão entre o pai e o filho parece se estreitar na semana em que se envolve nos seus cuidados, e podemos perceber *como o filho também o convoca.* Inclusive, cuidando de seu pai: “Nelson o *ajuda muito*”, ao participar desse movimento reparatório, que é a faxina no apartamento. Podemos comparar essa faxina da casa com o momento inicial do livro quando, vendo a “bagunça”, Coelho decide fugir. Aqui, ele ativamente procura modificar e transformar essa confusão, essa “bagunça” externa – enquanto tenta reconciliar-se *internamente* com o seu lugar de pai. Percebemos algo de uma reparação obsessiva³⁶ neste

³⁶ A reparação obsessiva será descrita mais adiante no Capítulo 3.

movimento. E a dimensão do prazer está presente: a ternura do pai que permite se divertir com seu filho, escolher um nome benfazejo para sua menina.

O sentimento de paz de Harry, porém, dura pouco. Vemos na próxima cena o quanto sua conexão amorosa com o filho é obscurecida pela angústia que, nele, é recorrente e se ativa novamente. O momento feliz da faxina com Nelson e da apresentação a June é obscurecido pelo medo, pelo temor de não conseguir se entender com a esposa, que está para voltar da maternidade. O jovem, que se divertia passeando com o filho pela cidade, passa a sentir o exercício do papel paterno como um peso quando o leva no parque, e o garoto chora, com medo de brincar no balanço.

1.2.1.3 No parque

“No outro dia vão ao parque. **Nelson tem medo** dos balanços. Coelho diz que se segure com força e empurra bem devagar, da frente, para que o menino possa vê-lo. Ele ri, implora: “Quelo saí, quello saí”, começa a chorar, “saí, saí, papai”. Brincando na areia, Coelho **sente um pouco de dor de cabeça**. No pavilhão, **o barulho de uma bola** de borracha e o ruído de damas sobre o tabuleiro **lhe despertam lembranças**, e **o cheiro esquecido** daquela faixa estreita de plástico que usavam para fazer pulseiras e pendurar apitos e mais o cheiro de cola e suor nos cabos dos equipamentos de atletismo são trazidos por uma brisa cheia de murmúrios infantis. **Coelho se dá conta da verdade**: a coisa que desapareceu de sua vida **sumiu de modo irrevogável**; nenhuma busca poderia trazê-la de volta. **Nenhuma fuga levaria a ela**. Estava aqui, embaixo da cidade, naqueles cheiros e vozes, que ele deixou para trás para todo o sempre. **A plenitude acaba quando damos à Natureza seu resgate, quando fazemos filhos para ela**. Então ela não quer saber mais de nós, **então nos tornamos, primeiro por dentro, depois por fora, lixo**. Caules de flores mortas” (p. 198).

Notamos aqui um homem jovem, mas cheio de amargura *por envelhecer*. Há uma mudança sombria de humor acontecendo com o personagem. Numa sequência temporal, Coelho volta para casa, vê a esposa e conhece o bebê, passa uns dias com o filho em casa, cuidando dele e organizando as coisas, sentindo-se bem. Mas, depois, a partir do dia em que vai ao parque com Nelson e visita os pais, Coelho fica tomado pela angústia e pelo ressentimento.

Gostaríamos de sugerir ao leitor que, quando em casa com o menino, o pai passa por um momento em que se sente mais tranquilo, e se engaja num movimento reparatório, cuidando da “bagunça”, colocando pendências em ordem. Organizar e limpar estão entre as ações que o jovem Harry realiza com frequência no livro (lembramos como dobra o paletó cuidadosamente antes de entrar na partida de basquete). Ele realmente se diverte com o menino, reconhecendo suas habilidades e competências. Nelson e June, crianças *inteiras* e saudáveis, são para ele um alívio para contrabalançar os seus

“objetos internos” (BRONSTEIN, 2001) despedaçados e estragados (a imagem dos brinquedos desmembrados e quebrados que aparece na descrição da casa também reforça essa ideia), mas sua sensação de *integridade* é passageira.

1.3 NA CASA DOS PAIS

Após a ida ao parque, a chegada de Harry à casa paterna já acontece num clima de apreensão. O personagem tenta equilibrar-se com a culpa por ter partido, sua nostalgia do passado e suas dúvidas sobre seu presente. Entretanto, a partir do encontro com os pais, *que parece ter sido adiado ao máximo*, percebemos a amargura e a aflição de Coelho voltando com muita força. Se ele vai buscar reassentimento na família de origem, o que encontra é um pai desvitalizado e uma mãe pouco continente com sua dificuldade. A mãe, literalmente, dá as costas a ele. O olhar do pai o transpassa: é como se Coelho não estivesse ali. Isso nos faz imaginar um ambiente com pouca capacidade de *rêverie*³⁷ para ajudar Harry a lidar com seus afetos intoleráveis, que pode ter sido sua realidade quando menino. Ele não se sente acolhido, mas julgado, confuso e envergonhado: como uma criança que falha *sem nem saber bem por que está falhando*. Assim, o personagem entra num estado melancólico e se sente *muito* angustiado. Vejamos a virulência do diálogo com a mãe, a falta de empatia dela para com o filho, e o sentimento de fraqueza de Coelho, diante dessa mãe tão poderosa, a quem ama e odeia, admira e teme. Ele compara a falta de acolhimento que tem na casa dos pais com a atitude mais generosa de seus sogros, que estavam tentando ajudar o casal a se reconciliar.

1.3.1 Com a mãe

“Na casa dos pais, a coisa é muito diferente (em relação ao acolhimento que sentiu ter na casa dos sogros) [...] Sua mãe está zangada por algum motivo, **sua raiva chega-lhe às narinas** tão logo ele entra, **como o cheiro de velho que têm todas as coisas lá** [...] Que será que ela tem? **Coelho imagina que ela sempre esteve do seu lado**, e lhe diz, numa súbita onda de confiança, que os Springer (os sogros) foram muito bons com ele, que a Sra. Springer no fundo tem bom coração e parece ter lhe perdoado por tudo, que o Sr. Springer não deixou de pagar o aluguel do apartamento e agora lhe prometeu um emprego [...] O nariz duro e arqueado de sua mãe **brilha de raiva**. **Sua reprovação o fere** cada vez que ela se vira do tanque para ele. De início ele achava que é porque ele não a procurou nem uma vez, mas se é isso ela devia estar ficando cada vez menos zangada e não mais, agora que ele

³⁷ Este conceito será discutido mais adiante neste trabalho. A capacidade de *rêverie* da mãe (BION, 1962) diz respeito à sua qualidade de conter e promover transformação dos conteúdos psíquicos intoleráveis do seu bebê.

está ali com ela. Depois fica achando que ela está zangada porque ele dormiu com Ruth e cometeu adultério, [...] mas, de repente, **ela destrói todas as suas conjeturas**, perguntando à queima-roupa:

– E o que é que vai ser daquela pobre moça com quem você viveu lá em Brewer, hein?

– Ela? Ah, ela sabe se virar. Ela não esperava nada de mim, porém, ao dizer isso, Coelho sente o gosto de sua própria saliva. Ouvir sua mãe falar em Ruth dá uma sensação de **confinamento**. Sua mãe aperta os lábios e responde com um movimento complacente de cabeça: “Eu não estou dizendo nada, Harry. Não estou dizendo nada”.

Mas é claro que está dizendo muita coisa, só que ele não sabe o que é (p. 200).

A mãe está tão zangada que começa a dar “um gelo” no neto, o qual tenta, em vão, brincar com ela. Sentindo sua raiva, Coelho pensa, ressentido: “Até parece que a senhora não está do meu lado... **Não vê que eu estou do lado certo?**” Afinal, ele tinha voltado para casa, estava *tentando* fazer as coisas *direito*. E Coelho sente *vergonha*. Durante a visita aos pais, vai se sentindo cada vez mais acuado. Ele esperava acolhimento e o que encontra é o julgamento frio de um ambiente constrangedor. Seu pai não estava em casa, mas quando chega, não parece perceber a aflição do rapaz:

1.3.2 Com o pai

“Quando seu pai chega, a coisa não melhora muito. O velho não está zangado, mas olha para Harry **como se não houvesse nada à sua frente**. Sua postura encurvada, suas unhas **imundas**, irritam Harry, é como se ele estivesse de propósito fazendo-os envelhecer, todos. Por que ele não conserta essa dentadura? **Sua boca parece boca de velha**” (p. 201).

O (des)encontro de Harry com seus pais, acima descrito, é emblemático para configurarmos a sua difícil relação com eles. Sua mãe, zangada, deixa-o perturbado, mas o interessante é como ele não consegue captar o que se passa com ela, pois fica perplexo e aturdido. Será que ela está brava porque ele cometeu o pecado do adultério? Estaria brava porque ele demorou para visitá-la? Sua angústia não pode ser comunicada e não há qualquer transformação pelo diálogo: Harry sente-se envergonhado, ferido, zangado... como um menino que cometeu uma traquinagem e está sendo punido. O pai, figura desvitalizada, é alguém com quem sente não poder contar, pois não se coloca como um terceiro, um anteparo, para neutralizar a virulência da mãe. Contudo, apesar de ignorar Harry, o avô brinca de bola com o neto. A cena a seguir mostra ao leitor, porém, como a Sra. Angstrom não perdoa a falha de seu filho e parece decidida a expressar seu descontentamento com ele. Vendo o neto brincar, ela diz que suas mãos são pequeninas e que ele nunca jogará basquete como o pai. Desqualifica então o pequeno Nelson,

confirmando as suspeitas de Coelho de que ele não é capaz de produzir um filho (um produto) satisfatório. Sua fala tem *peso de lei*, para Harry.

1.3.3 Desqualificando Nelson

“Mas há pelo menos uma coisa: seu pai dá atenção a Nelson, que, esperançoso, empurra o limão em sua direção. O velho empurra-o para o neto: “Você vai jogar basquete que nem o papai?”

“Ele não vai poder, Earl”, interrompe sua mãe, e **Coelho sente-se feliz em ouvir sua voz, pensa que afinal ela quebrou o gelo**, até que ela prossegue: “Ele tem aquelas mãozinhas pequenas dos Springer”. **Estas palavras, duras como aço, desencadeiam uma chuva de faíscas no coração** de Coelho.

“Pelo amor de Deus, pare com isso”, diz ele, e se arrepende, **sentindo-se encurralado**. Devia ser-lhe indiferente o tamanho das mãos de Nelson. Agora percebe que não é; não quer que o menino tenha as mãos da mãe, e se ele tem – **e se sua mãe reparou, ele deve ter mesmo** – isso o faz **gostar um pouco menos** dele. E ele gosta um pouco menos do menino, sim, mas **odeia sua mãe** por isso. É como se ela quisesse derrubar tudo, mesmo que desabe nela. E Harry **a admira**, por ela não temer que o filho a odeie, desde que ela consiga transmitir-lhe sua mensagem [...] Coelho sai de sua antiga casa **deprimido, sentindo que seu coração está deslocado do peito**” (pp. 201-202).

Podemos perceber assim a oscilação de Coelho neste retorno à vida que levava antes de sair de casa pela primeira vez. O humor sombrio que predomina na ida ao parque com Nelson é reforçado pela raiva e amargura do reencontro com os pais, um dos maiores núcleos de angústia do personagem. No parque, Coelho relembra seus tempos de menino e suas vivências no meio esportivo, enchendo-se de nostalgia pelo passado. Lá, ele sente “*um pouco de dor de cabeça*”, algo que pode nos avisar de que, neste momento, alguma forte emoção não está podendo ser metabolizada, transbordando sobre seu corpo. Com a mãe e com o pai, sente-se incompreendido, ignorado, confuso. E se dá conta de um pesar profundo: tristeza, medo, **angústia**. O encontro com a mãe superpoderosa, odiada, admirada, cuja palavra tem peso de lei, desorganiza o filho. Ele vai para casa com o menino que, já agora, é depositário do seu fracasso. Com suas mãozinhas pequenas, Nelson também não poderá recuperar a glória perdida do pai, sendo o jogador de basquete *que ele foi*. Nem no sonho de um futuro para o filho, o passado perdido de Coelho se recupera³⁸... Ele coloca o filho para dormir experimentando a ambivalência despertada pela decepção do reencontro com os pais e pela constatação de que envelhece. É ao anoitecer que se sente mais desamparado, quando não conta com a vivacidade do filho para lhe assegurar da sua capacidade de ser bom.

³⁸ Agradeço à Evelise Paulis por me fazer perceber essa importante associação.

1.3.4 O medo da noite

“Os dias correm bem quando Nelson está acordado. Mas quando o menino adormece, quando seu rosto mergulha no sono [...] então um **lugar morto se abre dentro de Harry, e ele tem medo**. O sono do menino é tão pesado que ele **teme que se rompa a membrana da vida e Nelson mergulhe no olvido** [...] Às vezes põe a mão dentro da grade [...] só para tranquilizar-se ao sentir o corpinho quente, o movimento débil dos membros [...] acorda antes do amanhecer com a mesma sensação de **desequilíbrio, assustado na cama vazia, com medo de que Nelson tenha morrido**” (p. 204).

Comentamos a respeito da fantasia de Coelho de ferir a delicadeza de June, apenas com o seu olhar, quando a conhece na maternidade. Aqui, colocado diante do filho adormecido, podemos imaginar um pouco melhor o seu terror. A vivacidade de Nelson, quando acordado, deixa o pai mais tranquilo, mas, ao dormir, ao mergulhar no sono, ele se torna objeto da projeção dos maiores medos do pai. O sono aqui parece estar ligado à ideia da morte do menino. Notamos que Coelho, ao voltar para casa, se beneficia da capacidade de Nelson brincar, arrumar os brinquedos, comportar-se bem, e fica apaziguado ao ver que June é um bebê perfeito, mas é a projeção de seus conteúdos psíquicos nas crianças que pode nos ajudar a entender o temor que o pai sente pela perda de integridade delas. É sua própria ambivalência em relação aos filhos que torna esse medo tão terrível: a falta de confiança num objeto interno bom, que lhe garanta a percepção de sua capacidade de cuidar e proteger.

Assim, Coelho tem noites agitadas em que não sonha: “seu medo parece um pesadelo”. Com a chegada de Janice e June, vindas da maternidade, prossegue desconfortável e angustiado. Porém, por outro lado, tem sentimentos ternos ao observar os cuidados que a esposa dedica à pequena menina. Assim, seus sentimentos oscilam: entre admiração e inveja, entre ciúmes e desejo. Experimenta ternura pelo bebê, admira a esposa pela forma como cuida da menina, mas ao mesmo tempo, a objetifica “como uma máquina, branca e fácil de manejar, uma máquina de foder, procriar, alimentar” (p. 206). Ele observa a mulher, desleixada, a amamentar: e critica o seu descuido. Mas, na verdade, parece estar muito *invejoso* deste leite que ela contém e recusa entregar a ele. À sua angústia e aos sentimentos de fracasso, que descrevemos acima, soma-se então o desejo de aproximar-se da esposa e obter dela o lenitivo para seu sofrimento, sua carência. E, curiosamente, também se excita com a situação.

1.3.5 Transbordando

“Ele **também vaza**, o amor grosso e doce lhe sobrecarrega o peito e ele a deseja – apenas um toque, sabe que ela está em carne viva, mas apenas um toque, apenas o bastante para

ele **poder se livrar de seu leite**, dá-lo a ela [...] Durante essa semana, ele de certo modo **a adora**” (p. 206).

Podemos inferir, por essa descrição, que diante da generatividade da mulher, Coelho se torna “guloso” por estar ali e fazer parte do banquete: observando as mamas de sua esposa como frutas: “**dois luzidios frutos zebrados de verde**” (p. 254). Coelho deseja o desejo de sua esposa por seu próprio “leite”, e ao mesmo tempo quer ser alimentado por ela. É ele o bebê. E, como tal, precisa dela para se livrar do leite que “lhe sobrecarrega o peito”. Cintra (2019) aponta a equivalência simbólica entre leite e esperma, à qual retomaremos no próximo capítulo desta dissertação (CINTRA, 2019). Podemos perceber como Coelho transforma suas emoções em estado bruto num desejo de descarregar “seu próprio leite” em Janice, para aliviar-se: dessa tensão, dessa angústia, desses ciúmes que sente e não sabe nem mesmo nomear.

Com essas descrições, percebemos que nosso personagem, em sua tentativa de adequar-se ao papel que dele se espera, tenta dar destino às próprias exigências pulsionais, sentindo, porém, uma inquietação crescente. Não consegue encontrar um modo de acomodar-se no lugar de pai, pois lhe faltam meios para fazer luto da sua condição de filho.

Parece-nos que o encontro insatisfatório com os pais e a intimidade com a mulher, no dia a dia de casa, observando a amamentação, o cuidado com a menina, fazem-no experimentar forte ambivalência, amor e ódio por essas figuras, identificação e inveja. Poderíamos comparar esse momento com aquele em que Coelho sentira muito ciúme ao ver a mãe alimentando o neto. E, como da primeira vez, Coelho foge da situação angustiante.

Interrompemos aqui, leitor, por algumas páginas, nossa narrativa. Por ora, esperamos ter podido descrever algumas das dificuldades de Coelho, agravadas, certamente, pela situação perinatal. Não podemos dizer que, por suas atitudes, esse pai seria reconhecido, em seu contexto, como um homem deprimido. Dificilmente, também, ele seria um pai que pediria ajuda para lidar com sua angústia; pelo contrário: o que dizer de um rapaz que deixa a esposa, gestante, para engravidar outra moça nesse espaço de tempo? Embora, como esperamos ter demonstrado, sua impulsividade e suas defesas psíquicas, em relação a um quantum muito grande de angústia, o levem a agir de modo inconsequente, Coelho, como um genitor que se ausenta da cena perinatal, está numa situação de sofrimento psíquico. Ele vai acionar

fortes defesas maníacas para fazer frente a essa dor, defesas que o tornarão um pai tantalizante para seu bebê.

Pedimos agora que o leitor nos acompanhe ao capítulo seguinte, que traz alguns elementos para nos permitir um aprofundamento sobre as angústias da perinatalidade. O leitor conhecerá outros personagens e pacientes que também se depararam com a vinda de um bebê, produzindo resposta a essa situação. Eles serão apresentados ao lado de algumas contribuições teóricas para pensar a questão do desamparo inicial da vida. Vamos nos reencontrar com a narrativa da história de Coelho um pouco mais adiante nesta dissertação, quando teremos a oportunidade de “analisá-lo” com mais detalhe a partir das premissas teóricas articuladas a seguir. Por ora, o tema das angústias mais arcaicas e sua relação com a representação inconsciente da feminilidade vai nos dar a possibilidade de pensar, de forma mais abrangente, sobre as raízes do sofrimento daqueles que necessitam de defesas tão poderosas para fazer frente à transição para a parentalidade – como é o caso do nosso “Coelho”. Pretendemos demonstrar, a partir da clínica, que pode existir uma certa associação entre *essa feminilidade* e o desamparo do bebê – e de seus pais. Este é um fato relevante para compreender melhor o nosso objeto de estudo, a maneira como homens e mulheres se tornam (ou não conseguem se tornar) pais e mães.

CAPÍTULO 2

OS SENTIDOS DA FEMINILIDADE

Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento.

Medo mistério.

(João Guimarães Rosa, 1983, p. 46)

A questão da feminilidade foi extensamente pensada pela Psicanálise e teve muitos desdobramentos a partir de Freud. No decorrer deste capítulo pretendemos falar sobre a feminilidade, enigma sobre o qual “ruminaram os seres humanos de todos os tempos” (FREUD, 1933/2019, p. 314). Porém, não temos a pretensão de tentar discutir esse enigma, e sim, articular com ele algumas questões da parentalidade, por meio do auxílio de autores que pensaram sobre o tema – principalmente e preferencialmente a partir da clínica.

Há uma dificuldade de conceituar o *feminino* por causa da polissemia do termo e da impossibilidade de separar as ideias associadas a ele das construções de gênero de nossa própria linguagem (BOURDIEU, 2012). Contudo, por muitas vias, os pais que se identificam com o gênero masculino têm de se haver com a neotenia³⁹ do bebê e com os processos de gestação e parto. Os pais vivenciam muitos desses processos “por procuração” e precisam simbolizá-los de alguma forma. Lembremo-nos de Coelho, quando pensa em Janice em “carne viva”, como uma “ferida sangrenta”⁴⁰ e no medo que tem de seu menino morrer quando mergulha no sono.

A chegada de um bebê e os processos (ainda um tanto misteriosos, apesar de todo avanço científico) de gravidez e parto são sempre espantosos. A gravidez,

³⁹ A neotenia se refere às características de *imaturidade* dos bebês humanos, que inspiram em boa parte dos adultos o desejo de proteger e cuidar deles.

⁴⁰ A tradução, por nós escolhida, do romance *Rabbit, run* apresenta algumas imprecisões, alterando o sentido de algumas palavras, com prejuízo para nossa interpretação. Assim, a ideia de que Janice está em “carne-viva” pelo pós-parto, a nosso ver, não expressa a imagem que Updike quer expressar a respeito do genital feminino. Transcrevemos agora a versão original em que a expressão “ferida sangrenta” melhor expressa a ideia de Coelho sobre o genital da esposa: “He, too, leaks; thick sweet love burdens his chest, and he wants her – just a touch, **he knows she’s a bleeding wound**, but just a touch, just enough to get rid of his milk, to give it to her” (UPDIKE, 2012, p. 246). A ideia de “**ferida sangrenta**”, a nosso ver, expressa melhor o campo semântico da castração ligada à ideia do genital feminino, sendo mais fiel às palavras do autor. Observemos que, na tradução por nós escolhida, essa expressão não aparece. “Ele também vaza, o amor grosso e doce lhe sobrecarrega o peito e ele a deseja – apenas um toque, **sabe que ela está em carne viva**, mas apenas um toque, apenas o bastante para ele poder se livrar de seu leite, dá-lo a ela” (p. 206).

prerrogativa do corpo feminino, a neotenia do bebê, o momento do parto: eis estes “fatos simples” da vida com os quais temos tanta dificuldade de lidar. Em seu poema “Natividade”, o português Helder Macedo (2000, p. 135) nos apresenta algo desse espanto, desse mistério, desse horror: “Um grito rouco. / Um ventre rasgado de dentro. / Viscoso, um novo corpo/ tomba / e limita a eternidade[...] não tem olhos nem dentes, não tem nome, / digere, vage, suga, / é calvo, é mole, é outrem, / só fúria sem contornos de crescer.”

No decorrer deste capítulo, faremos uma digressão sobre os alguns sentidos da feminilidade, os quais podem ser conectados à ideia do que existe de mais primitivo em nós: essa imagem de um bebê mole, sem olhos, sem nome, este estranho, este *outro*: “fúria sem contorno”. Como é que a feminilidade se articula a essas imagens?

Conectar a indiferenciação e a fragilidade inicial da vida *ao feminino* pode parecer uma aproximação sem sentido. Porém, é justamente este o caminho percorrido por autores como Winnicott e André Green e pelos estudiosos de Laplanche, Paulo Ribeiro e Fábio Belo (2016), ao elucidarem as conexões que existem, na fantasia inconsciente, entre a feminilidade e algo que deve ser temido ou repudiado.

No início da vida, somos incapazes de sobreviver sem o apoio do outro materno: Winnicott denomina este momento o estágio da dependência absoluta. Crescer significa repudiar o não-eu e recalcar profundamente essas vivências iniciais. Esse conteúdo recalçado, se retorna à consciência, o faz sob a forma do medo que ele denomina de medo à MULHER, mulher esta que representa a mãe “não reconhecida dos primeiros estágios de vida” de todos nós (WINNICOTT, 1964/2011a, p. 193). Tal pensamento, retomado por André Green com a ideia de *repúdio ao materno*, é discutido a seguir.

Mas não é somente o medo à mulher que parece explicar as dificuldades encontradas na clínica. A defesa contra a tomada de consciência da dependência radical que constitui nossa vinda ao mundo pode ter variados desdobramentos. No cerne de uma certa *metáfora da feminilidade* encontramos a conexão entre a situação primordial do desamparo, a passividade e as representações do feminino em nossa cultura. A essa imagem de fragilidade corresponde a inevitável idealização do amor materno, ligada ao repúdio à figura da mulher, que mobiliza fortes defesas, encontradas nos “fantasmas” que assombram os personagens dos dramas perinatais.

O leitor perceberá que aqui falamos, pelo menos, de duas “feminilidades” (e, talvez, de muitas feminilidades) diferentes, ao buscar, na teoria, subsídios para pensar

sobre nosso tema de estudo. Uma certa “feminilidade” se liga à ideia do castrado, do passivo, do menos-homem; é aquela que, segundo Birman (2006), se regula pela influência da cultura, da linguagem e do significante fálico. A outra “feminilidade”, a que mais nos interessa, é aquela que liga à indiferenciação radical entre o bebê e sua mãe, e foi imaginada como penetração radical, terror impensável e repúdio intransponível. Essas “feminilidades” se confundem *imaginariamente* e essa “confusão” se faz presente na clínica perinatal de muitas maneiras, como pretendemos demonstrar.

Convidamos o leitor a desenvolver conosco essas questões, relacionando-as à paternalidade. Somando-se à visão que expressamos acima, Melanie Klein segue outra linha teórica ao nos elucidar aspectos da *inveja* existente no homem em relação aos processos de gravidez e parto. Klein entendeu que a possibilidade de se relacionar de forma criativa com esses processos dependeria da elaboração, pelo menino, de um determinado momento do seu desenvolvimento, a “posição feminina”, ligada à *situação edípiana* do primeiro ano de vida. A autora relaciona a inveja, o sadismo e a reparação às angústias desse momento, reeditadas, na vida adulta, com a chegada do filho.

Ao final deste capítulo apresentamos ao leitor alguns dos sentidos da feminilidade, em relação ao modo como ela é representada no psiquismo e vem sendo desenvolvida na teoria daqueles diversos autores. Entendemos que, à parte suas diferenças, essas teorias tendem a convergir para um entendimento sobre os sentidos do feminino que, a nosso ver, vive e opera nos casos recebidos em nossa clínica. São instrumentos para pensar as dificuldades do homem na fase gestacional e puerperal da parceira, bem como para compreender os primórdios do seu envolvimento com o bebê. As particularidades da situação perinatal podem trazer à tona o *medo à mulher*.

Que medo é este? Por que o contato com os processos do início da vida, do parto e da gravidez suscita angústia nos pais? Pode ser a vinda de um filho condição para que o *repúdio ao feminino* surja – ou ressurja – em homens e mulheres? E, se sim, a identificação com o masculino seria um fator a mais, a *dificultar* ao pai o enfrentamento dessa crise? Que condições seriam necessárias para *facilitar* a sua identificação criativa com a parceira e o bebê?

O afastamento do homem, reação comum, determina e consolida, muitas vezes, uma tal distância entre o pai e o filho, que, já de saída, temos um entrave na construção da paternalidade. Para pensar a *feminilidade* em sua articulação com a

fase perinatal, apresentaremos a seguir duas pequenas vinhetas clínicas. Em nossas vinhetas um menino e um homem caminham no sentido de simbolizar as suas dificuldades em relação ao feminino. Vamos investigar e pensar sobre as suas fantasias, de modo a tentar responder algumas de nossas perguntas. Depois de discutir alguns aspectos dessas vinhetas e relacioná-las com as angústias que o pai enfrenta com a chegada do filho, traremos a ideia da *couvade* como uma elaboração ritualística dessas angústias. O leitor perceberá que nossas vinhetas trazem as fantasias infantis que se manifestam na criança e no adulto e, curiosamente, em ambas, “a inveja do feminino” se faz notar. Esse componente de inveja e os movimentos reparatórios que o pai pode fazer em relação a essa inveja também tem sido observados em pesquisas, como podemos discutir a seguir.

2.1 O MENINO E O HOMEM DO CARTÃO AMARELO

Na clínica com crianças pequenas, questões e fantasias sobre a origem dos bebês florescem sem barreiras. Os fantasmas inconscientes que operam nos dramas perinatais estão nela presentes e muitas vezes explicitados pela fala das crianças. Um menino de três anos me contava indignado que não teria filhos, após descobrir que só as meninas tinham em seu corpo a possibilidade de gerar bebês. Dizia que seria um grande *desaforo* dar a uma menina sementinhas do seu “pipi” para ajudá-la a gerar bebês *que não seriam seus*.

No atendimento de um homem adulto, por ocasião da gravidez da parceira, encontrei fantasmas como estes. Esse homem desejava ser pai, mas, quando a esposa engravidou, sentiu crescente ansiedade, apesar de, aparentemente, tudo estar correndo bem com a gestação da parceira. Seu comportamento explosivo, que já ocorria ocasionalmente, se intensificou, à medida que passou a recorrer ao uso de álcool de modo cada vez mais frequente, “para relaxar”. Com isso, o casal passou a ter muitas discussões e algumas vezes a parceira o ameaçou com a separação, o que o deixou aterrorizado pelo temor de *ser impedido de conhecer* o filho que estava para nascer.

Este homem tinha somente um irmão mais velho, mas, quando estava com quase quatro anos, a mãe engravidara novamente e abortara numa fase um pouco mais avançada da gestação. Somente na análise, muito tempo depois, pôde se dar conta do quanto foi traumática para a família esta perda da qual quase nunca se falava. Recordou-se desse fato durante a crise no casamento, nos momentos de maior

angústia, quando chegou a expressar o medo de que a esposa abortasse o filho *para se vingar* dele, sem que soubesse, às escondidas. A esposa, detentora de poder, tornava-se então uma figura a ser temida e controlada. Seu desejo de ter um filho o colocava numa condição de carência e dependência, submisso à mulher. “*Brigamos. Ela disse que da próxima vez eu vou pra fora. Que estou de **cartão amarelo**. A próxima, já era. Ela vai ficar com o filho. Vai ficar com a casa.*”

No intertexto, a metáfora futebolística para o risco de expulsão movimentou em sessão uma série de associações que remontavam a um tempo infantil de dependência em que se via como o próprio feto abortado, expurgo e dejetivo, sempre aquém das expectativas maternas.

Nos relatos de homens cuja parceira está grávida, ou na fase do puerpério, encontramos, muitas vezes, medos como este que não encontram via de simbolização e se manifestam como sintoma, ou por meio do comportamento⁴¹. Esses relatos parecem concordar com alguns achados de estudos que buscam mensurar os sintomas dos homens que apresentam um aumento da morbidade psiquiátrica na situação perinatal, como descrito anteriormente. A partir deste momento, levantamos algumas hipóteses sobre os fatores operantes nos homens⁴² que se veem impedidos de se envolver no cuidado com seus filhos. A teoria kleiniana, na medida em que problematiza a generatividade da mulher e o seu potencial de despertar a inveja, é nosso ponto de partida para pensar essas questões. Retomamos alguns elementos da metapsicologia dessa autora tão criativa, que nos ajuda a “ler” os casos acima descritos, e também nos guia de muitas maneiras para pensar o Coelho, personagem fictício que nos acompanha pelas páginas deste trabalho. Contamos também com os ricos exemplos da pesquisa de Guidugli (2022) para pensar nas maneiras como os pais “de primeira viagem”, por ela entrevistados, simbolizam os aspectos da inveja em relação à generatividade feminina.

⁴¹ Podemos encontrar esses elementos primitivos, também, em certas *crenças* que povoam o imaginário masculino nos dias atuais. Pondé (2019) comenta o fenômeno de que, para muitos, “o papel social que cabe ao homem heterossexual no mundo contemporâneo não mais vale a pena o investimento”. O homem sempre teve medo da mulher, e essa mulher “emancipada” da atualidade é um perigo para o narcisismo masculino. Nesse ressentimento retorna a ideia do menino que tem as suas sementinhas “roubadas” e só sai perdendo, com a paternidade. “Não engravidou mais ninguém. Depois ela leva meu filho e sobram só as contas.” Luis Felipe Pondé, *Folha de São Paulo*, 21/10/2019.

Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2019/10/mgtow.shtml?utm_medium=social&utm_campaign=twfolha. Acesso em: 12 abr. 2022.

⁴² E também nas mulheres.

2.2 A FASE DA FEMINILIDADE: INVEJA E REPARAÇÃO

Consideramos importante lembrar que, neste trabalho, quando usamos o termo “feminilidade”, sabemos que tal palavra pode ter *em si mesma* um sentido muito vago. Freud, desde o início, reconheceu a dificuldade de precisar os termos “masculino” e “feminino” em suas acepções biológica, sociológica, cultural e simbólica. Esses termos podem ser pensados em relação com os pares ativo/passivo e em relação à castração. Porém, “os conceitos de masculino e feminino, cujo significado parece tão inequívoco às pessoas comuns, estão entre os mais confusos que ocorrem na ciência” (FREUD, 1905/2016, p. 139). Em uma conferência sobre a feminilidade, Freud desaconselhou seus ouvintes a equacionar o feminino com a passividade, demonstrando a complexidade do conceito (FREUD, 1933/2019).

Melanie Klein, uma de suas sucessoras, desenvolveu de forma brilhante a questão da generatividade, equacionando o feminino com a potencialidade de gerar vida. Na esteira de autores e autoras que, de certa forma, desconstruíram a ideia de que a mulher, por não ter pênis, estaria em eterna desvantagem em relação ao homem, Klein considera o seio e a capacidade de gerar como os maiores objetos de desejo, admiração e inveja. A fase de feminilidade⁴³ de Klein se relaciona com uma identificação do menino à sua mãe, bem como à capacidade de reparação daquele. A elaboração dessa fase se liga, no homem maduro, à sua condição, como pai, de ter empatia pela parceira em seu processo de gestação e parto.

Por outro lado, autores como Winnicott, André Green, Fabio Belo e Paulo Ribeiro desenvolvem outros sentidos para a ideia da feminilidade e do feminino, no que representam de perigo e risco para a constituição da autonomia, da subjetividade e da masculinidade.

2.2.1 Considerações a respeito da metapsicologia kleiniana: o percurso do seu pensamento

Nossa autora de eleição, para pensar as defesas psíquicas do nosso personagem “Coelho”, é Melanie Klein. Assim, desde já, apresentamos ao leitor alguns pontos-chave da sua teoria. Para contextualizar o pensamento kleiniano, entretanto, é interessante retomar alguns conceitos de Freud, os quais deram base às

⁴³ Melanie Klein se utiliza dos termos fase de feminilidade e posição feminina sem fazer distinção entre eles (RIBEIRO, 2018).

suas ideias. Freud descobriu a importância da sexualidade na gênese do conflito psíquico e sistematizou a ideia das fases libidinais do desenvolvimento. Dentre elas, a fase edípica aconteceria por volta dos quatro anos de idade.

O Complexo de Édipo, como construto metapsicológico, foi considerado por ele uma das suas descobertas mais importantes. O que seria a fase edípica? Seria um momento em que a criança se vê entre dois amores, posicionando-se assim de modo a rivalizar com um deles e a dirigir seus impulsos libidinais ao outro. Esse direcionamento (para o pai ou para a mãe) não é unidirecional e nem total, havendo sempre uma corrente amorosa dirigida ao rival, e a ideia de um Édipo “invertido”, que faz parte do jogo pulsional da criança. A importância dessa fase, que é observável no desenvolvimento, advém do fato de que, ao se ver impedida de ocupar o lugar de parceiro da mãe ou do pai, a criança experimenta o valor da diferença entre as gerações, tendo uma experiência maior do limite de ser criança e da própria sexuação. A questão da triangularidade, do amor e do ódio, da rivalidade e dos ciúmes, faz parte da constelação edípica.

Melanie Klein, por sua vez, trouxe a *situação edípica* para o primeiro ano de vida. Para ela, todas as posições libidinais tendem a se mesclar sob a égide da posição predominante a cada momento. Há componentes orais, anais, fálicos e genitais no amor que o bebê sente pelos seus objetos desde os primeiros meses. Incorporar, devorar, despedaçar e morder; agarrar, controlar, dominar, subjugar e possuir; penetrar e ser penetrado: o amor primário é descrito por Klein com as cores dos processos corporais que originam as fantasias inconscientes. Marina Ribeiro explica como a teorização da autora nos permite enxergar componentes orais e anais no primeiro esboço de genitalidade que é experimentado pelo bebê, pois Klein encontra o “Édipo” lá no início, impregnado pela violência do amor primário:

A teorização de Klein auxilia-nos na compreensão dos componentes orais e anais das fantasias edípicas, devido ao entendimento que esta autora tem sobre a origem precoce do Complexo de Édipo, entre o quarto e o sexto mês de vida, concomitante à posição depressiva e ao desmame (RIBEIRO, 2011, pp. 38-39).

A ideia de uma situação edípica precoce, acontecendo de forma bifásica e antes do que pensara Freud, ainda no primeiro ano de vida, traz em seu bojo a noção da triangulação incipiente, no nível da fantasia *do bebê*. Nesse momento, o infante estaria

ainda sob o primado dos componentes orais e anais da libido, mas o desmame e a percepção da descontinuidade da presença da mãe o trariam para a *situação triangular*.

Melanie Klein traz inovações em relação às ideias de Freud. De certa forma, ela complexifica o construto freudiano das fases libidinais em progressão, por pensar a clínica em termos *de modos de acontecer psíquico que se alternam* durante toda a vida. Seu olhar encontra o dinamismo dos movimentos da mente, que ela agrupa sob o conceito das *posições* depressiva e esquizoparanoide.

A ideia de *posições* nos remete “à ideia de estados intercambiantes, mutáveis, de organizações psíquicas diversas diante da experiência” (RIBEIRO, 2018, p. 99). Por isso, é um conceito mais dinâmico⁴⁴ do que o construto das fases libidinais. As “posições” de Klein englobam uma constelação de fantasias, angústias e defesas próprias, nunca completamente superadas.

Porém, Klein não se divorcia da concepção freudiana de que haveria um desenvolvimento em direção à maturidade, na relação do indivíduo com os seus objetos. A posição depressiva seria uma conquista em relação à posição esquizoparanoide, que a precede. Quando, enfim, o bebê pode alcançar uma percepção mais totalizante de si mesmo e da mãe, ele se torna capaz de sentir culpa. Essa é uma importante aquisição, que se liga à percepção do dano causado ao objeto. Poder perceber que o mesmo seio gratifica e frustra depende de se ter capacidade psíquica para suportar a ambivalência – amar e odiar ao mesmo tempo – e isso só se conquista com o amadurecimento.

Na posição esquizoparanoide, os aspectos bons e maus da mãe estão como que separados para o bebê. O ego frágil dos momentos iniciais tenta evitar a dor da ambivalência cindindo o objeto em fantasia, atribuindo o amor e o ódio a objetos separados. Haveria duas mães, dois seios: o bom que gratifica e o mau que frustra e abandona. Então, o ódio ao seio mau não traria culpa, pois a mãe boa estaria preservada no psiquismo.

Chamamos a atenção do leitor para a relação entre as posições descritas por Klein e as capacidades egoicas. A passagem a uma posição depressiva demanda do ego uma maior capacidade de tolerar a ambivalência. Para ela, assim como para

⁴⁴ “A publicação em 1935 do artigo ‘O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos’, no qual Melanie Klein introduz a noção de posição depressiva, é uma baliza fundamental: marca o início de algo até então desconhecido no campo, a saber: uma corrente de pensamento ao mesmo tempo psicanalítica e baseada numa visão do funcionamento psíquico bastante diferente da proposta por Freud” (MEZAN, 2014, p. 518).

Freud, a ambivalência é inata, pois decorre do dualismo pulsional. A posição esquizoparanoide, de certa forma, é uma simplificação em relação à complexidade das relações humanas, por assim dizer, pois caracteriza uma maneira “binária” de enxergar o mundo⁴⁵.

A ideia de uma ambivalência de base é um dos pilares da metapsicologia kleiniana. Para a autora, nunca há somente o amor ligando a pessoa aos seus objetos. Todo objeto muito amado seria também, em certa medida, odiado e invejado. No impulso de mamar, haveria o impulso de morder, sugar, incorporar destruindo; o sadismo faria parte do amor ao objeto, estando presente tanto na forma oral como na forma anal, e assim por diante. É assim que Melanie Klein encontra, no bebezinho, fantasias primitivas ligadas aos processos corporais e seus representantes psíquicos. Ela também nos permite enxergar “a criança no adulto” (MINERBO, 2019, p. 40) e abre caminho para pensar a existência de “núcleos psicóticos” em todos nós.

Após ter percorrido com o leitor esse trajeto a partir das ideias de Klein, podemos contextualizar a posição feminina no desenvolvimento do bebê, que particularmente nos interessa para iluminar uma das facetas do “enfrentamento” da fase perinatal, pelo pai.

2.2.2 A fase de feminilidade

Conforme Melanie Klein desenvolvia a ideia das posições, sua metapsicologia evoluía para caracterizar movimentos psíquicos, em que fantasias específicas coloriam o funcionamento mental. A *posição feminina* e a *posição maníaca*⁴⁶ foram formulações kleinianas que, ao longo do tempo, foram absorvidas pelo contexto mais englobante das posições depressiva e esquizoparanoide. Marina Ribeiro retoma a ideia da posição feminina considerando-a uma interessante construção teórica da feminilidade e da masculinidade. A autora nos explica que, em Klein, a ideia de uma fase de feminilidade, em ambos os sexos, ocorre ainda no primeiro ano de vida. Nessa fase, os bebês meninos e meninas “se identificam com os atributos maternos/femininos e se voltam para o pai”. Este momento se liga à posição depressiva e à

⁴⁵ Apenas a título de exemplo, pois retomaremos a história de Coelho mais adiante, lembremo-nos como ele cinde o mundo: o jogo de basquete prazeroso e a casa desorganizada, a perfeição da cozinha limpa da mãe e o desleixo da esposa, a vitalidade da mãe e a aparência moribunda do pai etc.

⁴⁶ À qual voltaremos mais tarde.

situação edipiana, que, como salientamos, é expressão da primeira percepção da triangulação pelo bebê⁴⁷ (RIBEIRO, 2018, p. 102).

A posição feminina estaria, então, ligada à experiência do bebê em sua identificação com a mãe. Todo bebê, independentemente do seu sexo, passa por esse momento em que *deseja ter bebês*, “roubar” os bebês de sua mãe. Calcada no nível sádico-anal, a fase de feminilidade também traz em seu bojo a fantasia de reparação. Quando o menino se volta para o pai, existe o desejo de *ser como* a mãe e ter *em si mesmo* a capacidade de gerar um filho:

As tendências de roubar e destruir estão ligadas aos órgãos de fecundação, gravidez e parto que o menino presume existirem na mãe, assim como a vagina e os seios, a fonte do leite, cobiçados como órgãos de receptividade e fartura (KLEIN, 1928/1996, p. 219).

A pequena criança, nesse momento, está começando a admitir sua voracidade, seu desejo de esgotar o seio e seus impulsos sádicos dirigidos à mãe. A posição feminina, calcada no nível sádico-anal, colore a entrada na posição depressiva com uma fantasia reparatória: produzir bebês (e conteúdos bons) dentro do corpo, assim como a mãe os produz.

Agora chegamos àquela fase do desenvolvimento, a “fase de feminilidade”. Ela está calcada no nível sádico-anal, ao qual empresta um novo conteúdo, pois as fezes se igualam ao bebê que a criança espera ter. O desejo de roubar a mãe agora se aplica ao bebê [...] aqui podemos perceber dois objetivos [...] um é governado pelo **desejo de ter filhos**, e a intenção da criança é apropriá-los, o outro objetivo é motivo pelo **ciúme** de futuro irmãos [...] e pelo desejo de destruí-los dentro da mãe [...]. Assim como no complexo de castração das meninas, no complexo de feminilidade dos meninos há no fundo o desejo frustrado de possuir um órgão especial. **As tendências de roubar e destruir estão ligadas aos órgãos de fecundação, gravidez e parto** que o menino presume existirem na mãe, assim como a vagina e os seios, a fonte do leite, cobiçados como órgãos de receptividade e fartura (KLEIN, 1928/1996, p. 219) (grifos nossos).

Com Klein aprendemos que, no início da vida, a fantasia inconsciente está ligada às sensações corporais e às primeiras percepções objetivas da criança. No homem e mulher adultos, esses conteúdos infantis podem estar ligados a sintomas e comportamentos que se expressam de variadas maneiras. O valor das formulações

⁴⁷ “Em outros termos: o pai é encontrado no olhar da mãe, no inconsciente materno, primeira realidade do bebê [...] o seio contém o pênis” (RIBEIRO, 2018, p. 101).

kleinianas está em ajudar-nos a recuperar a força e a violência dessas fantasias, e suas repercussões na clínica.⁴⁸

Em relação ao desejo de engravidar, amamentar e gerar filhos, o menino, de fato, deverá sofrer uma castração, quando compreender, mais tarde, que de fato nunca terá um filho em seu ventre (LANDAU, 2019). Isso, a um tempo, representa um corte em relação à sua mãe, mas, por outro lado, pode se transformar numa razão para desejar ter um filho com uma mulher, realizando, “por procuração”, este anseio.

Um outro aspecto da fase de feminilidade, comentado por Aberastury e Salas (1984), é a relação entre essa passagem do desenvolvimento do bebê menino e a construção de sua masculinidade. A relação entre a passividade e a atividade é uma chave de leitura para pensar a elaboração e a transformação das fantasias desse momento em direção à genitalidade adulta. O menino deseja ter e possuir os bebês em seu interior, como a mãe que dele cuida, analogamente às percepções que tem de seu próprio corpo, em relação aos seus conteúdos internos⁴⁹. É natural que as primeiras fantasias sobre “ter bebês” nos meninos tenham um caráter “feminino” no sentido de associar os bebês à gestação e ao interior do corpo. Dessa situação decorrem dois fatores.

O primeiro se associa ao fato de que voltar-se para o pai, inicialmente, faz parte da construção da masculinidade, pelo menino. Esse ponto de vista também é compartilhado por Silvia Bleichmar, para quem a sexualidade masculina deve passar necessariamente por uma fase homossexual, que faz parte da organização do homem em direção à genitalidade (BLEICHMAR, 2006).

Para Aberastury e Salas (1984), no desenvolvimento da psicosexualidade do menino, parte dessa dessas vivências e fantasias é recalcada. Mas é importante que o ambiente acolha as tentativas de simbolizar esses conteúdos, que podem ser observados nas brincadeiras dos primeiros dois anos de vida da criança. Se é permitido ao menino brincar com bonecas ou com bichos de pelúcia e vivenciar livremente, nas interações lúdicas com os pais e outras crianças, o seu desejo de ter

⁴⁸ Como diz Antonino Ferro (2011, p. 54), é preciso compreender a “caducidade” das teorias, modelos para pensar que não devem ser tomados como verdade “é lógico que, em psicanálise, nós modelamos “coisas” que não possuem uma real estrutura, mas que são formas provisórias de compreender certos funcionamentos; um modelo é algo que nos permite uma visão provisória dos fenômenos que observamos.

⁴⁹ Freud desde os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) nos conta sobre a teoria da cloaca, e da equivalência entre os bebês e as fezes que existe na fantasia infantil.

bebês e deles cuidar, o menino pode integrar mais facilmente essa “feminilidade” e encarar, no futuro, a paternidade de uma forma mais positiva.

O segundo fator, que mais nos interessa, é que o recalque do desejo de gestar filhos pode ocasionar, no homem adulto, uma aversão à ideia de paternidade, se essa estiver associada, inconscientemente, a uma homossexualidade reprimida (ABERASTURY; SALAS, 1984). Isso pode ocorrer porque, no desenvolvimento do menino, o primeiro “desejo de paternidade” é, na verdade, desejo de *maternidade*: a fantasia de gerar bebês em seu corpo com a participação paterna, num momento em que os desejos anais passivos estão no seu auge. Para a criança pequena, ainda não é possível compreender e elaborar a passagem de sua necessidade de gestar à possibilidade de fecundar; essa fantasia só vai se organizar posteriormente no desenvolvimento do menino.

Por dois caminhos, internos e externos, ele (o menino) se vê forçado a reprimir tendências homossexuais e junto com essas tendências (reprime) também o desejo do filho, que se transforma em proibido porque, em suas origens, era um filho mantido em seu próprio corpo. Quer dizer que o instinto de paternidade teve sua origem no desejo de maternidade, origem que se torna incompatível com seu papel de varão (ABERASTURY; SALAS, 1984, p. 75).

Eis como podemos conectar a importância da “resolução” da fase de feminilidade com o desejo de ser pai no futuro. Por um lado, essa fase importante da infância fornece o substrato para que o homem adulto tenha empatia para com sua parceira. Por outro, se há muita dificuldade nas situações do primeiro ano de vida (como, por exemplo, na situação do desmame, nas primeiras separações com o objeto primário etc.), pode ser que o menino tenha dificuldade de *integrar* ou *transformar* essa fantasia de gerar um bebê, e isso dificulte o enfrentamento da situação perinatal na vida adulta.

Como a ideia da fase de feminilidade nos ajuda a pensar a clínica?

2.2.3 Implicações clínicas

O construto da fase de feminilidade, no desenvolvimento do menino, tem valor na clínica na medida em que pode ilustrar, de certa forma, uma das bases da empatia paterna à mulher. “A boa resolução da fase de feminilidade no menino tem como consequência uma identificação saudável e criativa do homem com o feminino” (RIBEIRO, 2011, p. 154, nota 28). Porém, esse processo pode não ser simples.

Seguimos agora com os casos que descrevemos no início deste capítulo: as vinhetas clínicas do garotinho e do homem do cartão amarelo, além de alguns elementos da história do nosso personagem Coelho. Ao lado desses exemplos, fragmentos do discurso de pais que foram entrevistados na pesquisa de Guidugli (2022) também nos permitem pensar em como os homens representam as experiências vividas na fase perinatal, particularmente no tocante à identificação e à inveja em relação à sua parceira.

Primeiramente, chamamos a atenção do leitor para as descrições de Coelho, quando observa as mamas de sua esposa: “dois **luzidios** frutos zebrados de verde” (p. 254). Aqui, já sabemos que, para o nosso jovem pai, tudo que *brilha* é ouro: é aquilo que ele investe com um valor fálico⁵⁰. Observemos sua identificação com a generatividade da mulher, saindo da posição daquele que deseja o leite, para a posição ativa, quando deseja *dar-lhe* o leite (que gostaria de receber): “ele vaza também”⁵¹ (UPDIKE, 2003, p. 206).

Podemos pensar que, na vinhetagem acima, Coelho passa da posição passiva, do bebê que espera o leite, para a posição ativa: querendo dar, livrar-se de seu leite, que o sobrecarrega. Podemos imaginar a força desses desejos e a mobilização que fantasias tão primitivas fazem no psiquismo do pai (ele *vaza*...). Por meio da metáfora do leite (e sua equivalência com o esperma), a ideia da sucção oral do seio (e do pênis) se confundem. Coelho também tem o que dar a ela, quer dar-lhe algo, mas, ironicamente, nem assim se *livra* da carência: ele *precisa* dela para se livrar daquilo que o sobrecarrega. Talvez a pulsionalidade despertada nele ao presenciar a cena, talvez a inveja... Percebemos que, de alguma maneira, nosso personagem não consegue fazer frente à intensidade dessas emoções: *vazando demais*⁵², ele corre, foge, não consegue colocar-se num lugar de pai.

⁵⁰ Esse elemento vai se repetir em outras passagens do texto que vamos mostrar a seguir.

⁵¹ Elisa Cintra aponta a equivalência simbólica entre leite e esperma: “Melanie Klein acreditava que a inveja do seio materno era a raiz da posterior inveja do pênis: de ambos os órgãos emana um “leite” que é símbolo de vida e de potência de gerar e sustentar” (CINTRA, 2019, p. 21). Indicamos ao leitor o filme *A teta e a lua* (LUNA, 1994), a nosso ver, uma obra-prima que descreve de forma poética as fantasias de um menino, vivenciando a passagem pela fase edípica, e que acaba de ganhar um irmão. Enciumado por ver a mãe amamentar o bebê, espiando o ato sexual dos pais, ouve a mãe pedindo ao pai “Dá-me teu leite”. Elabora, então, a teoria de que o leite que o irmão está recebendo da mãe provém do *leite* que a mãe recebe do pai todas as noites. O menino, que está às voltas com as teorias sexuais infantis, faz equivaler em sua fantasia seio e pênis, leite e esperma, e seus devaneios mostram suas fantasias edípicas carregadas da pulsionalidade oral, que está recrudescida pela vinda do irmão (*A Teta e a Lua*, LUNA, 1994).

⁵² Na gíria popular, *vazar* também, significa *partir, ir embora*.

Comentamos, na introdução deste trabalho, como a saúde mental do pai, quando capaz de tolerar a angústia da situação gravídico-puerperal, contribui para que a companheira se sinta psicologicamente sustentada. O leitor verá, mais adiante, que a agitação de Coelho deixa sua parceira (e o bebê) muito inquietos, quando Janice tem a sensação de que *seu leite secou...* vivendo, em seu corpo, a falta desse “leite” psíquico, que o “peito *desse pai*”⁵³ não consegue produzir (p. 214).

Nesse sentido, é interessante tentar entender a urgência pulsional de Coelho, que se desorganiza por estar numa posição passiva em relação à esposa. Colocar-se numa posição ativa, buscando ter uma relação sexual, pode servir como defesa contra a dependência e a carência despertada pela situação de presenciar a amamentação da filha. É interessante notar que quanto mais enciumado, quanto mais desamparado, mais Coelho se excita e deseja afirmar sua virilidade sobre a parceira.

Assim, apesar de estar, possivelmente, movido pela angústia, desejoso de uma conexão sexual com a esposa para “curar” seu estado de aflição e desamparo, Coelho coloca seu desejo em primeiro lugar, demonstrando pouca empatia por Janice. Ele demonstra, aqui, sua dificuldade de se colocar como um pai “terno”, o qual poderia tolerar a indisponibilidade sexual da parceira na fase puerperal. Nesse sentido, a falta de *ternura* deste pai poderia ser pensada no sentido ferenciano (FERENCZI, 1933). Essa ternura, se presente, se manifestaria como um arrefecimento temporário das demandas sexuais sobre a esposa, em função das necessidades dela e do bebê.

Por outro lado, pensando nas fantasias primitivas de que nos fala Melanie Klein, podemos entender a “voracidade” sexual de Coelho como ligada a uma certa *oralidade* que colore a dinâmica da família como um todo... parece que, nessa casa, o “leite” está faltando (e transbordando) ao mesmo tempo.

Ainda pensando em termos dessas fantasias, pode-se fazer um paralelo entre o caso de Coelho e o do homem do cartão amarelo. No nosso personagem principal, a ideia de dar e receber o leite predomina nas figuras descritas. O homem do cartão amarelo, por outro lado, parece se angustiar por conta de fantasias de outra natureza. Ele acredita que a esposa pode destruir o bebê e “eliminar” também a ele, colocando-o para fora de casa. Nas vinhetas clínicas do início deste capítulo descrevemos como esse paciente, em seu processo analítico, encontra a possibilidade de simbolizar e

⁵³ Denise Feliciano, que estuda os aspectos psíquicos da amamentação, constrói a bela imagem do “peito do pai” como continente das angústias maternas e suporte da amamentação no momento do pós-parto (Informação oral).

transformar o medo de ser *expulso*. Em sua fantasia, a companheira pode *provocar um aborto* com o intuito de magoá-lo; e mais: pode ter o bebê e, por pura maldade, impedir seu acesso ao filho. Podemos imaginar um intenso sadismo projetado na fantasia do aborto provocado e no controle absoluto (que ele imagina) que a mulher possui sobre ele.

Bem faz o garoto que não tem pudores em demonstrar a revolta contra o “desaforo” de ter que dar *suas sementinhas* para uma menina que, obviamente, vai “reter” o bebê, só para ela! O homem do cartão amarelo precisou de um pouco de ajuda para acessar esses mesmos sentimentos, para dizer aquilo que o menininho soube e expressou tão bem e com tanta veemência.

O homem do cartão amarelo também abusava do álcool⁵⁴ e, em certos aspectos, se assemelhava um pouco ao nosso Coelho. Ele temia ser expulso, porque se sentia *dependente* da generatividade da esposa. Em sua história de vida, a perda de um irmão não havia sido elaborada. Havia algo de uma agressividade não integrada nele, que ora o levava a “beber” (este abuso pode ser conectado à oralidade), ora se expressava na fantasia de ser expulso (como o irmão abortado). Possivelmente, a atitude familiar de silenciar sobre a perda desse *irmão não nascido* pode ter contribuído para que a culpa sentida pelo paciente, como menino, pela morte do bebê, se reativasse com tanta força no momento perinatal. Havia algo de uma certeza inconsciente na *crença* (BRITTON, 2003) que o informava que a esposa se vingaria dele, impedindo-o de ser pai e de conhecer o seu filho! Quem estava precisando *ser vingado* então? Lembremos que, quando um bebê pequeno nasce e morre, dizemos na língua corrente que ele não “vingou”.

No caso do homem do cartão amarelo, é interessante constatar como a fertilidade dessas associações encontrou um caminho de transformações no campo analítico por meio das metáforas em relação ao futebol. Este homem, diferentemente de nosso Coelho, trabalhou suas angústias num processo terapêutico. Depois de ter recuperado as memórias sobre a perda do irmão, ele pôde “traduzir”, à sua própria maneira, a agressividade ligada às suas terríveis fantasias. Curiosamente, esse processo se deu por meio de uma *rêverie* em torno do jogo e do ser *expulso de campo*. Quando surgiu, no *campo analítico*, a imagem do esporte que ele amava, “a criança

⁵⁴ É interessante o jargão popular que associa o ato do homem abusar do álcool com o *mamar*.

no adulto” (MINERBO, 2019, p. 40) conduziu-nos a associações (ficar no banco de reserva, ser expulso, estar com o cartão amarelo, cometer faltas) que nos trouxeram a possibilidade de trabalhar na transformação de suas angústias. O elemento do humor foi importante para que o homem do cartão amarelo pudesse relativizar as suas crenças baseadas em sua culpa inconsciente. Isso se deu por meio da simbolização, do trabalho e das emoções transformadas pela dupla analítica – e, por que não dizer – pelo fato de ele contar com um ambiente acolhedor, a esposa *que realmente o queria por perto*.

Assim, foi possível a ele discriminar entre o medo da expulsão e a verdadeira intenção da esposa quando discutiam por causa do seu uso de álcool. As fantasias de cunho sádico-anal ligadas à destruição e eliminação perderam força. Tivemos a possibilidade de preparar melhor a chegada do seu filho. Como pai, o homem do cartão amarelo pôde estar presente *em campo* e apoiar a parceira no processo de parto.

Quando o bebê nasceu, conectaram-se rapidamente. Passou a se encarregar do banho da criança e de colocá-la para dormir: eram as “tarefas” que, alegremente, gabava-se de fazer *ainda melhor do que a mulher*. A sobrevivência do filho (em contraste com o vivenciado na morte do irmão) e a possibilidade de cuidar dele foram realizações que contribuíram para sua sensação de ser um pai suficientemente bom. Apesar de ainda fazer uso de álcool, mais do que desejaria, diminuiu o comportamento explosivo e passou a encontrar muito prazer em cuidar de seu filho.

Se pudermos pensar livremente, comparando Coelho ao homem do cartão amarelo, temos que, nestes dois homens, existem questões que dão origem a comportamentos e “atuações” disruptivas para a relação conjugal, e que podem predizer entraves no ajustamento à situação perinatal. O desfecho destes “casos”, porém, é diferente. Se Coelho foge, o homem do cartão amarelo permanece em campo. Com a análise, ele passa a encontrar os próprios recursos e o que poderia se tornar uma grave descompensação, no sentido do abuso de álcool e da violência contra a parceira, se transforma numa atitude de engajamento e reivindicação de um lugar e um espaço junto ao bebê. Parece um ato banal, mas quando o pai pode dar banho no bebê e realizar as tarefas do cuidado; quando “se especializa” em algo que diz respeito ao filho, pode utilizar essa competência para elaborar componentes da inveja sentida em relação à esposa.

Pensando sobre essas questões, encontramos uma pesquisa que traz a dimensão da *inveja* e das tentativas de reparação do homem, conectadas a fantasias

como as descritas acima. Guidugli (2022), em seu doutorado, entrevista cinco pais em ocasiões diferentes e agrupa os elementos do discurso destes homens em várias categorias temáticas, uma delas denominada: “da identificação com a mãe à inveja”. A pesquisadora nos conta que um dos pais entrevistados dizia à companheira: “*Olha, você só vai se preocupar em dar o leite, porque o resto **sou eu que vou fazer**, sou eu que vou por pra arrotar, sou eu que vou limpar, sou eu que vou dar banho, sou **eu que vou fazer tudo...***” (p. 66, grifo nosso). Lembramos ao leitor que, no caso do homem do cartão amarelo, também havia o desejo de “fazer tudo” – para se sentir importante. Assim, banhar o bebê era uma função da qual ele não abria mão: e ele acreditava fazer isso *melhor do que a própria mulher*. Tornando-se indispensável, este homem atenuava a forte sensação de exclusão manifesta na fantasia de ser “expulso do jogo”.

Em outros fragmentos do discurso dos pais entrevistados por Guidugli, fortes aspectos de identificação (e inveja) relativos à gravidez e a amamentação das parceiras também foram assinalados: “[...] *se fosse eu, se eu pudesse, falava pra ela, eu teria tido na minha barriga...*”; “[...] *se eu pudesse acordar e dar de mamar eu daria, mas eu não posso fazer isso*” (p. 67).

Em suma, se destacamos os elementos em comum das vinhetas e casos descritos acima, percebemos que, ligado ao desejo do pai de *ajudar* a parceira, existe o anseio de vivenciar e até se apoderar, de alguma maneira, do processo materno. Guidugli enumera fatores concernentes ao binômio identificação/inveja nos pais entrevistados e a maneira como aqueles homens simbolizam e representam esses aspectos em seu discurso. É comumente observar como um dos sujeitos da pesquisa denuncia a importância do ambiente facilitador para permitir ao pai uma boa acomodação de seu papel neste momento. É necessário ao pai, que experiencia muitas angústias, ser reconhecido em sua importância, pela parceira e pela família.

O próprio pai está bem vulnerável, e... ele quer poder contribuir, quer poder ajudar, e se você distanciar esse pai, pelo menos o que quer ser pai, do filho, você machuca muito ele, né? Então qualquer coisa que você escuta nesse sentido tipo te ameaçando de estar longe do seu filho, isso machuca muito o pai (GUIDUGLI, 2022, p. 65).

Os achados de Guidugli, associados ao presenciado em nossa experiência clínica, nos levam a crer que, quando o pai pode se colocar em relação à limitação de não poder gerar o filho em seu ventre, encontrando formas de simbolizar, narrar e tolerar esse componente de inveja, ele vai tentar encontrar meios de estabelecer contato com seu filho de acordo com seus próprios recursos. Assim, transformando

seus sentimentos de exclusão no desejo de cuidar e de se aproximar do bebê, o pai descobre a sua importância, encontra seu caminho até o filho e o reconhece:

Desde a barriga, tanto é que ele nasce chorando e a enfermeira colocou ele na balança, falou alguma coisinha, e aí eu peguei e comentei: “filho, o pai tá aqui”, quando eu falei o choro estancou no ar, ele parou pra ouvir, (Pesquisadora: ele parou?) ele entendeu quem era... parou na hora, ele percebeu, falou: “poxa, tá aqui aquele que falava comigo lá quando eu tava na barriga”, então, meu, eu não sou de chorar, eu sou muito duro, muito duro na queda, mas a lágrima veio no olho na hora, porque eu percebi que ele sentiu que era eu...” (p. 64).

É a paternalidade como “cura” para a inveja e o medo de ser abandonado... é o filho chegando e trazendo ao pai a possibilidade de encontrar um sentido em cuidar (do filho e da *companheira*) fazendo-se presente neste processo.

Novamente, julgamos interessante fazer um contraponto entre Harry Angstrom, o nosso pai que foge, e os pais ternos da pesquisa de Guidugli. Eles desejam estar perto, empenham-se em exercer o cuidado com os filhos, refletem sobre suas necessidades e, como podemos perceber ao ler a tese da autora, *sentem-se gratos* por estar sendo escutados por ela. Apesar de não poderem amamentar, nem gerar bebês, esses homens, cujo desejo de reparar sobrepuja a inveja da generatividade feminina, parecem estar podendo aproveitar (e muito) a experiência de se tornarem pais. Afinal, *o menino que mora dentro do homem* pode perdoar-se pelos ataques que, em fantasia, perpetrou contra a própria mãe no passado, ao *tornar-se pai*.

Pensando nas transformações das emoções e no processo de construção da paternalidade nos pais supracitados, podemos inferir que algo se passa com o nosso “Coelho”, que não encontra em si mesmo a possibilidade de simbolizar suas angústias. O que estaria acontecendo com este pai, para quem colocar-se num lugar de ternura mostra-se tão difícil? É na conversa de Coelho com a mãe, quando ela despreza as mãozinhas de Nelson, que podemos encontrar uma “pista” para pensar sobre as raízes de suas dificuldades.

Lembramos ao leitor que, quando Harry tenta se redimir com a família, após retornar para casa, a Sra. Angstrom mostra ser uma mãe retaliadora, que não reconhece o valor do processo reparatório do filho (p. 54 deste trabalho). Desqualificando o neto, é o *filho e o seu produto* que ela ataca. Ela diz ao filho que o neto jamais poderá ser um bom jogador de basquete, ou seja: ele não poderá receber o legado de seu pai. Isso pode parecer um detalhe, mas nos informa sobre a natureza do desencontro que existe entre a dupla formada por Coelho e sua mãe. O sentido da

reparação, expresso nas ideias de Klein, considera a enorme importância dos objetos primários. A mãe de Coelho não reconhece e não valida o seu desejo de “consertar” o estrago causado por sua partida. Ela não consegue, neste momento, ser a mãe acolhedora que reconhece e encoraja os movimentos reparatórios de sua criança:

[...] quando os impulsos amorosos são predominantes e os gestos da criança, bem como seus produtos, podem ser recebidos pela mãe como ‘presentes’, o bebê tem a oportunidade de fazer reparações em relação à sua inveja e aos ataques perpetrados à mãe, atenuando as angústias por ele vividas (KLEIN, 1945/1996, p. 457).

Quando pensamos em Coelho, sua agitação e sua atitude diante do momento perinatal nos deixam perceber que falta a ele um espaço “interno” para a elaboração das angústias vividas. Essa dificuldade parece ter estado presente na relação com a mãe, pois, pelo menos no exemplo acima, vemos que a Sra. Angstrom não consegue ler, nem reconhecer, a legitimidade do “pedido de socorro” que o filho faz a ela. Nesse sentido, podemos pensar que o processo analítico do homem do cartão amarelo e as entrevistas da pesquisa, no caso dos pais “de primeira viagem” do trabalho de Guidugli, foram espaços de narratividade que favoreceram a construção da paternalidade daqueles homens. É interessante perceber o quanto tem faltado aos pais esses espaços de narratividade: eles se sentem invisíveis, muitas vezes, e disso se queixam à pesquisadora.

No caso clínico que trouxemos, encontramos o mesmo ressentimento, intensificado pela fantasia que o homem do cartão amarelo tinha de ser excluído – literalmente – da vida da esposa e do filho. Este pai queria muito se sentir “importante”. Quando pôde encontrar prazer em cuidar da sua parceira e passar *junto com ela* pelas dores e delícias do processo gravídico puerperal, as fantasias primitivas que sobrecarregavam seu psiquismo puderam ser atenuadas. Mas o processo analítico teve seu papel, ao ajudar esse homem a entender a destrutividade daquelas fantasias e interromper o processo que se iniciara por meio do seu abuso de álcool e da escalada de violência que estava começando a existir entre o casal.

A atitude prestativa do pai, colocando-se diante da mãe e do bebê como presença e suporte, e sua abertura para vivenciar as emoções dos contatos iniciais com o recém-nascido são caminhos que o pai terno encontra para poder lidar com a intensidade da crise que pode se configurar na fase perinatal.

Para concluir, é interessante lembrar como podemos encontrar os elementos acima citados *na imensa gama de profissionais que se ocupa dos atendimentos à perinatalidade*. Não são só os pais que se afetam pelos espantosos processos de gestação, parto e amamentação. Aqueles construtos kleinianos podem nos ajudar a pensar também na dificuldade que se encontra em homens e mulheres, na equipe de saúde, e nas histórias de violência obstétrica, na idealização do parto e da amamentação.

Na prática do cuidado à perinatalidade, encontramos muita iatrogenia, e às vezes, uma certa falta do mais simples bom senso, como nos casos em que a amamentação por “livre demanda” é recomendada a crianças muito mais velhas. É caso de se pensar, então: essa “livre demanda” é para quem? ⁵⁵ Da mesma maneira, certas condutas da própria ordem reinante na obstetrícia, psiquiatria perinatal e na pediatria, todos os especialistas, numa lista que não para de crescer, que pensam entender tudo sobre o corpo feminino, a amamentação, o cuidado dos bebês – *roubando da mulher* o seu protagonismo. No discurso técnico e na medicalização dos processos de parto⁵⁶ e maternidade algo de um *sadismo*, de um *desejo de se apropriar* da generatividade da mulher, parece denunciar uma verdadeira dificuldade em suportar, apoiar, enfrentar e acompanhar o processo gestacional, puerperal, e o início da vida. Afinal, o desejo de conhecer e se apoderar do corpo materno é marcado por uma paixão:

Ao longo da vida, todos os objetos que criam situações de nutrição, de sentir-se amado [...] são objetos *doadores de vida* e são eles que ajudam a alimentar e despertar a pulsão de vida. Os objetos doadores de vida teriam então como sua matriz o seio materno nutridor em seu sentido mais amplo, que inclui a voz materna e todos os gestos de cuidado que despertam as zonas erógenas do recém-nascido, que contornam seu corpo e tecem a realidade psíquica e sensorial e o senso estético. Todos eles são objeto de inveja e desejo (CINTRA, 2019, p. 21).

E a **inveja** que o corpo materno provoca nem sempre é sublimada satisfatoriamente por aqueles que se propõem a dele cuidar. Para Cintra (2019), quando a inveja se torna *desejo* pelo objeto bom, há um investimento que ainda se mantém em direção ao objeto. Porém, à medida em que a pulsão de morte trabalha,

⁵⁵ “Livres demanda” é um termo que diz respeito à amamentação do bebê nos primeiros meses, no sentido de a mãe adaptar-se à demanda deste pelo seio, no momento em que ele ainda não é capaz de suportar períodos maiores sem se alimentar e não pode também se adequar a horários mais espaçados entre as mamadas, como ocorre com os bebês maiores.

⁵⁶ Para Folino (2014, pp. 170-171), o alto índice de cesarianas no Brasil também seria um reflexo da medicalização do processo de parto.

imiscuindo-se nos investimentos por meio de uma forte ambivalência, podemos encontrar a depreciação do objeto bom, e por vezes o seu desinvestimento. A dimensão desejante da inveja, como forma de potencialidade, pode estar ligada à motivação inconsciente que leva muitos profissionais da saúde a desejar cuidar da mãe e do bebê, praticando a obstetrícia, a pediatria, a consultoria de amamentação e o atendimento ao parto na doulagem, por exemplo, como formas de reparação. Daí a importância da dimensão da *reserva nos cuidados*, conforme pensada por Figueiredo (2009), na medida em que coloca um limite ao desejo desses profissionais de fazer o bem “a qualquer custo” deixando, muitas vezes, de considerar a subjetividade dos indivíduos em questão.

2.3 VOCÊ TEM MEDO DE QUÊ? O MEDO À MULHER, EM WINNICOTT

Após termos pensado a “posição feminina” segundo a formulação kleiniana, nosso percurso, dessa vez, busca a teoria de autores que descrevem, na clínica, uma variedade de defesas articuladas diante do *feminino*. Veremos que este “feminino”, ou, melhor dizendo, essa *feminilidade*, é a tradução da situação de desamparo, fragilidade e indiferenciação, que caracteriza a condição humana no início da vida. A feminilidade, sob esse ponto de vista, pode ser associada à penetrabilidade e orificalidade; ou pelo contrário, à figura poderosa de uma mãe a quem se deve temer, odiar e controlar. Esses parecem ser “os dois lados da mesma moeda” das representações de uma feminilidade enigmática e temida, que, de alguma forma, apresenta um componente desorganizador para a subjetividade humana. Dentre esses autores, Winnicott é aquele que escreve MULHER com as letras maiúsculas. Este autor nos traz a questão do medo da mulher, um medo universal, que é ligado ao não reconhecimento da dependência absoluta que caracteriza nossa vinda ao mundo. Winnicott parece indicar que, de fato, sob o manto do medo à mulher está a questão da *dependência*.

As ideias de Winnicott podem nos ajudar a entender um certo aspecto deste *enigmático* que se configura no contato com o materno e o bebê. Se existe um *medo*, é possível entender melhor a violência, a necessidade de controle e de dominação dos processos gestacionais, parto e início da vida a que nos referimos há pouco. Talvez, a tentativa de controle seja uma reação defensiva que, em última instância, busca dominar e controlar o ambiente para mitigar esse *medo*. Após termos pensado

um pouco sobre a inveja do feminino, que Klein tão bem articula, e pode ser útil para pensar a perinatalidade sob o ponto de vista do pai, vamos nos voltar sobre o pensamento de Winnicott.

Para Winnicott, a fase inicial da vida “não é recordada” ou reconhecida, mas, por outro lado, pode ser observada somente “quando o medo da MULHER representar o primeiro estágio desse reconhecimento” (WINNICOTT, 1950/2011, pp. 263-264). Notemos o recurso estilístico do autor, ao escrever a palavra *mulher* em caixa alta.

Que medo é este? Quem é essa mulher, tão temida? “MULHER é a mãe não reconhecida dos primeiros estágios de vida de todo homem e toda mulher” (WINNICOTT, 1964/2011a, p. 193). Observe, leitor, a expressão “mãe não reconhecida”, que não foi colocada nesse texto por acaso. Essa expressão se refere à mãe dos primeiros tempos, ainda totalmente confundida com o ambiente, e que não é percebida *como uma pessoa*, pelo bebê muito pequeno. Isso nos leva a uma pergunta. Por que o contato, ainda que fugaz, com esse estado de dependência traz à tona a angústia, o medo? Percebemos os sinais dessa angústia na clínica perinatal. Winnicott a relaciona com o recalque dos conteúdos representacionais e vivências de nossa situação de dependência inicial. Este forte recalque pode nos aproximar da raiz dos temores sentidos por mães e pais no contato com seu bebê. Haveria muitas formas de defesa, ou transformação, desse conteúdo primitivo recalcado.

É conhecida a raiz desse medo da MULHER. Relaciona-se com o fato de que na história mais remota de todo indivíduo que se desenvolve adequadamente e é são, e que foi capaz de se encontrar a si mesmo, existe um débito para com uma mulher – aquela que se devotou a ele quando ele era bebê, e cuja devoção foi absolutamente essencial para o desenvolvimento saudável desse indivíduo. Essa dependência original não é recordada, exceto **quando o medo da MULHER representar o primeiro estágio desse reconhecimento** (WINNICOTT, 1950/2011, pp. 263-264, grifo nosso).

Convidamos o leitor agora a uma pequena digressão sobre alguns conceitos winnicotianos. Para compreender melhor o recalque de que ele nos fala é preciso recordar que, na fase inicial da vida, a dependência do bebê é absoluta, e o ambiente materno é de crucial importância.

2.3.1 O caminho do bebê rumo à independência

Elsa Dias, com base em Winnicott, sintetiza as tarefas que caracterizam os estágios iniciais de dependência no recém-nascido. A integração no tempo e no espaço, a habitação da psique no corpo, o início das relações objetais e a constituição do si mesmo são conquistas que dependem da qualidade dos cuidados recebidos no início da vida. Não é pouco! Essas tarefas, que jamais se completam, pertencem à linha identitária do EU, e se referem ao sentimento de existir, de sentir-se real, de chegar a estabelecer-se como uma identidade unitária (DIAS, 2008). Podemos daqui depreender que essas aquisições se articulam em torno da ideia da *constituição de um self* que precede, inclusive, o desenvolvimento da maioria das capacidades e mecanismos de defesa que, mais tarde, caracterizarão as funções egoicas da criança. Em suma, a dependência absoluta refere-se ao fato de o bebê depender inteiramente da mãe para *ser*. Por isso, não é pouco desorganizador entrar em contato com a imensa responsabilidade de assumir os cuidados de um bebê.

Notemos como é radical o pensamento de Winnicott. Sua lente, quando foca os primórdios da existência, recai sobre a ideia de uma indiferenciação absoluta entre o bebê e a mãe: para Winnicott, *o bebê não existe!* “Eu disse uma vez: ‘não há tal coisa como um lactente’ significando, é claro, que sempre que se encontra um lactente se encontra o cuidado materno, e sem cuidado materno não poderia haver um lactente” (WINNICOTT, 1960/1983a, p. 40).

Dos cuidados recebidos nesses estágios, depende a sensação de continuidade do ser numa pessoa, na medida em que é somente a adaptação suficientemente boa do ambiente que pode permitir que a criança caminhe paulatinamente no sentido da própria diferenciação. Nos momentos iniciais, “*o outro não é um outro, separado ou externo*” (DIAS, 2017, p. 111, grifo nosso).

A contrapartida dessa fase inaugural da vida, de indiferenciação radical, é o desenvolvimento do bebê, passando por vários estágios, até chegar a ter uma representação de si mesmo como um eu integrado, quando poderá dizer “Eu Sou”⁵⁷. Curiosamente, a integração e a discriminação entre o si mesmo e o outro, próprias

⁵⁷ Embora sejam conceitos diferentes, existe uma ligação entre o estágio do “eu sou”, que Winnicott descreve, e a posição depressiva de Melanie Klein, como o próprio autor aponta: “O estágio ao qual me refiro como ‘eu sou’ está intimamente ligado ao conceito de posição depressiva de Melanie Klein. Neste estágio a criança pode dizer: ‘Eu estou aqui. Eu sou o que está dentro e o que está fora é não-eu’” (WINNICOTT, 1971/2019 b, p. 207).

desse estágio, têm também um componente paranoide, na medida em que as fronteiras do eu se mantêm à custa da expulsão de tudo o que pode ameaçar a integridade desse Eu, a partir de fora. Segundo Elsa Dias (2017, p. 229), esta integração do estágio do “EU SOU” só se estabiliza por volta dos dois ou três anos de idade. Então:

Todo o não-eu é **repudiado** como externo. A integração da personalidade da criança aponta para uma notável mudança no sentido da independência. À ousadia de ser um si-mesmo, que tem agora fronteiras demarcando um território, pertence necessariamente o **repúdio ao não-eu** (grifo nosso).

Atenção, leitor, à palavra “repúdio”. Esse é termo usado por Freud em seu importante texto de 1937, que transcrevemos logo a seguir. Por ora, desejamos salienta, em Winnicott, a articulação entre a dependência e a indiferenciação (próprias dos estágios iniciais) e a conquista das fronteiras psíquicas representadas pelo estágio do EU SOU. Aqui, a palavra *repúdio* é utilizada para afirmar que, de modo a constituir-se como pessoa, o bebê tem de repudiar... a mãe⁵⁸.

“O indivíduo possui agora uma membrana limitadora, de modo que o não-ele ou não-ela é repudiado. E é externo” (WINNICOTT, 1955/2012, p. 217).

Com Winnicott compreendemos que a identidade, conquistada a duras penas, é salvaguardada por meio de um recalque das vivências mais arcaicas, pré-subjetivas em suas origens. Quando o autor nos diz que a fase da dependência inicial, que não é recordada, vem à tona sob a forma de um medo, refere-se ao necessário recalque das vivências de dependência e passividade absolutas do bebê. O medo à mulher poderia, assim, ser *tradução* do terror da perda da identidade, da fratura na integridade das fronteiras do Eu.

É importante notar que, quando Winnicott fala do medo à MULHER, não se refere ao período perinatal, mas à constituição subjetiva do indivíduo, que se torna “maduro” a partir da elaboração de seus aspectos primitivos. Winnicott conecta, por exemplo, o medo à MULHER a questões da cultura e da sociedade, relacionando-o à

⁵⁸ Luís Claudio Figueiredo aponta que o termo **mãe** em inglês pode ser decomposto de modo a evidenciar a existência do OUTRO que a mãe representa para o bebê “*m- other*”. A escansão da palavra em inglês “*m- Other*” evidencia também o lugar do outro que desperta o desejo materno para além do domínio da criança. “O “não-mãe” (a “mãe má”, o pai, o mundo) é permanentemente o horizonte do objeto primário” (FIGUEIREDO, 2009, p. 40).

busca de figuras políticas fortes e ditatoriais⁵⁹ para gerar na massa a sensação de proteção e segurança contra o desamparo que nos constitui.

A chegada de um filho, porém, a nosso ver, é um período em que o medo à MULHER pode recrudescer, pela situação regressiva da gravidez e parto. O cuidado com o bebê também pode gerar emoções intensas; ao passo que, imaginariamente, a maternidade e a paternidade podem ser vividas como “reencenações” – ou talvez seria melhor dizer “reencarnações”- das imagos primitivas presentes no inconsciente dos pais. Nesse momento, vivências que, muitas vezes, não foram sequer representadas psiquicamente por eles, são reatualizadas.

2.3.2 Implicações clínicas

Conectando a representação dessa mãe-MULHER temida e os estágios iniciais da vida, Winnicott pode nos ajudar a pensar sobre o adoecimento de homens e mulheres diante do ciclo gravídico-puerperal, na medida em que a *identificação* dos pais ao seu bebê pode trazer de volta, no psiquismo parental, a indiferenciação e fragilidade do início da vida. Lembremos que o estado não integrado do neonato o torna sujeito a experimentar as agonias primitivas (WINNICOTT, 1974/2005), descritas por Winnicott como cair para sempre e se desintegrar. Tal vulnerabilidade se liga à ansiedade despertada no adulto ao entrar em contato com o bebê, na medida em que este, de uma forma muito primitiva, comunica seu desamparo a seus pais⁶⁰. É assim que os cuidadores dos pequenos bebês descrevem o “medo da MULHER” (no sentido descrito por Winnicott) que pode ser sentido como medo de estar com o bebê, e até como medo do BEBÊ: um medo que pais e mães percebem como completamente “ilógico”, mas que não conseguem deixar de sentir. Os pais muitas vezes relatam não conseguirem ficar sozinhos com a pequena criança, serem tomados pelo temor de sua morte, sentirem-se aterrorizados pelo seu choro, entre outros. Lembremo-nos do sentimento de terror de Coelho ao ver o filho de dois anos mergulhar no sono: “ele teme que se rompa a membrana da vida e Nelson mergulhe

⁵⁹ O que é muito interessante para pensar em nossos tempos atuais, com regimes totalitários se fortalecendo pelo mundo todo. Recomendamos o artigo de Elisa Cintra, “Complexo de Castração e Complexo do *Nebenmensch*”, no qual a autora discute amplamente esses aspectos, baseada no texto freudiano (CINTRA, 2021).

⁶⁰ O leitor encontrará as formulações de vários autores que pensaram esses fenômenos, como Victor Guerra, com o complexo do arcaico, Roussillon, com a identificação narcísica de base e o próprio Freud, com o complexo do *nebenmensch*, no apêndice desta dissertação. Em relação a essas angústias precoces, sustentar e conter seriam, portanto, as funções primordiais do continente materno.

no olvido” (p. 204). Esse medo também pode ser transformado em superproteção do bebê, dificuldade de deixar a criança aprender a dormir sozinha, ou impasses difíceis de superar, como no desmame que nunca acontece.

O medo da dependência, medo da potência da mãe e o medo de ser dominado podem ser encontrados em muitos pais, mulheres e mães, e até nos profissionais de saúde que deles cuidam, às vezes de forma intervencionista e dessubjetivante.

Frid (2019, p. 97), preocupada com a carga emocional dos cuidadores de pequenos bebês nas instituições, refere que:

No cuidado com um bebê ou com uma criança, os aspectos fantasmáticos estão presentes e a cuidadora sempre mantém um diálogo imaginário [...] entre o bebê que temos nos braços e o bebê que um dia fomos [...]. A compreensão da dimensão subjetiva no trabalho do profissional da primeira infância é fundamental para manter-se a qualidade do cuidado.

A autora salienta como o mergulho em climas afetivos remotos é custoso para o cuidador, e como a *dimensão da reserva* pode preservá-lo da invasão dos conteúdos fantasmáticos presentes nesses atendimentos. Essa reserva nos cuidados (FIGUEIREDO, 2009), como já comentamos, é uma capacidade necessária aos sujeitos que lidam com bebês, mães e famílias, em relação aos desejos reparatórios que podem estar presentes de forma inconsciente em seu modo de lidar com seus pacientes.

Após termos nos debruçado sobre o pensamento de Winnicott, podemos já compreender melhor a conexão entre a fragilidade do bebê e o medo que, quando adultos, conservamos da situação de indiferenciação e dependência que marca o início da vida. Paradoxalmente, as representações sobre o ser feminino frágil, penetrável e castrado são o negativo dessa figura de MULHER que tanto tememos, segundo Winnicott. A mulher de que nos fala Winnicott é a mãe poderosa dos primeiros tempos, da qual dependemos completamente para viver. Nesse sentido, o bebê é que é *feminino*, no sentido de sua indiferenciação radical.

2.4 O REPÚDIO À FEMINILIDADE, DE FREUD A ANDRÉ GREEN

Winnicott dizia que, em qualquer campo, “é impossível ser original, a não ser com base na tradição” (WINNICOTT, 1971/2019 c, p. 160). No conceito acima descrito de medo à MULHER, vimos que o *medo* é a transformação de uma situação recalçada: a condição de desamparo do início da vida. Seguindo este pensamento,

chegamos ao repúdio que se liga à nossa constituição subjetiva, paranoide em suas origens, visto que as fronteiras do eu se erguem por meio da expulsão e recusa do externo e do “outro”. Essas ideias já se encontram presentes no texto freudiano⁶¹.

Voltemos agora a Freud para investigar a conexão entre as formulações de Winnicott e o *repúdio à feminilidade*. Leiamos as palavras de Freud:

Tanto em análises terapêuticas quanto em análises de caráter, observamos que dois temas vêm a ter preeminência especial e fornecem ao analista quantidade inusitada de trabalho. Logo se torna evidente que aqui um princípio geral está em ação. Os dois temas estão ligados à distinção existente entre os sexos; um deles é tão característico dos homens quanto o outro o é das mulheres. Apesar da dessemelhança de seu conteúdo, há uma correspondência óbvia entre eles. Algo que ambos os sexos possuem em comum foi forçado, pela diferença entre eles, a formas diferentes de expressão. Os dois temas correspondentes são, na mulher, a inveja do pênis – um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino – e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem. O que é comum nos dois temas foi distinguido pela nomenclatura psicanalítica, em data precoce, como sendo uma atitude para com o complexo de castração. Subsequentemente, Alfred Adler colocou o termo ‘protesto masculino’ em uso corrente. Ele se ajusta perfeitamente ao caso dos homens, mas penso que, desde o início, ‘repúdio da feminilidade’ teria sido a descrição correta dessa notável característica da vida psíquica dos seres humanos (FREUD, 1937/1996, p. 163).

De que *feminilidade* Freud estaria falando?

Na citação acima, Freud associa a inveja *do pênis* e o *protesto viril* com as mais difíceis resistências ao processo analítico, reconhecendo algo que faz parte da natureza humana, algo que será repensado por muitos autores depois dele.

Um desses autores (ANDRÉ, 1996) entende que, em sua formulação, Freud aponta, depois de muitos anos de prática clínica, o paradoxo da instauração da situação analítica. Por conta dos seus aspectos regressivos, da regra fundamental e da assimetria característica dessa relação, a situação analítica remete o paciente à vivência de impotência e *penetrabilidade* da criança diante do adulto. Abrir seu *inconsciente* ao outro pode ser assustador e desorganizador, e é natural que se resista, que se resista sempre, a essa intrusão. Então, pode ser que o “repúdio à feminilidade” se trate de algo mais do

⁶¹ Oliveira Filho faz uma revisão sobre as raízes do ódio nas relações objetais e afirma, baseado em Freud: “O ódio surge da repulsa do Eu narcísico ao mundo externo[...] pois tudo que é bom está nele, internamente, ao mesmo tempo em que o mau está fora, na exterioridade – e alheio a ele – pertencendo ao objeto” (OLIVEIRA FILHO, 2021, p. 53).

que o medo da *castração*. Nesse sentido, o “repúdio à feminilidade” e o repúdio ao não-eu de Winnicott encontram alguns pontos de intersecção.

Os autores que trazemos agora, cada um a seu modo, enfatizam algumas nuances dessa mesma intersecção. A intuição freudiana de 1937, no artigo “Análise terminável e interminável”, parece ser um ponto de partida para ligar as representações do feminino a defesas que se articulam em relação ao desamparo, à passividade e à dependência do outro.

2.4.1 A lógica fálica

Apresentamos agora ao leitor o pensamento de um autor brasileiro, que traz uma visão inspirada pela escola francesa de Psicanálise e sugere, também, uma releitura do texto de Freud. Para Birman (2006), a evolução do pensamento psicanalítico, numa perspectiva histórica, caminha para sofrer uma inflexão a partir do texto de 1937, quando as formulações iniciais de Freud, dentro de uma “tradição do patriarcado”, encaminham-se para o reconhecimento das origens *femininas* da subjetivação. “Mirando” nas resistências ao trabalho analítico, Freud acerta num ponto crucial: a importância da identificação com a mãe nos primórdios da existência humana. A partir daí, a inveja do pênis e o protesto viril são ideias ampliadas e transformadas enormemente.

[...] o discurso freudiano promoveu [...] duas soluções para a nossa problemática. Pela primeira [...] a figura do masculino estaria sempre na origem e seria, além disso, o signo da perfeição, como em toda a tradição do patriarcado. Pela segunda, no entanto, enunciada apenas no final daquele discurso, a feminilidade estaria na origem, invertendo, pois, a tradição do patriarcado. Nesse contexto, as figuras do masculino e do feminino seriam defesas articuladas em torno do falo contra a feminilidade originária, de maneira que a feminilidade estaria no fundamento do erotismo e seria a forma básica de subjetivação [...] No primeiro modelo, a figura do masculino é sempre a origem [...] **No entanto, em “Análise com fim e análise sem fim”, o discurso freudiano assumiu uma outra direção de leitura, na qual a feminilidade passaria a se inscrever agora na origem [...] uma forma de sexo originário, diferente, pois, do masculino e do feminino, um outro sexo, justamente porque não seria marcado pelo falo. Por isso mesmo, **homens e mulheres construídos pela lógica fálica repudiariam e teriam horror da feminilidade** (BIRMAN, 2006, p. 175, grifo nosso).**

Citando o texto freudiano, Birman sustenta a hipótese de que as figuras de gênero podem ser, sob certa ótica, compreendidas como defesas perante uma feminilidade originária, que se liga ao desamparo do início da vida. Notemos essa

estranha *feminilidade* que é objeto de repúdio *para homens e mulheres*. Repúdio este que, segundo Birman, não se assenta apenas numa base biológica ou mesmo psíquica, pois se funda numa longa tradição simbólica, que “toma corpo” em nossa história. Ele nos mostra que, na verdade, a nossa *pré-história* estaria assentada no desamparo, na indiferenciação e num outro tipo de “lógica”, necessitando de outras coordenadas para ser compreendida (BIRMAN, 2006, p. 175).

A trilha dessa ideia nos parece relevante para compreender uma miríade de fenômenos da clínica. Haveria, de fato, um *repúdio* a constituir a subjetividade, em torno da separação eu-outro, e que se utilizaria da lógica fálica *para dar suporte a essa diferenciação*. Para Birman, a feminilidade originária, ligada ao desamparo, é diferente das ideias de feminino e masculino determinadas pela cultura, é “*um outro sexo*”.

Já o pensamento de André Green, que também passeia pelo texto freudiano, parece melhor colmatar as ideias de Freud e Winnicott. Isso porque conecta, claramente, o repúdio à feminilidade à ideia do “materno”. Vemos que aqui, também, como a feminilidade, pensada como a expressão da indiferenciação “eu/outro” do início da vida, segue englobando os sentidos da passividade, da dependência e do medo. Esses conteúdos são articulados ao materno, à relação que tem o bebê com o seu outro materno: “Nunca terminaremos de repudiar o que permanece em nós da marca materna. Por isso, propus alterar a fórmula (freudiana). Seria, efetivamente, o materno o objeto do repúdio” (GREEN, 2000, p. 50).

A “fórmula” freudiana, que Green quer alterar, é justamente o *repúdio à feminilidade* do artigo de 1937. Green recorda que, para os dois sexos, a evolução geral da teoria psicanalítica se volta para o papel da mãe como objeto primário e fonte das primeiras identificações, propondo um recentramento, a partir do feminino, da questão da bissexualidade. A mãe, então, é quem vem primeiro.

Em suma, o que podemos perceber, no discurso dos autores acima citados, é o modo como parecem caminhar, com Freud, para chegar a isto:

Quando Freud escreveu em 1897 que “o elemento essencial recalcado é sempre o feminino”, ou quando, muito depois, fez da “recusa da feminilidade” um dos grandes entraves do processo analítico, foi onde se aproximou mais de perto de uma articulação entre a feminilidade e a alteridade, entre o feminino e o outro no interior de nós (ANDRÉ, 1996, p. 115).

Enquanto Birman nos ajuda a compreender a função da lógica fálica para organizar as sexualidades e obturar o que poderia haver em nós de uma feminilidade primária e repudiada, Green nos lembra da questão da alteridade, do outro materno, que também precisamos repudiar. As ideias desses dois autores, sem se sobreporem, podem ser entendidas de forma complementar. Sintetizando esses aspectos, Jacques André (1996) nos traz sua leitura do texto “Análise terminável e interminável”, “traduzindo” Freud à luz dos nossos conhecimentos atuais. Para André, a situação analítica, assimétrica por natureza, faz lembrar a condição do bebê totalmente dependente: o bebê que se deixa manipular pela mãe. André encontra, no pensamento de Freud, uma conexão entre a condição primeva do bebê e a ideia de *feminilidade*.

É interessante como encontramos a relação entre o *feminino* e o Outro também em alguns trabalhos antropológicos, como o leitor perceberá na leitura de alguns artigos revisados no nosso estudo sobre a couvade paterna. Esse repúdio ao *outro materno* pode “atrapalhar” nosso desenvolvimento (embora seja essencial para que ele aconteça!) conquanto não encontre vias de transformação psíquica:

[...] o nascimento psíquico acontece tanto na direção de desprender-se da matriz quanto na direção de voltar a ela e de aprender a ligar-se de novas maneiras. Aprender a separar-se é tão importante quanto suportar o desamparo decorrente de estabelecer novos laços significativos (CINTRA, 2018, p. 691).

Em suma, na fase perinatal, a questão dos laços, dos cortes e da reconfiguração subjetiva, exigida pelo momento, demanda do pai e da mãe que se coloquem, que se posicionem diante do medo e do repúdio à alteridade que, de certa forma, nos constitui.

2.5 SER HOMEM É NÃO SER MULHER? A SITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA FUNDAMENTAL

Nasci nu.

(Murilo Mendes, 2001, p. 65)

Após termos pensado sobre o medo à mulher a partir de diversos autores que, inspirados em Freud, revisitaram o repúdio à feminilidade, resta entender de que modo a transição para a parentalidade pode ameaçar a identidade masculina do pai. Encontramos em Paulo Carvalho Ribeiro um elemento a mais para compreender certas

nuances dos impasses diante da feminilidade que nos ajudam a refletir sobre essa questão (RIBEIRO, 2000). Ribeiro (2012) se debruça sobre a questão da masculinidade em alguns de seus trabalhos e nos ajuda a formular a hipótese segundo a qual, se a própria identidade do homem não se alicerça numa bissexualidade mais ou menos integrada no psiquismo, a situação de dependência (a qual, podemos acrescentar, é reativada diante da passividade do bebê, que ele revive enquanto pai ⁶²) pode se tornar uma realidade insuportável.

Assim, Winnicott nos traz o *medo*, Green nos traz o *repúdio*, mas Paulo Ribeiro (apoiado em Laplanche) ilumina o risco que a situação perinatal pode trazer para a identificação masculina do pai. Se essa identificação corre algum risco no processo de parentalização, é de se esperar que defesas narcísicas venham em seu auxílio no sentido de afastar o perigo... perigo de sentir-se mulher, frágil, de ser bebê ou mulher: enfim, não-homem. É à lógica fálica que Ribeiro se refere, no sentido mesmo da colocação de Birman, que citamos acima. Ser muito “masculino” pode ser um modo de se colocar na vida, de forma defensiva, em relação a uma *identificação feminina primária*⁶³.

E o momento perinatal, por assim dizer, pode ser um disparador para a revivescência de conflitos ligados a essa identificação.

Acreditamos, assim, que uma certa *masculinidade*, se erigida como *defesa*, pode se tornar uma armadura a afastar o pai do coração pulsante do bebê, que espera dele o gesto de ternura necessário para atenuar sua situação de desamparo⁶⁴.

Para pensar melhor essa *identificação feminina primária*, recordamos ao leitor que, no início da sua vida, o bebê é todo de sua mãe... ele é a sua mãe. O fato de nossa primeira identificação se dar nessa condição de passividade absoluta, ocorre num momento em que o bebê, ainda não “sexuado” (momento pré-edípico), também não se constituiu como um “eu”. Nesse sentido, todo bebê é “feminino” e, no bojo dessa ideia, Laplanche (RIBEIRO 2012) coloca a identificação feminina primária e a situação antropológica fundamental. Elas se referem à primeira identificação com o continente materno e à extrema passividade do bebê, que recebe as mensagens enigmáticas da sexualidade inconsciente da mãe, sem ter meios para decifrá-la. Se,

⁶² Para Landau (2019), o pai revive seu vínculo placentário original por meio da parceira e do filho.

⁶³ Lembremo-nos de Aberastury e Salas (1984), para os quais o primeiro desejo de paternidade do homem é, na verdade, desejo de *maternidade* (p. 69 deste trabalho)

⁶⁴ Afinal, *cuidar* é coisa para mulheres!

para Winnicott, a palavra que liga o *medo* da mulher ao início da vida é “dependência”, aqui falamos da palavra “sedução”. Para Laplanche (2015, p. 106):

[...] a sedução não é uma relação contingente, patológica – ainda que possa sê-lo – e episódica. Ela se baseia na situação da qual o ser humano não pode escapar, que chamo de situação antropológica fundamental.

A situação antropológica fundamental é essa relação profundamente assimétrica que se dá entre o bebê e o adulto que dele cuida. Nessa relação, as mensagens enigmáticas, portadoras de conotações do sexual recalcado do adulto, chegam ao *infans*, que sempre fracassa na tradução desses “enigmas”: é o “mal-entendido originário” que caracteriza o início da vida humana (ANDRÉ, 2012, p. 763).

Consideramos importante desenvolver melhor esta ideia por considerá-la uma chave de sentido útil para pensar a situação perinatal. O bebê é invadido pelo inconsciente do adulto antes mesmo de ter podido constituir as fronteiras do que um ele um dia chamará de “eu”. Essa situação tem uma dimensão traumática, porém estruturante, e faz parte do processo de subjetivação humana. Mas, por outro lado, também determina que a sexualidade – a pulsionalidade – seja despertada na criança a partir do adulto. Assim se explica, de acordo com o pensamento de Laplanche, a *origem feminina da sexualidade* em homens e mulheres:

[...] consideramos a situação de exposição dos bebês humanos à penetração generalizada, inerente à sedução originária, o fator decisivo na constituição da identificação feminina primária. As origens femininas da sexualidade confundem-se com o processo de tradução/simbolização das vivências de passividade e suscetibilidade à intrusão, anteriores ao surgimento das instâncias psíquicas, logo anteriores à existência do eu nos bebês (RIBEIRO, 2012, p. 448).

Como essas ideias se articulam à questão da feminilidade e da masculinidade?

É importante entender, como já nos disseram também Birman e Green, que a feminilidade de que nos fala Laplanche, no sentido de uma identificação primária com a mãe e da situação do bebezinho totalmente exposto aos adultos que dele cuidam, pouco tem a ver com as construções de gênero e a sexualidade que determina o erotismo “adulto” de homens e mulheres⁶⁵. Porém, observamos que, de algum modo, a situação originária do bebê acaba por se ligar às representações do feminino em

⁶⁵ A bem da verdade, a pulsionalidade primitiva está, sim, presente e atuante nas fantasias sexuais dos “adultos”, como, por exemplo, na fantasia de “um corpo para dois”, expressa nos trabalhos de Joyce McDougall (MC DOUGALL, 1983, p. 58).

fases posteriores da vida. E aí está uma das chaves para compreendermos por que uma certa “masculinidade” se divorcia, de forma radical, das práticas do cuidado.

Nossos autores conectam a *feminilidade*, e a constelação de sentidos a ela ligada, como uma tradução (posterior) da situação primeva de todo bebê. A ideia da tradução se liga à noção do “*après coup*”, segundo a qual uma experiência vivida é interpretada somente posteriormente pelo indivíduo. Assim, há um recalque, um apagamento da situação originária em que viemos ao mundo: nisso parecem concordar todos os autores que trouxemos até agora. Essa situação (quer a chamemos de “desamparo”, quer a chamemos de “situação antropológica fundamental”) está ligada a uma passividade diante do outro materno. Mais tarde, quando a criança incorporar os significantes ligados à lógica fálica, entenderá a *feminilidade* como uma possível tradução dessas vivências iniciais.

Ribeiro e Belo (2016, p. 125) sintetizam essa curiosa construção de uma *metáfora feminina*:

[...] a passividade da situação originária **é traduzida em termos de feminilidade** e essa tradução já é parte do recalque dos aspectos mais mortíferos (daquela) passividade (grifo nosso).

Podemos assim configurar melhor alguns aspectos defensivos da masculinidade⁶⁶, ou de pelo menos parte dela, se erigida como um repúdio ao passivo, ao indiferenciado, e talvez ao mais desorganizado em nós – prazer sem nome e terror sem nome. Essa seria, enfim, a origem “feminina” – porque penetrável e “enxertada” – da sexualidade. A situação do bebê, pré-subjetiva em suas origens, carrega a marca de um prazer e um gozo mortífero: algo do que nos fala Schreber em seu delírio ligado ao tornar-se mulher e sofrer todo tipo de humilhações em seu corpo⁶⁷ (LATTANZIO; RIBEIRO, 2012).

Se a orificalidade e a penetrabilidade da situação originária estão na origem da nossa subjetividade, a necessidade da lógica fálica poderia ser pensada, assim, como

⁶⁶ E da feminilidade orientada pela lógica fálica.

⁶⁷ O caso do presidente Schreber é analisado por Freud a partir das famosas memórias desse jurista. Schreber apresentava delírios paranoides de conteúdo místico: acreditava que se tornaria a mulher de Deus. Esses delírios foram relacionados à figura paterna e à homossexualidade recalçada em Schreber (FREUD, 1911/1984). É interessante reler este caso, sob a luz das ideias de Laplanche, pensando no relato deste homem sobre a “inevitabilidade” de sua transformação em *mulher*. “A parte mais essencial da sua missão redentora é ela ter de ser precedida por sua transformação em mulher. Não se deve supor que ele deseje ser transformado em mulher, trata-se antes de um ‘dever’ baseado na Ordem das Coisas, ao qual não há possibilidade de fugir” (FREUD, 1911/1984, p. 32). De fato: não há como fugir da situação antropológica fundamental, “situação da qual o ser humano não pode escapar” (LAPLANCHE, 2015, p. 1016).

proporcional ao recalque da feminilidade originária em cada pessoa. A masculinidade defensiva poderia estar na base da violência, da rigidez e da necessidade de afirmação de uma diferença que move em nossa cultura o imaginário do que é ser um Homem.

Dar à passividade das origens uma forma, um continente, seja ele um corpo penetrável, seja ele **algo atribuído às mulheres**, é uma forma de fazer funcionar um masoquismo guardião da vida, por assim dizer. Ser como uma mulher ou identificar projetivamente a passividade mortífera nas mulheres é uma tradução diante dos ferozes ataques pulsionais cujo propósito está sempre ligado às efrações mais disruptivas possíveis do tecido narcísico (RIBEIRO; BELO, 2016, p. 125, grifo nosso).

A nosso ver, as ideias de Laplanche podem ser reunidas sob um construto que poderíamos de chamar de metáfora feminina. É uma metáfora, pois há uma semelhança entre a situação castrada/passiva da feminilidade, como pensada a partir da lógica fálica, com a situação de dependência e passivação do bebê. Em ambas há um corpo penetrável, orifical. Essa *metáfora* vem para colmatar as representações inconscientes que se ligam ao desamparo inicial da vida. O psiquismo trabalha para dar sentido à angústia de se perceber dependente, invadido por um outro. Destacamos aqui também que há algo de *irrepresentável* nesses conteúdos que, por assim dizer, *margeiam* nosso psiquismo. Na transição para a parentalidade:

As mulheres não podem fugir do fato da gravidez, mas os pais possuem uma maior margem de manobra no seu grau de envolvimento. Eles podem preferir retrair-se [...] alguns pais ficam tão abalados pela gravidez que preferem distanciar-se dela, envolvendo-se em casos extraconjugais desenvolvendo alcoolismo ou impotência sexual. Este tipo de reação pode ter sua base na revitalização de antigos conflitos bissexuais [...] uma vez que, como já dissemos, **o menino identifica-se em primeiro lugar com a mãe e precisa depois repudiar essa identificação** (BRAZELTON; CRAMER, 1992, p. 44, grifo nosso).

As feridas se reabrem nos momentos de crise. Com o repúdio ao materno podemos chegar a este pensamento: na fase perinatal, a fragilidade do bebê (e dos seus pais, com ele identificados) pode reavivar na mãe e no pai algo que foi recalçado em um momento primitivo do desenvolvimento – dependência, indiferenciação, passividade, terror e medo. A ideia da feminilidade é somente um possível suporte ou tradução, já posterior, da situação antropológica fundamental.

Laplanche nos ensina que o enigmático, os significantes derivados da sexualidade materna, são incompreensíveis para o bebê. “*Ser como uma mulher ou identificar projetivamente a passividade mortífera nas mulheres é uma tradução*”

(RIBEIRO; BELO, 2016, p. 125); tradução de um texto marcado na carne de todos nós, homens e mulheres, que pode se tornar tatuagem, cicatriz, ou também ferida aberta, dificultando o processo de parentalização. Alguns conseguem transformar esse *texto* em poema, capturando em palavras o que se pode dizer – e o que não se pode dizer *de outra forma*, a não ser por meio da arte – sobre a abertura, a beleza, o erotismo e a violência da *feminilidade pensada como permeabilidade ao outro*, como *abertura do seu corpo a um outro*:

*Minha voz
escuta tua voz
dentro de meu corpo
teu corpo
árvores
molhando meu sangue
me abre⁶⁸*

Inspirados pelo poema, já que falamos de elementos que margeiam o campo do irrepresentável, finalmente podemos voltar a Jacques André quando vem articular feminilidade e alteridade: “o feminino e o outro **no interior** de nós” (ANDRÉ, 1996, p. 115, grifo nosso).

2.6 A SITUAÇÃO PERINATAL

Esperamos, leitor, que esse longo passeio por autores com ideias tão diferentes, possa ter enriquecido sua possibilidade de pensar alguns dos sentidos ocultos sob a ideia da feminilidade. Laplanche e Winnicott, Freud e Klein, embora tenham formulado seu pensamento de modo diverso, detiveram-se sobre as representações do *feminino* e do *materno*, encontrando nessas palavras muitos sentidos. Haveria uma feminilidade “outra”, que transcende a diferença entre os sexos, como nos lembra Birman, quando se refere à condição masculina (e feminina) como sempre fálicas em oposição essa situação primária e repudiada. Estamos aqui falando dos estágios iniciais da vida. A fusão com o outro, base da empatia (e também da loucura e indiferenciação), o núcleo da identidade, o repúdio ao não-eu, a passividade, a orificalidade, o *enxerto* da sexualidade adulta sobre o corpo da criança, despertando

⁶⁸ Francisco Alvim, 2004, p. 190.

sua pulsionalidade⁶⁹: todos esses construtos, metapsicologicamente, sem se sobrepor, apresentam uma certa ressonância entre si.

Quando Freud fala do repúdio à feminilidade, na falta de palavra melhor, descreve situações clínicas comuns, que ainda hoje nos saltam aos olhos: sua elucubração tem validade prática, pois a entrada em análise pressupõe a reabertura de uma relação originária, a abertura do interior do ser (seu inconsciente) a um Outro. Por muitos caminhos, na clínica perinatal, também os homens (e as mulheres) se digladiam com dilemas e questões em que “restos” dessa feminilidade e desse *materno* temido suscitam sofrimento e confusão, mobilizando defesas. A idealização da maternidade, como reação a essa dificuldade, faz sofrer as mulheres⁷⁰, quer se tornem mães, ou não, e provoca temor nos homens.

Como representa o homem o momento da gestação e do parto de sua companheira? Que condições são necessárias para que ele se coloque como aquela parte do triângulo que pode sustentar o Dois que precisa ter a ilusão do UM? Qual é a condição de *tolerar a feminilidade* e o medo que esse desconhecido traz? O que teme o homem?

É fato da vida o **nascimento como uma expulsão** e o desamparo inicial humano. O corpo materno é a primeira casa e a capacidade de criar e gerar, a condição mais invejada. O homem do cartão amarelo nos ensinou que a ameaça que o estava aterrorizando era a de ser expulso. Ele não tolerava, em si mesmo, o retorno de desejos recalcados ou talvez – podemos inferir – de uma ameaça à própria masculinidade, constituída de forma defensiva em relação a uma dependência muito marcada em sua personalidade.

⁶⁹ Green utiliza o termo “enxerto” para explicar essa visão segundo a qual é a sedução do adulto que “implanta” na criança as sementes da pulsionalidade, que crescerão a partir de então. “Vê-se efetivamente, que a passividade – propus o termo *passivação* – da criança é justamente a condição para que o “enxerto” sexual – linguagem da sensualidade, segundo Ferenczi – pegue” (GREEN, 2000, p. 52).

⁷⁰ Se podemos pensar a lógica fálica como uma defesa contra o desamparo do início da vida, podemos entender muitos comportamentos que presenciamos na clínica perinatal, e até abrir um caminho de escuta que permita associar, dos arroubos das mães “ensandecidas” pela sociedade de consumo aos pais aguerridos à uma “masculinidade” limitante, da procura frenética por profissionais e manuais de regras sobre como cuidar de bebês, à obsessividade por ter um parto perfeito, dos tutoriais sobre como fazer a lancheira mais incrível para o filho, à imensa lista de livros sobre como aumentar o poder do cérebro da criança, coach para bebês, e por aí afora! Essas “esquisitices” podem ser manifestações de um desamparo maior, que só aumenta numa cultura que não favorece o Ser, onde a ideia da felicidade está conectada ao *fazer*, ao *ter*, ao *controlar*. Tudo o que é tão difícil de conciliar com as necessidades de um recém-nascido e com tempo de espera de uma gravidez, em que os ritmos da vida contemporânea têm que ser reajustados em favor dos ritmos do bebê; do cuidar, enfim.

Como nos disse Marina Ribeiro, *uma identificação saudável e criativa do homem com o feminino* é importante para que a paternidade não seja vista como uma castração, uma perda ou um peso excessivo. De certa forma, a própria capacidade de cuidar (do outro e de si mesmo) relaciona-se com a elaboração criativa dessa identificação com a mãe⁷¹. Afinal, “a feminilidade, no seu sentido de passividade, receptividade e interioridade, não é patrimônio das mulheres” (RIBEIRO, 2018, p. 103).

No apêndice que preparamos ao final deste trabalho, as funções do cuidado, que pai e mãe podem exercer, são articuladas na visão de diversos autores. O que têm em comum é o enfrentamento desse desamparo do começo da vida, um *pedágio* que todo pai terno deve pagar para chegar até seu filho nos estágios iniciais. Quando encontramos pais que têm muita dificuldade em se constituir como pais ternos, podemos perceber o repúdio que sentem, dominando a cena perinatal. Em alguns, é mais evidente o medo, a preocupação, a sensação de peso insuportável da situação. Em outros, é mais patente a inveja – e assim percebemos o quanto pode ser difícil permanecer incólume diante da violência e do mistério, que sempre tem a potencialidade de trazer algo de traumático, no processo de gravidez e parto (FOLINO, 2014; FERRARI, 2022). A capacidade psíquica do pai de produzir resposta a esse traumático impacta diretamente a sua possibilidade de se fazer presente e fornecer suporte à companheira, filiar seu filho e permanecer no jogo.

A seguir, um caso clínico descrito em literatura vai nos informar sobre as dificuldades encontradas por uma mulher que também se depara com angústias primitivas quando se torna mãe.

2.7 A GRAVIDEZ, O PARTO, MORTE E VIDA

*“Pulou no rio a menina
cuja mãe não disse: minha filha.”*

Adélia Prado (2006, p. 47)

O ciclo gravídico-puerperal é uma fase de grandes alterações biológicas e hormonais, exigindo intenso trabalho psíquico da mulher. Apesar de nosso foco neste

⁷¹ A identificação com a mãe poderia ser uma outra maneira de pensar a relação do homem com o seu próprio “feminino primário”. A ideia do elemento feminino puro, conceito winnicottiano, é interessante para pensar esse tema. Em Winnicott, o elemento feminino da personalidade se relaciona com o “ser”, e se liga à identificação mais primitiva do bebê com sua mãe (SAFRA, 2009).

trabalho ser a questão paterna, o psiquismo da mãe gestante precisará enfrentar a *mesma feminilidade*, que é tradução do desamparo e indiferenciação do início da vida e nos caracteriza a todos nós, independente do gênero. Assim, cabe aqui discutir brevemente algumas das particularidades deste processo, no caso da mulher. É fato que a gestação proporciona um longo período de transformações fisiológicas que preparam o organismo para o parto e a amamentação. Mas, tratando-se do humano, sabemos que instintos ou funções corporais não são suficientes para constituir uma mulher ou uma mãe. Mais que fêmea, a mulher humana elabora a maternidade em seu psiquismo, nos níveis consciente e inconsciente.

A jovem entrou em trabalho de parto, com o uso do abortivo, e pediu que uma amiga, única pessoa além do namorado que sabia de sua condição, fosse com ela até um hospital/ maternidade da região. Ao chegar lá, foi atendida por um ginecologista que lhe receitou Buscopan®. Aguardando a medicação, foi até o banheiro, sentiu vontade de urinar (a bolsa rompeu), e o bebê nasceu, em seguida vindo a placenta. Chamou a amiga, que chorou ao ver a cena. Descrevendo a cena do parto, Carla relatou que, ao olhar o bebê, espantou-se com o fato de já estar formado, inteiro, grande. Disse que imaginava os bebês se formando somente após o sétimo mês. Não acreditou que estivesse vivo, pois não abriu os olhos, não inflou o peito, o cordão umbilical ainda ligado à placenta. Olhou, observou, examinou demoradamente o filhote humano que fora capaz de conceber. Deixou-o no lixo do banheiro, cobriu-o com papel (IACONELLI, 2015, p. 27).

No caso acima, a moça de 18 anos deixa seu bebê no lixo e vai embora. Quando o bebê é encontrado, é chamada de volta. O trabalho psicanalítico com Carla, junto à equipe da maternidade e à família é então iniciado, chamando-a de volta a si, à parte de si que fora deixada na lata do lixo... Ser mãe não acontece de repente, não é fato dado e certo. Ao contrário do que nos dizia Freud, ser mãe não é certíssimo! Parir sim, gerar sim, são prerrogativas do corpo feminino, pertencem aos desígnios do corpo, mas não bastam para guiar a mulher ao papel materno, nem mesmo para o reconhecimento da cria de suas entranhas como sua, como nos diz Winnicott:

[...] se a capacidade biológica da mãe em produzir um bebê vivo íntegro e real é representada em 100%, sua capacidade psicológica pode ser enunciada como uma porcentagem aproximada. Por isso quero dizer que mãe alguma é 100% capaz de produzir na fantasia uma criança viva e total. Algumas mães, em verdade, mal chegam à capacidade de 50%, e imagine-se a sua confusão, então, quando se descobrem frente a frente com um bebê que dizem haverem trazido ao mundo e no qual, contudo, não acreditam inteiramente (WINNICOTT, 2005, p. 127).

“Será que este bebê é meu?” Talvez essa pergunta se faça todos os dias nas maternidades do mundo cada vez que uma mãe é apresentada ao recém-nascido. O processo de filiar um filho, adotá-lo, deve ocorrer e se renovar muitas vezes, passar por um tipo de laço, que é também simbólico e para o qual contribui uma grande dose do narcisismo materno. A mãe, após o processo expulsivo do parto, reintegra a imagem do filho, agora externo ao seu corpo, como seu. Ela precisará entender esse filho como seu para depois ter uma vida inteira para reconhecê-lo separado.

Ao repararmos na atitude de pais afetuosos para com seus filhos, seremos forçados a reconhecer que se trata de uma revivescência e de uma reprodução de seu próprio narcisismo, há muito abandonado. A supervalorização também domina, como se sabe, essa relação afetiva entre pais e filhos. Assim, eles se veem compelidos a atribuir à criança todas as perfeições – ainda que uma avaliação sóbria não desse motivo para tal – e tendem a encobrir e esquecer todos os defeitos dela. Sua majestade, o bebê, tal como nós mesmos nos imaginamos um dia (FREUD, 1914/2004, p. 110).

Não deixa de ser curioso o caminho pelo qual o estranho e violento processo do nascimento, sua crueza, seus riscos e perigos, e a neotenia do recém-nascido são elaborados psiquicamente pelos pais, de modo a projetar no bebê esse enorme quantum de perfeição. Talvez não haja um outro processo natural que encerre em si o tanto de vida e de morte que um nascimento tem. Há sangue, há dor, há riscos. Nos rituais da couvade que descreveremos a seguir procura-se afastar os maus espíritos cuja ação pode provocar a morte da mãe ou da criança durante o parto. Hoje os maus espíritos têm explicações científicas e nomes proparoxítonos como “eclâmpsia”, “distócias”, “hipóxias” e “complicações obstétricas”. Bastam alguns minutos de baixa oxigenação para causar sequelas aos recém-nascidos por toda a vida. Nos manuais de Psiquiatria aprendemos que, dentre todas as fases da vida da mulher, o pós-parto é o período de maior vulnerabilidade para o aparecimento de transtornos psiquiátricos (CANTILINO; ZAMBALDI; SOUGEY; RENNÓ JR., 2010).

Fez-se necessário conversar com a enfermeira chefe da UTIN da maternidade, antes da intervenção junto à criança, para que pudesse desabafar sua indignação e descrever exaustivamente a cena da chegada da criança, em condições lastimáveis, à unidade. Ela contou em detalhes como tinha sido difícil limpar o bebê, com sua pele frágil de prematuro de seis meses, dos resíduos do lixo. Nosso trabalho não seria muito diferente do dela, ao tentar separar este bebê da criança-dejeto-lixo com a qual a mãe se deparou no nascimento (IACONELLI, 2015, pp. 29-30).

Eis o sujeito humano fazendo um trabalho psíquico extra cada vez que o Corpo domina a cena, à sua revelia e fora de seu controle. São enigmas a sexualidade, o nascimento e a morte. Nestes campos a cultura cria os rituais para despertar e guiar os sujeitos na via simbólica, maneira humana de lidar com o inominável. No caso de Carla, o olhar humanizante da analista e seu trabalho junto à equipe do hospital vem recuperar o enlace entre a mãe e filha. O bebê sobrevive ao lixo e também a moça tem a chance de ser resgatada.

Para Freud, pode-se duvidar do pai, mas a mãe, enfim, seria certíssima⁷². É claro que aqui ele enfatiza o fator biológico da maternidade, no sentido da gestação e do parto. Porém, para a mãe e para o pai, a parentalidade, *nunca certíssima*, terá de ser construída, de forma processual: “A paternidade está ligada ao problema da adoção já que, genitor ou não, adotamos nossos filhos” (THIS, 1987, p. 20). O caso descrito acima nos mostra como a constituição da maternidade também é contingencial.

A seguir, vamos voltar a pensar em nosso objeto de pesquisa – o pai – por meio do estudo de um fenômeno da cultura. O leitor encontrará nas páginas seguintes a descrição dos rituais de couvade, aqui pensados *como uma resposta*, uma possibilidade de o pai empatizar com a mulher e elaborar a gestação do filho em seu psiquismo. A couvade pode ser entendida como uma via de acesso à ternura que os pais têm utilizado através dos tempos.

2.8 COUVADE – A PATERNIDADE NO CORPO

*“Quando você nasceu ouvi seu grito
Embora longe muito longe de você
Meu coração bateu tambor aflito
Tambor aflito e tonto de bater
De tanto ser demais
De tanto ser além
De tanto bem e eu não ter paz*

⁷² “*Mater semper certa est, pater semper incertus est*” é o ditado romano citado por Freud quando ele descreve a questão dos romances familiares do neurótico. Freud sempre apontou a necessidade de se construir um lugar para o pai, algo a se constituir tanto no sentido ontológico como no aspecto mais geral da cultura. De Édipo a Moisés, passando pelo pai da horda em *Totem e Tabu*, Freud se ocupa da questão paterna (FREUD, 1909/2015).

*Um raio quando cai
No medo que me fez
Não me sentir capaz de ser seu pai...
(DNA, José Miguel Wisnik⁷³)*

De que maneira um pai pode filiar o seu filho? A ideia do reconhecimento da criança por seu pai é um tema antigo que antecede o conhecimento atual sobre a parcela genética que cabe ao homem na procriação. Descoberto em 1677 o espermatozoide, e o DNA três séculos depois, atualmente dispomos da possibilidade do mapeamento genético e da reprodução assistida. Nos dias de hoje, Bentinho poderia desmascarar a sua Capitu a preços módicos⁷⁴. Mas, apesar de todo avanço em relação ao conhecimento e à manipulação da procriação humana, a engenhosa dupla hélice do DNA não é capaz de construir as pontes indecifráveis da filiação simbólica. Ser pai e ser genitor continuam sendo categorias que não se sobrepõem necessariamente, assim como há séculos. Se hoje as instâncias jurídicas garantem a legalidade da Ciência, determinando as pensões alimentícias compulsórias e o direito à herança dos filhos biológicos, não existe um laço de amor que se construa dentro da obrigatoriedade de filiar alguém por conta do parentesco.

Hoje é possível recorrer a um doador de esperma para as “produções independentes” e implantar embriões em “barrigas de aluguel”. Situações de odoação são comuns em casais homo parentais ou quando uma mulher com óvulos inviáveis deseja engravidar com a idade mais avançada. Porém, ainda que possamos manipular a situação da fertilização e mesmo controlá-la, até certo ponto, pela engenharia genética, a gestação permanece ligada ao corpo feminino. A gravidez marca a diferença e a sexuação, a necessidade de dois para formar o Um, além de contribuir para a visibilidade da conexão mãe-filho que, como sabemos, também não é garantida. Porém, o pai é sempre uma conjectura.

Talvez decorra deste fato biológico da gravidez uma das razões para o mito do amor materno, tomado como líquido e certo pelo imaginário social, que tanto peso traz

⁷³ Agradeço a minha querida amiga Daniela Stamatto por ter me apresentando esta música de José Miguel Wisnik (2003), e ter me contado a história da canção, composta por ele para sua filha, também Daniela. Na letra, ele faz um trocadilho com seu nome e a molécula do DNA. O músico conheceu sua filha, já “moça-mulher”, quando ela tinha 17 anos.

⁷⁴ No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, Bentinho passa a vida atormentado pela suspeita de que seu filho seria, na verdade, filho biológico do melhor amigo, com quem a esposa Capitu teria tido um caso às escondidas (ASSIS, 2010).

às mulheres (BADINTER, 1985), mas também o desvelamento do DNA e dos mistérios da procriação não garantem o laço que liga um pai ao seu filho.

Existe algo de uma necessidade de configurar a parentalidade num plano simbólico – se a mulher grávida já pode se considerar mãe, o pai, que não engravida, só se torna pai após o nascimento do filho: é o filho que faz o pai. E este filho permanecerá sem pai se não for por ele re-conhecido. A conexão com o filho deve ser posta em marcha de alguma maneira – caso contrário, o estranhamento ou o não reconhecimento pode ocorrer dentro do seio da família. Nem sempre os desencontros iniciais oportunamente se reconfiguram ao longo da vida:

Eu nasci na primeira guerra mundial e meu pai não estava presente, pois fora convocado [...]. Ele só me viu quando eu já estava com nove meses. Contaram-me que, vestindo seu melhor tailleur, comprado para a ocasião, minha mãe esperava numa longa fila da estação ferroviária. Eu estava nos braços dela, provavelmente enfiando o dedo no seu nariz e puxando suas orelhas. Uma comprida fila de homens uniformizados e medalhados saiu do trem. Meu pai se aproximou pela plataforma, quase correndo, com um uniforme bem talhado que sustentava as barras de capitão [...] parece que ele correu ao nosso encontro, nos abraçou de imediato e me pegou nos braços: “O Berry filho!”, gritou, me apertando contra o peito. Segundo contam, eu comecei a chorar, cada vez mais alto. Que direito tinha aquele desconhecido de me arrancar do peito quentinho e tão familiar de minha mãe? Que direito tinha ele de gritar comigo e me dar um apertão? Disseram que eu gritei a plenos pulmões no caos de todas aquelas famílias que se reuniam. Meu pai ficou estarecido: “Ele não gosta de mim!” disse ele para mim depois de me entregar de volta a ela.

A história me parece verossímil desde que entendi a aguçada consciência dos bebês de nove meses no auge da ansiedade com estranhos e a hipersensibilidade de um pai que, pela primeira vez, tenta se comunicar com o filho bebê [...] meu pai perdeu essa relação inicial e, talvez por isso, sempre pareceu muito distante de mim, até mesmo desconfiado. Tenho certeza de que ele me amava, mas eu nunca o conheci verdadeiramente. Minha mãe fomentou essa distância, com o que eu vejo hoje como uma forma inconsciente de obstruir o acesso dele a mim. Quando fiquei mais velho, passei a interpretar a hesitação de meu pai como desapontamento. Agora sou capaz de ver como muita clareza a situação dele (BRAZELTON, 2014, pp. 11-13).

Neste relato autobiográfico, o pediatra segue contando da preocupação de auxiliar na sua clínica o engajamento dos pais aos seus filhos, desde o momento da gravidez. A cena inaugural da entrada do pai em sua vida deve tê-lo sensibilizado para prestar atenção ao vínculo pai-bebê, desde o início. Afinal, o pai lida com a exclusão desde o primeiro momento, quando se confirma a gravidez, e o processo misterioso se inicia fora do seu corpo. Também para a mãe a consciência do filho ocorre de forma processual, mas a mulher gestante tem sobre o pai, nesse quesito, alguma vantagem,

em que pesem tanto as construções culturais sobrevalorizando a naturalidade da conexão entre mãe e feto quanto a vivência psicossomática do processo gravídico. Na verdade, para o casal humano, a parentalidade é uma construção para além do biológico e, se a mulher vai lidar com as transformações corporais e a verdadeira *invasão* que sofre em seu corpo, o pai terá de lidar com a abstração do filho ainda em devir, e construir o seu caminho até ele de muitas maneiras para poder senti-lo também como “seu”. E como descrito na cena acima, nem o bebê nem a mãe são passivos neste processo: “*minha mãe fomentou essa distância...*” e o ressentimento paterno pode estar na raiz do seu afastamento.

Quais as vicissitudes do processo de filiar um filho? Acreditamos que a ênfase na função paterna do genitor masculino (função esta que na verdade pode ser exercida por mãe, pai e terceiros) e sua ligação com a palavra podem jogar no escuro os mecanismos mais primitivos que implicam o pai e sua cria, processos de ordem psicossomática e pré-verbais que dependem da proximidade e do cuidado com o recém-nascido dos quais muitos pais são alijados por razões, possivelmente, culturais ou inconscientes⁷⁵. Quanto ao fator cultural, a ideia de que o cuidado do bebê é território feminino está presente desde que as construções de gênero vêm determinando os papéis sociais de forma mais ou menos rígida. Uma nova possibilidade se abre para o homem contemporâneo, que pode se permitir participar dos cuidados com o seu filho pequeno. Para mães e pais, é a lida diária e o contato com o filho bebê que permitem o estabelecimento de laços, do conhecimento e do re-conhecimento deste ser que se constitui no contexto da intersubjetividade desde o início⁷⁶.

O processo de filiar passa pelo corpo. Muitas vezes mal interpretado por sua ênfase na função materna para a constituição do sujeito, falando menos do pai, Winnicott é um autor que traz ideias abrangentes sobre a questão da corporeidade e sua relação com a imaginação e a saúde do psiquismo. Num texto em que fala sobre a amamentação, por exemplo, ele diz:

A coisa não funciona assim. O leite materno não desce como uma espécie de excreção; é uma resposta a um estímulo, que consiste exatamente na visão, no cheiro e no contato com o bebê, bem como no som do seu choro, tudo isso é uma coisa só: o cuidado e a

⁷⁵ Algumas especificidades do contato inicial dos pais com seus bebês, e sua importância, estão elencadas no apêndice deste trabalho.

⁷⁶ “Estudos mais recentes têm demonstrado que o pai exerce influência *direta* sobre o desenvolvimento da criança, influência essa que é enfatizada pelo apego existente entre pai e filho” (BRAZELTON; CRAMER, 1992, p. 49).

alimentação periódica que se desenvolve como uma comunicação, uma canção sem palavras (WINNICOTT, 1957/2011, p. 161).

Para Winnicott, a elaboração imaginativa das funções corporais é o mesmo lugar do nascimento da psique. Nem a amamentação, nem o amor parental, nem o desenvolvimento saudável do indivíduo são dados como certos porque o bicho humano não se humaniza sem a presença de um outro que o possibilite. Quando há integração, no desenvolvimento saudável, os processos do corpo são representados e fantasiados, e também as emoções e os pensamentos mobilizam o corpo vivo. No caso do bebê, é a capacidade de os pais exercerem uma certa continência que possibilita o desenvolvimento da sua psique incipiente. Mas, que interessante, os pais também precisam testar sua capacidade de integração somato-psíquica para lidar com as questões da parentalidade.

Gostaríamos de nos deter um pouco mais sobre a questão da *integração*. Para Winnicott, um elemento-chave da saúde é a aquisição da integração psicossomática, uma vez que não raro existem dissociações entre a mente e o corpo ou o adoecimento – quando o corpo passa a ser a única linguagem para alguém impossibilitado de elaborar os acontecimentos de sua vida de um modo psíquico e simbólico. Há uma evolução no sentido de “alojar” a psique na soma, e que depende do apoio ambiental, a partir de um estado primário não integrado. O reforço do ego da mãe, baseado em sua capacidade de se adaptar, ou o seu fracasso, que deixa o bebê sem os elementos essenciais para o funcionamento dos seus processos maturacionais, determinam ou dificultam, afinal, “a integração psicossomática, ou a conquista da ‘morada’ da psique na soma, e de que isso venha a ser seguido pela fruição de unidade psicossomática na experiência” (WINNICOTT, 1964/2005, p. 89)⁷⁷.

Para aquele que atingiu um estado de integração psicossomática, toda experiência corporal apresenta um correlato psíquico. Da mesma forma, as transformações corporais (como, por exemplo, as ocorridas na adolescência) exigem um trabalho extra da psique elaborando o que ocorre no sentido da mudança que se processa. Na gravidez, outro período de intensas transformações, o trabalho exigido

⁷⁷ No apêndice que construímos ao final desta dissertação, alguns aspectos dos cuidados ambientais que Winnicott resume na palavra “adaptação” poderão ser melhor apreciados pelo leitor.

é duplo: o de adaptar-se ao processo gravídico e produzir na fantasia um bebê, que nasce na psique materna antes mesmo de nascer de fato⁷⁸.

Assim, também o pai faz um trabalho psíquico em muitos níveis. Inicialmente, as mudanças corporais da parceira a transformam em alguém diferente daquela com quem se sentia antes eroticamente conectado. Como diz ironicamente Nelson Rodrigues: “O amor entre marido e mulher é uma grossa bandalheira. É abjeto que um homem deseje a mãe de seus próprios filhos” (*apud* TRIGO, 2012).

E se o filho se concebe em sua psique antes mesmo de nascer⁷⁹, diferente do que se passa com a mãe, ele não conta com as mudanças em seu corpo para guiá-lo no processo. Para o pai, a concretude do filho é mais tardia, como vemos em muitos relatos de grupos de pais: “*Não vejo a hora de ele nascer para ver a sua carinha*”; “*fiquei muito emocionado no ultrassom, porque eu o vi!*”. A percepção dos movimentos fetais também é um marco para muitos homens, que se sentem finalmente em contato com o filho *em devir* a partir do toque que os faz sentir a sua presença.

O fato de ser a mãe quem engravida e amamenta não impede o pai de ocupar um lugar e construir uma sólida ponte entre si e seu filho, seja na condição do cuidado direto com o bebê, exercendo função materna, seja de um outro lugar, exercendo outros papéis. Mas essa ponte de certa forma passa pelo seu corpo também. Vemos no relato de Brazelton como o pai se excita à visão do filho e exclama “o Berry filho!” segurando-o nos braços e apertando-o, ressentindo-se com a reação de estranhamento da criança. Homem ou mulher, a conexão com o bebê passa pelo corpo, como não pode deixar de ser! Como esse pai que queria conhecer seu filho poderia resistir ao desejo de segurá-lo? Segurá-lo e senti-lo são a parte sensorial, consequência do imediato reconhecimento (é quando o pai exclama: este é meu filho!) ao chegar à estação.

⁷⁸ Se *nascer é muito comprido*, como diz o poeta, fazer nascer também é comprido... e sofrido. Esse processo é magistralmente encenado no filme *Olmo e a Gaivota* (COSTA; GLOB, 2014), que pode ser pensado como um documentário sobre a elaboração imaginativa que uma mulher faz do seu processo gravídico. Neste filme, o pai terno se constitui desde a gravidez, mostrando-se um continente bastante bom para ajudar a parceira a metabolizar suas angústias, decorrentes de uma ameaça de aborto.

⁷⁹ O nascimento do filho no psiquismo do pai e a identificação com a mulher foram pensadas por Winnicott: “há a questão da couvade, e no mito original do Arlequim existe um homem que dá à luz. Frequentemente se encontra a ideia de que se nasce da cabeça; sem dúvida é fácil pular da palavra ‘concepção’ para as palavras ‘concebido por’. Afortunada é a criança que tanto é ‘concebida’ quanto é resultado de uma concepção física” (WINNICOTT, 1964/2011b, p. 192). Na mitologia grega, a deusa Atena nasce a partir da cabeça de Zeus.

No decorrer desta pesquisa sobre a paternidade, teses sobre o fenômeno da *couvade* nos chamaram a atenção por trazerem aspectos ritualísticos ligados à filiação em diversas épocas e culturas e pelo seu evidente traço psicossomático, ligando pai e filho a nível de corpo. Theodor Reik, Pichon Rivière, e uma série de autores psicanalíticos se ocuparam da *couvade* assim como antropólogos a descreveram em diversas épocas, trazendo em seus relatos a dramatização, as crenças e as explicações para os vários rituais de resguardo e encontrados e descritos. A *couvade* como um ritual que efetua a conexão pai/ bebê espanta por sua universalidade em diversas culturas e épocas. Mas, afinal, o que constitui a *couvade*?

Segundo Azoubel Neto (1993, p. 95), a *couvade*

É um costume muito antigo, praticado por diversos povos, inclusive por alguns de nossos índios. De acordo com uma descrição clássica, ela consiste na participação do marido nos rituais que sucedem ao processo de fecundação e do nascimento de uma criança, desempenhando funções que são, culturalmente, consideradas femininas. A sua prática obedece a rituais que podem ser muito variados entre os diversos povos – desde pantomimas e simulações coreográficas, imitando as contrações do parto, até a observação mais rigorosa de dietas e determinações tradicionais, denunciando a existência de sentimentos contraditórios nas relações entre homem, mulher e bebê. A palavra **couvade** vem do basco (couver) e significa “sentar”, ou seja, “sobre os ovos”, “chocar”.

A *couvade* é descrita como rituais no período gravídico e também depois do parto:

Duas formas do ritual *couvade* tem sido relatadas[...] a *couvade* pré-natal e a pós-natal. Na *couvade* pré-natal, o pai ia para sua cama antes da época do parto, enquanto a gestante trabalhava até o parto, quando então ia para a selva com uma mulher que iria ajudá-la. Então, o marido simulava a agonia do trabalho de parto e do nascimento para proteger sua esposa de espíritos malignos e da dor. Na *couvade* pós-natal, o marido se considerava fraco e doente por certo período após o parto, ficava na cama e fazia uma dieta alimentar especial. Depois disso, ele evitava o uso de armas, pois acreditava-se que, estando ligado a criança, esta poderia se machucar ou ser morta caso utilizasse armas. Em algumas culturas, a *couvade* assumia um conteúdo mais dramático, quando o homem vestia-se e pintava-se como sua mulher, recolhendo-se para um quarto escuro enquanto esta sentia as contrações do parto. Quando a criança nascia, ela era colocada num berço ao lado do pai... o ritual de *couvade* tinha a função de estimular o desenvolvimento e a expressão do papel paternal (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010, p. 122).

Apesar da ausência de rituais como estes na contemporaneidade, no que diz respeito ao homem “civilizado” que encontramos nos nossos consultórios no século XXI, a *couvade* continua a existir. Agora é definida como uma somatória de sintomas

psicossomáticos apresentados pelos homens e descritos principalmente durante a gravidez da parceira.

Mais recentemente, a síndrome de couvade tem sido relacionada aos [...] sintomas físicos experimentados pelo pai e que se iniciam na gestação da esposa e desaparecem, quase imediatamente, após o parto e, em alguns casos, antes do nascimento do bebê. Os sintomas típicos da síndrome de couvade incluem náuseas, vômitos, perda de apetite, dores de cabeça, dores de dentes, dores nas costas e aumento do peso [...] desejos por determinados alimentos, indigestão, azia, dores abdominais e dificuldades respiratórias (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010, p. 122).

Guardadas as devidas proporções, a couvade descrita pelos antropólogos e os “sintomas” do homem moderno não apresentam muito em comum a não ser pela sua conexão com a gravidez da parceira e sua manifestação no corpo do pai; como convém apontar, é reducionista “colocar todos esses ovos na mesma cesta” sem considerar a sua significação para psiques tão diferentes como a do homem contemporâneo e do primitivo, e as particularidades da cultura em que ocorrem. Porém chama a atenção a descrição da couvade do homem atual como uma síndrome. A palavra *síndrome* deriva do grego e hoje é usada para designar os sinais e sintomas de uma doença. De fenômeno ritualizado para homens em diversas culturas (como em várias comunidades indígenas brasileiras), hoje a couvade parece mais se enquadrar em um transtorno psicossomático. Bernard This, psicanalista francês, em seu livro *O Pai: ato de nascimento*, ironiza a questão:

O leitor já está um pouco familiarizado com este costume antigo que impõe ao homem deitar-se (“*se coucher*”) quando sua mulher pare ou acaba de parir.

– Por que falar de um costume desaparecido?

– Por que não falar dele?

– Somos pessoas sensatas e tal costume nunca existiu entre nós. É um fenômeno localizado no tempo e no espaço. É um costume basco, corso, espanhol. Isto acontece na Sardenha, nas Baleares, mas sejamos sérios, isto não nos diz respeito, não somos tão selvagens! (THIS, 1987, p. 140)

Fica a questão: teriam os antigos rituais da couvade alguma sabedoria, algum valor, que pode ser extrapolado para a compreensão da paternidade nos dias de hoje? Vejamos algumas descrições antropológicas de rituais de couvade:

a) Mesmo após passar pelos rituais de iniciação, a mulher ainda guarda em si o que lhe é outro. Com os filhos recém-nascidos parecia haver as mesmas precauções, ainda que tivessem nascido na aldeia

de seus pais. Se, **mitologicamente, as mulheres são estrangeiras**⁸⁰ e, por isso, guardam em si uma subjetividade que é estranha ao grupo dos homens (que se entendem como pertencentes a uma identidade a priori), a união destes dois recipientes ontológicos resulta na formação de um sujeito compósito que sustenta a dualidade “Mesmo/Outro” – gerando a necessidade de se realizarem os resguardos rituais durante e após o parto. As precauções ligadas à gravidez, portanto, estão relacionadas ao esforço de eclipsar ao máximo a parte estrangeira do feto que, **caso nasça sem qualquer atenção dirigida a isto, correrá o risco de não ser incorporado como um parente de fato**: explica-se, assim, por que as descrições de missionários que conviveram diariamente com índios chaquenhos durante o século XVIII são quase unânimes em afirmar que os resguardos referentes à gravidez e ao parto eram práticas muito frequentes (FELIPPE, 2016, p. 128, grifo nosso).

b) A couvade se insere dentro de um conjunto de ações de cuidado, que podem ser resumidas na descrição seguinte: Os nascimentos são seguidos por um período de mais ou menos 4 semanas [(de fato, o tempo para a lua fazer seu ciclo completo de 4 fases) de reclusão de mãe e filho(a). Esse tempo se faz cumprir numa casinha [...] isolada com paredes de palha para este fim. Além disso, todas as pessoas consideradas como tendo ligação substancial com o recém-nascido cumprem alguma forma de resguardo. Ao final de uma lua, o pai, a mãe e a criança são preparados para a cerimônia realizada ao fim do resguardo. A cerimônia envolve a condução dos pais e da criança [...] até o local onde eles receberão a maior parte dos cuidados e adornos que marcam no corpo esse momento de passagem: um banho; a escarificação das pernas do pai que serão riscadas com dente de cotia; a pintura do corpo com urucu (menos o rosto); a colocação da tiara de penugem branca, que será usada até que caia por si mesma; a ingestão de preparados que têm como uma de suas finalidades o reforço e reafirmação dos laços consubstanciais entre todos aqueles que são chamados a partilhá-los (HAVT, 2001, pp. 72-73 *apud* BRAGA, 2017).

c) Entre os índios do caribe, a mãe retorna imediatamente ao trabalho quando acaba de dar à luz, enquanto o pai vai para uma rede e começa a se queixar e inicia uma rigorosa dieta. Os primeiros cinco dias ele fica em jejum; passa então a comer comidas leves e no décimo dia começa a beber uma bebida própria desses índios e uma comida típica [...] em alguns casos ele abstém-se por um mês ou todo um ano de várias espécies de carnes [...] há uma crença que a violação desse tabu alimentar poderia causar à criança sérios prejuízos de desenvolvimento, inclusive defeitos físicos (REIK, 1946 *apud* AZOUBEL NETO, 1993, pp. 105-106).

A riqueza simbólica e a grande variedade nos rituais de couvade ao redor do mundo não passaram despercebidas por vários autores. Para alguns, o ritual da couvade

⁸⁰ Chamo a atenção aqui para a caracterização da Mulher como o outro, o estrangeiro, tema que abordamos sob outra ótica em capítulo anterior.

se constituía numa cerimônia de reconhecimento e garantia da legitimidade da criança, demarcando para a sociedade *quem é o pai* (o pai é quem faz o resguardo) e atraindo para sua cabana “os espíritos do mal, onde poderiam gastar sua ira na mãe simulada, deixando a mãe real livre para ter seu bebê de forma segura” (MARTINI; PICCININI; GONÇALVES, 2010, p. 122).

Segundo Azoubel Neto, essa teoria religiosa, ou mística, teria como objetivo atrair para o pai os demônios da febre puerperal e outros que poderiam querer se apoderar do filho nascituro. Outras explicações para a couvade evidenciam a relação com o matriarcado, sendo a couvade um modo de confinar o marido em casa, ao mesmo tempo auxiliando nos cuidados do bebê e sofrendo as privações que representa, para a mulher, o período puerperal. Porém, há ainda o grupo de teorias que entendem existir

no pensamento do homem primitivo, uma conexão entre o pai e a criança que acabou de nascer. Essa conexão, que não é apenas uma simples relação de parentesco, de ternura ou de dever, admite que seus corpos (espíritos) estariam ligados por um vínculo muito poderoso, de tal modo que o que um faz atua diretamente no outro [...] o homem primitivo considera a criança como parte de si mesmo (AZOUBEL NETO, 1993, p. 96).

Existem ainda descrições da relação entre o leite materno e o esperma paterno, preconizando a abstinência sexual do pai para fortalecer o corpo da criança na amamentação. E relatos muito interessantes, como aquele que relaciona os movimentos paternos, se bruscamente realizados, com a existência de cólicas no bebê. Restrições alimentares, de caça e atividades baseiam-se na crença de que as ações do homem interferem na saúde do recém-nascido, conectando-os.

Pichon Rivière (1974), baseado em exemplos de rituais de couvade de índios sul-americanos, entende que, para eles, a mãe seria responsável pelo nascimento físico, material, da criança, e o pai seria responsável pelo seu nascimento espiritual:

Hoje, o aspecto mais óbvio do nascimento é a relação física entre a mãe e a criança, embora não devemos nos esquecer que nem todas as sociedades reconhecem ou enfatizam essa relação. Há, portanto, uma posição extrema que credita ao pai a criação da alma e a mãe seria apenas um recipiente para a vinda da criança ao mundo. (RIVIÉRE, 1974, p. 431, tradução nossa).

Podemos perceber, então, como a couvade, de muitas maneiras, realça e reforça o componente paterno e sua importância na constituição da criança e em sua

saúde, no início da vida. Para Freud, a couvade seria um modo ritual de assegurar a paternidade de um filho, sempre passível de questionamento:

Uma das minhas pacientes, por meio de uma observação fortuita, chegou à teoria da 'couvade', que como se sabe é um costume generalizado entre alguns povos, e cuja finalidade era provavelmente desfazer as dúvidas quanto à paternidade, que nunca podem ser totalmente afastadas. Um tio dessa paciente, meio excêntrico, costumava permanecer em casa por vários dias após os partos de sua mulher, recebendo os visitantes de roupão, fato que a levou à conclusão de que tanto o pai como a mãe participavam do nascimento da criança e precisavam repousar (FREUD, 1908/1996, p.191).

Segundo alguns psicanalistas (REIK, 1946; ROHEIM, 1959 *apud* AZOUBEL NETO, 1996), o foco do estudo da couvade não versa sobre a maneira de conectar o bebê ao pai. Seria outrossim uma ritualização que teria o objetivo de proteger o recém-nascido da inveja e rivalidade do pai. Seriam os demônios temidos projeções dos sentimentos de ódio dirigidos contra a criança?

Azoubel Neto associa às proibições de comer carnes como sendo substitutas do desejo de devorar o bebê, matando-o, e ao mesmo tempo reincorporando-o. A angústia, suscitada pelo desejo, desta forma *se compensa* no ritual da restrição dietética.

A expressão de que os pais continuam através do nascimento dos filhos tem no mínimo um sentido ambíguo. A realidade psíquica mais profunda é que eles se sentem ameaçados com o aparecimento dos filhos, sobretudo do mais velho... Isso aparece na lenda de Édipo, quando **Laio⁸¹, temendo uma profecia, manda matar o filho para destruir o perigo potencial que este representa contra sua vida** [...] O que o pai teme no recém-nascido é o recrudescimento dos próprios sentimentos de vingança dirigidos contra seu pai (AZOUBEL NETO, 1993, p. 108) (grifo nosso).

Além de se ver despojado da mulher (mãe) pelo seu próprio filho, existem aqui ciúme e inveja. O ciúme, que é estar privado do amor de alguém, se diferencia da inveja, destrutiva, se refere à capacidade criadora do objeto. Conforme a teoria kleiniana, comentada no início deste capítulo, a inveja se liga à ambivalência afetiva e ao instinto de morte.

Formas da inveja da capacidade de engravidar da mulher se encontram em diversos mitos, pois a descaracterização da capacidade criadora feminina não é nova. Em *As Eumenides*, escrita em 485 a.C., Aeschylus descreve a mulher como mero receptáculo da semente do homem, e prova sua tese aludindo à gestação, a partir da

⁸¹ Teremos a oportunidade de repensar a relação entre Laio e Édipo no último capítulo desta dissertação.

cabeça de Zeus, de Atena “nunca abrigada pela escuridão de um útero” (THIS, 1987, p. 122). A teoria de pequenos homúnculos plantados no ventre da mulher, que perdurou por séculos, também diminui a importância da mãe em relação à constituição da criança (DUNDES, 1987, p. 157).

A ideia comum entre esses autores estudiosos da couvade parece ser a de que o ritual, através dos tempos, tem sido um modo de elaborar, reforçar e auxiliar o estabelecimento do sentimento paterno no homem: seja por promover a conexão espiritual ou psicossomática entre o pai e o bebê, seja por efetuar a possibilidade ritual da anulação da hostilidade e da inveja, ou por meio de mecanismos projetivos e de regressão (deitar-se na rede, comer papinhas) que evidenciam um processo identificatório intenso e vivido no corpo.

E hoje? Eis a questão do homem atual: tem o saber científico à sua disposição, tem o teste do DNA, mas nem sempre “sabe” seu filho pelo corpo, como o “primitivo”⁸² que contava com rituais que levava muito a sério e que visavam assegurar, dramatizar, validar a paternidade. Apresenta *sintomas*: “formas de expressão de couvades camufladas, indiretas, perdidas na sua delimitação por falta de rituais mais estabelecidos” (AZOUBEL NETO, 1993, p. 97).

Haveria uma desconexão? Estaria hoje faltando a presença de rituais como os da antiga couvade fazendo a ligação corpo a corpo, ou espírito a espírito, entre pai e filho? É uma pergunta por responder. O trabalho de Guidugli (2022) nos mostra como o fenômeno da couvade está presente nos pais, ainda hoje, para quem tiver olhos para ver, somente esperando uma oportunidade para ser narrado e significado:

“O pai que é pai de verdade, que pretende ser pai, ele engravida junto com a mulher, isso é verdade. Ele vive muito do que a mulher vive. Isso é verdade. Eu por exemplo... eu só não cheguei a enjoar e nada, porque ela enjoou de muitas coisas, essa parte não, mas agora todas essas coisas de ficar emocionado, ansioso por exemplo, que eu não era assim, fiquei... [com] vontade de comer as coisas, é verdade. Pode considerar que é um fato verídico” (GUIDUGLI, 2022, p. 66).

A autora encontra nos pais entrevistados em sua pesquisa o relato de vivências como: enjoos, vontade de comer coisas diferentes, alterações de sono, entre outras. Ela descreve como cada um dos indivíduos encontra significado e importância no cuidado com o bebê, identificando sua solidão e sua falta de referências sobre como

⁸² Lembramos como é etnocêntrico chamar o outro de primitivo ou selvagem.

cuidar do filho (que buscam mitigar por meio da busca de informação). Guidugli nos conta como os pais se queixam de sua “invisibilidade” para os profissionais e familiares que se ocupam somente da situação da mãe, muitas vezes desconsiderando o aspecto emocional dos seus próprios processos. Haja vista a repetição, na fala do pai que transcrevemos acima, das palavras “verdade” e “verídico”. Este homem reafirma em seu discurso sua necessidade de ser reconhecido e escutado.

Nos tempos atuais, há instâncias que oferecem oportunidades para o pai que busca uma conexão com o bebê: acompanhar o ultrassom da esposa, as consultas pré-natais, fazer o preparo do parto, registrar a criança no cartório, dar-lhe o seu sobrenome. Porém, a dimensão do “sacrifício” do seu tempo (YAMAGUTI, 2015) e do acompanhamento do puerpério, em que o pai também se resguarda para acolher o bebê, com a convivência de toda a tribo, é possibilidade hoje restrita aos pais nos países desenvolvidos (com longas licenças-paternidade) e rara em nosso meio. Considerar o cuidado inicial do bebê uma tarefa feminina, ou ainda, considerar patológicos os “sintomas” dos pais mais identificados ao processo, pode ser uma forma de exclusão camuflada a alijar muitos homens de uma vivência mais enriquecedora da paternidade, e esta alienação do pai contribui, ao mesmo tempo, para a sobrecarga da mãe.

No decorrer deste capítulo, articulamos a ideia da metáfora feminina que pode corresponder, para alguns, a uma feminilidade mortífera que se liga a uma não elaboração da dependência e passividade dos estágios iniciais da vida. A identificação com a mãe também foi pensada por Melanie Klein com o construto da fase de feminilidade: e eis que encontramos o desejo de engravidar e gerar filhos em todo homem, algo de que nos falam os mitos e os rituais da couvade, presentes em uma grande variedade de tempos e culturas.

Na história de Carla, a paciente de Vera Iaconelli, é o *cuidado* que resgata o enlace entre a jovem mãe e seu bebê-dejeto: a possibilidade de simbolizar proporcionada pelo trabalho psicanalítico transforma o destino de ambos. A feminilidade primária e a lógica fálica que se erige como defesa contra ela não é prerrogativa dos homens. Quanto ao pai, procuramos, por meio dos exemplos clínicos e das teorias que visitamos neste capítulo, compreender como a ternura paterna depende, portanto, da possibilidade de elaboração psíquica dos aspectos mais mortíferos da sua feminilidade primária. O acesso ao cuidado, o trabalho psíquico proporcionado pela análise, pelo ambiente e pela cultura (como nos rituais da couvade) são meios para amparar e facilitar aos pais a elaboração dessas angústias.

CAPÍTULO 3

O VÉRTICE PATERNO DO TRIÂNGULO EDÍPICO: COELHO, ANGÚSTIA E DEFESA

*“Ciúme é mais custoso de se sopitar que o amor.
Coração da gente – o escuro, escuros.”*

Guimarães Rosa (1983, p. 29)

No decorrer da escrita desta dissertação, abordamos a relação do homem com a feminilidade para pensar sobre alguns aspectos primitivos do desenvolvimento humano. A capacidade de tolerar a situação de desamparo do bebê e da mulher, no momento perinatal, depende das respostas psíquicas produzidas pelo pai diante de suas próprias vivências quando bebê. Essas questões relacionam-se com a empatia paterna aos processos vivenciados por sua parceira.

Também caracterizamos, em relação à construção da paternalidade, que o primeiro desejo de ser pai é, na verdade, desejo de maternidade (ABERASTURY; SALAS, 1984). No teatro da couvade, esse desejo e as fantasias de regressão do homem encontram validação social. Aspectos da identificação e da inveja do pai em relação à parceira têm sido confirmados pelas pesquisas (PARSEVAL, 1986; THIS, 1987; AZOUBEL NETO, 1993; CHERER, FERRARI, PICCININI, 2018; GUIDUGLI, 2022). Embora esses aspectos, em maior ou menor grau, façam parte da passagem de todo homem à condição de pai, as angústias ligadas à identificação com a mulher e à inveja podem fazer parte da patologia, das atitudes “hipermasculinas”, e dos *acting outs* paternos no momento perinatal. Esses comportamentos podem ser entendidos como mecanismos contrafóbicos em relação a conflitos ligados à identidade masculina do pai (PARSEVAL, 1986, p. 73) – e aqui acrescentamos – principalmente se, para ele, a feminilidade está excessivamente “colada” à ideia do desamparo (RIBEIRO; BELO, 2016).

Assim, ao lado desses fatores, há fenômenos, que, na clínica, melhor se explicam pela ambivalência do pai diante do bebê, sua fragilidade e dependência. Pensando em como a covade, ou resguardo, pode ser compreendida como uma reivindicação do pai à regressão, e apoiados nos exemplos clínicos descritos no capítulo anterior, entendemos como muitos homens, se privados da possibilidade de receber ajuda para metabolizar as angústias da situação perinatal, podem “fugir” ou adoecer. Para muitos pais, a necessidade de “ser cuidado” pela parceira dificulta que, na fase perinatal, possa-se assumir o papel de cuidador. É interessante pensar que nosso Coelho foge ao ser tomado pela “onda estranha” de ciúme ao ver sua própria mãe *alimentando* o neto, e ao ver a esposa *amamentando* sua filha, sentindo-se “não alimentado” por essas duas mulheres.

Mas essas não são as únicas emoções em jogo no momento puerperal. A rivalidade estabelecida com o filho e a sensação de exclusão da relação estabelecida entre o bebê e a mãe podem configurar outro tipo de impasse a interferir na formação dos primeiros vínculos paternos. Afinal, a realização concreta do desejo de ser pai traz à tona a culpa pelos desejos incestuosos e parricidas que o homem, quando menino, vivenciou no seu atravessamento edípico. Na fantasia, tornar-se pai pode ser uma realização perigosamente próxima à própria morte em espelhamento ao desejo que o menino teve, um dia, de matar seu próprio pai. Esses aspectos se ligam à problemática edípica. A paternidade como “inscrição subjetiva da finitude” (CHERER; FERRARI; PICCININI, 2018) pode ser uma provação para muitos homens, determinando a utilização de defesas psíquicas que atravessam o caminho da ternura paterna.

Como nos dizia um jovem pai, vivendo as emoções das primeiras semanas com a filha: “*é agora que o menino vira homem, agora acabou a brincadeira*”. Ele estava bem consciente de que, naquele momento, tinha que ser “homem”, não mais um menino, pois agora a pequena filha precisava da sua força, sua coragem, sua capacidade de suportar e tolerar as dificuldades daqueles dias, sem se desesperar, e sem *fugir*.

Neste capítulo, retomamos o romance de Updike para ilustrar elementos textuais que nos informam sobre o atravessamento edípico do imaturo personagem Coelho. O que poderia estar impedindo este homem de vivenciar os aspectos gratificantes e transformadores da parentalidade? O que leva este pai a fugir? Suas angústias e defesas – em particular, a defesa maníaca, que ele utiliza amplamente – podem ser vistas com uma resposta às demandas de um momento que sobrecarrega seu psiquismo, pouco aparelhado para lidar com as perdas. Como Coelho lida com a

situação triangular que revive com a chegada da filha? A história de Coelho nos apresenta, em negativo, a dimensão da importância da capacidade de fazer lutos e lidar com as emoções, envolvidas nos processos paternos de construção da parentalidade.

Nossa hipótese sobre o funcionamento psíquico de nosso Coelho é que suas fragilidades o fazem experienciar, subjetivamente, a chegada dos filhos como prova do seu declínio. Nesse contexto, o pai experimenta grande dificuldade de desinvestir de si em função dos filhos. Sem poder lidar com as limitações e perdas envolvidas nesse processo, este homem se vê impedido de desfrutar dos aspectos positivos da paternidade.

Para investigarmos a maneira como Coelho produz resposta a essas limitações e perdas, optamos por investigar o binômio “angústia/defesa” a cada momento da narrativa. Neste capítulo vamos visitar e pensar sobre o recrudescimento das fantasias próprias à fase edípica no momento perinatal, ao lado de uma revisão sobre o tema da angústia. A angústia *está no nome* do nosso personagem Coelho, cuja história interrompemos no primeiro capítulo desta dissertação. Esse pai imaturo vai voltar agora às nossas páginas, e as dificuldades em seu atravessamento edípico aqui poderão ser desenvolvidas com mais detalhe. O leitor poderá então pensar o nosso personagem em termos das angústias e defesas que o tornam tão incapacitado para a tarefa da paternidade.

3.1 UMA REVISÃO SOBRE O TEMA DA ANGÚSTIA

O hábito tem-lhe amortecido as quedas. Mas sentindo menos dor, perdeu a vantagem da dor como aviso e sintoma. Hoje em dia vive incomparavelmente mais sereno, porém em grande perigo de vida: pode estar a um passo de estar morrendo, a um passo de já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio.

(Clarice Lispector, 1999, p. 11)

Poderíamos pensar a angústia, grosso modo, como uma reação ao perigo. A esse respeito, o dicionário de Psicanálise Chemama (1995) a caracteriza como um afeto desprazeroso, de apreensão e intensa dor psíquica, que se origina de duas fontes: os perigos reais do ambiente ou uma fonte “involuntária automática”, não relacionada a um perigo consciente.

Freud abordou este tema repetidas vezes em sua obra, tendo mudado suas formulações sobre a angústia ao longo do tempo. Pessoti (1978) observa que, em suas formulações, revelam-se aspectos da formação de Freud como neurologista, preocupado que estava em explicar a ansiedade dentro do quadro mais amplo da fisiologia e homeostase do sistema nervoso. Nessa primeira abordagem, de cunho nitidamente organicista, a ansiedade é compreendida como uma reação do organismo ao excesso da excitação nervosa não descarregada. “Mecanicamente, os elementos químico-fisiológicos da tensão sexual (ou de outro impulso) se descarregam em reações autonômicas” (PESSOTI, 1978, p. 36). Somente mais tarde, a noção da ansiedade como *senal* de perigo é incorporada às formulações de Freud, bem como os conteúdos afetivos e cognitivos a ela ligados.

As reações autonômicas da ansiedade, quando se ligam ao medo e ao perigo, encontram sua explicação no princípio da homeostase do indivíduo, que precisa se proteger desses perigos para preservar sua vida. O medo gera a reação de defesa, a fuga, ou o “congelamento”, sendo um afeto que visa informar ao indivíduo da necessidade de *reagir ao perigo* ameaçador. Contudo, na inoportunidade e na impropriedade das reações autonômicas diante de um perigo aparentemente inexistente, é aí que Freud encontra o irracional, o *inconsciente*, e situa no *conflito entre as instâncias psíquicas* a gênese dos quadros neuróticos.

A ansiedade “objetiva” está ligada à síndrome de ativação encontrada no homem e em outras espécies animais, e se liga à fuga diante da percepção de um perigo externo, sendo, portanto, a *preparação orgânica* para o enfrentamento do perigo (PESSOTI, 1978, p. 38). Mas, na medida em que as mesmas sensações e afetos podem se ligar a conflitos inconscientes, a existência de risco “real” torna-se dispensável, pois o “ataque”, o “perigo” ou a ameaça podem originar-se a partir do psiquismo.

Zeferino Rocha (2000) também retoma o aspecto econômico das primeiras formulações freudianas e discorre sobre o percurso deste pensamento, agora sob uma perspectiva psicanalítica. Para Rocha, em seus primeiros textos, Freud dá ao corpo um lugar de realce, embora se refira ao corpo erógeno, e não somente ao corpo biológico. Sua formulação sobre a *neurose de angústia* localiza os sintomas desagradáveis, que caracterizam o *ataque de ansiedade*, a nível do corpo. É o excesso de excitação não canalizado, não ligado a representações psíquicas, que produz o sofrimento da angústia.

Nesse primeiro momento, Freud não concebe a angústia como um fenômeno primário, mas como resultante da tensão sexual, não transformada por uma elaboração psíquica. Nem todo o vivido pelo indivíduo pode ser representado ou simbolizado. O ego, “escudo protetor” (FREUD, 1920/2006, p. 153), que tem a função de promover o escoamento e o direcionamento das excitações provenientes do contato com o mundo externo ou do mundo interno, percebe o excesso de excitação como um perigo.

Zeferino Rocha esclarece que, ao longo do tempo, Freud vai complexificar e transformar o seu conceito de angústia. Porém, o ponto de vista econômico que predomina em seu pensamento inicial ainda tem utilidade nos dias de hoje. Para os psicossomatistas (e aqui Rocha cita o trabalho de Pierre Marty), é somente por meio da aquisição de uma boa *capacidade de mentalização* que o corpo pode se proteger das descargas de excitação. Sem esta condição, temos um corpo entregue a uma linguagem basicamente somática, pouco capaz de representações psíquicas, fantasias, sonhos e longas cadeias associativas que permitam o escoamento das excitações.

Freud já destacava a necessária função do “para-excitação”, exercida, inicialmente, pelo adulto cuidador do bebê, no sentido de fornecer-lhe um anteparo para os excessos pulsionais, os quais ele não pode ainda “metabolizar” sozinho. Com a mãe, a pequena criança aprende como conter (e, posteriormente, transformar) essa energia “não ligada” em afeto e representação. Assim, na primeira formulação freudiana sobre a angústia, encontramos uma das bases para a compreensão das doenças psicossomáticas.⁸³

Freud se afasta, aos poucos, da formulação econômica sobre o conceito de angústia. Segundo Zeferino Rocha, é em 1926, no texto “Inibição, sintoma e angústia”, que ele associa, mais claramente, a ansiedade à percepção de algum *signal de perigo* pelo ego (FREUD, 1926/2014), e modifica o seu estatuto inicial a respeito do tema. Ele chega à conclusão de que esse afeto tão desagradável e doloroso seria uma reação à perda e à separação, remontando ao desamparo do bebê, quando se percebe separado da mãe.

Cintra (2021) também se debruça sobre a evolução do pensamento freudiano, ressaltando a conexão entre a angústia e o desamparo da condição humana. Relendo o texto de 1926, a autora acompanha o passo a passo das formulações do autor na criação da segunda teoria da angústia. Freud já pensava então que, quando o

⁸³ Um maior detalhamento do processo do para-excitação encontra-se no apêndice ao final deste trabalho.

recalcamento entrava em cena, nas neuroses, a separação entre afeto e representação levava à transformação de todos os afetos em angústia. O recalcamento foi pensado por Freud de forma análoga à fuga que o organismo efetua diante do perseguidor externo; pois, quando as próprias moções pulsionais do sujeito ameaçam seu equilíbrio psíquico, as representações a ela ligadas são recalçadas, afastadas da consciência. “Foge-se”, assim, de *si mesmo* por meio do mecanismo de defesa. Nas palavras de Freud (1926/2014, p. 21):

Diante de um perigo externo, o organismo empreende uma tentativa de fuga [...] de forma equivalente, o recalcamento é uma tentativa de fuga” do desprazer que as moções pulsionais inaceitáveis ocasionam ao sujeito⁸⁴.

Cintra explicita que, no texto de 1926, Freud tenta encontrar outra explicação, para além da descrição fisiológica do estado de angústia, pois deseja “[...] escapar do que ele próprio chamou de sua obsessão pelo vértice econômico” (CINTRA, 2021, p. 46).

Reverendo os quadros clínicos que se relacionam com o estado de angústia, Freud tenta entender o que teriam em comum, ou seja, ele busca “encontrar uma angústia de base, que servisse de arquétipo a todas as angústias que se manifestam ao longo de uma vida” (p. 46). Chega então à conclusão de que a angústia seria o *motor da produção dos sintomas* (e não o contrário), sintomas estes que, por mais inoperantes que possam parecer, são, em última análise, uma tentativa de proteger o indivíduo da dor psíquica. “É mais correto dizer que os sintomas são criados para evitar a situação de perigo que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia” (FREUD, 1926/2014, p. 68).

André (1996) comenta essa interessante inversão da teoria freudiana, na medida em que Freud passa a entender a angústia, não mais como o *resultado* do recalcamento dos representantes psíquicos das pulsões, e sim como o próprio disparador deste recalcamento (e de outros sintomas neuróticos):

Guardemos, pois, o excesso do sexual e o caráter interno do ataque, como os componentes da primeira teoria da angústia. A segunda teoria [...] efetua uma inversão radical: do *interno* para o *externo*. Já não é o recalcamento que produz a angústia, mas, ao contrário, é a angústia (como sinal) que produz o recalcamento (ANDRÉ, 1996, p. 128).

⁸⁴ Grosso modo, as defesas psíquicas são *fugas*, mais ou menos elaboradas, mais ou menos eficazes, diante do desconforto e da dor: pode-se negar a realidade, pode-se cindir os aspectos da realidade, pode-se evitar as emoções, pode-se localizar imaginariamente o perigo em algum objeto fóbico, e assim por diante (FREUD, 2006).

Freud encontra evidências de que a angústia se liga, de modo geral, às perdas, situações de falta ou separação, origens dessa “dor” psíquica intensa que gera os tão variados mecanismos de defesa. Ele entende a angústia de castração, que ameaça o eu de uma perda dolorosa, como uma das causas para os sintomas neuróticos, e vai em busca de compreender como o funcionamento psíquico se organiza de modo a evitar a irrupção de angústias ainda mais elementares⁸⁵.

Em relação aos temores relacionados ao viver, Cintra comenta que, na criança pequena, o medo de estar só, o medo do escuro e a ansiedade diante de estranhos são conectados à separação ou percepção da separação do objeto primário “que pode dar segurança e amparo”. Ademais, é ainda mais assustadora “a súbita irrupção da alteridade [...] (e da) estraneidade naqueles que nos são familiares” (CINTRA, 2021, p. 47). Baseada em Freud, a autora relembra que o próprio nascimento, como uma separação do corpo materno, representa a perigosa perda do estado de homeostase intrauterino, que caracteriza nossa chegada ao mundo “[...] em estado de agudo desamparo. Comparado a outros animais, o bebê humano passa por uma existência intrauterina breve e chega ao mundo menos pronto para viver de forma autônoma” (*ibidem*).

As situações de desamparo vão se transformando com o desenvolvimento. A angústia de separação da mãe aparece depois como angústia de castração e ainda, mais tarde, como angústia de perda da aprovação do Superego.

O superego, “voz interna” que representa a introjeção das figuras parentais, pode, ele mesmo, provocar a sensação de angústia quando o ego teme obter a “desaprovação” dessa instância psíquica julgadora e norteadora de suas ações. Teme-se então, a perda do seu amor, na medida em que afastar-se do ideal de ego traz ao sujeito o sentimento interno de culpa, vergonha e autodesaprovação. A angústia de castração, que Freud descreve inicialmente como medo de perder o genital em consequência dos desejos edípicos da criança, evolui para a angústia de consciência, a angústia social, e vai se tornando mais abstrata: agora já não é fácil dizer o que a angústia teme. O medo de ser excluído do grupo social é a manifestação mais

⁸⁵ Assim como o corpo reage à dor retirando-se do contato com o objeto que provoca nele o estímulo doloroso no arco-reflexo. É interessante pensar como Freud busca compreender os mecanismos psíquicos dentro da ideia de homeostase mesmo quando sua teoria se torna cada vez mais complexa. A angústia como *senal* aciona as defesas do ego (muitas vezes, de modo inconsciente – visto que a maior parte do ego é inconsciente) que, por sua vez, utiliza os mecanismos de defesa para evitar o “perigo” de que essa angústia lhe “informa”. Para o sujeito, o sintoma pode ser incompreensível, pois ele não se dá conta do processo que acontece fora da sua consciência.

tardia de um Superego que se desenvolveu a partir da instância parental introjetada (FREUD, 1926/2014).

Existe uma conexão entre a primeira e a segunda teorias da angústia. Na primeira teoria, Freud acreditava que o excesso de libido não satisfeita se transformava em angústia de forma automática: havia uma equivalência direta entre a libido insatisfeita que se acumulava e o surgimento da ansiedade. O que há em comum nessa situação e na situação de perda do objeto amado é o risco que representam para a integridade egoica, pois as excitações não contidas são desorganizadoras para o psiquismo. Ao longo do desenvolvimento, todas as situações de perigo podem subsistir uma ao lado da outra e induzir o Eu à reação de angústia em épocas posteriores.

A angústia, como uma “dor” psíquica desagradável, se vista de forma mais ampla, pode ser entendida como um importante sinal de alerta para o ego. Assim como a capacidade de sentir medo torna o organismo mais apto a proteger-se dos perigos externos, a angústia, para o psiquismo, tem uma função de defesa, levando as instâncias egoicas à percepção de que existe um risco, um perigo a ser evitado.

Melanie Klein (1952/1996), em sua teoria sobre os primórdios do psiquismo, dedica-se a pensar nos extravios da função da angústia, quando esta se torna arauto da pulsão de morte, divorciando-se da sua função defensiva original.

Klein descreve as angústias precoces do início da vida: a angústia persecutória, que deriva da vivência e percepção de um mundo externo ameaçador (inclusive o próprio objeto materno, quando frustrante); e a angústia depressiva, quando o outro materno é percebido *enquanto um outro*, que a criança pode magoar e perder. A autora segue a formulação freudiana de que figuras internas dentro do psiquismo podem gerar a angústia de modo automático e independentemente de fatores externos. Assim como Freud pensou o superego como a resultante intrapsíquica do atravessamento edípico, Klein, por sua vez, criou a figura do *superego arcaico*, ligado à situação edípica originária do primeiro ano de vida (KLEIN, 1935/1996).

Este “superego”, formado a partir de fantasias primitivas, resulta dos processos de cisão próprios à posição esquizoparanoide. Esses processos engendram fantasias que reúnem em si as más experiências com os objetos, carregadas de pulsão de morte. O superego arcaico funciona como um núcleo dentro do psiquismo que, ao invés de ser uma “central reguladora” das ações, como no caso do superego freudiano, ataca o ego indiscriminadamente, gerando um enorme quantum de

angústia nos processos intrapsíquicos. São as vivências de “tudo” ou “nada”, decorrentes da fraca mediação egoica para as experiências de dor e prazer, que determinam as imagos onipotentes e indiferenciadas, primeiras figuras associadas aos pais que são introjetadas pela criança. “Essas figuras complexas, ambíguas e terríficas, quando introjetadas, tornam-se perseguidores internos” (HINSHELWOOD, 1992, p. 76).

Para Klein, o superego arcaico forma as primeiras “camadas” do que um dia virá a ser o superego freudiano. Ao longo do amadurecimento, essa situação edípica deve evoluir para as formas mais tardias do Complexo de Édipo, de forma que as angústias intensas (e fantasias) dos primeiros estágios possam ser elaboradas e suavizadas.

Em relação ao processo de atenuação das angústias desses primeiros estágios, a teoria psicanalítica vem compreendendo, cada vez mais, a importância do ambiente. A angústia, se não encontra o anteparo ambiental para ser metabolizada e transformada, pode paralisar o processo de amadurecimento da criança. Desde Klein, a possibilidade de transformação da angústia vem sendo ligada aos processos de reparação que se desenvolvem pelas tentativas de a criança, em fantasia, restituir a integridade do objeto atacado em decorrência de sua voracidade e sadismo.

Com base nessas ideias, Winnicott salienta a importância da “sobrevivência” do objeto, da atitude dos pais para com a criança, de modo a favorecer o seu desenvolvimento por meio da integração das experiências instintivas.

Não é possível a um ser humano suportar a destrutividade que está na base dos relacionamentos humanos, ou seja, do amor instintivo, exceto por meio de um desenvolvimento gradual associado às experiências de reparação e restituição (WINNICOTT, 1954/1967, p. 72).

O sucesso dos processos de “reparação e restituição” dependem, portanto, de um ambiente acolhedor. Nesse contexto, Klein já salientava que os medos infantis são contrabalançados pela imagem do corpo da mãe como “fonte de toda bondade”, e “[...] quando os impulsos amorosos são predominantes, os produtos do corpo da própria criança tomam o significado de presentes” (KLEIN, 1945/1996, p. 457).

Assim, o ambiente se torna essencial para que a criança possa elaborar satisfatoriamente a experiência do desmame, do treino de *toilette*, e de todas as separações e castrações simbólicas que enfrenta ao longo da vida – inclusive a passagem pela situação edípica.

Destarte, os autores contemporâneos têm salientado a importância da qualidade das relações objetais para que os processos de ligação prevaleçam no

mundo intrapsíquico da criança, de modo que ela se torne capaz de conter e processar as próprias angústias ao longo do amadurecimento. Em cada fase do desenvolvimento, um ambiente acolhedor e suficientemente narrativo (GOLSE, 2003) ajuda a contrabalançar os medos infantis e a favorecer os processos de simbolização que, em última instância, facilitam a “metabolização” das fantasias e angústias dos primeiros tempos (CINTRA, 2003).

Assim, no começo da vida, os conteúdos fecais perdidos, que, ao se separarem do corpo, podem gerar angústia, são acolhidos e celebrados pelos pais do bebê como verdadeiros presentes. No processo de desmame, se a criança tiver sorte, lá estará o seu pai para oferecer-lhe os seus “joelhos” e o seu colo para facilitar a difícil passagem pela *situação edípica* do primeiro ano de vida, colocando-se para ela como um “diagrama” para sua própria integração (WINNICOTT, 1969/2005). Na fase edípica, a criança que encontra, na relação dos pais, a firmeza de uma rocha, pode atacar e destruir o vínculo que existe entre eles em sua fantasia. Ela pode se apegar à segurança e estabilidade daquela “rocha” para enfrentar a violência da sua própria pulsionalidade (SAFRA, 2009).

Enfim, é o balanço entre as pulsões de vida e de morte, junto à importância do auxílio ambiental, que determina a transformação das angústias inevitáveis do crescimento em afetos mais “metabolizáveis” e propícios para o amadurecimento psíquico. Em intensidade demasiada, a angústia se revela inadequada, pois paralisa a ação e impede o sujeito de pensar e produzir resposta a esse afeto. Quando estamos no campo do traumático, a angústia torna-se arauto da pulsão de morte e retroalimenta os mecanismos de compulsão à repetição, impedindo os processos de ligação que permitem a simbolização e a transformação dessa mesma angústia (GREEN, 2012).

O adoecimento psíquico, se muito grave, pode provocar, até mesmo, o bloqueio da capacidade de se angustiar, que equivale, de certa forma, à morte psíquica. Um indivíduo incapaz de sentir dor está privado de um dos seus mais importantes recursos defensivos e protetivos para viver.

Assim, com base nas proposições dos autores acima, podemos imaginar como a perda da capacidade de se angustiar pode expressar uma condição psíquica muito precária. No alvorecer do processo de subjetivação do bebê, notamos que a importância do ambiente torna-se ainda mais crucial: quanto maior o desamparo, mais importante se torna o adulto que se ocupa dos cuidados à criança. Nos estágios

iniciais, torna-se inapropriado o uso do termo “angústia” para descrever a qualidade das experiências primitivas que ameaçam a sobrevivência psíquica do bebê (FIGUEIREDO; COELHO JR., 2018).

Nesse sentido, as agonias *impensáveis* (WINNICOTT, 1974/2005) podem descrever melhor as primeiras angústias do desenvolvimento, não relacionadas ainda, como nos lembrou Winnicott, às relações triangulares, e sim ao estabelecimento do sentido de *Self* do bebê. A própria sensação de continuidade da existência, que somente um ambiente suportivo é capaz de proporcionar, depende de que essas agonias possam ser suficientemente mitigadas. Grandes desencontros com o objeto que realiza os cuidados colocam em risco os próprios processos de subjetivação primária (METZNER, 2021)⁸⁶. A ausência de um *holding* adequado no início da vida ocasiona a ameaça de desintegração e provoca o que Winnicott nomeia de “angústia de aniquilamento”, que ele descreve como a sensação do “desabamento”, de se partir em pedaços, de cair em um poço sem fundo (BERNARDINO, 2008).

Consideramos importante destacar que, em relação a essas verdadeiras agonias, a angústia de castração, que já se apresenta “figurável” pelo amparo da fantasia inconsciente, demonstra que já houve o desenvolvimento das capacidades egoicas e fantasmáticas da criança. Assim, a capacidade de sentir *medo* pode ser compreendida como uma reação sofisticada em relação ao desamparo primordial da vida, pois o desamparo de perder, de ver-se sem aquilo de que se necessita, sem aquilo que é importante para o sujeito, já implica a simbolização do que pode ser perdido. Do pênis ao amor do objeto e à liberdade: essas representações são formulações mais *evoluídas* da situação de desamparo. Elas informam ao sujeito sobre sua dependência do objeto e sobre a necessidade de se proteger das perdas que ameaçam o seu equilíbrio narcísico. Pondé (2011, p. 89) comenta o mecanismo de formação das fobias infantis:

Os medos associados ao início do amadurecimento emocional são defesas relacionadas às agonias impensáveis da condição de extrema vulnerabilidade do bebê que, nessas rupturas, vivencia o aniquilamento.

⁸⁶ No apêndice deste trabalho, a importância do ambiente, no âmbito da contenção e transformação dessas *agonias*, é comentada por nós.

Para terminar, salientamos que essa digressão sobre o tema da angústia tem como objetivo principal trazer-nos para mais perto dos modos de enfrentamento da dor psíquica, encontrados em nossos pacientes neuróticos e “não neuróticos”.

Assim, Kernberg (2015, p. 11) explica que encontramos, nas manifestações da clínica, tanto “[...] o medo da castração, refletindo conflitos edípicos” como “o medo da fragmentação ligado a conflitos identificatórios e de simbiose, (e) o terror da morte relacionado à agressão primitiva”. Essas angústias estão ligadas à apresentação dos casos que atendemos, direcionando o psicanalista em relação à técnica e ao manejo destes, conforme o tipo de organização psíquica e ansiedade em questão.

Minerbo (2019) diferencia a qualidade e a intensidade das angústias vividas e as relaciona à organização da personalidade. Para a autora, as estruturas “não neuróticas” estariam referidas a questões narcísicas e angústias arcaicas, determinando a utilização de defesas primitivas, dentre as quais destacamos a defesa maníaca, a qual vamos detalhar mais a frente quando pudermos falar mais sobre o funcionamento psíquico do nosso “Coelho”.

3.2 A QUESTÃO EDÍPICA

Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil.
(Clarice Lispector, 1999, p. 207)

Muito mais que o triângulo: “*papai, mamãe, neném*” (MIGUELEZ, 2007, p. 25), a fase edípica é uma etapa importante do desenvolvimento. O Complexo de Édipo é uma estrutura simbólica básica que regula as relações do sujeito com seus objetos por meio das coordenadas da dupla diferença, dos sexos e das gerações (GREEN, 1994). Isso significa que cada criança, ao crescer e passar por essa experiência, sai dela transformada. Dessa travessia resulta o estabelecimento do ideal do eu e do superego, resultante das identificações com aspectos dos pais e da cultura. A travessia do Édipo tem, portanto, um papel organizador para o psiquismo. Green explica que, sob a égide do Complexo de Édipo, estão a ideia de castração, identificação, de-sexualização e sublimação.

Assim, o “atravessamento” edípico pode ser tomado como um modelo para pensar o mais além da triangulação, que se expande para a capacidade de estar em sociedade, com mais pessoas, sustentar paradoxos, lidar com a ambivalência e a complexidade das relações humanas.

Por outro lado, os conflitos entre amor e ódio, os limites (castração), os ciúmes e a inveja, nunca deixamos de encontrá-los em nossa vida. As situações de rivalidade e exclusão que reencontramos nos relacionamentos com nossos objetos, à medida do nosso desenvolvimento em direção à maturidade, reeditam-se continuamente.

Isso ocorre no momento perinatal, encontro de “dores e amores” (FOLINO, 2014) que nos mostra o quanto “amar” pode ser difícil, o quanto a transição para a parentalidade pode representar dessa “*soma de incompreensões*” tão difícil de tolerar e de superar. Os impasses encontrados na clínica perinatal deixam evidente que a conquista da genitalidade, pensada como a capacidade de amar madura, depende da capacidade de suportar a ambivalência, ligada ao atravessamento edípico na infância. Como fazer frente às demandas da conjugalidade e da parentalidade quando há muita dificuldade neste campo?

É necessário maturidade para lidar com as “castrações” e o encontro com a alteridade que esses processos demandam. Pois, como diz o poeta, “Amar é privilégio de maduros/ estendidos na mais estreita cama.../ amar se aprende no limite” (ANDRADE, 2012, p. 43).

Um verso apenas e temos sintetizada essa página inteira a respeito do atravessamento edípico! Pois *limite* é uma boa palavra para entender o alcance da elaboração edípica no funcionamento mental de uma pessoa. Se procriar e gerar um bebê são capacidades relacionadas à maturidade dos corpos e à sexuação, a parentalidade, porém, exige a criação de um espaço psíquico para reeditar, novamente, a situação triangular vivida na infância. Muda-se agora de vértice (de filho ou filha – para pai ou mãe) na triangulação familiar, para ocupar uma outra posição na passagem das gerações. Isso significa investir narcisicamente o filho e desinvestir de si, “especialmente no que se refere ao lugar de bebê maravilhoso e imortal”, o que, para alguns, é vivenciado com muita angústia (CHERER; FERRARI; PICCININI, 2018, p. 2).

Voltando a pensar no personagem que tomamos para pensar o pai que falha na fase perinatal, lembramos ao leitor o que diz Coelho, quando leva seu menino ao parque.

“A plenitude acaba quando damos à Natureza seu resgate, quando fazemos filhos para ela. Então ela não quer saber mais de nós, então nos tornamos, primeiro por dentro, depois por fora, lixo. Caules de flores mortas” (p. 198)

Observamos nessa colocação poética do personagem a ideia de que o filho, quando chega ao mundo, anuncia a morte e o declínio do seu pai. A própria história do rei Édipo, que mata seu pai e se torna o rei de Tebas, simboliza a passagem do tempo, a substituição da geração antiga pela nova geração, que ocorre naturalmente no decorrer da vida (LOEWALD, 1979). Simbolicamente, o *parricídio* está representado na fantasia inconsciente do pai que, ao gerar um filho, está se deparando com a *própria mortalidade*.

3.2.1 Conflitos edípicos na construção da paternalidade

Embora o atravessamento edípico, idealmente, direcione a criança em direção à genitalidade adulta, por meio da interdição do incesto, a transição para a parentalidade traz novos conflitos que tendem a fazer recrudescer a culpa e os desejos experienciados pela criança naquela fase da vida. Ao fim da primeira infância, a criança aceita (com maior ou menor resignação) a ideia de um futuro, quando poderá ser “grande” e viver, com outro alguém, a união sexual que sabe existir entre os seus pais. Mas a paternidade “coloca o homem diante da transgressão da proibição edipiana” (PARSEVAL, 1986, p. 75) novamente, pois *agora ele realiza* o antigo desejo de ter um filho. Nesse sentido, a crise vital de se tornar pai se assemelha à fase da adolescência, quando o amadurecimento sexual do menino o coloca frente a frente com a possibilidade concreta de realizar seus desejos edípicos.

Assim, na paternidade, pode haver uma confusão entre a imagem da mulher e da mãe que o menino um dia quis ter para si. A superposição imaginária entre essas duas mulheres deve ser elaborada e simbolizada, para que a conjugalidade e a parentalidade não entrem em contradição uma com a outra. Antes de se tornar mãe, a parceira podia ser sexualmente desejável, mas, após a vinda do filho, ela pode ser alçada à condição de objeto incestuoso. Isso ocorre porque a parceira, gestante ou nutriz, suscita “a comparação inconsciente com o primeiro objeto de fixação erótica” do menino, que é sua própria mãe (PARSEVAL, 1986, p. 76). A interdição edípica reza

pela cartilha de que a mãe, justamente, é a mulher a quem não se deve desejar. A mãe é associada à pureza e não pode ser conspurcada por desejos de natureza sexual:

O pensamento consciente do adulto apraz-se em considerar a mãe como uma pessoa de pureza moral inatacável; e poucas ideias são para ele tão ofensivas, quando partem de outros, ou sente como tão atormentadoras, quando surgem de sua própria mente, como a que proclama esse aspecto (o aspecto sexual) de sua mãe (FREUD, 1910/1996, p. 103).

Assim, a fantasia de ter um filho de uma mulher – que é substituta da mãe – pode provocar reações defensivas em alguns homens: desde a impotência psicológica à busca de relações extraconjugais. Na verdade, conciliar a corrente terna e a corrente sensual da libido é uma dificuldade encontrada em outras fases da vida. Mas essa dificuldade encontra um elemento a mais quando o casal passa a ocupar os papéis de pai ou mãe. Idealmente: “Um homem deixará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e se apegará à sua mulher” associando, então, a afeição e a sensualidade em um mesmo objeto (FREUD, 1912, p. 109). Mas, com a chegada de um filho, o casal terá uma dificuldade adicional para reajustar-se em questão à sua atração erótica, visto que as fantasias incestuosas podem trazer uma maior dificuldade em conciliar aquelas duas correntes libidinais. Isso pode levar o par a um distanciamento em relação a esses aspectos, que antes os uniam como um casal.

Se o pai tem de fazer todos esses ajustes em relação à sua mulher, conforme comentado acima, a chegada do filho lhe traz ainda um outro desafio: integrar a rivalidade e o ódio e que este filho inevitavelmente lhe desperta:

A expressão de que os pais continuam através dos filhos tem, no mínimo, um sentido ambíguo. A realidade psíquica mais profunda é a de que eles se sentem ameaçados com o aparecimento dos filhos [...] isso aparece também na lenda de Édipo, quando Laio, temendo uma profecia, manda matar o filho para destruir o perigo potencial que este representa sobre sua vida.⁸⁷ O costume de colocar no filho mais velho o nome do avô, usual em algumas famílias, parece conter essa intenção de oferecer ao pai, para tranquilizá-lo, o resultado de uma relação que é, inconscientemente, sentida como incestuosa. **O que o pai teme no recém-nascido é o recrudescimento dos seus próprios sentimentos de vingança dirigidos contra o seu pai;** e o que o pai deseja matar na criança que acabou de nascer é, novamente, o seu próprio pai (AZOUBEL NETO, 1986, p. 108, grifo nosso).

Para Parseval (1986), faz parte da construção do sentimento de ser pai a capacidade de *transformar* e elaborar o desejo inconsciente de fazer mal à criança,

⁸⁷ Este aspecto do mito edipiano será retomado no último capítulo deste trabalho.

ou mesmo matá-la. A raiz desse desejo está na rivalidade edípica: pai e filho compartilham o corpo materno e a mãe é, por assim dizer, o elo que, ao mesmo tempo, os liga e os divide. O pai experimenta, em relação ao filho, a mesma ambivalência sentida em relação ao seu pai, o “outro do seu outro” materno (FIGUEIREDO, 2009), aquele “estranho” que surge no horizonte da relação idílica e dual que foi um dia perdida, lá no passado das primeiras relações deste homem. Soma-se a isso a ideia do filho como o irmão que vem para ocupar o corpo da mãe, roubar sua atenção e seu leite, irmão contra o qual as pulsões agressivas da criança se dirigem. E o ódio contra o rival está presente nas fantasias paternas, demandando trabalho psíquico do pai no enfrentamento das angústias e da culpa inconsciente ligadas a essas fantasias.

3.2.2 Impasses no atravessamento edípico na infância

A partir do exposto acima, podemos inferir como os conflitos de amor e ódio ligados à questão edípica são difíceis de superar. De fato, a clínica nos mostra que as dificuldades no atravessamento edípico na infância podem se dar de muitas maneiras; a fase perinatal é somente um momento mais tardio da vida em que essas dificuldades podem se manifestar.

Em muitos casos, são dificuldades anteriores ao período edípico que tornam essa travessia ainda mais difícil.

Nesse sentido, Winnicott é um dos autores que se voltam para os primeiros anos da constituição psíquica, e pode nos ajudar a pensar, sob outro prisma, nos pais e mães que encontram muitas dificuldades nessa área. O autor afirma que o Complexo de Édipo *nem sempre é atingido* plenamente no desenvolvimento individual. Porém, a noção corrente de que ele desconsidera a importância do complexo nuclear das neuroses, para Cintra (2015), é incompatível com sua leitura rigorosa. Há sempre uma relação triangular no horizonte da criança, pois

[...] desde o nascimento, os bebês chegam a um universo de adultos que, de algum modo, viveram seus Complexos de Édipo e que são, portanto, responsáveis pela criação de um campo de atrações e rejeições, de diferenças e semelhanças que obrigam os bebês a mergulhar em relações edípicas duais e triangulares [...] há sempre uma situação edípica, mesmo que esta não tenha sido elaborada e não seja consciente (CINTRA, 2015, p.68)

Feita essa ressalva, haverá pessoas *que não chegarão ao complexo edípico*. Winnicott o afirma quando comenta que o bom atravessamento da fase edípica

depende da capacidade de a criança se relacionar com objetos totais, e a *três*⁸⁸. Isso não ocorre sempre e não ocorre com todas as pessoas:

Não é que Freud esteja errado a respeito do pai e do laço libidinal que se torna reprimido, mas [...] uma certa proporção de pessoas no mundo não chega ao complexo edípico. Elas nunca avançam tão longe em seu desenvolvimento emocional e portanto, para elas, a repressão da figura paterna libidinizada tem apenas pouca relevância (WINNICOTT, 1969/2005, p. 187).

O que Winnicott quer dizer com essa afirmação? Ele nos explica que há “problemas pessoais” que se originam em estágios anteriores do desenvolvimento, na “grande área de vida do bebê que é importante antes que se chegue a um relacionamento de três corpos, como o que se dá entre pessoas totais” (WINNICOTT, 1969/2005, p. 187). Observamos que ele se refere, aqui, às aquisições da posição depressiva assim como descrita por Klein, quais sejam, a capacidade de se relacionar com *objetos totais*, considerando-se que a criança já se encontra madura para colocar-se em relações triádicas.

Tanto Klein quanto Winnicott dedicaram-se a escrever sobre a dificuldade de pessoas que estão, de certa forma, “fixadas” em fases anteriores à passagem pelo complexo de Édipo, pois não podem tolerar a angústia da posição depressiva: a situação de ambivalência – amor e ódio – pelos objetos primários. Isso ocasiona diversos tipos de paralisação do desenvolvimento.

Figueiredo (2009) explica a conexão existente entre o atravessamento edípico e a conquista da posição depressiva. Baseado em Klein, o autor nos conta de como esses processos são dolorosos (KLEIN, 1935/1996). A interdependência desses processos deve-se ao fato de que é impossível tolerar a triangulação sem que se tenha desenvolvido uma certa capacidade depressiva, no sentido da função de síntese do ego e da percepção de objetos totais. Sem essa função de síntese, a rivalidade e o ciúme tendem a levar a criança à desorganização psíquica. Por outro lado, é o atravessamento edípico que permite, à criança, a introjeção dos limites e da *terceiridade* necessária para que possa realizar a simbolização do objeto ausente, o que leva à atenuação das “angústias de separação e engolfamento” próprias ao funcionamento esquizoparanoide (FIGUEIREDO, 2009, p. 44).

⁸⁸ Este trabalho de Winnicott refere-se à leitura do texto “Moisés e o monoteísmo” de Freud (FREUD, 1919/2018).

Podemos esperar que o pai e a mãe que *sequer chegaram ao Édipo*, como Winnicott descreveu, possam vivenciar a transição para a parentalidade de uma maneira ainda mais disruptiva do que aqueles cujo funcionamento mais “neurótico” determina outro tipo de angústias e defesas diante das crises da vida. Mas esses aspectos não se encontram sempre tão bem “separados” na clínica. Observamos que nas patologias presentes nos pacientes que adoecem no período perinatal, por trás de sintomas aparentemente “neuróticos”, por vezes, encontram-se angústias relativas a momentos muito precoces do desenvolvimento.

E assim acontece com o nosso personagem Coelho.

3.3 O DESFECHO DE UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA

“Vocês todos agem como se a culpa fosse minha. Eu nem estava lá. Foi ela” (p. 258)

Após a breve digressão sobre as angústias relativas ao atravessamento edípico, podemos agora retomar nossa narrativa, interrompida quando Coelho, de volta à casa, volta a conviver com esposa e filhos. As cenas a seguir trazem em detalhes o dia anterior à morte da criança e o dia do funeral. Encontramos nosso personagem, na manhã do domingo, indo ao culto na igreja e chegando em casa, agitado, contaminando toda a família com o seu estado interno de desorganização. Ele sairá de casa, intempestivamente, passando a noite fora. No dia seguinte, a mãe muito alcoolizada vai afogar a filha no banho.

Em nosso recorte da narrativa, pretendemos demonstrar as defesas maníacas se intensificando no personagem a partir desse domingo, por meio da descrição dos acontecimentos da tarde que precede a morte de June. Selecionamos também alguns trechos do reencontro de Coelho com seus pais, no dia do funeral, para ilustrar a relação do personagem com seus objetos primários. O leitor encontrará aqui transcritos esses momentos sob os títulos: **“na igreja”**, **“uma tarde infernal”** e **“o final da narrativa”**.

Essas passagens descrevem o fluxo associativo de Coelho, seguindo uma linha *que se repete*, em muitos outros momentos: situação angustiante, ameaça de perda ou castração, pensamento onipotente que diminui a importância do objeto e nega a angústia da perda, seguido ou não de descarga motora, o ato de correr ou excitar-se.

Esse mecanismo mental – a defesa maníaca – está articulado com questões concernentes à constituição psíquica do personagem.

“– Vou dizer-te uma coisa – diz-lhe Coelho. – Quando abandonei a Janice, descobri uma coisa interessante. – Se tiveres coragem para ser você mesmo – diz ele – outros pagarão tudo por você” (p. 133).

Ao longo da descrição das cenas a seguir, fica claro que Coelho, apesar de reconhecer seus filhos, não tem acesso à ternura. A ternura está ausente, quer seja no sentido de colocar-se de forma cuidadosa para com a esposa e o bebê, quer seja na disponibilidade interna para colocar suas necessidades instintuais em segundo plano, em função desse cuidado. Isso chega a caracterizá-lo, por vezes, como um pai tantalizante, como podemos ver nas descrições a seguir. Após a transcrição de algumas das últimas passagens de nosso romance, vamos pensar sobre a constituição psíquica de Coelho e sobre os entraves que ele encontra no sentido da constituição do sentimento de ser pai, ligado, em última instância, à sua imaturidade, dificuldade de simbolização e à dificuldade de fazer os lutos necessários ao viver.

3.3.1 Na igreja

O momento em que Coelho decide ir à igreja, no domingo, é de particular importância, pois descreve a *virada* interna do personagem, na medida em que a apreensão e a tristeza sentidas e relatadas pelas cenas que descrevemos no primeiro capítulo desse trabalho começam a se transformar num sentimento de triunfo, onipotência e arrogância. O breve momento de integração, sentido no retorno ao lar, é perdido rapidamente.

Lembremos que Coelho havia voltado para casa no dia do nascimento de June e passava os dias ao lado da esposa e dos filhos, vivenciando as intensas emoções do período pós-natal, observando e cuidando, segundo suas possibilidades, do bebê de poucos dias. A descrição dessa passagem se inicia quando Harry, convidado pelo pastor, arruma-se para o culto dominical. Ele, *de repente*, passa a se sentir muito feliz: [...] feliz, sortudo, abençoado, perdoado, e quer agradecer. Tem a intuição de que existe **um mundo invisível**; e ninguém imagina que **boa parte dos seus atos são interações com este mundo**.

Notamos o processo de cisão e projeção se constituindo no pensamento de Coelho, enquanto ele se dirige à igreja, pois ele:

Sente ódio de todas as pessoas que encontra na rua com roupas sujas e cotidianas, alardeando sua convicção de que o **mundo é uma ponte sobre o vazio**, que a morte é o fim de tudo [...] gosta das pessoas endomingadas: os ternos bem passados dos cavalheiros dignos emprestam substância e respeitabilidade **ao mundo invisível** [...] Quando entra na igreja, **sua felicidade é tão excelsa que ele nem consegue pedir perdão**” (pp. 206-207).

O que aconteceu?

Não parece que estamos falando do mesmo homem que ficava angustiado vigiando o sono do filho, todo “encolhido” diante das reprimendas da mãe. No domingo, Coelho se sente o “maioral” e percebemos que sua alegria, sua felicidade “tão excelsa” está passando um pouco da conta quando ele chega no culto e começa a flertar com a esposa do pastor. “Ele vai pedir perdão” (p. 206). Mas é neste mesmo momento que, aparentemente, sua “alegria cristã” por ver-se um bom pai de família dá lugar ao pensamento maniforme de onipotência, e ele

“**se sente alto** e elegante, cheio de potencial [...] sentindo-se forte e frio de lascívia” (p. 213).

É importante aqui esclarecer o sentido desta lascívia. Em outras passagens do livro, que não selecionamos neste trabalho, Harry já havia demonstrado uma certa atração por Lucy, a esposa do pastor. Mas, neste dia em especial, percebemos que, em fantasia, ele *repete com o casal da igreja o mesmo modelo de triangulação vivenciado entre ele e seus pais*. Coelho cai de amores por Lucy na igreja enquanto se perde em pensamentos que permitem-nos enxergar um profundo desprezo pelo pastor. Updike descreve esse mecanismo quando nos leva a perceber o foco do olhar de Coelho indo de Eccles, que prega no púlpito, a Lucy, que se posta à sua frente nos bancos da igreja. Coelho vai, em pensamento, desqualificando e ridicularizando Eccles, suas vestes e o seu sermão, ao mesmo tempo em que se entrega ao fascínio por Lucy.

Esse movimento é semelhante ao observado em sua casa, quando estivera *dominado* pela mãe, e sentira a insignificância do pai, como um velho cuja boca “parece boca de velha” (p. 201). Esse movimento psíquico, que se repete aqui, nos informa do modo como este homem, diante do casal parental, enxerga uma grande fraqueza no elemento masculino da dupla e o *emascula*.

Dessa maneira, Harry vê o pastor no púlpito e ridiculariza sua voz esganiçada e “aguda demais”, como também suas vestes:

[...] ao dirigir seu carro, ele passa muito mais fé. Com suas vestes eclesiásticas, ele parece um sacerdote de um mistério macabro” (p. 208).

Durante a homilia, por outro lado, Harry se prende à imagem da mulher à sua frente, que usa um chapéu. Seus olhos recobrem-na de um fascinante mistério e ele se excita com o “véu” (chapéu) que a recobre. Lucy é a mulher proibida. Observemos no texto o movimento do olhar de Harry indo do pastor para a mulher, enquanto se excita pela imagem dela e tripudia sobre o pastor e seu sermão. Para Harry, o mistério do pastor é macabro, enquanto o mistério da mulher é fascinante.

O rosto **luminoso** de Lucy Eccles **ora aparece, ora é encoberto** por seu escudo de palha [...] a mulher em momento algum se vira para olhar. Essa frieza desnecessária o excita. **O máximo que ele consegue é vê-la de perfil** [...] há algo de sensual na imobilidade daquela mulher [...] Coelho delicia-se com a ideia de que a verdadeira atenção dela está se irradiando para trás, em direção a ele [...] **os cabelos, a pele, o chapéu da moça brilham** [...] como as nuances de uma mesma chama (p. 208).

Observamos a forte cisão que domina o pensamento de Coelho neste momento: os fiéis dignos e endomingados, e os pecadores sujos; o pastor ridículo, e sua esposa misteriosa. Ao lado dessa cisão, Harry se coloca como alto, elegante, cheio de potencial. Sua “alegria excelsa” e a certeza de que seus atos são interações com “um mundo invisível” (porque divino) fazem com que, afinal, ele nem mais precise “pedir perdão” (!)

Forte diante do pastor, sentindo-se “feliz, sortudo e abençoado”, ele prossegue triunfando. O sermão do pastor fala sobre as tentações de Cristo no deserto, sobre a necessidade do controle dos impulsos e o valor do sacrifício⁸⁹. Aqui conseguimos perceber a ironia de Updike, pois Coelho critica todo o desenvolvimento do pensamento do reverendo, menosprezando e ridicularizando suas crenças e sua lógica. Lucy, por outro lado, pode ser pensada como oposta às ideias de castração e renúncia enaltecidos pelo pastor: aqui ela representa Lúcifer, o demônio que tenta Jesus no deserto. O simbolismo dos nomes é frequente na escrita de Updike. A dimensão da recusa à castração (CHREIM, 2019) também ocorre pelo sentido fálico que pode ser deduzido pelo brilho do “rostro luminoso” de Lucy.

O autor faz uma construção elegante para denotar o mecanismo do fetiche, descrevendo o chapéu e a posição do corpo e rosto da mulher, que “ora aparece, ora é encoberto por seu escudo”, como um jogo com que Coelho se distrai para não ser atingido pelas palavras do pastor.

⁸⁹ Nesta passagem dos evangelhos, Jesus é tentado pelo diabo no deserto durante quarenta dias. Ele não comera nada naqueles dias e, depois disso, sentiu fome. O diabo disse, então, a Jesus: “Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se mude em pão”. Jesus resiste a esta e outras tentações apresentadas pelo demônio.

Harry não gosta do lado escuro, torturado, visceral, do cristianismo, o que há de *travessia*, de **travessia para a morte** e o sofrimento de modo a redimir e inverter estas coisas, como um guarda-chuva virado do avesso. Falta-lhe a força de vontade cautelosa necessária para seguir a linha reta de um paradoxo (p. 208).

Se pudermos pensar sob este ângulo, de modo a entender a relação de Coelho com o casal parental como semelhante à maneira como se coloca diante do pastor e sua esposa, podemos nos permitir aqui a uma pequena digressão sobre a relação conflituosa que existe entre Harry e Eccles. Esse elemento nos permite hipotetizar sobre algumas das dificuldades de nosso personagem em relação ao seu próprio atravessamento edípico.

Lembramos ao leitor que, enquanto fora de casa, Coelho recebeu visitas do pastor, imbuído do desejo de trazer de volta a “ovelha perdida”: o pai que saiu de casa, o *desgarrado*. Em algumas cenas do encontro entre esses dois homens, percebemos uma relação de disputa, carregada de ambivalência. Apesar de não termos transcrito essas cenas para o leitor, podemos salientar que o pastor também apresenta suas próprias dificuldades, de modo que se coloca de uma forma onipotente em relação à sua capacidade de “convencer” o pai a voltar para casa. Eccles é advertido, pela própria esposa e por um colega, sobre seu equívoco, nesse projeto de “reforma da natureza”, tentando transformar o “coelho fujão” numa “ovelha” arrependida. “Como você acha que Deus vê isso, um marido imaturo que abandona uma mulher imatura?” – diz-lhe o pastor mais velho, quando percebe a arrogância de Eccles (p. 151). O próprio Coelho percebe a prepotência daquele que tenta lhe converter: “Deixe eu lhe fazer uma pergunta. O senhor acha que Deus quer que uma cachoeira seja uma árvore?” (p. 97).

Assim, a relação entre o pastor e sua “ovelha desgarrada” é carregada de ódio e disputa, como se estivessem em uma luta onde o derrotado se dobraria ao desejo do outro: Eccles, o bom moço, que seguiu a profissão do pai⁹⁰, e vive atormentado pelo dever e pela retidão, é um neurótico. Como tal, se fascina pela irreverência do outro. Pode-se mesmo dizer que os desejos recalçados do pastor alimentam seu anseio por converter o homem infiel, narcisista e onipotente, que atua, no positivo, aquilo que ele reprime⁹¹.

⁹⁰ Harry, como veremos mais tarde, não seguiu a profissão do pai.

⁹¹ “A neurose é, digamos, o negativo da perversão.” Com esta fórmula Freud relaciona a formação do sintoma do neurótico ao recalque do desejo que o perverso ousa realizar (FREUD, 1905/2016, p. 63).

Assim, quando Coelho flerta “descaradamente” com Lucy dentro da igreja, ele nos dá notícias de sua relação com uma mãe fálica e adorada, e um pai bastante fragilizado, em sua fantasia. Ao lado dessa polaridade entre a mãe e o pai, Lucy e Eccles, encontramos antíteses no texto, configurando também a polaridade entre Deus e o demônio, simbolizando a cisão psíquica em Coelho. Após o culto na igreja, podemos dizer que “Lúcifer” marca um ponto quando, de novo em casa, obcecado por ter uma relação sexual, Coelho incita a esposa a beber. É a lascívia despertada por Lucy que o leva a desejar “atuar” os seus impulsos num momento inadequado, quando mãe e filha se encontram, ne verdade, necessitadas da sua ternura.

Quando Coelho chega em casa após a ida à igreja, Janice percebe a agitação do esposo e pergunta: “Que bicho mordeu você? O que é que você tem? (p. 214). A esposa percebe a alteração do estado do marido, *a modificação de sua posição psíquica*.

De fato, se observarmos detalhadamente os movimentos de Harry durante este dia, podemos perceber a transformação mental de um homem que estava entristecido, lidando com um bebê em casa e toda a ambivalência despertada pela sua chegada, toda pulsionalidade despertada e para a qual não conseguia dar um destino certo.

Contudo, ao receber a visita do pastor, quando vai ao culto, Coelho já “sente ódio de todas as pessoas que encontra na rua com roupas sujas e cotidianas” (p. 206). Agora, a tristeza que estava sentindo parece estar sendo colocada para *fora de si mesmo* (lembremo-nos de como a tristeza estava insuportavelmente *dentro*, quando formulava suas ideias de ruína pensando que ao “entregar à natureza seu tributo”, ele tinha se tornado lixo) (p. 198).

É aqui que Harry coloca a tristeza “para fora”, jogando “para fora” seu mal-estar, seu lixo e seu *pecado*. Parece que, para ele, só há duas posições possíveis: estar do lado dos feios, dos sujos e dos pecadores ou ser uma espécie de santo, perfeito e todo-poderoso: Deus. O seu desejo de cuidar dos filhos e de estar bem com eles se evanesce à medida que ele desliza para uma posição de triunfo onipotente. Sem contar no significado de flertar com a esposa do pastor enquanto desconstrói, com desprezo, as crenças deste homem. É aqui que Coelho “castra”, em fantasia, o seu rival (como havia feito em sua descrição do pai).

Assim, a tristeza se transforma em ódio, e uma operação psíquica *simplificadora* ganha predominância, afastando Coelho do sofrimento de perceber-se falho e faltante em relação aos seus objetos.⁹² É a posição maníaca.

3.3.2 Uma tarde infernal

Prosseguimos com a descrição dos acontecimentos da tarde.

Ao voltar da igreja, Harry está muito agitado. Após passar momentos difíceis com o bebê que não para de chorar, Coelho decide sair, deixando a esposa sozinha novamente. Mas, a princípio, quando chega em casa, tudo o que ele deseja é descarregar sua excitação por meio de um intercurso sexual com a esposa. Então ele, que já estivera mais identificado com o bebê e também com o seio, neste momento não consegue respeitar a fase puerperal de Janice:

Sua vontade de fazer amor com Janice é como um anjinho que passasse a tarde inteira com pequeninos pesos de chumbo presos às suas asas (p. 213).

Assim, como um rastro de pólvora, a inquietação paterna provoca um grave desequilíbrio em casa, o que é imediatamente denunciado pelo choro de June. A chegada do pai, vindo da igreja, desorganiza a todos.

Notamos a abundância das metáforas de cunho religioso no texto de Updike, descrevendo a “sua vontade de fazer amor com Janice” como um anjinho com “pequeninos pesos de chumbo presos à suas asas”. Esta alusão ao anjo com chumbo nas asas pode nos levar ao “anjo caído” (Lúcifer), representando a destrutividade de Coelho, ligada à sua pulsionalidade não canalizada.

Por outro lado, na linha da morte anunciada da criança, a filha também será “anjinho com chumbo nas asas” que vai se *afundar* e se *afogar* por culpa dos pecados do pai (A ligação entre recém-nascidos mortos antes do batismo e anjos é recorrente no imaginário cristão).

Assim, na narrativa de Updike, destacamos vários elementos preditivos do desfecho da criança, que podem ser interpretados a partir do discurso paterno.

O neném geme o tempo todo. Em seu berço, passa a tarde emitindo um barulho irritante, como se estivesse fazendo força [...] arranhando constantemente alguma porta interior. O que será que ela quer? Por que será que ela não dorme? Ele chegou da igreja trazendo uma coisa

⁹² É interessante observar que, diante da angústia despertada pela situação que está vivendo, Coelho arranje um jeito de “fugir” da dor deslizando para uma posição maníaca. Lembremo-nos da intuição kleiniana do dinamismo psíquico presente na ideia das posições: Updike descreve detalhadamente a passagem do personagem para uma situação menos dolorosa, tripudiando sobre o pastor e sobre toda a dor, representada pelos sofrimentos de Cristo. O triunfo é a essência da defesa maníaca, que discutimos logo a seguir.

preciosa para Janice e não consegue entregá-la. O ruído **espalha medo** pelo apartamento. Faz seu estômago doer; **quando ele pega a criança para fazê-la arrotar, ele próprio é que arrota** [...] Aquele corpinho macio e estriado, leve como uma folha de papel, enrijece contra o peito do pai, depois fica mole, e **a cabeça quente roda como se quisesse se desparafusar do pescoço** [...] O barulho faz Nelson ficar nervoso e choramingueiro, como se, sendo ele o que está mais próximo do **portão escuro** de onde o bebê ainda há pouco saiu, fosse o mais sensível **à ameaça para a qual o neném está tentando alertar a todos** (p. 213).

Que ameaça é essa?

Parece que, na verdade, é a morte que ronda o apartamento. A ideia de *morte anunciada* aparece aqui, como um presságio: o corpo da criança cuja cabeça pode “se desparafusar” do pescoço, e o “portão escuro”. É bonita a construção do autor que mostra a ambiguidade entre a vida e a morte: voltar ao portão escuro é morrer; mas esse mesmo portão pode também significar o corpo materno, que trouxe o bebê à vida⁹³. A ideia do portão *escuro* também pode nos remeter à vagina – e o medo arcaico em relação ao corpo feminino, que parece estar presente em Coelho.

A partir daí, a cena familiar se complica rapidamente. Nesse contexto, o que ocorre é uma contaminação mútua: as agonias do bebê retroalimentam a ansiedade dos pais, denotando a falta de um *continente* para todas essas angústias. Não parece haver em Coelho a possibilidade de colocar-se como adulto cuidador, pois que neste momento sua privação faz um curto-circuito e se transforma em um desejo voluntarioso, desejo sexual⁹⁴, carregado de voracidade.

O pai, inquieto, tenta ninar a filha, que dorme por poucos momentos, mas logo volta a chorar.

“Ah meu Deus, Coelho exclama. Filha da puta, filha da puta” (p. 214).

Logo mais, a mãe começa a chorar também.

“O leite secou. O leite secou. Não tenho nada para dar para ela” (p. 214).

Assim, o fio do desespero transmite-se pelos membros da família como pólvora. Realmente, não há mais leite, hospitalidade, para acolher esta criança. Notemos como

⁹³ A ligação entre a mãe e a morte não passou despercebida por Freud. França (2017), em seu belo trabalho sobre a análise de um menino, desenvolve o tema do “terror e fascínio pelo feminino”. Ela comenta as fantasias de seu paciente sobre a imago da mãe como aquela que dá e toma a vida de volta, e as relaciona com o texto freudiano de 1913, que conecta as representações maternas às três parcas da mitologia grega. Haveria “três inevitáveis relações que um homem tem com uma mulher – a mulher que o dá à luz, a mulher que é a sua companheira e a mulher que o destrói” representada pela Terra mãe, que um dia “engolirá” o filho de volta, num processo reverso ao do nascimento (FREUD, 1913/1996, p. 185).

⁹⁴ A associação da imagem do animal coelho com a reprodução, a sexualidade exacerbada, também pode ser lembrada como um dos sentidos para a escolha desse apelido, para além da questão da “pressa” e do “correr e saltar”.

o pai se identifica projetivamente com a agonia do bebê, a nível do próprio corpo. Mas é incapaz de acalmar a filha, pois recebe a comunicação primitiva do incômodo da filha, mas não tem condições de transformá-la: **quando ele pega a criança para fazê-la arrotar, ele próprio é que arrota.**

Quanto mais tenso o clima na família, mais o bebê chora. Então, *parece que o demônio ganha a disputa*. Eis a fala de Coelho, que sempre se queixara do alcoolismo da esposa:

“Deixe para lá”, diz ele. **“Ela vai apagar”**⁹⁵. Tome um drinque. Ainda tem um pouco de uísque na cozinha...” (p. 214).

A fala de Coelho, neste momento, é expressão do seu desejo de morte da criança. É interessante pensar que o bebê morre no dia seguinte, pelas mãos da mãe, mas, na verdade, com a fala **“ela vai apagar”**, o pai já expressa seu desinvestimento na filha. Apagar pode significar dormir, mas também morrer. Oferecer uísque à esposa, por outro lado, também é uma ação tantalizante no contexto dessa família: desde o parto, Janice estava se ocupando dos cuidados com a menina, e não mais fizera uso de álcool.

O texto prossegue trazendo a angústia que se exacerba, expressa pela imagem das paredes da casa “suando”, como as paredes de uma “prisão”, bem como pelo medo sentido por Nelson. A imagem dos destroços também espelha a falência dos recursos internos dos personagens, nessa casa cheia de destruição:

E o choro não passa; aquele alerta febril, interrompido por momentos enervantes de silêncio, prossegue sem parar. **Alertados**, mas sem saber do que⁹⁶, eles andam de um lado para o outro, **entre os destroços** do jornal de domingo, dentro do apartamento, cujas paredes suam **como as paredes de uma prisão [...]**, mas eles **não conseguem se organizar para sair**. Ele e Nelson poderiam ir, mas o **medo estranho** do menino faz com que ele relute em se afastar da mãe, e Coelho, na esperança de possuí-la mais cedo ou mais tarde, fica esvoaçando em torno dela como um avarento em torno de seu tesouro. Sua lascívia os mantém juntos... (pp. 214-215).

Enfim, depois de Janice ter cedido em tomar o uísque, Coelho tenta ter uma relação sexual com ela. “Deixe eu só encostar em você, Jan, só encostar.” Mas, diante de sua resistência, tenta violá-la, se enfurece, dá-lhe um soco no ombro e enfim... foge.

⁹⁵ Luís Claudio Figueiredo evidencia que, sem dar *holding* à dupla mãe e bebê, o pai poderia ser, pelo contrário, “um terceiro invasor e inimigo em conluio com a mãe na tarefa de excluir e matar o bebê. Aqui se manifestam as formas mais cruentas da inveja” (FIGUEIREDO, 2019, p. 46). Em várias passagens do texto ressurgem a ideia da tragédia anunciada, que neste momento já toma a forma clara do desejo de morte do bebê (expressa por meio do termo: **apagar**).

⁹⁶ A ideia do alerta, do presságio, é um recurso que eleva o nível de angústia do leitor.

A expressão de sua pulsionalidade desorganizada (“eles não conseguem se organizar para sair”), da dificuldade de transformação dessa pulsionalidade, levam Coelho a tentar estuprar Janice, altercar-se com ela, violentamente. A falta de consideração para com ela e sua dificuldade de colocar-se numa posição de cuidado diante dos filhos aflitos (“filha da puta, filha da puta”) trazem mal-estar ao leitor, por conta da destrutividade do pai, e do clima tenso que sentimos “escorrer” pelas páginas, anunciando a morte, cuja concretização se aproxima.

“– Aonde você vai?

– Vou sair. Passei o dia todo preso nesta porcaria deste apartamento.

– Você já saiu de manhã... Por que você não tenta imaginar como estou me sentindo? Acabei de ter um filho.

– Não consigo. Até posso, mas não quero, não é isso que é a questão, a questão é como *eu* me sinto. E *eu* estou com vontade de sair.

[...] e ele pensa no ar, nas árvores, nas ruas, a se estender à luz dos postes de iluminação, nuas; e sai pela porta afora” (p. 219).

Janice, então, passa a noite toda esperando... e vai se desesperando, cada vez mais alcoolizada. Pela manhã, ao banhar a menina, deixa-a escorregar na banheira muito cheia, e é então que June se afoga.

Essa cena exasperante, que ilustra bem nossas formulações sobre a angústia, mostra claramente como não há possibilidade psíquica de acolher uma criança e suas necessidades quando a tensão entre um casal atinge um nível insuportável. Em Coelho, a dificuldade de tolerar a ambivalência, apesar de sua tentativa de reparar os efeitos de sua partida, o impede de lidar com a fragilidade da esposa. O ciúme e a inveja da relação desta com o bebê aumentam sua angústia, que parece ficar ainda maior nos momentos em que a díade demanda dele a capacidade de continência que ele não consegue ter.

O choro enervante de June, expressão da agonia impensável de um bebê desamparado, é insuportável para o pai. Então... ele foge de novo!

Não é difícil entender a vontade de fugir diante de um choro inconsolável. A narrativa é clara em mostrar como, nesta tarde infernal, o bebê, a mãe, o filho e o pai encontram-se desesperados. Podemos entender aquele choro, o medo de Nelson, a irritação de Coelho, e até a diminuição da produção de leite em Janice, como expressões do desamparo.

Na medida da angústia que contamina a todos e não encontra caminhos de transformação, Coelho foge e Janice recorre ao álcool para se anestésiar – na

verdade, incentivada pelo próprio esposo. Assim, é possível estabelecer uma ligação entre o acidente do bebê e a atitude paterna. Há algo de mórbido no incentivo que Coelho faz à esposa, oferecendo-lhe uísque, com a clara intenção de “apagar” nela a condição de nutriz e transformá-la em fêmea, apassivada. Recusando a posição de terceiro, o pai “psicotiza” a mãe e ataca o vínculo entre ela e a bebê: *se não tem leite, tome álcool...* Aqui o pai se torna, realmente, em relação à díade formada pela mãe e a filha, “um terceiro invasor e inimigo” (FIGUEIREDO, 2019, p. 46) atuando, concretamente, a sua inveja no que ela tem de mais destrutivo.

É essa atmosfera pouco acolhedora que, em última instância, provoca a morte da pequena June, pois um bebê num ambiente tantalizante como esse não encontra suporte para viver. A morte de June é o desfecho anunciado dessa falta de contenção ambiental.

Podemos também imaginar que, num sentido mais abstrato, a situação desse pequeno bebê pode ser ligada à morte psíquica, decorrente do trauma precoce ligado à falha ambiental. O afogamento de June é uma situação extrema. Mas o desejo de deixar a menina chorando, entregue às suas agonias, por si só, já é tantalizante. Em seu texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, Ferenczi associa o grave adoecimento de alguns pacientes à falta de acolhimento no começo da vida: “Quando vieram ao mundo [...] foram hóspedes não bem-vindos na família” (FERENCZI, 2011, p. 57). Podemos pensar como a morte de uma criança, mesmo acidental, pode estar ligada, em certos casos, a essa falta de hospitalidade e acolhimento.

Amparar uma criança, em suas necessidades, demanda a capacidade de adaptação dos adultos cuidadores, cuidando para que haja um ambiente que favoreça a vida: caso contrário, a fragilidade do pequeno ser torna-se vulnerabilidade de morte. Como se a proximidade daquele “*portão escuro*” pudesse tornar mais fácil retroceder...

3.3.3 O final da narrativa

Chegamos agora aos momentos finais da nossa história. Descrevemos a seguir o reencontro de Coelho e seus pais, no velório, e o momento do funeral da filha, em que o personagem experiencia um momento psicótico. Nessas passagens, Coelho formula algumas ideias sobre sua relação com a mãe, ideias que demonstram a dificuldade que ele tem de discriminar-se dela.

“O que mais horroriza de tudo é a ideia de ver seus pais. Não teve coragem de telefonar para eles nem de ir visitá-los desde que a coisa aconteceu. Assusta-o que desde então os pais não

o tenham procurado. Uma coisa é levar esporro dos pais dos outros, outra coisa bem diferente é levar esporro dos pais da gente. **Desde que voltou do exército, seu pai está implicando com ele porque não quis trabalhar na tipografia, e de certo modo essa implicância toda fez com que o pai se reduzisse a nada no coração do filho. Toda a brandura e bondade que o velho lhe manifestara no passado evaporou para ele.** Mas sua mãe era outra história: ainda estava viva, **ainda estava presa no cordão** da sua existência. Se ela cair de pau nele, Harry acha que prefere morrer. E é claro que ela vai cair de pau nele. Porque a Sra. Springer, dela Harry sempre pode escapular [...], mas a mãe não é uma questão de gostar ou não, **no fundo eles nem são duas pessoas separadas**, afinal ele começou na barriga dela **e se ela deu a vida a ele ela pode tomar de volta** e se ele sentir que ela tomou de volta é como se ele morresse. De todas as pessoas no mundo, a mãe é a que ele menos tem vontade de ver. **Sozinho na sala ele chega à conclusão de que ele ou a mãe, um dos dois, tem que morrer.** É uma conclusão estranha, mas ele cai nela repetidamente, vez após vez [...] O velho Plymouth, que Coelho conhece muito bem, estaciona à frente da agência. Sua mãe salta e olha para a esquerda e para a direita, zangada. **O coração de Harry salta** até a boca [...] todos ficam em posição de sentido [...] Sua mãe é a primeira a entrar; corre os olhos por todos e se aproxima de Harry com os braços estendidos. **‘Hassy... o que foi que fizeram com você?’** Faz essa pergunta em voz alta, e o envolve num abraço, **como se quisesse levá-lo de volta para o céu de onde caíram** (p. 253)

Após o período do velório, a descrição dos pensamentos de Coelho no cemitério denuncia o momento que ele entra *em franca mania*. Observe, leitor, seu pensamento místico, a transformação do afeto e a negação da morte da criança. Esse estado mental já vinha se anunciando desde o dia anterior, mas aqui parece atingir o seu auge. (Os comentários sobre os trechos em negrito serão retomados por nós para exemplificar o mecanismo de defesa maníaco, ao final deste capítulo.)

“O **cemitério está lindo** às quatro horas da tarde. O gramado cuidado se estende por um declive mais ou menos paralelo aos raios de sol [...]

“O senhor é meu pastor, **nada me faltará**”, a voz de Eccles é frágil ao ar livre [...]. O peito de Coelho **vibra de força e excitação**, está **convicto de que sua filha subiu para o céu**. Este sentimento recheia as palavras recitadas por Eccles **como um corpo vivo** recheia uma pele [...] É. É assim. Ele os sente a todos [...] ele os sente como se fossem um só [...] todos reunidos em um só, para dar à sua filha pagã forças de subir para o céu [...] Eccles fecha seu livro [...] as pessoas saem para o sol [...] **O céu saúda Harry. Uma força estranha desce nele. É como se ele estivesse rastejando dentro de uma caverna e finalmente visse, além da curva [...] uma nesga de luz; ele se vira, e o rosto de Janice, mudo de dor, bloqueia a luz.** “Não me olhe assim” diz ele. “Eu não matei ela”.

A frase sai de sua boca claramente, em harmonia com a simplicidade que ele sente em tudo agora. As cabeças se viram subitamente, interrompendo seus cochichos, ao ouvir uma voz tão súbita e cruel.

Eles entenderam mal. Ele só quer que o entendam direito. Explica para as cabeças todas: **“Vocês todos agem como se a culpa fosse minha. Eu nem estava lá. Foi ela.** Vira-se para Janice, o rosto dela, caído, como se tivesse levado uma bofetada [...] “Ei, não fique assim não” diz a ela. “Você não fez por querer.” Tenta pegar-lhe a mão, mas Janice a retira depressa [...] e olha para os pais, que se aproximam dela.

O rosto de Coelho arde. Seu constrangimento é feroz. **Antes estava com o coração cheio de perdão; agora virou ódio. Odeia o rosto da sua mulher.** Ela não vê. Ela teve oportunidade de compartilhar a verdade com ele, e recusou. Ele vê, em meio àquelas cabeças, que até a de sua mãe está horrorizada, pálida de espanto, um muro diante dele; ela

lhe perguntou o que fizeram com ele e agora ela também está assim. **Uma sensação sufocante de injustiça o cega.** Coelho se vira e corre.

3.4 A DEFESA MANÍACA

*A infelicidade tornava-se insuportável.
Apetecia-lhe odiar tudo, porque o medo fazia ódio.*
(Valter Hugo Mãe, 2016, p. 82)

As cenas acima descritas, que mostram as reações de Coelho no dia do funeral da filha, revelam elementos sugestivos do seu uso de defesas muito inoperantes, para “escapar” da dor psíquica. O leitor pode perceber, porém, que em várias situações anteriores narradas, já se nota a sua forte tendência a fugir, a se evadir das situações angustiantes.

Assim, no início da narrativa, somos apresentados a Coelho no dia do jogo de basquete. Já então, encontramos elementos textuais que podem metaforizar o funcionamento mental de nosso personagem, repetido ao longo de toda a trama. Existe a bola que **sobe**, as **asas que brotam** em seus braços, a ideia de **subir até chegar ao cume**, com todos aplaudindo e gritando, ouvindo o barulho “que **levanta a gente do chão**” etc. Mas, enfim, trata-se da empolgação de um jogo, do reencontro do prazer de estar em contato com a atividade de que Coelho sempre gostou.

Já nas páginas finais do livro, encontramos aspectos semelhantes, como a ideia da **subida da menina ao céu**, que, neste caso, expressa um momento psicótico do personagem. Então, seu coração, “cheio de perdão” (!) se enche de ódio pela esposa, mortificada pela culpa da perda da criança. Diante da imensa dor da morte, Coelho nega a perda sofrida, e tenta obturar sua própria culpa pelo dano causado à filha. Sua atitude no enterro de June, é, talvez, a demonstração mais contundente de sua incapacidade de tolerar a dor psíquica.

A comparação entre as páginas iniciais e as páginas finais do livro demonstra como a defesa maníaca, que, em certa medida, faz parte da vida, pode ser patológica se usada em excesso, de forma estereotipada e para fugir da realidade. Essa é uma das formas que o psiquismo encontra para lidar com a angústia da perda, dentro do arsenal dos mecanismos de defesa com os quais contamos para sobreviver psiquicamente. No caso de Coelho, porém, ocorrendo num grau extremo, esse modo de funcionar acaba contribuindo para a destruição da sua relação com os objetos.

Assim, do início da narrativa até o final, Updike demonstra como a repetição das fugas complica a situação de Coelho, causando um “estrago” cada vez maior em

sua vida. Ao tentar fugir, ele não ameniza os seus problemas: torna-os piores. A morte da filha é um símbolo do “beco sem saída” que representa para o psiquismo a impossibilidade de lidar com as perdas inevitáveis do viver. Fugindo-se da dor que é sentida como morte, provoca-se mais e mais morte; e eis como o uso indiscriminado da defesa maníaca contribui para manter o indivíduo num estado de paralisação do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, é interessante pensarmos como os mecanismos de defesa, quando assim encerrados num circuito de compulsão à repetição, acabam tendo um efeito contrário ao inicialmente desejado: a diminuição da angústia. Neste caso, tais mecanismos “[...] não impede(m) que intensas e variadas angústias sejam geradas, assim como a compulsão à repetição, configurando uma determinada forma de interrupção nos processos de saúde” (GRAÇA; FIGUEIREDO, 2018, p. 272).

Na verdade, é a pouca aptidão para realizar os processos de luto necessários ao viver que torna Coelho tão aflito, tão angustiado. Diante da dor, ele foge, e suas fugas terminam por aumentar essa dor, num verdadeiro círculo vicioso. Assim, pensando a defesa maníaca como um modo de fugir do contato com o sofrimento, nos damos conta de que Coelho é atravessado pelo grande temor de perder os objetos *que parece desprezar*. Essa situação paradoxal não passou despercebida pelos autores da Psicanálise: *a transformação da dor em seu oposto não significa ausência de dor*.

Tais questões foram apontadas por Freud, em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917/2010) e quadros em que a dor psíquica pode gerar estados de agitação ou “loucura” têm sido relatados desde a Grécia antiga, nas primeiras descrições da “loucura cíclica” de que se tem notícia (CORDÁS, 2017). Freud se intrigava pela transformação da melancolia no seu oposto, e ligou esse modo de funcionar psíquico ao narcisismo e à incapacidade de se fazer lutos. A respeito deste trabalho, comenta Maria Rita Khel:

Mesmo os mais graves episódios de tormento melancólico tendem a desaparecer depois de algum tempo e dar lugar a um estado de humor radicalmente oposto, a mania. A mania não determina o fim da melancolia; ela é apenas o outro polo dessa “loucura cíclica” [...] Durante o episódio melancólico, **inúmeras batalhas se travam entre o impulso para abandonar o objeto e o seu oposto, a tendência da libido em se manter ligada a ele**. O palco dessas batalhas é o inconsciente (KHEL, 2011, p. 30, grifo nosso).

Nossos autores destacam, na gênese dos estados maníaco-depressivos, o conflito inconsciente entre *manter-se ligado e abandonar o objeto*. Tudo se passa

como se, diante da impossibilidade de se separar do objeto, o ego lançasse mão de medidas drásticas para precipitar essa separação, negando a importância, a alteridade e, por vezes, até a existência do objeto.

Melanie Klein, grande pesquisadora dos mecanismos psicóticos de defesa, também se deteve sobre a constelação maníaca. Para Klein (1935), a dor da posição depressiva, associada à culpa por ter destruído o objeto amado, é muito difícil de suportar. Diante dessa dor, pode-se recuar para a posição esquizoparanoide e deslizar para a defesa maníaca.

A autora nos explica que, embora as fantasias ligadas à posição esquizoparanoide – das quais o funcionamento maníaco faz parte – impliquem uma relação mais precária do indivíduo com a realidade, elas representam a vantagem de propiciar um menor contato com a dor. Como diz Valter Hugo Mãe (2016, p. 82), *se a infelicidade se torna insuportável, apetece odiar tudo*: pois o medo de perder e de sofrer faz ódio!

A posição depressiva, por outro lado, demanda uma capacidade de suportar a ambivalência sem recorrer à deformação da percepção da realidade.

Por que Coelho “escapa” toda vez que a dor se anuncia no horizonte? Segundo a teoria kleiniana, seu funcionamento é típico da dificuldade de se enfrentar a posição depressiva, pois ele se esquia da dor deslocando-se (inclusive, fisicamente) por todo o livro. Assim, mesmo diante de situações aparentemente mais anódinas, podemos perceber, ao longo de todo texto, que Coelho lida mal com as perdas e não tolera a própria ambivalência em relação aos seus objetos.

Nesse sentido, o escritor deixa claro o maior “gatilho” para que Coelho acione suas defesas maníacas: a dor da perda. Harry foge quando vê sua mãe com seu filho, sentindo um ciúme estranho, que “vem e passa” rapidamente; foge da situação perinatal, flertando com a mulher do pastor, indo embora de casa; foge no dia do enterro, literalmente, *correndo* da situação...

Coelho corre de uma situação para outra por não ter a capacidade de elaborar essas passagens. Na clínica de pacientes que funcionam como o nosso personagem, a agitação corporal e a hiperatividade são comuns. Diante da angústia, encena-se no palco do corpo a fuga que ocorre *dentro* do psiquismo. A fuga é o modo mais primitivo de se afastar do perigo, e está presente de forma caracterial em alguns pacientes que têm muita dificuldade de entrar em contato com as próprias emoções (DE CICCIO, 2020).

Dentro dessa linha associativa, o caso de Coelho nos leva à interessante relação existente entre a agitação existente no uso da defesa maníaca e a inquietação corporal associada às dificuldades de simbolização, quando a precariedade do mecanismo do para-excitação faz com que o aumento de tensão gere um “curto-circuito” que se descarrega no corpo (ROCHA, 2000). Talvez Coelho tenha dificuldade em ambas as áreas, pois, ao lado do funcionamento maníaco, notamos a precariedade dos seus mecanismos de simbolização, associada a uma forte sensorialidade.

Updike nos fala dessa dificuldade por meio de um mecanismo sutil do seu texto. Os estados emocionais do personagem estão sempre espelhados no ambiente, nas paisagens e nos cenários; não há momentos introspectivos de elaboração em que as emoções possam ser compreendidas, transformadas em palavras e diálogos internos. Coelho pensa muito pouco, e muito rápido. Parece que, dentro do seu psiquismo, não há espaço para *se deter* e processar as experiências.

Ao lado dessa tendência a evadir-se das situações “descarregando” a excitação e o desconforto a nível do corpo, em alguns momentos é mesmo a defesa maníaca, como modo de fugir ou negar a dor, que parece estar mais claramente conectada ao comportamento de Coelho. Durante os rituais fúnebres da filha, isso fica patente. Nesse dia, Harry desconecta-se quase completamente da realidade, fantasiando a subida dela ao céu, excitado e *negando*, assim, todo estrago cometido pelo casal com a morte da menina (associativamente, encontramos a negação da morte, pelos elementos grifados: *nada me faltará, corpo vivo, a certeza de que a filha sobe ao céu*). É interessante que, ao ver a expressão de dor no rosto da esposa, ele não se contenha e diga, perante todos, a frase que representa sua total desculpabilização pelo ocorrido (o que parece a todos uma confissão)...

“Vocês todos agem como se a culpa fosse minha. Eu nem estava lá. Foi ela (p. 258).

O que caracteriza o mecanismo maníaco de defesa?

Segundo Klein, existe uma tríade que caracteriza o funcionamento psíquico organizado segundo uma posição maníaca. Esta tríade consiste no controle, triunfo e desprezo pelo objeto. É assim que, por meio da negação da importância do objeto, o ego deixa de valorizar as consequências da sua perda. Esses mecanismos são, em suma, uma forma de defesa poderosa contra a angústia de perder e a culpa por causar dano ao objeto. Vejamos como esse processo é descrito por Melanie Klein (1940, pp. 391-392):

Uma vez que, no bebê, os processos de introjeção e projeção são dominados pela agressividade e a ansiedade, que se reforçam mutuamente, eles levam ao medo da perseguição por parte de objetos aterrorizantes. A esse se acrescenta o **medo de perder os objetos amados**, ou seja, surge a posição depressiva [...] (quando) a introjeção do objeto amado total dá origem à **preocupação e ao sofrimento em torno da possível destruição desse objeto** [...] Agora proponho chamar esses sentimentos com uma palavra simples, o “anseio” pelo objeto amado. Quando surge a posição depressiva, o ego é obrigado a desenvolver métodos de defesa contra o “anseio” pelo objeto amado. Anteriormente chamei alguns destes métodos de defesas maníacas, ou de posição maníaca. **Ansiedades depressivas (a ansiedade de que os objetos amados assim como o próprio ego sejam destruídos) levam o ego a criar fantasias onipotentes e violentas** (grifos nossos).

No acima exposto, notamos como a **onipotência** é uma característica essencial do funcionamento maníaco. É o oposto da percepção da própria fragilidade e desamparo; e ao mesmo tempo, configura a ilusão de que o indivíduo pode se bastar sozinho. Nada pode castrá-lo, limitá-lo, ninguém o pode controlar. Na constelação maníaca, encontram-se vários mecanismos de distorção da percepção da realidade.

A idealização é uma parte essencial da posição maníaca e está ligada à negação [...] sem uma negação, o ego não consegue suportar o desastre de que se sente ameaçado quando a posição depressiva está no auge. **A onipotência, a negação e a idealização, intimamente ligadas à ambivalência, permitem que o ego primitivo se levante até certo ponto contra seus perseguidores internos e contra uma dependência submissa e perigosa em relação aos objetos** (KLEIN, 1940, pp. 391-392) (grifo nosso).

É interessante destacar como as descrições de Klein dão ênfase ao **triunfo** sobre o objeto, na medida em que o ego “se levanta” contra a dependência “submissa e perigosa” em relação a ele. Elemento essencial da constelação maníaca, o triunfo está ligado ao desprezo e humilhação do outro. Negar a importância e o valor de outrem ou de algo é um modo de libertar-se da sensação opressora de depender do amor de outra pessoa, que pode nos abandonar, falhar conosco.

Lembremo-nos de como Coelho descreve Janice. Ele a considera uma moça “burra”, limitada e estúpida. O personagem também, em vários momentos, desqualifica seu pai e o pastor. Klein nos lembra de que a situação de rivalidade, o desejo de suplantar os pais, de ter poder sobre eles, está ligado naturalmente ao crescimento. Na fantasia da criança, ela será um dia grande, alta, forte, rica, e os pais, velhos e fracos, pobres e rejeitados. A *culpa* decorrente dessas fantasias pode dificultar o amadurecimento. Podemos assim entrever, no ódio que nosso paciente demonstra

sentir pela fraqueza e vulnerabilidade da esposa, indícios da culpa que sente em relação a ela, uma moça dependente e desorganizada, cujos aspectos infantis sobrecarregam o marido. De certa forma, aspectos patológicos desse casal favorecem a projeção de aspectos odiados de Coelho em sua parceira. Eles se colocam, assim, em relação complementar, reforçando a utilização, pelo marido, de mecanismos reparatórios onipotentes – e ineficientes – que aumentam ainda mais a sua culpa.

A defesa maníaca, se não puder ser abandonada, ou mitigada, por meio da aquisição de uma boa capacidade reparatória e da capacidade para o luto, “perturba a reparação e a recriação do mundo interno”:

[...] o triunfo sobre os objetos internos que o ego da criança pequena controla, humilha e tortura tem um aspecto tão destrutivo que a posição maníaca perturba a reparação e a recriação do mundo interno, assim como a paz e a harmonia interior; desse modo, o triunfo prejudica o trabalho do luto arcaico (KLEIN, 1940, p. 395).

Klein nos demonstra como a inoperância do uso maciço das defesas maníacas deixa a pessoa numa situação sem saída. Isso ocorre porque, ao se negar o valor do objeto e a importância das perdas, não há como o ego desenvolver-se realmente, pois, para isso, as perdas têm que ser *elaboradas*, trabalhadas. Assim, ao cindir a realidade e usar a “mágica” para restituir a integridade do objeto destruído⁹⁷, o funcionamento maníaco não oferece ao indivíduo a verdadeira elaboração das perdas. Tampouco o faz a reparação obsessiva, que constantemente se associa aos mecanismos maníacos de defesa:

Quando as defesas de natureza maníaca fracassam (defesas em que perigos originários de várias fontes são negados ou minimizados de forma onipotente), o ego é simultânea ou alternadamente levado a combater o medo da deterioração e da desintegração com tentativas de reparação executadas de forma obsessiva [...] os mecanismos obsessivos são uma defesa contra ansiedades paranoides, além de ser um meio de modificá-las (KLEIN, 1940, pp. 393-394).

Lembre-mos da obsessividade de Coelho, ligada à necessidade de limpeza, controle e ordem, pela busca pela perfeição e pouca tolerância ao erro. Porém, a reparação obsessiva, porque ilimitada e compulsiva, pouco contribui para melhorar as relações de Harry com os seus objetos, principalmente a esposa adoecida, que ele enxerga como fraca e desleixada. A angústia crescente de Harry nos mostra como a reparação obsessiva e a reparação maníaca falham, pois estão assentadas, até certo

⁹⁷ Lembre-mos de Coelho, certo de que a filha sobe ao céu, que o cemitério está lindo, que foram abençoados por Deus etc.

ponto, na negação do dano causado às pessoas e na negação da culpa por tê-las magoado. Há indícios de que os *objetos internos* de Coelho, a despeito de suas tentativas de correção e controle, estão sempre destroçados, estragados, despedaçados (que é expresso pela “bagunça” de sua casa).

O desejo de controlar o objeto, a gratificação sádica de dominá-lo e humilhá-lo, de sobrepujá-lo, o *trunfo* sobre ele, podem participar com tanta força do ato de reparação que o círculo benigno iniciado por este ato se rompe. Os objetos que deveriam ser restaurados se transformam novamente em perseguidores e os medos paranoides voltam à tona. Esses medos reforçam os mecanismos de defesa paranoides (de destruir o objeto) assim como os mecanismos maníacos (de controlá-lo ou mantê-lo em animação suspensa, e assim por diante). A reparação em progresso é então prejudicada ou anulada, dependendo da intensidade com que esses mecanismos são ativados. Como consequência do fracasso do ato de reparação, e o ego se vê obrigado a recorrer constantemente a defesas obsessivas e maníacas (KLEIN, 1940, pp. 393-394).

Para a pessoa que funciona dessa maneira, a grandeza e a onipotência são defesas contra o medo de perder o único objeto que é insubstituível: a mãe, pela qual ainda se está em luto (KLEIN, 1940, p. 395). Diante da dificuldade de processar essa perda tão essencial, para que haja desenvolvimento, passa-se a vida defendendo-se dessa dor reeditada a cada encontro (e desencontro) com os objetos de amor. Há muito ódio envolvido, então, nas relações objetais. O ódio à dor, impregnado da pulsão de morte, leva ao excessivo “[...] desprestígio do sofrimento, da dor, do fracasso, da derrota, da solidão, das frustrações e humilhações, das angústias e das agonias” (FIGUEIREDO, 2019, p. 52), e também impede ao indivíduo a possibilidade de amar.

É interessante pensar na descrição que Coelho faz da doutrina religiosa; notemos a semelhança entre sua formulação e a descrição de Figueiredo:

Harry não gosta do lado escuro, torturado, visceral, do cristianismo, o que há de *travessia*, de *travessia para a morte* e o sofrimento de modo a redimir e inverter estas coisas, como um guarda-chuva virado do avesso (UPDIKE, 2003, p. 208).

Nas próprias palavras de Coelho, o “lado escuro, torturado, visceral” da dor é encarado como a *morte*. Apesar de estar se referindo, nessa passagem, à sua opinião sobre o cristianismo, podemos entender que, com essas palavras, o personagem expressa sua ojeriza pela tristeza e reitera sua recusa em aceitar as perdas da vida. É o ódio à dor.

Podemos perceber como esse *ódio à dor* desorganiza os processos psíquicos. Quando a angústia de perder passa a ser preponderante na relação do indivíduo com

seus objetos internos, a defesa maníaca torna-se expressão da “morte dentro” (WINNICOTT, 1935/2000, p. 203), pois o psiquismo vê atacados os seus próprios mecanismos de ligação e simbolização. O mecanismo maníaco expressa a dificuldade de processamento das emoções, pois “[...] se organiza em relação às ansiedades vinculadas à depressão, que é o estado de espírito resultante da coexistência de amor, voracidade e ódio nos relacionamentos entre os objetos internos (*ibidem*, p. 203).

É o luto o processo psíquico por meio do qual o indivíduo registra, transforma, simboliza e ameniza as dores das suas perdas. O luto passa necessariamente pelo contato com a dor e pela aceitação do valor do objeto, como também pelo reconhecimento daquilo que foi irrecuperavelmente perdido. Quando os processos de ligação são predominantes, é por meio da simbolização que algo permanece no psiquismo dando notícias daquele objeto perdido, enquanto partes daquilo que se perdeu são incorporadas, introjetadas pelo eu (FREUD, 1917).

Sem o trabalho de luto, paralisa-se o desenvolvimento. Para Figueiredo (2019), a defesa maníaca, em suas formas mais nocivas, *impede o processamento da realidade interna*. A hiperatividade, a agitação, a onipotência do pensamento e os movimentos reparatórios maníacos e obsessivos, embora aliviando temporariamente a angústia, causam destruição, retroalimentando a angústia e a culpa. Podemos imaginar como esse tipo de funcionamento torna-se desfavorável ao exercício pleno da parentalidade, cheia de limitações, de medos, de encontros e reencontros com o desamparo do bebê.

Como comentado na introdução deste trabalho, apesar de nosso jovem pai ter “vivido” na década de 60, as defesas de que se utiliza o tornam atual. Figueiredo (2019, p. 49) aponta que vivemos em uma sociedade “com a morte na alma”, com um *fundo depressivo* contra o qual se acionam defesas onipotentes⁹⁸. Figueiredo demonstra a importância do pensamento kleiniano, na psicanálise contemporânea, denunciando que a defesa maníaca, em seus processos de negação e onipotência, é muito prevalente em nossa sociedade. A negação onipotente desconsidera a dependência de bons objetos, além de ignorar os danos que se tenha causado a eles.

No fundamental, há a negação das fragilidades e carências, defeitos e inadequações do próprio sujeito, e, ainda, a negação das perdas sofridas e dos estragos e destruições causadas por ele; negação,

⁹⁸ “A depressividade, considerada por Fédida (2002) como uma qualidade fundamental ao trabalho psíquico, não possui lugar de expressão no mundo contemporâneo” (SORDI, 2018, pp. 43-49).

portanto, de suas falhas [...] e culpas reais ou imaginárias (FIGUEIREDO, 2019, p. 50).

A contrapartida desse estado de negação e desse enfrentamento deficiente das perdas e dos limites do viver é o trabalho do luto.

O trabalho do luto, na medida em que permite que a pessoa possa desvincular-se de forma saudável dos seus objetos, é a verdadeira “saída” para a situação de dor psíquica ligada às perdas do viver e à ambivalência.

Mas a *arte de perder*⁹⁹ não é coisa fácil de ser aprendida...

É preciso apoio ambiental e sucessivas experiências de desencontros e reencontros com os objetos para que a pessoa consiga lidar com as suas ausências. Se há dificuldade nesse campo, a criança não adquire a condição interna de lidar com as próprias falhas; e passa a reagir mal, não somente em relação ao ambiente, mas em seu íntimo, intolerante para com suas próprias dificuldades, para com a sua própria pulsionalidade.

É somente a partir da conquista de uma certa *depressividade* (FÉDIDA, 2002), expressa pela condição de tolerar as emoções e as perdas, que se consegue chegar à atenuação do uso das defesas próprias à posição esquizoparanoide. A depressividade diz respeito à condição de retraimento necessária à elaboração psíquica, ao contato consigo mesmo, e se assemelha à posição depressiva descrita por Melanie Klein. Como apontamos anteriormente, é só nesse contexto que a alteridade pode ser levada, verdadeiramente, em conta: “[...] quando o outro pode ser levado em consideração na capacidade do sujeito de amar e reparar, o que significa a firme introjeção do objeto bom e uma predominância da posição depressiva à posição paranoide” (SORDI, 2018, p. 43).

Há uma relação dialética entre a depressividade, como possibilidade de entrar em contato com a dor e as limitações da vida, e a melancolia, verdadeiro fechamento de si mesmo, que se liga à impossibilidade de elaborar as perdas. A primeira expressa a condição de retraimento necessária à elaboração psíquica e se relaciona com a saúde; a segunda se liga à patologia.

Assim, a melancolia e o luto se articulam como os dois polos de um mesmo processo: trata-se do psiquismo que trabalha para fazer frente às perdas, reais ou imaginárias, e à dor de senti-las. No caso da depressão melancólica, a “contrapartida inevitável da mania” faz parte da tentativa de negar, eliminar ou suplantar o valor dos

⁹⁹ Parafrazeando o lindo poema de Elizabeth Bishop. Agradecemos ao professor Luís Claudio Figueiredo pela apresentação desse poema em aula.

objetos, cuja ausência não pode ser transformada pelo psiquismo. O processamento da dor, o qual chamamos de “luto”, é essencial para o desenvolvimento.

Enfim, o indivíduo que não consegue fazer lutos está adoecido. Notamos como o modo de funcionamento de Coelho chega a *desumanizá-lo* muitas vezes. Vai ficando mais claro para nós, leitores, que o apelido “Coelho” também se refere à dificuldade psíquica deste homem, que age impulsivamente por ter um psiquismo que “trabalha” de forma tão primitiva. Notemos que, conforme o tempo passa, a defesa maníaca no nosso personagem se *agrava*, culminando com o momento psicótico na última cena descrita.

Em Coelho, a passagem para uma posição maníaca ocorre muito rapidamente, em várias ocasiões. Nesses momentos, ele se sente superior ao objeto, triunfa, e a onipotência (que aparece em vários pontos do texto: *como uma força estranha que desce nele, um poder especial, ser especial, arrancar suspiros da plateia do basquete, sentindo a filha subir ao céu, compartilhando a verdade*) é muito marcada. À magnitude de sua onipotência corresponde a sua fragilidade psíquica, a sua fragilidade narcísica.

3.5 OS OBJETOS PRIMÁRIOS EM COELHO

Chegamos agora ao momento de tentar elucubrar aspectos da constituição psíquica de Coelho, que o tornam tão “frágil” psiquicamente. Quando Harry pensa em sua mãe, a *idealização* de uma conexão entre eles nos faz suspeitar de que, nessa dupla, deve ter havido muito desencontro, pois é o ódio que está subentendido nessa grande idealização. Por outro lado, o pai, fraco e ausente, parece desvalorizado. Por vezes, Coelho demonstra ter introjetado uma triangulação incipiente em seu psiquismo, mas o casal parental não é um casal benigno, que favorece a ele a transformação de suas angústias, seu ciúme e a sua insegurança em relação à vida. E assim ele camufla, sob a defesa maníaca, as suas dificuldades.

3.5.1 A figura materna

Apesar de sentir a mãe “*ainda presa no cordão da sua existência*”, é interessante observar como Harry não pode contar com a sua ajuda para acolher suas angústias. Coelho, na verdade, sente-se *perseguido* em relação a ela, na maior parte do tempo, como demonstra em diversas ocasiões.

No enterro, quando o olhar materno o recrimina, *a sua desaprovação equivale para ele a uma sentença de morte*. Assim, percebemos uma falha nos processos de discriminação eu/outro que surgem no discurso de Harry, particularmente no dia do funeral. Então, Coelho nos conta, enquanto espera a chegada dos pais, a maneira como se sente *não-separado* de sua mãe. “*No fundo eles nem são duas pessoas separadas*” (p. 253). A consciência disso faz com que sinta que no mundo só poderia haver ela, ou ele! De forma complementar, essa dificuldade de discriminação corresponde à projeção de um poder ilimitado na figura materna. Durante o velório, a descrição da chegada da Sra. Angstrom (*como se fosse a lei*) faz com que todos fiquem *em posição de sentido*. A visão da onipotência feminina, na figura dessa mãe severa, o fascina – e também provoca sua inveja. A ideia de que *ela pode tomar sua vida de volta* reforça a metáfora do portão escuro¹⁰⁰ que é o corpo materno: e a conclusão de que um dos dois tem que morrer parece ecoar a morte de June, que sozinha com a mãe, morreu.

Da parte do nosso personagem, podemos deduzir que essa situação está na origem das angústias de engolfamento e separação experienciadas em suas relações objetais, o que nos dá notícias da falta de uma verdadeira terceiridade introjetada em seu psiquismo. Isso se reflete nas suas relações amorosas. Com as parceiras, os rompimentos são bruscos, e ele oscila entre o sentimento de desconexão e a aflição de perceber-se apertado, enredado, aprisionado nessas relações. A fragilidade do seu contorno narcísico também parece evidente na medida em que é somente a mãe de Coelho que tem o poder de absolvê-lo: e o faz, no dia do velório, quando não pergunta o que ele fez para causar a morte da menina, e sim, *o que fizeram com ele*, confirmando sua inocência, sua *pureza*.

Ao lado disso, temos indícios de que essa mãe, de fato, é, ao mesmo tempo, retaliadora e superprotetora em relação ao filho. Lembremo-nos do encontro de Coelho e sua mãe logo depois do nascimento de June. A mãe, zangada com ele, diz: “*Ele tem aquelas mãozinhas pequenas dos Springer*”. E o desqualifica na medida em que percebe as mãos pequenas de Nelson¹⁰¹, seu produto. Por outro lado, certas características da Sra. Angstrom também nos fazem pensar numa mulher que reforça o aspecto caracterial narcísico do seu primogênito. O *conluio* entre eles aparece,

¹⁰⁰ Conforme página 133 deste trabalho.

¹⁰¹ Observe a ironia do autor: Nelson, etimologicamente, significa “filho do campeão” (Dicionário de Nomes Próprios [on-line])

subliminarmente, na acusação de que a família da nora magoou o seu “pobre menino”, quando ela diz: “Hassy... o que foi que fizeram com você?”

O acima exposto, pelos indícios da atitude materna e pelas dificuldades do nosso Coelho, nos faz suspeitar de uma característica paradoxal no vínculo entre mãe e filho. Parece haver uma certa dificuldade materna em propiciar um verdadeiro continente para suas angústias de Coelho – embora permaneçam muito ligados. Isso ocorre porque Harry só pode ser acolhido na medida da sua perfeição: sua alteridade, para a mãe, ainda é negada. Pensando nas questões caracteriais de Coelho, é difícil considerar sua angústia e defesas levando apenas em conta a dimensão intrapsíquica das suas pulsões: inveja inata, pulsão de morte e fatores constitucionais... Em que medida a mãe de Coelho pode ter tido dificuldade para auxiliar o filho nos seus processos de diferenciação em relação a ela?

Para pensar essa questão, lembramos nossos autores, os quais entendem a importância do atravessamento edípico, que se liga à capacidade de simbolização e ao ganho maturacional que permite ao indivíduo lidar com a alteridade. Assim, Green (2017) nos lembra da questão da *terceiridade* constitutiva da saúde psíquica, ressaltando a importância de um terceiro “separador” da unidade dual mãe/ bebê operando *no próprio psiquismo materno*. Por meio da caracterização *aberta* do triângulo edípico, não somente a figura do pai real, mas as imagos existentes *dentro* da mãe, são importantes para aqueles processos de discriminação.

A tarefa da criança é muito dificultada se não existe um “outro” para o Outro do bebê:

Com o que sonha a mãe? Com a criança *ou* com o pai. [...] O que significa sonhar com o pai? É sonhar com o *vínculo* entre os pais e entre o bebê e o pai, dos quais a mãe é, se assim ousar dizer, o lugar-comum [...] assim, sonhar com o pai, portanto, é já sonhar com a abertura da relação ao terceiro (GREEN, 2017a, p. 320).

Pensem sobre a formulação um tanto poética de Coelho, ao encontrar a sua mãe no momento de dor, levando-o de volta ao “céu de onde caíram”. O significante “céu” é repetido muitas vezes no texto; aparecendo inclusive no jogo do basquete do início da nossa história. Faz-nos suspeitar da idealização dessa conexão entre a mãe e o filho, perfeita, inexpugnável e, ao mesmo tempo, tão frágil. Ao sentir, nesse momento, como se a mãe pudesse erguê-lo ao céu¹⁰², “*o céu de onde caíram*”: é do

¹⁰² Aqui, o significante *céu* pode estar expressando o aspecto narcísico do personagem.

lugar do bebê ideal, do “falo” da mãe, a que Coelho está se referindo. Sem nenhuma instância terceira a separá-los. É assim que esse filho descreve sua mãe, e sua ligação com ela: “*ainda presa no cordão da sua existência*”, “*no fundo eles nem são duas pessoas separadas*”, “*se ela deu a vida a ele ela pode tomar de volta*”, “*sua raiva chega-lhe às narinas*”, “*imagina que ela sempre esteve do seu lado*”, “*se sua mãe reparou, (deve ser) mesmo*” (a respeito das mãos pequenas do neto), “*é como se ela quisesse derrubar tudo, mesmo que desabe nela*” etc.

Dentre os autores que se dedicam a pensar esse tipo de relação, Bleger (1977) afirma que, em casos de simbiose entre os componentes de um par amoroso, a indiferenciação eu-outro traz ao *eu* a sensação de aprisionamento *dentro do objeto*. Na vida adulta, a libertação desse jugo torna-se uma questão de vida ou morte, nos relacionamentos em que essa característica é predominante. OU ELE, OU ELA tem que morrer; não há saída para Coelho. Podemos, talvez, relacionar algumas imagens abundantes no texto, que tomamos como significativas da angústia, como representando também aquela sensação de engolfamento, de sufoco, de emparedamento dentro da mãe de quem ele não se pode verdadeiramente separar (lembramo-nos das paredes do apartamento “suando” de desespero, e de como “eles não conseguem se organizar para sair”). Essa mãe introjetada dentro dele é insaciável: um juiz interno muito severo e que não pode alimentá-lo, tranquilizá-lo – lembremos que a primeira fuga acontece quando Coelho sente uma “onda de ciúme” ao ver sua mãe cuidando do pequeno Nelson! Algumas chaves de sentido podem nos ajudar a pensar nessa “introjeção” que não permite a Coelho sustentar-se na vida por meio do auxílio de um “objeto bom” em seu psiquismo.

No pensamento de André Green, encontramos a ideia da *estrutura enquadrante*: a mãe que é introjetada, *absorvida* de certa forma, de modo que o filho possa dela prescindir, pois psiquicamente se tornou capaz de integrar a própria pulsionalidade (GREEN, 1988). Para Bion (1962), o processo de simbolização e transformação das angústias também resulta dos bons encontros com o objeto primário, ao *ensonhar* os conteúdos intoleráveis do bebê, que aos poucos vai aprendendo a “pensar” por si próprio. Esse “pensar”, no sentido bioniano, representa o processo de simbolização dos conteúdos psíquicos, a capacidade de transformar e dar sentido à pulsionalidade e aos afetos¹⁰³.

¹⁰³ A importante função dos objetos primários em relação a esses processos é melhor desenvolvida no apêndice desta dissertação.

As dificuldades de Coelho em relação à separação podem ser então ligadas ao *luto não realizado* dessa relação idealizada com o objeto primário. A falta de um objeto bom introjetado, a dificuldade de fazer lutos e a precariedade dos processos de separação eu/outro também tem uma outra consequência no âmbito da relação de Coelho com as pessoas. Nosso personagem é incapaz de sentir um verdadeiro concernimento para com esposa e filhos. Pois o concernimento requer a capacidade de enxergar objetos totais, e de que se tenha podido atingir um grau de separação com a mãe que permita ao bebê enxergá-la fora de sua área de onipotência (WINNICOTT, 1963/1983).

Só o amadurecimento e a aquisição da capacidade de reparação e de fazer lutos permite ao indivíduo, verdadeiramente, sustentar-se dentro da posição depressiva, que representa, em última instância, a elaboração da perda daquela mãe dos estágios iniciais. Acima expusemos os inúmeros indícios que nos contam de como Coelho *recua* diante do sofrimento, pois encontra muita dificuldade em realizar lutos e passagens. *Suas velas são sempre muito estreitas...*

Daí, é só um passo para que o funcionamento maníaco se cristalice como defesa para evitar a entrada na posição depressiva, em que a perda é sentida verdadeiramente.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: o que teria sido essa “guerra” a interromper a adolescência feliz de Coelho? Por que ele sente tanta nostalgia pelo que se passou, voltando seus olhos para aquilo que foi irremediavelmente perdido? Podemos supor que alguma separação de natureza traumática tenha ocorrido muito cedo em sua vida, e que, de algum modo, a vinda da filha possa estar trazendo essa angústia de volta?

Para André, “o que chamamos de patologias narcísicas são patologias *do narcisismo*, cuja fonte situa-se tanto nos fracassos como no excesso (ambiental), tanto nas faltas como na invasão [...] materna” (ANDRÉ, 1996, p.136).

Coelho parece ser um homem cujo amadurecimento foi interrompido em algum ponto; talvez a guerra *matando* a adolescência seja uma metáfora para algo que, em sua vida, ele perdeu cedo demais, *ou de modo muito brusco*: sem que pudesse ter adquirido a capacidade de realizar os trabalhos de luto necessários ao crescimento. Possivelmente, esses entraves em seu desenvolvimento dificultam enormemente o seu enfrentamento das ansiedades relativas à situação perinatal.

3.5.2 A figura paterna

É interessante notar como a dureza da Sra. Angstrom, tão temida pelo filho, faz contraponto com a insignificância do pai, nas descrições do livro. Podemos pensar na figura da mãe fálica, onipotente e feroz, o que colocaria Coelho no rol daqueles cujo medo da MULHER origina a utilização de muitas defesas para proteger o psiquismo da vivência do desamparo (WINNICOTT, 1964/2011). Se atentarmos para as figuras femininas descritas no romance, Lucy também é fálica (lembremo-nos da cena na igreja em que a silhueta da mulher exerce tanto fascínio sobre Harry¹⁰⁴), e até a pequena June tem olhos que verão e saberão *tudo*. Mesmo Janice, tão desorganizada em seu momento puerperal, é “uma máquina” de alimentar, que ele despreza e inveja porque se recusa a dar seu leite a ele. As mulheres de Coelho são fascinantes ou invejadas, são muito fálicas ou são desprezadas; mas, de qualquer forma, não podem ser objetos de amor, preocupação e concernimento. Aquelas imagens nos trazem para mais perto das fantasias que possivelmente estão na base da dificuldade de Coelho com seu próprio desamparo. Há uma recusa a reconhecer, com mais naturalidade, as separações e as perdas, inclusive a castração: assim as mulheres que tudo podem e tudo sabem são temidas e “falicizadas”.

As figuras masculinas do pastor e do pai, por outro lado, refletem a castração e a insuficiência. Vejamos como Harry descreve o pai, em dois trechos do livro:

Sua postura encurvada, suas unhas imundas, irritam Harry, é como se ele estivesse de propósito fazendo-os envelhecer, todos [...] Sua boca parece boca de velha (p. 201). Essa implicância toda fez com que o pai se reduzisse a nada no coração do filho. Toda a brandura e bondade que o velho lhe manifestara no passado evaporou (p. 253).

O pai, como o pastor, é emasculado. Aqui a expressão *boca de velha* (não de velho) parece desmerecer *o masculino* justamente na medida da sua semelhança com a feminilidade! O mesmo acontece quando fala da *voz aguda* do pastor. Eccles, é desprezado, “parece fingido”, com sua voz “afetada e nasalada, aguda demais” (p. 208). Nas mulheres, por outro lado, o que Harry admira é a falicidade: o brilho dos óculos da mãe, o brilho do semblante e cabelos de Lucy, as mamas *lustrosas* de Janice.

Quando Harry flerta com a esposa do pastor “descaradamente”, no culto dominical, somos levados a pensar em como ele se posiciona diante do casal parental. Suas associações, quando diante desses triângulos (pai-mãe-filho, Eccles-Lucy-

¹⁰⁴ Páginas 129 e 130 deste trabalho.

Coelho), fazem pensar na imago de uma figura masculina desvitalizada, frágil: inconsistente. Um pai que não tem força para receber a projeção do ódio que deriva da forte pulsionalidade desse menino agitado, que é Coelho. Esse pai se anula, na fantasia da “criança no adulto” que existe em Harry, criança esta que parece estar muito presente em seu modo de agir, sentir e pensar. O que será que significa essa figura de um pai “bonzinho” e desse pastor um tanto ridículo?

Chegamos aqui, leitor, a uma formulação hipotética sobre as dificuldades do nosso personagem. Talvez a fragilidade de Harry, a sua incapacidade de ser pai, possa ter relação com a maneira como seu próprio pai também não pôde ajudá-lo a atravessar suas questões de amor e ódio, na “passagem pelo Édipo”... ou ainda antes.

Pois, parece agora claro para nós, que apesar de ser pai de duas crianças, apesar de seus 1,90m de altura, de sua virilidade e de sua aparente “potência” masculina, Coelho se parece mais com aqueles indivíduos descritos por Winnicott, os quais encontram “problemas naquela grande área da vida” que diz respeito às situações pré-edípicas não elaboradas pela criança.

O leitor, agora, tem elementos para perceber como o aprisionamento do nosso personagem a essa mãe (tão fálica) pode ter relação com questões ambientais que não favoreceram o seu desenvolvimento nos estágios iniciais. Para essa situação *parece ter contribuído também a atitude do pai*. Nesse sentido, podemos nos inspirar no trabalho de Claudia Dias Rosa (2014), em seu estudo sobre a questão paterna sob a ótica winnicottiana¹⁰⁵. Rosa nos conta como o pai tem importância para facilitar ao bebê a aquisição de uma capacidade progressiva de percepção do objeto.

Assim, sob a ótica da criança, o pai é descoberto aos poucos, e este processo de descoberta é fundamental para o amadurecimento psíquico. Rosa (2014) explica que, para o bebê, o pai é, inicialmente, parte do colo da mãe. O pai “edípico”, agente da terceiridade e da diferença (o pai freudiano), virá a existir para ele somente algum tempo depois. Segundo a autora, o pai tem múltiplas funções, que “progridem” junto com o bebê. Sua capacidade de apoiar a criança é assim ressaltada, conforme podemos ler nas palavras do próprio Winnicott:

O que há na presença real do pai, e no papel que desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isso causa ao bebê? Pois há uma diferença que depende

¹⁰⁵ Seria irônico escrever esse trabalho sobre a paternalidade concluindo, ao final, que nosso personagem está tão adoecido por conta de sua relação com a mãe, sem pensar no papel do seu pai em relação às suas dificuldades!

de o pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é sã ou insano, se tem a personalidade livre ou rígida (WINNICOTT, 1969/2005, p. 188).

Em seu trabalho, Rosa destaca o fato de que, no pensamento winnicottiano, a presença do pai ocupa o lugar de sustentação e enquadre antes mesmo de “ser o rival”, quando o momento da situação edípica se instala. Assim, nos estágios pré-edípicos, o pai não é interditor, e sim sustentador da relação mãe-bebê. Há um processo dialético e sincrônico: o pai está lá para ser encontrado quando o bebê se torna capaz de usá-lo (no sentido winnicottiano do termo). A criança necessita da vitalidade paterna para caminhar em seu desenvolvimento e chegar a suportar as tensões de amor e ódio que caracterizam a triangulação edípica.

Após essa digressão, lembramos ao leitor um pequeno elemento na narrativa que nos faz pensar no pai de Coelho como alguém, que, apesar de sua “bondade”, não está lá para ser encontrado: é o dia em que seu olhar “atravessa” o filho, justamente quando Harry está se sentindo intensamente atacado pela mãe¹⁰⁶. É um pai cujos joelhos não estão disponíveis para sustentar o filho, que precisa sair do colo da mãe, para um lugar seguro, fazendo essa passagem necessária no sentido da sua diferenciação em relação a ela.

Harry ainda se ilude com a fantasia de ser o “falo” dessa mulher, o que deixa patente com seus ideais de grandeza e glória, e sua imensa dificuldade em lidar com as faltas, as falhas e castrações da vida¹⁰⁷.

Como pensar no atravessamento edípico, no contexto da maturação individual, sem considerar o ambiente?

Se a criança é amada e ela se sente amada, irá aceitar sem muitos danos essa inevitável despossessão da mãe. **Caso contrário, irá permanecer durante toda a vida agarrada a seu objeto para**

¹⁰⁶ Cf. página 53.

¹⁰⁷ Há uma semelhança entre nossas formulações a respeito de Coelho e o pensamento lacaniano, embora essa linha teórica se afaste dos referenciais utilizados na composição deste trabalho. Na teorização sobre *os três tempos do Édipo* em Lacan, temos a noção progressiva de uma falta que leva o bebê à entrada na linguagem e no campo do simbólico. Inicialmente (primeiro tempo do Édipo) há a relação dual, de *virtualidade* do Édipo, na medida em que a mãe, desde seu próprio Édipo, sabe que algo lhe falta. **A criança então se vê como o falo da mãe.** No segundo momento do Édipo, o agente da função paterna aparece como o pai todo poderoso, castrador [...] está aí o pai imaginário, o pai rival, visado pelo desejo de morte, por romper a célula narcísica mãe-bebê. No terceiro tempo do Édipo, o aspecto benigno deste terceiro elemento é ressaltado: a castração vivida como simbólica permite os deslocamentos, a entrada na linguagem como organizadora de um sentido compartilhado das coisas. Aqui a criança não se verá mais obrigada **a se restringir ao que deseja a mãe** (BERNARDINO, 2020, pp. 33-34).

liquidar um contencioso insuperável. Em outras palavras, o *agarramento* é o contrário do *vínculo*. Pois o agarramento permanece desesperadamente fixado ao mesmo objeto, enquanto o vínculo se desloca e pode se tornar *vínculo de vínculo*, em outras palavras, não somente relação, mas relação de relação; e isso é o pensamento (GREEN, 2017a, pp. 319-320, grifos nossos).

É assim o nosso Coelho: um “agarramento” a algo muito primitivo em sua vida dificulta seus vínculos posteriores. Ele é um marido negligente, um pai aflito, um homem com dificuldades de simbolização. Falta a Coelho “*a força de vontade cautelosa necessária para seguir a linha reta de um paradoxo*” (p. 208). Andar no “meio fio” da contradição, sem cair pra nenhum dos lados, sustentando a ambivalência, é tudo o que Coelho não consegue. Assim, as emoções invadem seu psiquismo a todo momento, e é por isso que ele foge. O menino que nele mora não tem condições de tolerar a situação perinatal.

Como podemos pensar a triangulação edípica em Harry?

Conforme nos lembra Winnicott, a triangulação edípica jamais pode ser atingida *plenamente* se o indivíduo ainda não atingiu o estágio de ser uma pessoa “total”. Neste caso, o outro também “não existe”, de certa maneira, no sentido da alteridade. Porém Coelho, a nosso ver, fica parado no meio do caminho. Ele se desenvolve, mas não consegue realizar o atravessamento do Édipo, não consegue chegar à “[...] situação edípica madura, o que requer um longo período de elaboração da posição depressiva, (em que) constitui-se o casal fecundo capaz de acolher e sustentar o filho” (FIGUEIREDO, 2009, p. 43).

Vemos como Coelho tem dificuldade em sustentar em si mesmo a imagem reasseguradora desse casal fecundo. Por isso é muito interessante a curiosa situação em que ele se coloca na igreja, fantasiando uma conexão privilegiada com a “apetitosa” Lucy. Há um casal, formado por Lucy e o pastor, mas ele não é fecundo, assim como o casal formado por seus pais, carregado da projeção de um intenso ciúme que impede o menino de crescer.

Existe, então, uma mãe idealizada (lembre-se leitor, do brilho fálico dessa mãe em sua cozinha, que Harry espia na ponta dos pés, e do lado de fora da casa!). E a essa mãe idealizada, de forma complementar, corresponde um pai que “não é de nada”, um pai *feminino* (porque castrado) e fraco. O pai recebe as projeções da própria fragilidade de Coelho.

Essa montagem, que se assenta numa lógica fálica, possivelmente se presta a encobrir grandes fragilidades narcísicas em nosso personagem.

Imaginemos que Coelho, à entrada do Édipo, recua e se agarra a uma certa “ilusão” edipiana baseada na recusa da castração e da dor de estar excluído, “espiando do lado de fora”, a conexão benfazeja de seus pais (bem como a conexão de Nelson com a vovó Angstrom, do pastor e Lucy, de Janice e June etc.). Ele não tolera “estar de fora”; e então “projeta” a situação da castração e a dor no outro.

Dessa maneira, teríamos de investigar melhor se a visão do menino com a avó na cozinha lhe traz de volta os ciúmes que pode ter sentido em relação à irmã mais nova. Há um elemento a favor dessa hipótese, pois este pai se desorganiza mais com a chegada do segundo filho do que parece ter acontecido com a chegada de Nelson. Isso nos faz pensar que ele revive, então, as angústias sentidas quando vivenciou a fase de gestação da mãe à espera da segunda filha. Como na sua família de origem, há uma repetição da configuração do sistema familiar, pois tanto ele quanto Nelson são os primogênitos que presenciam a chegada de um bebê do sexo feminino.

O atravessamento edípico, como falamos anteriormente, é um momento difícil. Quando o ciúme “lança sua flecha”, é difícil “aguentar firme” essa dor aguda e funda, como canta Caetano. Se a angústia for muito intensa, a pessoa poderá recuar, recorrendo a defesas de natureza mais arcaica.

Nesse contexto, Figueiredo (2009) define algumas formas da situação edípica. As suas formas constitutivas e estruturantes levam à *phantasia* inconsciente do “outro do outro”, base da segurança que o casal fecundo internalizado promove para a criança, que agora aguenta “estar de fora” dessa relação privilegiada e mesmo assim, brincar sossegada.

Mas, nas formas defensivas de enfrentamento da situação edípica, como as fantasias neuróticas edipianas:

são idealizadas as relações privilegiadas do filho (ou filha) com um dos membros do casal parental, em detrimento do terceiro elemento do triângulo (neste caso a triangulação não é totalmente ignorada ou recusada, mas o terceiro elemento é depreciado e reduzido em seu potencial de rivalidade (FIGUEIREDO, 2009, pp. 41-42).

Parece que, em alguns momentos, Coelho encontra-se nessa situação. Em outros, porém, ele recua ainda mais.

A voz poderosa da mãe, em algumas passagens do texto, principalmente nos momentos de maior dor, pode nos trazer a ideia de que há um objeto retaliador

atuando dentro de Coelho... Sua cidade – e aqui é interessante contar ao leitor esse fato – se chama “Mt Judge” (“Monte juiz”, em tradução literal).

Nesses momentos, não existe, para esse jovem, um pai benigno que possa ser um bom “advogado de defesa” perante esse juiz tão intolerante. Nesses momentos, parece que não há sequer um “pai”, pois Coelho *entra em mania* e se desconecta da realidade.

Enfim, Coelho parece vivenciar uma triangulação incipiente, mais possivelmente na forma de uma “ilusão edípica”, na qual quer acreditar ser o eleito de sua mãe, em relação a um pai frágil, desvitalizado.

As prováveis dificuldades de seus pais, em relação complementar, podem ter contribuído para essa imaturidade,¹⁰⁸ mas sua dificuldade de fazer lutos, lidar com perdas, e sua forte pulsionalidade levam Coelho a momentos em que ele parece se situar ainda aquém do estabelecimento dessa “ilusão” (em que o pai – mesmo fraco – já “aparece”) e fica aprisionado dentro da imago materna que, na figura daquele superego arcaico de que nos falava Klein, desorganiza seus processos psíquicos.

O que pode ser caracterizado como uma “boa evolução” da situação edípica? [...] Como sair da onipotência narcísica e das figuras combinadas e confundidas onipotentes, tal como dispostas na *phantasia* inconsciente? [...] Na cena primária primordial fantasiada cria-se o objeto todo poderoso [...] o interior da mãe com um pênis interno [...] um objeto completo e autossuficiente [...] Diga-se de passagem, a internalização deste objeto *fantasiado* [...] *está na origem do superego primitivo* (FIGUEIREDO, 2009, pp. 41-42, grifos do autor).

Pensemos novamente a situação perinatal. Ciúmes edípicos, inveja do feminino, medo de não se fazer valer como um bom pai... Se o pai terno é aquele que tolera e tem capacidade de suportar a ambivalência deste momento: não é fácil estar no lugar de sustentar-se no vértice paterno de um “triângulo” tão delicado!

Lembramos ao leitor que, nas primeiras vezes em que Coelho foge, ele não *estava tolerando ficar na situação de não ser alimentado*. Suas fragilidades narcísicas nos fazem pensar que, em seus primórdios, pode ter havido falhas importantes nas funções de sustentação e transformação do objeto primário. Essas dificuldades se fazem notar, então, quando ele tem de enfrentar as relações triangulares.

Sabemos que as dificuldades no atravessamento edípico se assentam, muitas vezes, sobre dificuldades nas passagens das fases anteriores. Mas, enfim, todas as

¹⁰⁸ E as dificuldades se perpetuam transgeracionalmente: nos outros livros da série, Nelson será um adolescente difícil, usuário de drogas...

suposições que aqui fizemos, lembramos ao leitor, são tentativas de “sonhar” esse pai adoecido que, por sua imaturidade, não consegue se constituir como um pai terno. Quem dera pudéssemos colocar este rapaz no divã e entender melhor as suas imensas dificuldades, talvez, até ajudá-lo a figurá-las e sonhá-las...

CAPÍTULO 4

O SONHO PATERNO

*E o demo...
Arre, ele está misturado em tudo.
Que o que gasta, vai gastando o diabo dentro da gente, aos pouquinhos, é o
razoável sofrer. E a alegria de amor...
Mas, em verdade, filho, também, abranda.*

(Guimarães Rosa, 1983, p. 12)

4.1 ASPECTOS NARCÍSICOS DO PROCESSO DE PARENTALIZAÇÃO

A transição para a parentalidade pode se dar de uma maneira criativa e marcada pelos processos de ligação, que permitem ao pai (e à mãe) investir narcisicamente o bebê, enquanto esperam que esse novo sujeito possa se constituir, aos poucos, a partir desse grande investimento.

Freud observou a característica projetiva do amor que os pais sentem por seu filho, fiador da própria perfeição, que virá a compensar todas as suas realizações frustradas: o filho como promessa, como devir, é esperança de recomeço para seus pais. Para Freud (1914), os pais *começam por amar o filho como amam a si mesmos*. Ele não ignora a idealização que está subentendida nesse processo. “Sua majestade” é a imagem usada pelo autor, para caracterizar a ilusória perfeição da completude da criança, “tal como nós mesmos nos imaginamos um dia” (FREUD, 1914/2004, p. 110).

Assim o filho é esperança do futuro, por meio do resgate daquele bebê que os pais foram no passado.

Muitas vezes, quando o bebê chega, há susto e maravilhamento. Deste maravilhamento nos fala Ferrari (2022) ao desenvolver em sua tese a ideia do quanto a experiência de se tornar pais pode ser transformadora¹⁰⁹. Uma oportunidade para reedição e reparação de questões anteriores experienciadas com os próprios pais, e para a mobilização das forças psíquicas de um narcisismo de vida que recobre o corpo do bebê e constitui a ternura das primeiras ligações.

“Nossa eu já fui como ele, pequenininho, hoje eu consegui fazer um outro e assim ele depende de mim, então, você fica... nossa, que incrível que eu sou, né? Eu consegui fazer um filho, cara, tem braço, tem perna, tem cabeça, tem olho, tem tudo!”

Eis a fala de um pai, narrando, com júbilo, o seu encontro com o milagre da vida (GUIDUGLI, 2022, p.59).

Guimarães Rosa diz, pela boca de Riobaldo, que cada vez que um bebê chega ao mundo, “o mundo tornou a começar” (ROSA, 1983, p. 331). Ao lado da idealização da criança, existe nos pais a expectativa de que o amor a ela dedicado deve ser perfeito e sem mácula. Como canta Toquinho¹¹⁰, sonhando com a vinda de seu filho:

É comum a gente sonhar, eu sei, quando vem o entardecer
 Pois eu também dei de sonhar um sonho lindo de morrer
 Vejo um berço, e, nele, eu me debruçar, com o pranto a me correr
 E assim, chorando, acalantar o filho que eu quero ter
 Dorme, meu pequenininho, dorme que a noite já vem
 Teu pai está muito sozinho de tanto amor que ele tem.
 De repente, eu vejo se transformar num menino igual a mim
 Que vem correndo me beijar quando eu chegar lá de onde eu vim
 Um menino sempre a me perguntar um porquê que não tem fim
 Um filho a quem só queira bem e a quem só diga que sim.

A canção de Toquinho representa o filho perfeito e o amor absoluto: o filho que se quer ter. É o desejo de completude que anima essa esperança. O filho “igual a mim”; a quem “só se queira bem”, a quem só se diga “sim”.

Nesse sentido, o filho “perfeito” vai decepcionar o pai, inevitavelmente. Ele se constituirá como alteridade para aquele que pode ter sonhado o filho como uma “continuação” sua. Se tudo correr bem, o filho será, então, o mesmo e um outro (LÉVINAS, 1993). “Ajustar em si” o desencontro existente entre o filho desejado ou fantasiado e o filho que se apresenta em cada fase da vida é uma tarefa que o psiquismo dos pais nunca cessa de fazer. A cada momento da vida, é necessária uma

¹⁰⁹ Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da USP, defendida em 03/06/2022:

Maternidade, assombro e elaboração: reflexões psicanalíticas sobre a vivência da maternidade.

¹¹⁰ *O filho que eu quero ter*. Songbook Toquinho (2011, p. 171).

reorganização dos pais para acompanhar a “organização em marcha” (WINNICOTT, 1949/1982, p. 26) que é o bebê, sempre um outro, sempre surpreendendo, crescendo e desafiando os pais. Na fase perinatal, a chegada de um filho, mais ou menos temida, mais ou menos desejada, envolve o confronto entre imagens e representações conscientes e inconscientes com a alteridade deste novo ser, que sempre traz em si algo de uma surpresa (FOLINO, 2014). Se uma surpresa, até certo ponto, pode ser assimilada ao psiquismo, temos razões para pensar que uma distopia acontece toda vez que um pai e uma mãe olham seu filho pela primeira vez. Essa distopia faz parte de um processo normal – seu componente estranho, não familiar ou sinistro será recalçado ou transformado aos poucos¹¹¹. O estranho bebê, que chega como um *hóspede* (FERENCZI, 1929/2011), será assimilado como membro da família e reconhecido como pertencente a ela.

Notamos, então, que no processo de construção da parentalidade, as projeções dos pais sobre o bebê se articulam, dialeticamente, com a capacidade de lidar com a sua alteridade. O filho que cresce também é o outro, sempre o outro; e, se o narcisismo dos pais criou as condições para os primeiros investimentos do cuidado, *deverá se moderar* para enxergar no filho um outro alguém, além de si mesmo. Narciso acha feio o que não é espelho (VELOSO, 2006): mas na dança da parentalidade, os espelhos vão se quebrar.

Assim, Frid (2019, p. 108) nos conta como o encontro com o bebê demanda um grande investimento, e a responsabilidade por parte daquele que cuida. Apoiada em Lévinas, ela nos lembra que somos responsáveis diante “da vida, dos seres, das coisas, do mundo, da natureza”. O filósofo da alteridade nos conduz, segundo a autora, às terras estrangeiras e à hospitalidade. “Sobre o estrangeiro, nos desarrumamos diante dele, o que nos exige constante rearrumação”: é impossível acessar o outro por inteiro, de modo que é mister criar um espaço de interação e de respeito à alteridade (FRID, 2019, p. 108). É “por essas e outras” enfim, que filho vai gastando, abrandando “o diabo dentro da gente”, como nos diz Guimarães Rosa.

¹¹¹ Freud nos esclarece a relação entre o estranho e o familiar, pondo a claro a ambiguidade existente nestes termos (FREUD, 1919/2014). Esse é o protótipo da situação da filiação: o filho vem de seus pais, traz algo deles em si, e, no entanto, é o estranho, é aquele que chega como um outro para ser assimilado à família. Os fenômenos de estranheza, particularmente inquietantes para nós, são portadores de um paradoxo: a sensação que provocam deve-se justamente à sua *familiaridade* com algo que não é novo, mas foi recalçado. Relacionar o inquietante e o sinistro com a experiência do encontro com o recém-nascido é interessante na medida em que amplia a dimensão do fantasmático para além dos componentes edipianos, ou quem deles: é o filho como um duplo horrendo de si / maravilhoso de si que ressurgue neste momento.

Porém, em muitos casos, já de saída, essa verdadeira *transusão narcísica* dos pais sobre a criança nem sequer acontece. Nesse caso, os aspectos mais penosos do processo de cuidar de um bebê tornam a parentalidade um processo doloroso. “Filhos, filhos, melhor não tê-los...”¹¹² Muitas mães e pais chegam a se arrepender da empreitada. Nesse caso, terão de integrar, em si mesmos, a grande decepção de descobrir que a “vocação” para cuidar não faz parte das suas melhores habilidades.

Se, para alguns, tornar-se pai ou mãe é uma vivência gratificante, para outros, “a plenitude acaba” quando o exercício da parentalidade é sentido como perda, como um luto impossível de ser realizado. É assim que sente e diz o nosso personagem Coelho, ao formular a ideia de que:

[...] a plenitude acaba quando damos à Natureza seu resgate, quando fazemos filhos para ela (p. 198).

O caso de Coelho nos mostra um pai para quem a chegada da filha significa uma sobrecarga psíquica num momento em que este homem desejava voltar-se para si mesmo. O prazer sentido no jogo de basquete e o desprazer de chegar em casa, descritos nas primeiras páginas do livro, “dão o tom” da narrativa que se organiza nas páginas seguintes. Ao ver seus filhos sendo alimentados, Coelho se toma de angústia. Ele foge movido pelos ciúmes e pela impossibilidade de colocar-se no lugar de pai. É ele quem deseja o leite, é ele quem deseja receber cuidados.

Assim, ele para diante da “viela”, da encruzilhada, e opta pela fuga, pois suas fragilidades narcísicas tornam aversiva a situação perinatal. Por meio da triste narrativa da morte do bebê, refletimos sobre a situação da criança mal acolhida e como a indisponibilidade de seu pai contribui para que June (e sua mãe) se “afoguem”.

O pai não estava lá para sustentá-las, para garantir a ilusão de que podiam ser, naquele início, um bebê e sua mãe confundidos como um só. A metáfora da banheira como água que transborda e “engole” a pequena criança é a imagem da confusão mortífera, engolfante, incompatível com o viver e com o “respirar”. O pai, quando realmente presente:

[...] *inter-diz* a fusão-confusão original, imaginária. A função do pai *trinifica*. O filho não é mais objeto da fabricação materna – sua coisa. *Simbolizado*, é o filho de um par criativo, o filho de um homem e de uma mulher... Gostaríamos de acrescentar: que se amam, mas temos que reconhecer que ele nem sempre é fruto do amor (THIS, 1987, p. 195).

¹¹² É a famosa frase de Vinicius de Moraes, no “Poema enjoadozinho”, que narra, com humor, as mazelas de se criar filhos (MORAES, 1960).

No decorrer deste trabalho, mostramos como Coelho vive, com angústia, o momento de crise representado pela chegada da filha. Para tanto, contribuem as questões conjugais, é certo; mas também situações anteriores de sua vida. Quando pensamos em suas dificuldades, interpretadas sob a matriz kleiniana, enfatizamos as defesas psíquicas que utiliza para lidar com o sofrimento. É possível pensar que Coelho é tão agitado porque tem dificuldade de pensar, dificuldade de sonhar, de fazer um trabalho psíquico que lhe permita a transformação das suas angústias.

Por outro lado, neste trabalho, pouco falamos de Janice, a esposa de Coelho. Ela pode bem ilustrar a condição feminina diante de um parceiro que foge, que se esquiva, na fase da gravidez da mulher. Em Janice, o abuso de álcool, a apatia e a dificuldade de cuidar do filho pequeno nos fazem pensar em uma pessoa com uma estrutura psíquica frágil, muito dependente. A moça tem dificuldade de lidar com a instabilidade do parceiro. A partida de Harry representa para ela um colapso, o colapso daquela “cobertura protetora” que permite à mãe “estar voltada para dentro e esquecer todos os perigos” (WINNICOTT, 1958/2011, p. 23).

Como nos lembra Winnicott, é justamente no caso da ruptura da proteção ambiental que constatamos o quão vulnerável pode estar uma mulher na fase puerperal. “Sem o *holding* paterno, a preocupação materna¹¹³ não poderá ocorrer, pois a mãe precisará estar em estado de alerta e apreensão, porque não há quem a proteja” (SAFRA, 2009, p. 82).

É pelas mãos de Janice que se perpetra o filicídio. Afinal, o pai não estava lá...

Isso nos leva à delicada articulação entre o paterno, o pai terno e o “pai interno”, aquela *terceiridade* que precisa estar minimamente instalada no psiquismo dos que se pretendem a ocupar a posição parental. Seria preciso um outro estudo para detalhar as dificuldades da personagem. Embora, neste trabalho, nosso foco esteja sobre o pai, é importante pontuar que a depressão da mulher afeta, confunde e assusta o marido.

Se o leitor se recorda das palavras do pastor, “*Um marido imaturo que abandona uma mulher imatura*” (p. 151), há de ver, nessas palavras, uma fórmula simplificada para descrever a situação que o romance colore com as tintas da tragédia. Mas as parcerias disfuncionais que encontramos na clínica perinatal, “imaturidades”

¹¹³ Safra se refere aqui á preocupação materna primária, estado em que a mãe se volta quase completamente para seu bebê. Esse aspecto do cuidado materno é discutido no apêndice deste trabalho.

que gritam por meio do sintoma da mãe, do pai ou do corpo do bebê, nos fazem saber que a falta de um “pai interno” nos *pais reais* cobra sempre o seu preço. E esse preço é alto, no momento de transição que é a chegada do filho. “Talvez haja a até mesmo um confronto de desamparos” (WINNICOTT, 1968/2006, p. 91): o desamparo dos pais e o desamparo do bebê, colocados frente a frente na situação perinatal.

Guimarães Rosa diz que o que arrefece o “demo” dentro da gente é a alegria do amor, ter filhos, e também o *razoável sofrer*. Arriscamos dizer que, sem a condição para o razoável sofrer, na verdade, nem o amor traz alegria, nem os filhos podem ser bem-vindos.

O razoável sofrer *tem muitos nomes* e pode ser pensado como atravessamento edípico, depressividade, posição depressiva, ou capacidade de concernimento. Falamos, no decorrer do nosso trabalho, dos conceitos de nossos autores que chegaram a isso: o razoável sofrer é conseguir experimentar amor e ódio. É experimentar o limite de ser mortal, e falho, e ainda assim sonhar com a continuação de si mesmo por meio da chegada de um filho. Para isso, é necessário lidar com os lutos e castrações que fazem parte desse processo.

Se a doença de Coelho pode ser tomada como um exemplo da falha paterna, a morte do bebê, por outro lado, simboliza a situação *irreparável* determinada pela “loucura” dos pais. Mas, entre o irreparável e todas as oportunidades de chegar ao filho que um pai costuma ter, ao longo do seu desenvolvimento, há muito a fazer. Às vezes, reconhecer o mal-estar paterno é somente o início de um longo processo.

4.2 O SONHO, A PREOCUPAÇÃO E O DESEJO PATERNOS

Como nos fala a canção de Toquinho, o pai sonha com seu filho antes mesmo de ele nascer, talvez já tenha sonhado com ele em sua infância, nos devaneios derivados dos seus desejos edípicos de gestar ou de dar um filho à sua mãe, e nos anseios que podemos discutir quando pensamos na posição feminina do bebê no primeiro ano de vida.

O pai também pode ter sonhado o filho como um duplo seu, e talvez um rival. Mas terá sonhado com seu filho perfeito, o filho que será uma continuação de si.

Porém, um dia, o filho chega de fato. As histórias de couvade e relatos da clínica nos contam sobre a angústia e as preocupações dos homens antes do nascimento do filho. É aqui que o sonho de ser pai, em sua dimensão de desejo, deve se tornar

trabalho psíquico: o homem terá que se preparar, e isso inclui a dimensão inconsciente *transformando* as emoções do pai, de modo a poder receber o seu filho. A *hospitalidade* do pai à criança passa pelos aspectos ambivalentes da construção da paternalidade, como falamos há pouco.

Há aspectos edípicos e “pré” edípicos, relativos às primeiras relações do pai, e que vão se ligar a questões que mobilizarão angústias, questões que terão de ser elaboradas e vão levar o psiquismo paterno a trabalhar. Não são poucas as aflições do pai nesse processo. Os rituais da *couvade* são encenações das provações paternas, dos riscos do parto, dos perigos que ameaçam o bebê; e mesmo hoje, com todos os avanços da obstetrícia e pediatria, a angústia está presente diante do novo, do inesperado, que esses processos representam.

É uma grande pré-ocupação: o filho *ocupa* o pensamento do pai. Essa preocupação poderia ser vista como uma demanda para o pai rever sua potência provedora e generativa, conforme nos aponta Safra, comentando as alterações que vão ocorrendo ao longo da gestação, em que o pai realiza “toda uma produção psíquica”.

Assim como se pode falar da preocupação materna primária, eu poderia falar da preocupação paterna primária. Eu tenho acompanhado a gestação de alguns pais... Há momentos em que a gente pode reconhecer todo um processo de identificação com a mãe que está gestando... muito relevante é o momento em que, para o pai, o bebê começa a existir. É muito interessante. Porque o bebê começa a existir como realidade, como presença física, para a mãe, antes do que para o pai... Uma das coisas que tenho observado é que é só no momento em que o bebê começa a se mexer é que ele passa a existir para o pai. E aí começa toda a relação do pai com o bebê... e o imaginário vai aparecendo... inclusive a preocupação paterna primária (SAFRA, 2006 [on-line]).

Safra associa à preocupação paterna primária uma crise, que ele observa nos pais: “[...] de repente eles entram em pânico com o futuro. É parte da construção da paternidade. O pai entra em pânico com a possibilidade de ter os recursos suficientes, em todos os níveis, para fazer frente à criança que vai nascer” (SAFRA, 2006).

A preocupação de que nos fala Safra pode ser vista como uma demanda para o pai rever sua potência, em todos os sentidos. Safra usa a palavra “pânico”. Haverá preocupação, medo, sonhos ruins, pesadelos¹¹⁴. E o que dizer dos pais (tantos!) que

¹¹⁴ Na história de Darth Vader, o vilão da série Star Wars, o jovem cavaleiro Jedi Anakin começa a ter pesadelos e visões durante a gestação de sua esposa. Esses pesadelos terríveis representam sua

lutam com dificuldades ambientais que lhes dificultam o acesso aos recursos mínimos que lhes permitam fornecer um bom cuidado aos seus bebês? Sem o outro englobante de um emprego, de uma casa, do tempo de estar perto do filho, é mais difícil ao pai constituir-se como um pai terno.

Mas, mesmo com recursos materiais suficientes, após a chegada do filho, são difíceis os dias em que cuidar do bebê pequeno pode ser muito cansativo, por conta de demandas de ordem prática e pelo mergulho em climas afetivos remotos (FRID, 2019), que ocorre na situação. No dia a dia das famílias de hoje, em muitas casas, o bebê chega e o pai já é chamado a exercer o seu cuidado inicial. É interessante pensar que a ideia da função paterna como um corte da simbiose entre a mãe e o bebê, e a própria ideia do pai como aquele que enxerga, desde o início, o seu bebê como um outro (CRESPIN, 2004), nos fazer esquecer de que o homem também investe narcisicamente o filho; sonha esse filho, e exerce função materna. E o pai espera encontrar um ambiente que favoreça seu aprendizado sobre como cuidar do bebê, como nos conta Guidugli (2022) em sua tese sobre a paternidade.

Piera Aulagnier, segundo Violante (2001), dedica especial atenção ao *desejo do pai*, denunciando o “estranho silêncio” em torno desse aspecto, visto que, em Freud e Lacan, ele é sempre lembrado como o referente da lei, doador do nome e detentor das chaves que dão acesso ao simbólico.

No registro temporal, a relação com a mãe tem efetivamente a primazia, assim como a experiência da gravidez induz na mãe uma forma de investimento [...] que não possui a mesma qualidade do que se instala no pai durante sua espera pelo filho. Isto é um privilégio ‘natural’ cuja marca positiva ou negativa o homem sempre levará”, mas, “desde o início da vida, o pai também exerce uma ação modificadora sobre o meio psíquico que rodeia o recém-nascido” (VIOLANTE, 2001, p. 49).

Há um aspecto do desejo do pai que se liga ao seu narcisismo e ao seu desejo de transmissão: ele recebe, de sua mulher, o filho, como um dom. Por outro lado, a criança é prova e sinal da sua função fálica, e pode representar uma nova possibilidade de elaboração edípica para o pai; quitação de uma dívida contraída há

impossibilidade de enfrentar a transição perinatal. O pai enlouquece, tomado pelo medo da morte da sua companheira, e se torna Darth Vader (um trocadilho das palavras *dark father* – já que passa para o lado escuro da força). Ele se torna o vilão da saga *Star Wars*, e morrerá num duelo, pelas mãos do filho. A história apresenta componentes que a assemelham à tragédia de Édipo; e pode ser lida como o relato de uma psicose paterna (LUCAS, 1977)

muito tempo, em seus tempos de menino. Doando ao filho seu legado e seu nome, o pai se torna, de certa forma, imortal: ele *continua* por meio do seu descendente.

Mas, como bem nos adverte Guimarães Rosa, o “demo”: “*arre, ele está misturado em tudo.*” É bem cedo em sua obra que Freud consegue captar a ambivalência e o duplo sentido que tem o vizinho, o próximo, o outro: como primeiro doador de cuidado como alguém a quem se deve temer (FREUD, 1895/1995). O pai estará tomado de amor pelo bebê, mas também poderá odiá-lo. Deverá transmitir-lhe seu nome, mas também rivalizará com ele. Sentir-se-á imortal, por ter um filho, mas verá nesse mesmo filho a marca da passagem do tempo, e o sinal de sua própria morte¹¹⁵.

4.3 ENTRE ÉDIPO E LAIO: O ÓDIO DO PAI

Freud apontou, através de toda sua obra, que o complexo de Édipo é o “nó”, “a chave” nas neuroses infantis e adultas. Segundo Aberastury e Salas (1984), ao ficar órfão, já sendo um homem maduro, Freud escreveu que não havia na vida dos indivíduos nada tão fundamental como a perda do pai. Baseando-se nestes aspectos, a autora comenta o silenciamento de Freud a respeito do ódio paterno, presente na tragédia de Sófocles.

A denominação “complexo de Édipo” foi tomada de uma obra de Sófocles, na qual Édipo, o herói da tragédia, mata o pai e se casa com a mãe. Mas Freud, nesta formulação, deforma – inconscientemente – o texto do dramaturgo grego. Com efeito, Freud tomou em conta somente a situação do menino frente a seus pais e eludiu – ou reprimiu – o que os pais sentem e atuam em relação a seus filhos [...] O pai de Édipo – segundo Sófocles – é fundamental e decisivo para compreender o destino de seu filho e não aparece no comentário de Freud (ABERASTURY; SALAS, 1984, p. 43).

Assim, é interessante recordar a figura do pai que manda matar seu filho naquela tragédia (ABERASTURY; SALAS, 1984). A narrativa nos conta que todo pai deseja a morte do filho, em algum nível, antes que este seja capaz de formular os seus próprios desejos parricidas. Na obra de Sófocles, a morte do pai e a morte do filho se organizam em um espelhamento, pois Laio, o pai, é o responsável pela situação peculiar de Édipo, criança não acolhida. Édipo, ao matar seu pai, cumpre, então, uma profecia que precede o seu nascimento.

¹¹⁵ “Para Freud, o símbolo do pai só aparece, em ‘Totem e Tabu’, através da dramatização da morte de um pai primordial, num mito que mistura sintomaticamente *o pai e a morte* na própria origem” (THIS, 1987, p. 193).

Qual havia sido essa profecia?

Laio, anos antes, *havia ferido as leis da hospitalidade*, ao sequestrar Chrysis, filho do amigo que o acolhera em sua casa. Por este crime, recebeu um castigo. Sua maldição: ao se casar, não deveria ter filho, ou seria morto por ele... A vinda de Édipo, portanto, foi amaldiçoada. Ele é a “criança mal acolhida”, o “hóspede” não desejado de seus pais (FERENCZI, 1929/2011).

As peripécias da tragédia grega fazem com que, sabendo da profecia, os genitores abandonem Édipo, deixado para ser devorado pelas feras. Esse filho maldito é, assim, herdeiro das transgressões de seu pai, a quem mata, desavisadamente, após seu encontro numa encruzilhada. Anos depois de casar-se com a mãe e ganhar o trono da cidade, Édipo descobre sua verdadeira origem. Fura, então, os próprios olhos.

A história de Laio também é lembrada por Green, e a inserção de filho e pai na história da linhagem dos Labdácias, uma linhagem que sempre tenta romper os limites civilizatórios, por conta de seu desejo excessivo, que provoca a sanção dos deuses¹¹⁶. Édipo, porque se casou com a mãe matou o pai, e Laio, porque violou as leis da hospitalidade.

Quem vai encontrar o pai nos infernos não será o Édipo conquistador da lenda, e sim o recém-nascido indesejável que vazou os próprios olhos, assim como os pais furaram-lhe os pés para que fosse devorado pelas feras (GREEN, 1994, p. 76).

Como não lembrar de Coelho e o desejo de morte que ele profere, ao dizer para sua esposa “ela vai apagar”, tomado de ódio pelo bebê que não se acalma?¹¹⁷

Apesar de termos escolhido uma narrativa ficcional, para falar da falha paterna, na clínica perinatal, não é raro encontrar pais que sofrem e expressam sua ambivalência em relação à parentalidade das mais variadas formas. A integração dessa ambivalência na relação entre os pais e os filhos é um dos principais desafios do trabalho analítico. Por se tratar de um período em que as idealizações são muito marcadas, o contato com os sentimentos negativos, o ódio, a agressividade e a sensação de ser espoliado pela criança é muito doloroso.

¹¹⁶ Green comenta o mito de Édipo e reflete assim sobre a lição dos gregos, com as punições sofridas por Édipo e Laio; “a vida humana é desejo, sem o qual a existência não vale a pena ser vivida. Mas a natureza desse desejo é ser excessivo, provocando assim a sanção que põe fim ao gozo sempre um tanto quanto transgressor. Resta então o gozo da punição. É o trágico[...] os crimes de Édipo, por mais involuntários que sejam, levam-no ao limite da humanidade[...] Freud transforma essa tragédia em destino humano comum, ‘como embrião, na imaginação’” (GREEN, 1994, pp. 93-94).

¹¹⁷ Conforme visto na página 134.

Neste trabalho, buscamos pensar as vicissitudes que podem invadir o caminho do pai e colocar-se entre ele e seu filho. Pode haver dificuldade na parilha que foi formada: se a mãe não der licença ao pai, como ele chegará ao filho? Mas também fatores inerentes ao pai podem fazer com que ele, ainda que reconheça sua prole, não consiga (ou não deseje) estar presente e se constituir como um pai terno.

Nos capítulos anteriores, pudemos falar sobre a construção simbólica da paternidade, no sentido da sua dimensão declarativa, sempre incerta, que depende do desejo de filiar. Vimos que a conexão de pai e filho pode se passar também pelo corpo do pai, prescindindo da gestação entranhada e carnal, como no fenômeno da couvade, em que pesem neste caso tanto as identificações do homem a uma feminilidade primária como à sua capacidade de elaborar os aspectos mais mortíferos dessa identificação. Pudemos pensar que a ritualização e a integração de manifestações de couvade em pais podem inclusive fornecer-lhes certa base imaginária para o enfrentamento do desafio da paternidade. Por outro lado, na medida em que a paternidade cobra do homem um posicionamento, uma reedição edípica, também aspectos dessa importante fase do desenvolvimento podem constituir entraves para seu ajustamento ao momento perinatal.

Em nosso trabalho, demos especial atenção às questões “pré-edípicas”, descritas nas formulações de Klein e Winnicott, pois esses aspectos têm muito peso nos momentos iniciais, já que se associam à questão do desamparo. O que foi chamado de “identificação feminina primária” do pai, o modo como se coloca diante do medo à MULHER, constitutivo de todos nós, a sua possibilidade de lidar com a ambivalência, bem como o tipo de angústia e defesas predominantes em seu psiquismo influenciam a sua possibilidade de lidar, de maneira mais ou menos criativa, com a situação perinatal.

A possibilidade criativa de lidar com as dores e amores (FOLINO, 2014) do processo de parentalização demanda dos pais a capacidade para o sonho e para o luto: se um “aparelho para pensar precisa ser criado fundamentalmente para poder sentir e processar a sensação de falta e de frustração” (CINTRA, 2003), é necessário sonhar sempre: sonhar “com o filho que eu quero ter”, mas também *sonhar* para poder aceitar “o filho que terei”, para lidar com o espanto e as decepções que ocorrerão no encontro com sua alteridade.

Embora, neste trabalho, tenhamos falado sobre a fase perinatal, é importante lembrar que as reparações são possíveis e o pai que não consegue se conectar ao

filho, lá no início, pode fazê-lo mais tarde. É o que nos mostra o filme *As chaves da casa* (GIANNI AMELIO, 2004), cuja história nos traz um pai que refaz os laços com o filho quando recebe a incumbência de acompanhar o tratamento deste, já adolescente, num centro de atendimento a jovens com paralisia cerebral. O jovem apresenta muitas limitações motoras, mas é bastante competente em despertar a empatia do pai, e faz, como nos lembra Roussillon (2019), muitos *jogos de esconde-esconde* para recuperar o tempo perdido entre eles: ele captura seu pai que, simbolicamente, promete que lhe dará as chaves da casa para que o filho entre *na sua vida*. O filme é belíssimo por mostrar todo um processo reparatório que pai e filho realizam durante a viagem que fazem juntos.

Como no filme citado acima, no poema de Carrascoza, transcrito a seguir, o pai se aproxima do filho, de forma especial, num momento já distante da fase perinatal. É um fato corriqueiro que “abre as portas do coração” do pai, e optamos por trazê-lo aqui por ser um relato da ternura (CARRASCOZA, 2020, pp. 29-38). Num pequeno acidente, o filho se fere, e o pai *se ajoelha para cuidar de suas feridas*. Carrascoza diz que este relato é a contação de um fato singelo, não é a partida de uma caravela, nem o lançamento de um foguete: é somente o encontro afetivo entre o pai e seu menino. E é interessante como a oportunidade de exercer o cuidado, tanto no poema como no filme citado, ajuda pai e filho a se aproximarem.

*O fato que se deu entre os dois
começa numa manhã de domingo,
é tão singelo
que ninguém – ou quase –
escolheria para revivê-lo
com a seiva da palavra...
Um domingo no parque,
o menino e sua bicicleta,
não é a partida de uma caravela,
nem o lançamento de um foguete ao espaço,
tampouco resulta num enredo engenhoso,
o que faz uma história
é tudo que lhe falta,
o que nela havia de excesso
e lhe foi retirado,
como o bloco de pedra
onde Michelangelo viu a estátua...
...não por acaso esse pai,
Para se erguer
E dar o primeiro passo,
Tenha de recordar
Um dia com seu menino,*

*Esse domingo
Em que se deu o milagre
De nascer um no outro.
...nesse domingo ensolarado,
Pai e filho foram ao parque
E, desde que passaram pelo portão,
Nada de novo aconteceu,
Exceto que estavam lá outra vez,
Vivendo, àquela altura,
O que era seu presente,
E, sendo o tempo que sentiam
Esse encaixe,
– o fruir da existência nela mesma –
Era como se o menino
seu corpo na bicicleta confirmava,
estivesse dizendo,
estou aqui com meu pai
e o homem
com o jornal na mão,
atrás dele, estivesse a dizer
estou no parque com meu filho,
comunicando um ao outro
coisas que pais e filhos
não dizem de outro jeito.
Estavam assim
o homem e o menino
em meio a outros
de igual condição,
quando o pai
erguendo os olhos do jornal,
onde as notícias do país
E do mundo
Estavam prontas,
Viu uma se fazer naquele instante
(mas essa seria registrada
só no diário da família),
O filho, na bicicleta,
descia uma rampa de cimento,
à toda,
e só de vê-lo em tal velocidade
o sorriso
(e o susto)
selado em seu rosto,
pensou que o tombo era iminente,
Se o pneu dianteiro batesse em algo
Que não deveria existir...
Eis que uma pedra se pôs
Exata,
Sobre a sua apreensão
E o menino, perdendo o controle,
(já o perdia muito antes)
Foi arremessado a uma distância
Que até não era longe
Mas caiu de um tal jeito
No chão rugoso*

Que a pele, no ato,
Ficou lacerada,
E a dor veio de uma só vez:
O braço, o joelho e o cotovelo esfolados.
O menino reteve o choro,
para não decepcionar o pai,
e esse, atento aos seus erros,
sempre a apontá-los,
ao contrário da mãe
que o perdoava,
comportou-se
igual a ela,
em vez de uma reprimenda,
acolheu o menino com carinho,
ajudou-o a se levantar
menos com o impulso das mãos
e mais com palavras doces,
e o garoto, surpreso,
por um momento,
quis levar outros tombos,
para, assim
ter o tempo todo
aquele pai afetuoso,
e, embora ele já o fosse
à sua maneira
agora o era no âmago
com toda a carga
de verdade como endosso.
Puseram-se a caminho de casa
às pressas
está tudo bem?
O pai perguntava ao filho
Enquanto dirigia o carro
Poderia ir ao pronto socorro
mas preferia cuidar dele
a seu modo
Aguenta mais um minuto!
E o menino
com olhos úmidos
mordia os lábios
respondendo com o corpo imóvel
no banco ao lado
Estou aguentando!
A mãe fora à feira.
E, no instante em que o pai
entrava com o filho
no banheiro de casa
para fazer o curativo
ela procurava
entre as barracas
as frutas e as verduras
as mais frescas
nem supunha que o marido
tomava seu lugar
e cuidava do menino

com tal delicadeza
 Limpando, primeiro,
 o sangue dos ferimentos,
 com água oxigenada
 para, em seguida,
 passar o mercurocromo,
 e neles dar um sopro
 e, enquanto soprava,
 ajoelhado diante do filho,
 Perguntava,
 Está doendo?
 O menino,
 sentado no vaso,
 a contrair o corpo,
 respondia com a cabeça
 Sim
 E, ao ver o pai a seus pés,
 Tendo uma das mãos livre
 Ao alcance da cabeça dele,
 (a outra pressionava
 um dos machucados)
 estendeu-a, lentamente,
 e acariciou-lhe os cabelos.
 O pai, de repente,
 Tinha o filho pronto,
 Para nascer nele,
 E o menino, então, nasceu.

Neste poema, a ternura paterna está nos detalhes: o cuidado e as palavras doces, em vez da reprimenda; o contato com o corpo do filho, curando sua ferida, e a posição do pai que se ajoelha diante do filho; que se permite deixar o menino “nascer” dentro dele. E a ternura do filho também está presente: o menino faz um carinho no pai, *reconhecendo-o*. Quando o menino se contrai, como num parto, parece que o pai também nasce por meio do seu gesto... É o filho nascendo do pai, e o pai nascendo do filho!

4.4 NÃO SONHAR

“Simbolizar a ausência, a falta, realizar o trabalho de luto, eis a questão.

Senti-me mobilizada a voltar muitas vezes a esta questão fundamental

– O que é simbolizar a ausência?”

(CINTRA, 1999, p. 179)

No momento perinatal, o pai pode ou não encontrar condições favoráveis para o atravessamento dessa crise vital.

Nas últimas páginas deste trabalho, propomos ao leitor o *modelo do sonho* para tentar pensar nosso personagem Coelho sob uma outra ótica. O modelo do sonho, e os autores que pensaram o trabalho psíquico a partir dele, nos permite entender Harry Angstrom como um pai que, pelas dificuldades que apresenta, não consegue ser um continente para metabolizar as angústias da esposa e filhos, e, por isso, falha em constituir-se como um pai terno. Dissemos, como nos aponta Aulagnier (1979), que o desejo do pai anima o seu sonhar, permite que ele queira filiar alguém, continuar a sua existência, de alguma forma, através do filho.

Há também um “ensonhamento” do filho, que determina a capacidade do pai para cuidar dele “psiquicamente” – aqui, sim, reconhecendo sua alteridade e auxiliando-o a se constituir como pessoa. O leitor deve estar lembrado da cena triste em que Coelho chega da igreja desejoso de descarregar sua excitação e ter uma relação sexual com a esposa. A menina, em seu berço, tem poucos dias de vida, e, está particularmente chorosa e agitada. Ao tentar acalmá-la, o pai recolhe seu corpinho mole e desconjuntado em seus braços, mas não consegue transmitir tranquilidade ao bebê. “Quando ele pega a criança para fazê-la arrotar, ele próprio é que arrota” (p. 213), ou seja, ele não é capaz de digerir, de metabolizar a agonia impensável da criança. É interessante como o autor se vale de uma metáfora digestiva para expressar o déficit de *continente* desse pai, ou seja, a sua dificuldade de receber e transformar as angústias da filha, da esposa (e também do pequeno Nelson) quando eles precisam de sua ajuda¹¹⁸. Coelho, homem inquieto, voraz, não pode acalmar sua filha recém-nascida, nem dar suporte à esposa na dificuldade. Ele não pode fazer esse trabalho psíquico tão delicado e sofisticado que permitiria à sua filha relaxar e dormir.

Acreditamos que o pai, assim como a mãe, pode metabolizar os conteúdos mentais do filho desde que suficientemente próximo, conectado com ele. Seu papel também é o de dar suporte à mãe, e talvez isso signifique, muitas vezes, conter e

¹¹⁸ A capacidade de *rêverie* paterna pode fazer muita diferença para estabelecer um ambiente bom para a mãe e o bebê no período neonatal, como discutimos no apêndice deste trabalho. Quando Coelho arrota ao invés de ajudar a filha em seu desconforto, denota que tem uma certa capacidade para receber os conteúdos da criança; mas é incapaz de transformá-los, de os metabolizar. Vejamos como Green descreve a ideia da *rêverie* bioniana como um modelo “digestivo” que pensa uma *função* existente nos objetos primários: a função de receber, transformar e devolver ao bebê aquilo que sua mente ainda é incapaz de transformar sozinha: “O apoio do psíquico sobre o digestivo permite compreender a necessidade de postular [...] a mãe “digere” psiquicamente as projeções da mente da criança (ela as mastiga, por assim dizer, graças à sua capacidade de *rêverie*) [...] portanto, a criança recebe um alimento segundo, metafórico do primeiro [...] ela se nutre não do seio corporal, mas do seio psíquico da mãe (GREEN, 2017a, p. 317). É isso que Coelho não consegue fazer, nem com seus filhos, nem consigo próprio.

metabolizar as angústias dela. Para Winnicott, o pai é o primeiro objeto total percebido pela criança, diagrama para sua integração (WINNICOTT, 1969/2005). Talvez estar no colo do pai possa realmente, e num nível psicossomático, fornecer à criança um novo elemento que possibilite a ela ver-se a si mesma e à mãe por um outro *ângulo*... há um mundo a ser explorado a partir da passagem confiante do colo da mãe para os joelhos do pai (THIS, 1987, p. 228). A ideia dos joelhos do pai como uma outra perspectiva é interessante. O pai está lá para ser encontrado quando os olhos do bebê, que já encontraram o espelho materno, encontram os olhos do pai para continuar a descobrir o mundo¹¹⁹.

Comentamos, logo na apresentação deste trabalho, que chegamos ao nosso objeto de estudo a partir do atendimento das mães em sofrimento. Nas famílias em que a depressão materna impede ou dificulta a sintonia entre a mãe e o bebê, é a capacidade do terceiro elemento (substituível, muitas vezes) de conter as angústias da dupla que determina o caminho na direção da saúde. Nestes casos, o pai pode dar ao bebê este tanto de função materna que a mulher mãe não pode fazer. Quantas vezes a autora deste trabalho pôde contar com o pai para *traduzir*, no contexto da consulta médica, sentimentos e dores que a própria mulher não conseguia nomear e representar!

Coelho é um pai que não sonha. Lembremo-nos do que nos conta, da angústia que sente quando põe seu menino para dormir.

“Os dias correm bem [...], mas quando o menino adormece, quando seu rosto mergulha no sono [...] então um **lugar morto** se abre dentro de Harry, e ele tem medo. O sono do menino é tão pesado que ele teme que se rompa a membrana da vida e Nelson mergulhe no olvido [...] acorda antes do amanhecer **com a mesma sensação** de desequilíbrio, com medo de que Nelson tenha morrido” (p. 204).

¹¹⁹ Nesse sentido é interessante pensar no trabalho do analista, quando pode trazer ao paciente uma nova possibilidade de pensar-se e pensar o mundo. Há uma interpretação preciosa de Winnicott a um paciente seu, que exprime a ideia dos “joelhos” do pai como um porto seguro para o menino. Diz o paciente: “[...] é como mergulhar, o que para mim significava romper com minha mãe. Eu vivia agarrado às saias de minha mãe. *Analista*: “É uma questão de não ter ninguém para quem voltar, como se você estivesse andando pela primeira vez e não tivesse o pai presente para ajudá-lo quando você se aventurasse a deixar sua mãe. Deixá-la seria simplesmente afastar-se dela sem ter nenhum lugar para onde ir”. *Paciente*: “Isso parece válido, mas é como um assunto novo. Minha filha repentinamente ficou de pé e andou”. *Analista*: “Sua filha foi mais longe do que você e, na época, já havia alcançado o estágio de desenvolvimento em que você está agora”. Seguem associações do paciente sobre ter uma figura afastada dele, mas suficientemente próxima, para encorajá-lo em suas tentativas de caminhar, andar de bicicleta e praticar mergulho, e de como sentia que não havia alguém lá para ampará-lo. A interpretação de Winnicott traz o elemento somatossensorial da experiência do pai como um terceiro sustentador do desejo de autonomia do menino: observe a analogia deste processo com o ficar de pé e *andar* (WINNICOTT, 1972/2010, p. 65).

A ideia de colocar o filho para dormir e acordar ao lado dele “com a mesma sensação de desequilíbrio” da noite anterior faz pensar que, entre estes dois momentos, não houve transformação, trabalho psíquico, não houve *sonho* entre o dormir e o acordar: “seu medo é como um pesadelo” (p. 214): sonho traumático. O sonho que revitalizaria Harry seria a transformação, a movimentação psíquica, não para reafirmar a ideia do *mesmo* e da repetição, mas sim a ideia do novo, do processo de ligação que teria permitido ao pai despertar com uma sensação diferente daquela com que fora dormir. A sua dificuldade está, inclusive, projetada no menino Nelson, que ele teme que *mergulhe* no olvido¹²⁰, rompendo a membrana da vida: aqui o sono está ligado à morte. É paradoxal que este pai tão agitado, tão acelerado, esteja assim tão preso e imobilizado por sua incapacidade de sonhar.

Uma pessoa consulta um psicanalista porque está sofrendo emocionalmente: sem saber, é incapaz de sonhar (isto é, incapaz de elaboração psicológica inconsciente) ou fica tão perturbada com o que está sonhando que seu sonho é interrompido. À medida que é incapaz de sonhar sua experiência emocional, o indivíduo é incapaz de mudar, ou de crescer, ou de tornar-se diferente do que ele tem sido (OGDEN, 2010, p. 19).

Seria importante, na abordagem aos pais adoecidos que encontramos na clínica, pensar em maneiras para poder resgatar a *capacidade de sonhar* do pai.

O leitor deve se recordar do processo de escolha do nosso objeto de pesquisa, que nos trouxe esse atormentado personagem, Harry Angstrom. Este é o pai que, provavelmente, não estaria presente em nossa sala de espera. Visto que já pudemos falar de seus mecanismos de defesa, seus *acting outs*, sua dor e seu desespero, como pensar um trabalho analítico possível para este homem?

Primeiramente, é importante refletir o quanto o atendimento ao pai, se assentado uma visão ortopédica e pedagógica sobre a família (TEPERMAN, 2012), pode se mostrar ineficiente. Como facilitar as funções dos cuidadores, se o que seria “desejável”, “aceitável” e “recomendável” pode estar distante da sua realidade psíquica? A posição contratransferencial do analista pode ser colocada em paralelo à atitude do pastor Eccles que, ao tentar *resgatar* o pai, contribui indiretamente com a tragédia que se abate sobre a família. Enquanto fora de casa, Coelho vivia a negação

¹²⁰ Atentemos para o duplo sentido da palavra “olvido”, que pode também significar *esquecimento*: Coelho sofre porque foi famoso no condado, *mas já não se lembram dele*: eis como a sua fragilidade narcísica é expressa pela dificuldade de manter suas realizações (assim como os bons objetos) vivos dentro de seu psiquismo. Isso se liga à sua dificuldade de lidar com perdas, com a passagem do tempo, e se concretiza na ideia de que o pai não poderá deixar um legado ao filho.

de sua condição de pai. Atormentado pela culpa persecutória, havia fugido de seu 'juiz' interno (a cidade de *Mt Judge*), o que fizera com que Janice e Nelson se instalassem na casa dos pais da moça. Mas, quando o pastor traz Harry de volta, os avós, única rede de suporte consistente nesse contexto, saem de cena. É possível que, sem a intervenção intrusiva e "cheia de boa vontade" de Eccles, June tivesse tido outro destino, distante do pai que não podia cuidar dela e sendo sustentada pelo "outro englobante" de sua mãe, os avós maternos, Sr. e Sra. Springer.

Como podemos pensar um trabalho que favoreça os processos psíquicos do luto e do sonho? Pensando em Coelho, nos filmes trabalhados, no caso do homem do Cartão Amarelo e em um número grande de casos clínicos por nós atendidos, parece importante ressaltar que uma postura julgadora e ortopédica ou uma atitude de aconselhamento pode contribuir para afastar o pai, quando ele estiver muito adoecido. A Coelho, *superego é o que não falta...* o que lhe falta são as redes de pertencimento e sustentação que poderiam ter-lhe permitido ser pai.

Creemos ter podido trazer para o leitor as dificuldades que o pai pode enfrentar na transição perinatal. Para ser pai, um homem deve fazer lutos: há o luto de sua condição de filho, o luto pela sua situação de parceiro privilegiado da mulher, sem contar na dificuldade em conciliar o erotismo e a ternura dentro da relação do casal. Há um luto relativo à castração que representa, para ele, não poder amamentar e engravidar. E estar na posição terceira do triângulo edípico que se reedita no pós-parto: sustentar a díade, proteger o seu entorno, tolerar as angústias do momento. É preciso lidar com a transfusão narcísica que esvazia os pais, temporariamente, para instilar vida no bebê; doar tempo, vida, sacrificar-se, enfim, em função dessa transmissão.

Como pudemos apontar mais detalhadamente no caso de Coelho, dada a ambivalência da situação perinatal, é importante que o pai, minimamente, tenha podido atingir a capacidade de alcançar a posição depressiva do desenvolvimento, segundo Klein. Sem essa condição, que se liga à capacidade para o luto de forma geral, o pai tenderá a se utilizar de defesas psíquicas que, ao invés de protegê-lo realmente, podem aumentar seu desespero e o sofrimento. O uso maciço de defesas maníacas por Coelho congela, coagula a vida – o que é simbolicamente representado pela morte da menina. Coelho não foge da morte, ele foge da vida. Somente o trabalho psíquico (sonho, simbolização) poderia vitalizá-lo.

Assim, criar caminhos criativos de elaboração dos afetos muito devastadores seria uma forma de transformar as defesas que, em última instância, afastam o pai do seu lugar na família.

Haveria, talvez, um possível caminho para apostar na revitalização de Coelho. No primeiro capítulo deste trabalho, transcrevemos a sua empolgação com o jogo de basquete. Salientando a defesa maníaca do personagem, deixamos de destacar que, apesar das dificuldades com seus objetos primários, Coelho tem aspectos de saúde: o prazer de jogar nos dá uma pista sobre este que, para ele, pode ser pensado como um objeto transformacional (BOLLAS, 1992). O jovem era dedicado, confiava em seu treinador (é ele a pessoa que Coelho procura quando sai de casa pela primeira vez), mas, de algum modo, sua relação positiva com o esporte se rompe quando ele vai para a guerra. Seria possível resgatar esse aspecto da vida de Harry, dado que sua interrupção parece estar ligada aos seus aspectos mais melancólicos?

Em nosso trabalho com a perinatalidade, é preciso atentar para a dimensão do prazer que, quando ausente na relação entre pais e filhos, torna seu jugo muito penoso. O prazer, em Harry, não está ligado ao presente, e sim ao passado: ele está preso a lutos que não consegue realizar. Seria importante religar Coelho à possibilidade de sentir esperança e desejo. Quando a mãe de Coelho ataca seu dom mais precioso, ao dizer que o neto jamais poderá jogar basquete como ele, mostra-se tanática: ela destrói a *esperança* do pai, destrói sua ilusão de futuro. É depois do encontro com os pais que o jovem mergulha na melancolia.

Num trabalho terapêutico, seria necessário ajudar Harry a fazer o luto pela interrupção do que, para ele, havia sido uma oportunidade de realizar os seus desejos de ser admirado e de sublimar sua forte analidade, por meio do erotismo muscular que lhe traz um sentimento de integração. Ele, que desdenha de todos, sempre levou a sério o esporte que amava. Tudo o mais, para ele, é questionável: a igreja, o emprego de vendedor e o casamento. Coelho está dissociado da capacidade de sentir prazer, há um núcleo melancólico que continuamente o ameaça, levando-o a se defender da realidade.

É preciso um trabalho de criação de contato com a realidade *psíquica* das perdas não elaboradas e das falhas básicas sofridas por este personagem durante toda a vida. O continente que lhe falta impede que Coelho consiga permanecer nas situações angustiantes. Ele corre, ele foge. Ele foge do contato com suas emoções.

Apesar de seus *acting outs*, Coelho não precisa de alguém que lhe diga o que é certo ou errado. É preciso um trabalho de continência da raiva, do terror e do desespero, para que este pai possa ninar sua filha June, ou apoiar a sua esposa. É preciso transformar o desespero em alguma forma de esperança, o terror em alguma forma de confiança, a raiva em alguma forma de desejo de investir, interessar-se e cuidar de si e do outro, abrindo o campo das reparações e novos projetos.

É preciso um trabalho de sonhar junto, dar lugar a novos espaços transicionais. Trata-se de trabalhos de simbolização, de luto, de reparação e de reconstrução que vão permitir a elaboração dos aspectos pré-edípicos, a entrada e a travessia do Complexo de Édipo e da Posição Depressiva que, no entanto, ainda é intolerável para o nosso personagem. O trabalho terapêutico com Coelho teria como objetivo a criação de um espaço de depressividade, para que *a ausência como presença potencial* desse segurança e calma ao mundo interior do nosso personagem. Assim, suas fugas incessantes poderiam se transmutar num verdadeiro movimento psíquico:

A depressividade é a capacidade de enlutar e passar pelos lutos da vida a que a transitoriedade das coisas nos obriga. É o retorno da posição depressiva descrita por Klein como etapa a ser percorrida. É a capacidade de reconhecer o outro, de se preocupar, sentir culpa, movimentar-se nas funções de restituição e reparação. É a introjeção dos objetos bons, a partir de uma mãe suficientemente boa, envolvendo a constituição de um espaço transicional e a efetivação da ausência como presença potencial que dá segurança ao mundo interior, que permite que a perda dos tesouros infantis não empurre o Eu à uma terra gelada, inóspita e vazia (SORDI, 2018, p. 49).

4.5 ENTRE A MORTE E A TRANSMISSÃO

Freud (1900/2019) descreve um sonho, no qual um filho morto se encontra num quarto rodeado de velas. O filho é velado pelo pai por horas, até que este se deita no cômodo ao lado, mas deixa, entretanto, uma porta entreaberta. Um senhor também vela a criança, sentado ao seu lado e rezando, e acaba por dormir também. Durante o sono, o pai sonha que seu filho o acorda, repreendendo-o com os dizeres: “Pai, não vêes que estou queimando!” A chama da vela havia caído sobre o braço da criança. O pai acorda...

Assim como este pai descuidado, Harry não está em casa quando Janice, embriagada, decide banhar a filha deles. Sua *ausência* representa o sono do pai: um pai não deve *dormir*? Assim como no sonho relatado por Freud em *A interpretação*

*dos sonhos*¹²¹, Coelho *dorme*, descuida-se, e a filha morre, não por meio do fogo, mas por meio da água. Um pai não deveria se descuidar... Fugindo, este homem permite que acidentes aconteçam e assim, o desejo de morte dos filhos se realize, a vida dos filhos ficando ao encargo *do acaso*.

Freud interpreta a cena desse sonho comovente:

[...] nesse sonho também não falta a realização de um desejo. Nele, o menino morto age como uma pessoa viva, ele próprio avisa o pai. Vai até sua cama e o puxa pelo braço (FREUD, 1900/2019, p. 599).

É o desejo de que o filho *reviva* que produz o sonho. A recriminação “pai, não vês...” ressoa na culpa paterna: um filho não deve morrer, precisa ser protegido de todos os perigos. Por isso, um pai não deve dormir... deve estar atento e de olhos bem abertos.

[...] o desejo de que o filho estivesse vivo, a representação do filho vivo no sonho é remetida imediatamente à constatação da morte do filho quando o pai desperta [...] esse desejo, presente nesse sonho, não deixa de ser uma composição original de um sonho traumático em que ainda sopra o princípio do prazer. Todavia o pai, quando desperto pelo sonho, revê o filho morto e, mais uma vez, na passagem do sonho à vigília constata sua morte pelo fogo. O fogo do filho queimando em febre. Para o pai foi, talvez, a febre que matou seu filho. Um pai jamais deveria dormir, já que seu sono e seu sonho representam a morte do filho [...] Desperto do sonho traumático, o pai reencontra a cena do filho queimando por seu descuido (ENDO, 2008, pp. 347-348).

É interessante pensarmos no famoso sonho descrito por Freud em 1900. Neste sonho está a ambivalência paterna, a realização do desejo de vida e de morte do filho, a condensação entre “queimar” de febre e queimar por causa da vela, a imagem do filho vivo que admoesta o pai por seu descuido. A culpa desse pai, pela morte daquele por quem deveria zelar, produz o sonho: movimentação psíquica que se liga à tentativa de elaboração da perda do pai.

Poderíamos admitir que todo pai deseja a morte do filho, em algum nível? Lembremo-nos da fantasia do aborto que o homem do cartão amarelo teme (e deseja); lembremo-nos de Laio, de Coelho, que deseja que sua filha “apague”; da moça que joga seu bebê no lixo do hospital¹²²... Se o desejo de vida e de morte estão presentes, em todos nós, sempre, precisamos mesmo de mitos e de sonhos para elaborar esses terrores, transformá-los.

¹²¹ Agradeço ao professor Renato Mezan por me lembrar deste sonho, quando em aula lhe contei o tema da minha pesquisa.

¹²² Conforme página 95 deste trabalho.

Freud sabe de todas as fragilidades dos furta-cores do inconsciente [...] quando introduz o último capítulo de *A Ciência dos Sonhos* com aquele sonho que, de todos os que são analisados no livro, tem um modo à parte – sonho suspenso em torno do mistério mais angustiante, o que une um pai ao cadáver de seu filho mais próximo, de seu filho morto. O pai sucumbido ao sono vê surgir a imagem do filho, que lhe diz – Pai, não vês que estou queimando? Ora, está para pegar fogo no real, na peça ao lado. Por que então sustentar a teoria que faz do sonho a imagem de um desejo, com este exemplo em que, numa espécie de reflexo flamejante, é justamente uma realidade que, quase decalcada, parece aqui arrancar o sonhante de seu sono? Por que, se não para nos evocar um mistério que, não é outra coisa senão o mundo do além, e não sei que segredo partilhado entre o pai e esse filho que lhe vem dizer – Pai, não vês que estou queimando? **Do que é que ele queima?** – senão do que vemos desenhar-se em outros pontos designados pela topologia freudiana – **do peso dos pecados do pai**, que carrega o fantasma no mito de Hamlet com que Freud duplicou o mito de Édipo. [...] a herança do pai [...] é seu **pecado** (LACAN, 1988, pp. 37-38) (grifo nosso)

A morte de um filho rompe com o desejo de imortalidade, através do qual os pais se *continuam* na figura dos filhos. Subverte-se a cadeia temporal em que os filhos enterram seus pais. Mas o que isso representa para um pai como Coelho, senão a concretização da fantasia e do desejo inconsciente? Coelho entende a passagem do tempo como declínio e ruína. Um dos ganhos do atravessamento edípico e da elaboração da posição depressiva é a capacidade de fazer o trabalho do luto, de aceitar seu papel e lugar na hierarquia das gerações, enfim: a passagem do tempo. A dificuldade de fazer lutos sobrecarrega Coelho com objetos internos que nunca terminam de morrer, gerando mais persecutoriedade e angústia a cada tentativa de reparação frustrada. John Updike descreve os objetos internos, moribundos, em Coelho: as fachadas da casa **cobertas de crostas**, o **brinquedo perdido que apodrece**, a esposa de **cabelos ralos**, cuja **boca ficou voraz**, o pai com unhas **imundas, postura encurvada**, e uma boca que parece **boca de velha**, a doutrina cristã como **travessia para a morte**, a mãe que **pode lhe tomar a vida**, se quiser, e os filhos, que tornam o pai, **primeiro por dentro, depois por fora, lixo: caules de flores mortas**.

As imagens abundantes de morte, decrepitude, ruína, nos objetos que circundam Coelho representam os processos de desligamento que dificultam a este homem acreditar na vida, na bondade dos seus objetos internos. À magnitude de suas defesas maníacas correspondem igual melancolia e a falta de confiança em sua capacidade de reparar, que se reflete na fragilidade percebida nos filhos – duplos de

si mesmo: June, cuja cabeça está a se **desparafusar do pescoço**, e Nelson, que parece estar morto quando mergulha no sono.

A morte em Coelho é expressão de sua dificuldade de sonhar, de fazer trabalho psíquico. Para Green (1988), o dualismo pulsional pode ser pensado em termos de ligação/ desligamento. A pulsão de morte pode ser compreendida como a força desobjetalizante, que desliga a conexão entre as representações, e impede o pensamento, o sonho, o trabalho de luto. O trabalho de luto é paradoxal, pois gera o sentido a partir da perda.

Simbolizar a ausência exige aceitar a falta, o abandono, dar lugar, dar licença. Exige deixar passar o acontecimento insuportável, vê-lo tornar-se passado, permitindo que aquilo, aquele inominável tenha existido (CINTRA, 1999, p. 179).

Incapaz da depressividade que favorece o cuidar e a elaboração psíquica (FIGUEIREDO, 2009), Harry necessitaria de um continente para ajudá-lo a elaborar e simbolizar os aspectos ainda não transformados da sua pulsionalidade. Assim, reunimos as ideias da angústia que define o nosso Coelho, com o seu não sonhar... Coelho corre porque *queima*: sua pulsionalidade não transformada; sua angústia, geram o impulso, a defesa ineficaz e a destruição do objeto: irreparável.

Filho, não vê que estou queimando? – é este o seu não-sonho.

REFERÊNCIAS

A FILHA perdida. Direção: Maggie Gyllenhaal. Netflix, 2021. 1 vídeo (2h02min).

ABERASTURY, A.; SALAS, E. J. **Paternidade**: um enfoque psicanalítico. Trad. Maria Nestrovsky Folberg. Porto Alegre: Artmed, 1984.

AFFONSO, C. **Necessidades e conflitos emocionais de adolescentes mães abrigadas nos períodos pré e pós-nascimento, sob o olhar da teoria de D. W. Winnicott**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15430/1/Claudinei%20Affonso.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2022.

ALVIM, F. **Poemas** 1968-2000. São Paulo: Cosac Naify, 2004, p. 190.

ANDRÉ, J. **As origens femininas da sexualidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ANDRÉ, J. **LAPLANCHE Editorial** • Rev. latinoam. psicopatol. fundam. 15 (4) • Dez 2012 • <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400001>. Acesso em: 5 out. 2021.

ANDRADE, C. D. de. Amor e seu tempo. *In*: ANDRADE, C. D. de. **As Impurezas do Branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, M. de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Ubu, 2017.

ARLBERG, M.; EDHBORG, M.; LINDBERG, L. Paternal Perinatal Depression Assessed by the Edinburgh Postnatal Depression Scale and the Gotland Male

Depression Scale: Prevalence and Possible Risk Factors. **Am J Mens Health**. 2018 Jul;12(4):720-729. Jan 19.

AS CHAVES da casa. Direção: Gianni Amelio. Itália, França, Alemanha, 2004. 1 vídeo (1h45min).

ASSIS, M. de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Trad: Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979,

AVILA, C. S; BERLINCK, M. T. Reflexões sobre crise e estabilização em Psicopatologia Fundamental. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, pp. 270-286, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382014000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2022.

AZOUBEL NETO, D. A couvade – um estudo psicanalítico a partir de concepções antropológicas. *In*: AZOUBEL NETO, D. **Mito e Psicanálise**: estudos psicanalíticos sobre formas primitivas de pensamento. Campinas: Papyrus, 1993, pp. 95-116.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 8. ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge. Zahar, 2004.

BERNARDINO, L. M. F. A concepção lacaniana do sujeito. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Laço**. São Paulo: Autêntica, 2020.

BERNARDINO, L. M. F. A angústia na clínica psicanalítica com bebês e seus pais. **Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 35, pp. 21-29, jun./dez. 2008. Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista35-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.

BION, W. R. A theory of thinking (1962). *In*: **Second Thoughts**. New York: Aronson, 1967, pp. 110-119. Disponível em: <https://icpla.edu/wp-content/uploads/2014/09/Bion-W.-A-theory-of-thinking-The-PsychoAnalytic-Study-of-Thinking.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

BIRMAN, J. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Natureza Humana**, 8(1), 163-180. Jan.-Jun. 2006

BLEGER, J. Estudo da parte psicótica da personalidade: introdução. *In*: **Simbiose e ambiguidade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1977, pp. 107-112.

BLEICHMAR, S. **Paradojas de la sexualidad masculina**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BOLLAS, C. **Forças do destino**. Psicanálise e idioma humano. Trad. Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BOLLAS, C. **A sombra do objeto** – psicanálise do conhecido não pensado. Trad. Fatima Marques, São Paulo: Escuta, 2015.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. 11. ed. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOUKOBZA, C. (1997). A clínica do holding. *In*: WANDERLEY, D. (org.). **Palavras em torno do berço**. Salvador: Ágalma, pp. 89-106.

BRAGA, Leonardo Viana. **Pani'em**: um esboço sobre os modos de saber entre os Zo'é. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.8.2017.tde-06022017-110638. Acesso em: 30 maio 2022.

BRANNEY, P.; WHITE, A. Big boys don't cry: depression and men. **Advances In Psychiatric Treatment**, [S.L.], v. 14, n. 4, pp. 256-262, jul. 2008. Cambridge University Press (CUP). <http://dx.doi.org/10.1192/apt.bp.106.003467>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247801286_Big_boys_don't_cry_Depression_and_men. Acesso em: 24 out. 2021.

BRAZELTON, T. B. **Aprendendo a ouvir**: uma vida dedicada às crianças. Trad. Cristina Cupertino. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. A formação do Apego no Pai. *In*: BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. **As primeiras relações**. Tradução de Marcelo Brandão Cippola. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRITTON, R. Subjetividade, objetividade e espaço triangular. *In*: BRITTON, R. **Crença e imaginação**. Trad. Lana Pinto Chaves. Trad. dos poemas: Renato Rezende. Rio de Janeiro: Imago, 2003, pp. 69-92.

BRONSTEIN, C. What are internal objects. *In*: BRONSTEIN C. (org). **Kleinian Theory**: a contemporary perspective. London: Whurr Publishers, 2001.

CANDI, T. S. O trabalho do negativo e o duplo limite *In*: CANDI, T. S. **O duplo limite**: o aparelho psíquico de André Green. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2020, pp. 253-259.

CANTILINO, A.; ZAMBALDI, C. F.; SOUGEY, E. B; RENNÓ Jr., J. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Rev. Psiq. Clín.** 2010; 37(6): 278-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v37n6/a06v37n6>. Acesso em: 12 ago. 2021.

CARRASCOZA, J. A. **Conto para uma só voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CATÃO, I.(org) **Mal-estar na infância e medicalização do sofrimento**: quando a brincadeira fica sem graça. Salvador: Ágalma, 2020.

CHEMANA R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1995.

CHERER, E. Q.; FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A. Tornar-se pai: a paternidade como inscrição subjetiva da finitude. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 34, p. 1-11, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34433>

CHREIM, V. **Dimensões da recusa: crença, trauma e clínica**. 2019.161f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos pós-graduados em psicologia: Psicologia clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22598>. Acesso em: 15 set. 2021.

CINTRA, E. M. de U. Dominar, submeter-se, libertar-se: Jessica Benjamin e os laços de amor. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, pp. 686-704, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2021.

CINTRA, E. M. de U. Em parte alguma o mundo existirá. **Rev. Latino-am. Psicopat. Fund.**, II, 2, 177-190, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/qBjSP87h7qw5kjk4SMyyDKh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.

CINTRA, E. M. de U. A descoberta do mundo e a destrutividade originária. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 48, n. 89, pp. 67-78, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2021.

CINTRA, E. M. de U. As funções antitraumáticas do objeto primário: holding, continência e rêverie. **Tempo psicanál** ; 35: 37-55, 2003.

CINTRA, E. M. de U. Arco-íris tatuados nas mãos: a geografia do corpo materno. *In*: CINTRA, E. M. de U.; RIBEIRO, M. F. da R. (org.). **Melanie Klein na psicanálise contemporânea: teoria, clínica e cultura**. São Paulo: Zagodoni, 2019. Cap. 1, p. 21.

CINTRA, E. (2021). Complexo de Castração e Complexo do Nebenmensch. **Cadernos de Psicanálise CPRJ**, v. 43, n. 45, p. 41-62, 30 nov. 2021.

COELHO JR., N. E. Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. **Caderno de Psicanálise - CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, pp. 175-195, jan./jun. 2015.

CONCEIÇÃO, A. L. V.; BRITO, A. G. B.; GONÇALVES, L. F.; MEIRELES, A. A.; PEDROSO, R. T. (2020). A depressão pós-parto paterna e os seus impactos no contexto familiar. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 1, n. 2. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/remss/article/view/137>. Acesso em: 5 maio 2022.

CORDÁS, T. A. **História da melancolia**. Porto Alegre: Artmed, 2017.

COSER, O. **Depressão: clínica, crítica e ética** [on-line]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

CRESPIN, G. **A clínica precoce: o nascimento do humano**. Trad. Claudia Mascarenhas Fernandes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DE CICCIO, M. F. **Muito corpo, poucas palavras: clínica dos casos-limite**. São Paulo: Sá editora, 2020.

DIAS, E. O. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 10, n. 1, pp. 29-46, jun. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2021.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 4. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2017.

DUNDES, A. Couvade in Genesis. *In: Parsing through customs: essays by a Freudian folklorist*. London: The University of Wisconsin Press, 1987, p. 157.

ENDO, P. Partilha, testemunho e formas contemporâneas do excessivo. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 31, n. 47, pp. 70-74, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 1º nov. 2021

FÉDIDA, Pierre. **Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia**. Trad. Marta Gambini. São Paulo: Escuta, 2002.

FELIPPE, G. G. **A lógica do mito e o lugar do Outro entre os índios do Chaco**. 20(2):120-130, Maio/Agosto 2016 Unisinos – doi: 10.4013/htu.2016.202.01 Disponível em: <https://doi.org/10.4013/htu.2016.202.01>. Acesso em: 4 mar. 2022.

FERENCZI, S. (1929) A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. *In: FERENCZI, S. Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 55-60.

FERENCZI, S. (1932) Confusão de línguas entre o adulto e a criança. *In: FERENCZI, S. Obras completas: Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 111-121.

FERRANTE, E. **A história da menina perdida**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Ed Biblioteca Azul, 2017.

FERRARI, R.; RIBEIRO, M. Ser mãe, ser pai. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, v. 42, n. 42, pp. 225-242, 5 ago. 2020.

FERRARI, R. S. **Maternidade, assombro e elaboração: reflexões psicanalíticas sobre a vivência da maternidade**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Universidade de São Paulo. Defesa em 03/06/2022.

FERRO, A. **Evitar as emoções, viver as emoções**. Trad. Marta Petriccianni. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 2009.

FIGUEIREDO, L. C.; COELHO JUNIOR, N. E. **Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura**: matrizes e modelos em psicanálise. São Paulo: Blucher, 2018.

FIGUEIREDO, L. C. A presença de Melanie Klein na psicanálise contemporânea. *In*: CINTRA, E. M. de U.; RIBEIRO, M. F. R. (org.). **Melanie klein na psicanálise contemporânea**: teoria, clínica e cultura. São Paulo: Zagodoni, 2019, Cap. 3, pp. 49-61.

FISHER, S. D.; COBO, J.; FIGUEIREDO, B.; FLETCHER, R.; GARFIELD, C. F.; HANLEY, J.; RAMCHANDANI, P.; SINGLEY, D. B. Expanding the international conversation with fathers' mental health: toward an era of inclusion in perinatal research and practice. **Archives Of Women'S Mental Health**, [S.L.], v. 24, n. 5, pp. 841-848, 24 ago. 2021. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s00737-021-01171-y>. Acesso em: 27 ago. 2021.

FOLINO, C. S. G. **Sobre dores e amores**: caminhos da tristeza materna na elaboração psíquica da parentalidade. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, pp. 174-175. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2014.tde-02102014-161452. Acesso em: 13 out. 2021.

FORNS, M.; ABAD, J.; KIRCHNER, T. Internalizing and Externalizing Problems. **Encyclopedia Of Adolescence**, [S.L.], pp. 1464-1469, 2011. Springer New York. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4419-1695-2_261. Acesso em: 10 out. 2021.

FRANÇA, C. P. **Nem sapo, nem princesa**: terror e fascínio pelo feminino. São Paulo: Blucher, 2017.

FREITAS, R. O. de. **Por que meu vô chorava**: a clínica da depressão. 2018. 137 f. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FREUD, A. (1946). **O Ego e os Mecanismos de Defesa**. Trad. Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 1995.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade *In*: FREUD, S. **Obras completas** (Vol. VI). Trad. Paulo Cesar Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: Contribuições à psicologia do amor. *In*: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XI, p 147-57.

FREUD, S. (1913). O tema dos três escrínios *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XII. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900). Psicologia dos processos oníricos, capítulo VII. A interpretação dos sonhos. *In*: FREUD, S. **Obras completas** (Vol. 4). Trad. Paulo Cesar Lima de Souza. 6. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, S. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. IX. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente** (Vol. 1). Trad. L. A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, S. (1919) Moisés e o monoteísmo. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. Vol XIX (1937-1939) Trad. Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard brasileira, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A feminilidade (1933): nova sequência de conferências de introdução à psicanálise – conferência XXXIII. *In*: FREUD, S. (1856-1939). **Obras incompletas de Sigmund Freud**: Amor, sexualidade, feminilidade. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, pp. 314-314.

FREUD, S. (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia: dementia paranoides. *In*: FREUD, S. **Casos Clínicos**: 1856-1939. Trad. Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1984, pp. 27-307.

FREUD, S. O romance familiar dos neuróticos (1909). *In*: FREUD, S. **Obras completas**, v. 8: o delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pp. 419-424.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol. II. Trad. Luis Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1919) O inquietante. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

FREUD, S. (1926-29). Inibição, Sintoma e Angústia. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 17. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S (1917/2010). Luto e melancolia. *In: Sigmund Freud Obras Completas*. Vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1895/1995). **Projeto de uma psicologia**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 44.

FRID, S. **Ética e estética do cuidado nos primórdios da vida**: reinventando a prática cotidiana com bebês numa unidade de acolhimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44497/2/solange_frid_iff_dout_2019.pdf. Acesso em: 4 jun. 2022.

GARRAFA, T. Primeiros tempos da parentalidade. *In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). Parentalidade*. São Paulo: Autêntica, 2020, pp. 55-69.

GLASSER, S; LERNER-GEVA, L. Focus on fathers: paternal depression in the perinatal period. **Perspect Public Health**. 2019 Jul;139(4):195-198. doi: 10.1177/1757913918790597. Epub 2018 Jul 25. PMID: 30044191

GOLSE, B. O que o bebê transmite aos adultos: (O conceito de transmissão psíquica ascendente). **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 11-20, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2022.

GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebê**: narratividade, filiação e transmissão. Trad. bras. Inês Catão. (Coleção 1ª Infância) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GUERRA, V. Indicadores-de-Intersubjetividad-0-12-Meses: del encuentro-de-miradas-al.placer de jugar juntos. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, [s. l], v. 6, n. 1, p. 209-235, 2014. Disponível em: <http://sbpdepa.org.br/site/wp-content/uploads/2017/03/Indicadores-de-Intersubjetividad-0-12-Meses-del-encuentro-de-miradas-al.pdf>. Acesso em: 1º out. 2021.

GUERRA, V. O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. **Ide**, São Paulo, v. 40, n. 64, pp. 31-54, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 set. 2021.

GRAÇA, F. F. C. de A.; FIGUEIREDO, L. C.M. Do frio ao tórrido: escutas de silêncio e fúria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [on-line]. 2018, v. 21, n. 2, pp. 269-292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p269.4>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GREEN, A. E a mulher? *In: GREEN, A. As cadeias de Eros*. Lisboa: Climepsi, 2000.

GREEN, A. Édipo, Freud e nós. *In*: GREEN, A. **O desligamento**: psicanálise, antropologia e literatura. Tradução de Irene Cubric. Rio de Janeiro: Imago, 1994, pp. 57-115.

GREEN, A. A capacidade de *reverie* e o mito etiológico. *In*: GREEN, A. **A loucura privada**. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017a, pp. 315-333.

GREEN, A. O analista, a simbolização e a ausência no enquadre analítico. *In*: GREEN, A. **A loucura privada**. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017b, p. 79.

GREEN A. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. *In*: GREEN et al. **A pulsão de morte**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

GREEN, A. **El tiempo fragmentado**. Trad. I. Agoff. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

GUIDUGLI, S.K.N. **Um estudo qualitativo sobre o pré-natal e o puerpério na perspectiva do pai**. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: doi:10.11606/T.47.2022.tde-20072022-134026. Acesso em: 21 jul. 2022.

HANS, L. A. Comentários do editor brasileiro ao texto *Além do princípio do prazer* (1920) *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente** (Vol. 2). Trad. L. A. Hans. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HINSHELWOOD, R. D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Trad. J. O. A. Abreu, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

IACONELLI, V. Sobre as origens: muito além da mãe. *In*: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T; IACONELLI, V. (org.). **Parentalidade**. São Paulo: Autêntica, 2020a, pp. 11-19.

IACONELLI, V. Reprodução dos corpos e dos sujeitos: a questão perinatal. *In*: IACONELLI, V. **Parentalidade**. São Paulo: Autêntica, 2020, pp. 71-86.

IACONELLI, V. **Mal-estar na maternidade**. Do infanticídio à função materna. São Paulo: Annablume, 2015.

IPEA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça no Brasil em 20 anos**: Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, divulgado nesta segunda-feira, dia 6, analisa indicadores com base na Pnad. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_acymailing&ctrl=archive&task=view&listid=10-. Acesso em: 10 out. 2021.

KERNBERG, O. Prefácio. *In*: MC DOUGALL, J. **Teatros do eu**. Trad. Marta D. Claudino e Orlando Coddá. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2015.

KHEL, M. R. **O tempo e o cão** – a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

KHEL, M. R. Melancolia e criação. *In*: FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2011, pp. 8-31.

KLEIN, M (1928/1996). Estágios iniciais do conflito edipiano. *In*: Obras Completas de Melanie Klein I (1921-1945). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Pp. 216-227

KLEIN, M. (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. *In*: **Obras Completas de Melanie Klein I** (1921-1945). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 416-464.

KLEIN, M. (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. *In*: **Obras Completas de Melanie Klein I** (1921-1945). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 385-412.

KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. *In*: **Obras Completas de Melanie Klein I** (1921-1945). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp. 301-329.

KLEIN, M. (1952). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. *In*: **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Trad. A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago 1996, pp. 85-118.

LACAN, J. Do sujeito da certeza. *In*: LACAN, J. **Seminário Livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, 1964. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 37.

LANDAU, T. L'accouchement approche. *In*: LANDAU, T. **Accoucher et faire naître: dialogues et separations durant la grossesse**. Paris: Editions Imago, 2019. Cap. 9, pp. 162-163.

LAPLANCHE, J. A partir da situação antropológica fundamental *In*: **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2008**. Trad. José Carlos Calich. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Trad. Pedro Tamen. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAR. DICIO. **Dicionário Michaelis**. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 10 set. 2021.

LATTANZIO, F. F.; RIBEIRO, P. de C. Recalque originário, gênero e sofrimento psíquico. **Psicologia em Estudo**. 2012, v. 17, n. 3, pp. 507-517. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZzgM3CxGxM9kppKQ64hznnH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.

LÉVINAS, E. **El Tiempo y el Otro**. Trad. José Luis Pardo Torlo. Barcelona: Paidós, 1993.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOEWALD, H. W. (1979). Declínio do Complexo de Édipo (“The Waning of the Oedipus Complex”). **Revista da Associação Americana de Psicanálise**, v.27, 1979. Reimpressão: Associação Americana de Psicanálise e da International Universities Press, pp. 384-401, 2000.

MC DOUGALL, J. **Em defesa de uma certa anormalidade**. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed, 1983.

MACEDO, H. Natividade. *In*: MACEDO, H. **Viagem de Inverno**. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 135.

MÃE, V. H. **O filho de mil homens**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MARIN, I. S. K. Prefácio. *In*: LACERDA, E. T. (org.). **A clínica da constituição do laço**. São Paulo: Escuta, 2017.

MARTINI, T. A. D. de; PICCININI, C. A.; GONÇALVES, T. R. Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. **Aletheia**, Canoas, n. 31, pp. 121-136, abr. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 2 nov. 2021.

MENDES, M. Memória. *In*: MENDES M. **Poesia Liberdade**. Rio de Janeiro: Record 2001.

METZNER, C. B. **O passo em falso na dança da subjetivação**: o transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/24429>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**: estudos de história da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MIGUELEZ, N. B. S. de. **Complexo de Édipo hoje?** 2007. 215 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MINERBO, M. **Neurose e Não Neurose**. 2. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2019.

MORAES, V. de. Poema Enjoquinho. Antologia poética 2. ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p. 242. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/7026/1/45000008712_Output.o.pdf Acesso em: 21 jul. 2022.

MORO, R. Os ingredientes da parentalidade. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. June 2005 VIII(2):258-273 DOI:10.1590/1415-47142005002005. Acesso em: 10 jun. 2022.

NELSON. Verbete. Dicionário de nomes próprios. [on-line]. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/nelson/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

OGDEN, T. H. **Esta arte da psicanálise**. Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010.

OLIVEIRA FILHO, C. **Pelos caminhos do ódio** – da pulsão ao narcisismo. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/24298>. Acesso em: 10 out. 2021.

OLMO e a Gaivota. Direção: Petra Costa e Lea Glob. Produtor: Tim Robbins. 2014. 1 vídeo (1h22min). Disponível em plataforma de streaming, Netflix.

PARSEVAL, G. D. **A parte do pai**. Trad. Thereza Cristina Stummer. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PELLEGRINO, H. Pacto edípico e pacto social. **Folha de São Paulo**, 11/09/1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5638230/mod_resource/content/1/Pellegrino%20-%20Pacto%20ed%C3%ADpico%20e%20pacto%20social.pdf. Acesso em: 30 nov. 2021.

PERES, U. T. Macunaíma, o herói sem pai. **Pulsional Rev. Psicanál**, São Paulo, v. 188, pp. 65-73, dez. 2006.

PESSÔA A. V. Poesia e Pensamento na obra de Murilo Mendes. **Eutomia**. Revista de Literatura e Linguística. UFPE, Vol. 1, n. 1, Recife, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/UTOMIA/article/view/1982> Acesso em: 21 jul. 2022.

PESSOTTI, I. **Ansiedade**. São Paulo: EPU, 1978.

PONDÉ, D. Z. F. O conceito de medo em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 6, n. 2, pp. 82-131, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2021.

PONDÉ, L. F. M.G.T.O.W. **Folha de São Paulo**, 21/10/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2019/10/mgtow.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2022.

PRADO, A. **O coração disparado**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PROJETO Flórida. Direção: Sean Baker. EUA, 2017. 1 vídeo (1h51 min).

PROUST, M. **O tempo redescoberto**. Trad. Lúcia Miguel Pereira. 15. ed. São Paulo: Globo Livros, 1995, p. 184.

RAO, W-W; ZHU, X-M; ZONG, Q-Q; ZHANG, HALL; B J, UNGVARI; GS et al. Prevalence of prenatal and postpartum depression in fathers: a comprehensive

meta-analysis of observational surveys. **J Affect Disord** 2020;263:491e9. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2019.10.030>. Acesso em: 3 abr. 2022.

RIBEIRO, M. F. da R. **De mãe em filha: a transmissão da feminilidade**. São Paulo: Escuta, 2011.

RIBEIRO, M. F. da R. A posição feminina: uma teoria sobre a feminilidade e a masculinidade. *In*: CINTRA, E. M. de U.; RIBEIRO, M. F. da R. **Por que Klein?** São Paulo: Zagodoni, 2018, p. 99-105.

RIBEIRO, P. de C. **O problema da identificação feminina em Freud: recalçamento da identificação feminina primária**. São Paulo: Escuta, 2000.

RIBEIRO, P. de C. Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria da sedução generalizada. **Psicologia em Estudo** [s.l.], v. 17, n. 3, pp. 445-452, set. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/jQpe/a/dfgpTnLVn57QgfymZLJZCqz/?format=html&lang=pt#>
Acesso em: 24 out. 2021.

RIBEIRO, P. de C.; BELO, F. Narcisismo, gênero e sexualidade: aproximações entre Lichtenstein, Ferenczi, Laplanche e Butler. *In*: BIRMAN, J.; FULGÊNCIO, L.; KUPPERMANN, D.; CUNHA, E. **Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016, p. 125.

RIVIÉRE, P. G. The Couvade: A Problem Reborn Author(s): P. G. Riviere Reviewed work(s): Source: *Man, New Series*, Vol. 9, n. 3 (Sep., 1974), pp. 423-435.

ROCHA, Z. A angústia inscrita no corpo. *In*: ROCHA, Z. **Os destinos da angústia na psicanálise freudiana**. São Paulo: Escuta, 2000, pp. 41-67.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROSA, C. D. O pai em Winnicott. *In*: ROSA, C. D. (org.) **E o pai?** Uma abordagem winnicottiana. São Paulo: DWW editorial, 2014, pp. 25-62.

ROSA, C. D. **As falhas paternas em Winnicott**. 2011. 238f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

Disponível

em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/15059/1/Claudia%20Dias%20Rosa.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2021.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. Trad. Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUSSILLON, R. (2012). **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia**. Trad. Paulo Sergio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.

SAFRA, G. **Diálogos Irreverentes I** – Do Pai à Função Paterna em Klein, Bion e Winnicott. 2006. Disponível em: <https://youtu.be/MOA5ir7tSak>. Acesso em: 6 out. 2021.

SAFRA, G. Os registros do masculino e feminino na constituição do self. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 42, n. 76, p. 77-89, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 nov. 2021.

SANTOS, C. V. M.; ANTUNEZ, A. E. A. Paternidade afetivamente inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 224-238, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 maio 2022.

SIGNORELLI, M. C. Maturação emocional e agressividade. *In*: SIGNORELLI, M. C. **Agressividade na clínica com crianças**: uma perspectiva winnicottiana. São Paulo: Zagodoni, 2021, pp. 64-68.

SORDI, G. **A (im)possível perda do objeto perdido**: o negativo entre a depressão e a depressividade. 2018. 163 f., Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

STAR Wars. Direção: George Lucas. Produtora: Lucas Film, 1977. Disponível em plataforma de streaming, Amazon Prime.

TEPERMAN, D. W. **Família, parentalidade e época**: um "nós" que não existe. 2012 Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16082012-112951/pt-br.php>. Acesso em: 15 abr. 2022.

THIS, B. **O pai**: ato de nascimento. Trad. Mário Fleig e Luiz Carlos Petry. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

TOSTA, R. M. Analista-ambiente e analista-objeto como funções na clínica winnicottiana: teoria e ilustrações. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**. Jul-Sep. 2019, Vol. 22 Issue 3, pp. 540-559.

TRIGO, L. Frases de Nelson Rodrigues fixaram traços da identidade nacional. G1. 23.8.2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2012/08/23/frases-de-nelson-rodrigues-fixaram-tracos-da-identidade-nacional/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

UPDIKE, J. *Rabbit, run* (1960). **Coelho, corre**. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Planeta Deagostini, 2003.

UPDIKE, J. **Rabbit, run** (1960). New York: Random House Trade Paperbacks, 2012.

VALADARES, G.; DRUMMOND, A.V.; RANGEL, C. C.; SANTOS, E.; APTER, G. (2020). Maternal Mental Health and Peripartum Depression. *In*: RENNÓ JR., J.; VALADARES, G.; CANTILINO, A.; MENDES-RIBEIRO, J; ROCHA, R., G. DA SILVA,

A. (eds). **Women's Mental Health**. Springer, Cham. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-29081-8_24. Acesso em: 11 maio 2022.

VELOSO, C. Sampa. *In: Muito mais*. Universal Music. Rio de Janeiro: 2006.

VIEIRA JR. Aborto é assunto para homens? **Folha de S. Paulo**, 3/04/2022. (Versão on-line) Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/itamar-vieira-junior/2022/04/aborto-e-assunto-para-homens.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwa. Acesso em: 3 abr. 2022.

VIEIRA, M. R. J. **Oscar Wilde and Dorian Gray**: on the experiences of loss, pain, and mourning. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

VIOLANTE, M. L. V. **Piera Aulagnier**: Uma contribuição contemporânea à obra de Freud. São Paulo: Via Lettera, 2001.

WINNICOTT, D. W. Nota sobre o relacionamento mãe-feto: provavelmente redigido em meados da década de 60. *In: WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). Explorações Psicanalíticas*. Trad. Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005, pp. 127-128.

WINNICOTT, D. W. (1969) O uso de um objeto no contexto de *Moisés e o monoteísmo*. *In: WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). Explorações Psicanalíticas*. Trad. Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 187-191.

WINNICOTT, D. W. (1964) Transtorno (*disorder*) psicossomático. *In: WINNICOTT, D. W. In: WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). Explorações Psicanalíticas*. Trad. Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005. pp 82-93.

WINNICOTT, D. W. (1974). O medo do colapso. *In: WINNICOTT, Clare; SHEPHERD, Ray; DAVIS, Madeleine (org.). Explorações Psicanalíticas*. Trad. Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 2005. pp 70-76.

WINNICOTT, D. W. (1958). Psicanálise do sentimento de culpa. *In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação* – estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 19-30.

WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. *In: WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. pp 38-54.

WINNICOTT, D. W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In: WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade*. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 1971- 2019 a. pp 13-51.

WINNICOTT, D. W. O inter-relacionamento independente do impulso instintivo baseado nas identificações cruzadas. *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. Revisão técnica: Leopoldo Fulgêncio. São Paulo: Ubu, 1971-2019 b. pp 189-218.

WINNICOTT, D. W. A localização da experiência cultural. *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 1971-2019 c. pp 154-166.

WINNICOTT, D. W. (1935) A defesa maníaca. *In*: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 199-217.

WINNICOTT, D. W. (1955). Influências de grupo e a criança desajustada. *In*: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes. 5. ed. 2012, pp. 215-226.

WINNICOTT, D. W. (1957). A contribuição da psicanálise à obstetrícia. *In*: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp. 153-163.

WINNICOTT, D. W. (1960) O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In*: WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 21-28.

WINNICOTT, D. W. (1964). Este feminismo. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes 2011, pp. 183-195.

WINNICOTT, D. W. (1950). Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”. *In*: WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes 2011, pp. 249-271.

WINNICOTT, D. W. (1949). O bebê como organização em marcha. *In*: WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1982. Pp. 26-30.

WINNICOTT, D. W. (1972). **Holding e interpretação**. Trad. Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

WINNICOTT, D. W. (1954/1967). **Natureza humana**. Trad. David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 72.

WINNICOTT, D.W. (1968). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. *In*: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luis Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 79-92.

WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In*: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação** –

estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp79- 87.

WISNIK, J. M. **DNA**. Álbum Pérola aos Poucos. São Paulo. Circus, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVpujXLRk0I>. Acesso em: 8 out. 2021.

YAMAGUTI, A. C. **Reflexões hermenêutico-fenomenológicas sobre a condição paterna**. 126f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15458>. Acesso em: 7 jan. 2022.

APÊNDICE

Cuidado e desamparo: aspectos da função maternante¹²³

*O meu peito está nu como quando nasci;
em panos de alegria me enrolou minha mãe,
beijou minha carne estragável,
em minha boca mentirosa espremeu seu leite,
por isso sobrevivi.
(Adelia Prado)¹²⁴*

Reunimos aqui visões de diferentes autores que, em seus estudos, buscam investigar a constituição da subjetividade em sua relação com os cuidados recebidos no início da vida. Esses conceitos se articulam à constatação freudiana do desamparo inaugural do ser humano e seguem sendo ampliados em diferentes concepções metapsicológicas.

Primeira anfitriã do bebê humano, a mãe aparece em grande parte das teorizações como a representante maior desse adulto cuidador. Porém, como vimos no decorrer desta dissertação, entendemos que se trata de ampliar essa proposição, levando em conta a possibilidade de esse cuidado primário ser compartilhado com o pai e com todos os terceiros que compõem, com a mãe, o “outro englobante do bebê”, como propõe Figueiredo (2009).

¹²³ A escolha do termo “maternante” foi feita no sentido de nomear as funções a serem realizadas por todo adulto cuidador, no sentido de exercer uma função *matricial* para a constituição psíquica da criança.

¹²⁴ Poema *Instância. O coração disparado*. São Paulo: Record, 2013, p. 81.

Acreditamos, como quer Marin (2017), que associar o cuidado à exclusividade da figura da “mãe” pode ser uma generalização a servir como defesa contra a angústia suscitada pela dependência – inelutável – que marca o desamparo inaugural da vida.

O imaginário em torno da mãe como provedora única de todas as necessidades do bebê (...) poderia estar evocando a relação perfeita e plena que o par mãe-bebê representa, aliviando talvez a angústia primordial que nos funda: o horror ao abandono, a sensação catastrófica de perder a continuidade de ser, ferida narcísica que jamais cicatriza (MARIN, 2017, p. 11).

Em companhia de autores consagrados, revisitamos conceitos – tais como Complexo do *Nebemensch* (Freud), Preocupação materna primária (Winnicott), *Rêverie* (Bion), Estádio do Espelho (Lacan) – e compartilhamos as ressonâncias dialógicas que se fazem presentes nas articulações propostas por autores da psicanálise contemporânea – dentre outros, Green, Anzieu, Ajuriaguerra, Roussillon, Ogden, Bollas, Piera Aulagnier, Victor Guerra, além dos psicanalistas brasileiros Luís Claudio Figueiredo e Elisa de Ulhôa Cintra.

Isto posto e advertindo, ainda, que nossa intenção não tenha sido a de esgotar a vasta literatura disponível e nem aprofundar as bases teóricas de cada autor e suas diferenças, o que se segue é um livre transitar por uma vastidão de ideias que tanto nos enriquecem. Há de fato muito ainda a ser explorado quando se trata de pensar o encontro humano nos primórdios da existência e como este nos afeta, favorecendo ou não a constituição subjetiva e intersubjetiva.

Esperamos que nossos leitores encontrem nas palavras dos pensadores da Psicanálise aqui citados novos sentidos, e amparo, para tantas questões que nos instigam e inquietam nesse campo.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 2009.

MARIN, I. S. K. Prefácio. *In*: LACERDA, E. T. (org). **A clínica da constituição do laço**. São Paulo: Escuta, 2017.

1. Complexo do *Nebemensch*: termo criado por Freud (1895) para nomear a relação entre o desamparo do início da vida e a figura do doador de cuidados. Para Elisa Cintra (2021), *Nebemensch*, o próximo, o vizinho, o semelhante, nada mais é do que o adulto que responde ao “grito de necessidade” que o recém-nascido lança para a exterioridade, em busca de escuta e reconhecimento. Porém, ao responder a esse apelo, o adulto

se encontra, ele também, em estado de vulnerabilidade, pois se vê lançado no movimento de prestar socorro, e para isto precisa esquecer-se, ao menos transitoriamente, *de seu próprio desamparo*. Na verdade, ambos estão em estado de desamparo e de vulnerabilidade suscitando grande acúmulo de excitações, medos e angústias, associados às primeiras representações, insuficientes para dar conta do excedente de afetos despertados por essa situação (CINTRA, 2021, p. 8, grifo nosso).

Winnicott (1968/2006, p. 91) já havia se referido a esse aspecto:

[...] Certamente algo acontece às pessoas quando elas se veem confrontadas com o desamparo que supostamente caracteriza o bebê [...] poderíamos quase dizer que as pessoas que cuidam de um bebê são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê quanto o bebê o é. Talvez haja a até mesmo um confronto de desamparos”.

CINTRA, E. (2021). Complexo de Castração e Complexo do Nebenmensch. **Cadernos de Psicanálise CPRJ**, v. 43, n. 45, pp. 41-62, 30 nov. 2021.

FREUD S. (1895/1995). **Projeto de uma psicologia**. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 44.

WINNICOTT, D. W. (1968/2006). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luis Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

2. Complexo do arcaico: refere-se a aspectos muito primitivos do psiquismo que são revisitados por adultos cuidadores, em si mesmos, quando em contato com o bebê. Com base em Victor Guerra, podemos dizer que o funcionamento do arcaico diz respeito aos processos de subjetivação do início da existência, em que mudam as categorias temporais. Nesse “mundo selvático”, não tem lugar a palavra e o controle dos impulsos, próprios do funcionamento dos processos secundários, característicos da vida adulta (GUERRA, 2017, p. 40). Em seu estudo sobre as teorizações de Guerra, Metzner (2021, p. 57) destaca que, no cuidado com as crianças muito pequenas, os adultos revisitam “consciente e inconscientemente a sua própria infância, as experiências emocionais que viveram nos cuidados e a forma como foram tratados por seus objetos”. Essa experiência pode ser assustadora, dolorosa e encantadora ao mesmo tempo, demandando, da parte do cuidador, um conhecimento global sincrético, sensorial e rítmico, próprio desse momento da vida. Segundo Winnicott (1968/2006), a mãe, que já foi um bebê, vai se utilizar dessa experiência para fazer contato com o filho, o que pode facilitar ou dificultar o exercício de suas funções de cuidado. Também Golse (2019) afirma que os pais encontram, em seu bebê, o bebê que eles foram, temeram ser ou imaginam terem sido. Existe, pois, nessa situação, um aspecto um tanto regressivo e desorganizador, uma revisitação do mundo infantil “com suas paisagens agradáveis e desagradáveis” (METZNER, 2021, p. 57), nem sempre luminosas ou felizes – revisitação esta que é potencialmente geradora de angústia e sofrimento. Na “dança da subjetivação”, como

nomeia a autora, a elaboração da angústia que o desamparo do bebê suscita nos pais é favorecida pela experiência sensorial e pelo encantamento do encontro com ele. Nesse sentido, a parentalidade pode ser pensada como “uma viagem de retorno às vivências primitivas com os próprios pais, ao terreno do arcaico e ao funcionamento dos processos primários” (METZNER, 2021, p. 57). Assim, uma ética do cuidado deve se ocupar da experiência do cuidador que reencontra o arcaico em si mesmo, quando em contato com o bebê.

GOLSE, B. O que o bebê transmite aos adultos: (O conceito de transmissão psíquica ascendente). **Cad. psicanal.** Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, pp. 11-20, dez. 2019.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2022.

GUERRA, V. O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. **Ide** (São Paulo) [on-line], v. 40, n. 64, 2017, pp. 31-54. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2022.

GUERRA, V. A ética dos cuidados: o complexo do arcaico e a estética da subjetivação. In: MARIN, I. K.; ARAGÃO, R. O. **Do que fala o corpo do bebê** (pp. 37-48). São Paulo: Escuta, 2013.

METZNER, C. B. (2021). **O passo em falso na dança da subjetivação**: o transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica. Disponível em:

<https://tede.pucsp.br/handle/handle/24429>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WINNICOTT, D. W. (1968/2006). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. Trad. Jefferson Luis Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

3. Identificação narcísica de base: levando em conta o aspecto da identificação e apoiando-se em achados da neurociência, em especial dos neurônios-espelho, Roussillon (2012) faz uma leitura acerca de uma das facetas do encontro humano, que nomeia de identificação narcísica de base, e para a qual contribuem aspectos involuntários de imitação e reconhecimento. Nessa modalidade relacional, haveria “certa confusão potencial” entre o representado, o agido e o observado no outro. Minerbo (2015) considera que, com esse conceito, Roussillon tenta dar um estatuto metapsicológico à empatia, em seu aspecto mais primitivo: a identificação narcísica de base permite “escutarmos” a linguagem do corpo do outro, “sentir com” ele. Nas palavras do próprio Roussillon (2019, pp. 39-40), trata-se de:

[...] uma hipótese essencial para pensar o encontro humano, ela está presente - embora não seja nomeada como tal - em Freud [...] em sua concepção do *Nebenmensch*, o próximo (o vizinho); o outro semelhante; ‘o mesmo’; aquele com quem se produz - pode-se produzir - uma certa partilha de afeto, e de reconhecimento.

A ação dos neurônios espelho pode ser observada mesmo em bebês, desde as primeiras horas de vida, que demonstram uma grande capacidade para *imitar* o adulto - e este processo vai se sofisticar com o desenvolvimento, envolvendo afetos e cognição: “Em

parte, vivemos os afetos dos outros ‘em duplo’, e, de certa maneira, não podemos fazer de outro modo. É o mecanismo que proponho chamar de Identificação narcísica de base” (ibidem, p. 42).

MINERBO, M. Escuta analítica: diálogo com uma jovem colega. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 48, n. 89, pp. 219-237, dez. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 jun. 2022.

ROUSSILLON, R. O encontro humano e o encontro clínico: **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia**. Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.

4. Preocupação materna primária: trata-se do nome dado por Winnicott (1966) ao estado de disponibilidade da mãe, que se identifica e permanece em íntima conexão com seu filho nos primeiros meses de vida. As funções de sustentação e contenção necessárias ao bebê são favorecidas por essa identificação maciça com ele, a qual, em certo sentido, se parece com uma “doença” normal. Ela começa mesmo antes do nascimento e persiste por algum tempo, modificando-se aos poucos. “Sugiro, como vocês sabem, e suponho que todos concordem, que *comumente* a mãe entra numa fase, uma fase da qual ela *comumente* se recupera nas semanas e meses que se seguem ao nascimento do bebê e na qual, em grande parte, ela é o bebê, e o bebê é ela” (WINNICOTT, 1966/2006, p. 4). O conceito de preocupação materna primária articula-se a uma concepção mais abrangente da função materna, já que a mãe suficientemente boa, progressivamente, desliga-se desse estado, sendo capaz de se afastar da criança e se tornar disponível na medida da necessidade, permitindo que ela se aproprie de seu espaço e desenvolva a própria criatividade. Autores como Campana (2019) estendem o conceito de preocupação materna primária para a figura do pai e figuras parentais do cuidado, sob a designação “preocupação parental primária”.

CAMPANA, N. T. C.; DOS SANTOS, C. V. M.; GOMES, I. C. De quem é a preocupação primária? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, pp. 32-53, abr. 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2022.

WINNICOTT, D. W. (1966/2006). A mãe dedicada comum. *In*: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 3. ed. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

5. Mãe suficientemente boa: conceito criado por Winnicott (1953) para expressar a ideia de uma mãe que se adapta ao bebê na fase de dependência absoluta, mas, paulatinamente, permite a ele o desenvolvimento de seus próprios recursos, introduzindo a descontinuidade nos cuidados conforme a capacidade crescente dele de assimilação. Ser suficientemente boa significa não corresponder ao ideal narcísico da relação perfeita

e dual. Para Graciela Crespín (2004, p. 87), o termo “suficientemente” se refere ao pai, ou seja, à *terceiridade* que desde cedo existe na relação mãe/bebê, na medida em que a mãe também se liga a outros objetos. Na mesma linha de pensamento, Figueiredo (2007, p. 17) destaca que, para que o cuidado seja suficientemente bom, a mãe “precisa de referências simbólicas para oferecer seu abraço ao bebê, um que seja seguro, mas não o esmague”. Dessa forma, a “mãe dedicada comum” (WINNICOTT, 1966/2006), que cuida sem “sufocar”, e permite o desenvolvimento do filho em direção à independência, é aquela que é capaz de propiciar a ele a função “paterna” (cf. abaixo), simbólica e simbolizante, ao permitir a emergência da alteridade do bebê.

CRESPIN, G. **A clínica precoce**: o nascimento do humano. Trad. Claudia Mascarenhas Fernandes, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. A metapsicologia do cuidado. **Psyche**. São Paulo, v. 11, n. 21, pp. 13-30, dez. 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2022.

WINNICOTT, D. W. (1953/ 2019) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, D. W. (1966/2006). A mãe dedicada comum. *In*: WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 3. ed. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

6. Função de espelho da mãe: para Winnicott (1967¹²⁵), o espelhamento materno favorece o desenvolvimento da subjetividade do bebê em seu aspecto mais primordial. “[...] O que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe? Creio que, em geral, ele vê a si mesmo. Em outras palavras, a mãe olha para o bebê e a *aparência da mãe se relaciona com o que ela vê ao olhar para o bebê*” (WINNICOTT, 1971/2019, p. 179). Esse espelhamento (distinto e anterior à teorização de Lacan sobre o estágio do espelho – cf. abaixo) favorece o processo de integração psíquica do bebê, pois são as respostas faciais da mãe que lhe devolvem os estímulos que reunirá numa primeira representação de *Self*. Assim, a função de espelho da mãe em relação ao bebê traduz o reconhecimento mútuo que depende da capacidade de ela se adaptar e se identificar com ele, bem como de comunicar, por meio das suas expressões e vocalizações, o que percebe em seu filho: “A fim de olhar criativamente e ver o mundo, o indivíduo antes de tudo deve ter internalizado a experiência de ter sido olhado” (ABRAM, 2000, p. 158). O acento dessa relação está, pois, na adaptabilidade dos cuidados iniciais da qual este espelhamento faz parte. Por outro lado, se o cuidador, por qualquer razão, não consegue refletir o bebê, o que a criança vê, ao buscar se mirar nos olhos da mãe, é a própria mãe. Com isso, o estabelecimento de um *Self*, que começa com o reconhecimento de si por parte do objeto primário, será

¹²⁵ Artigo originalmente escrito em 1967.

prejudicado, e o bebê terá dificuldades em desenvolver a sua própria capacidade criativa. Figueiredo (2009) salienta uma das facetas do espelhamento, que é o *reconhecimento* do objeto do cuidado, em sua alteridade, no que ele tem de particular – trata-se de uma das funções mais importantes do cuidar, e passa pelo ato de *prestar atenção*: “Muitas vezes cuidar é, basicamente, prestar atenção e reconhecer o objeto dos cuidados no que ele tem de próprio e singular, dando disso testemunho e, se possível, levando de volta ao sujeito a sua própria imagem” (p.138). Assim pensada, a função de reconhecimento pode ser discreta e aparentemente anódina, “mas sua falta revela-se extremamente nociva para a instalação da autoimagem e da autoestima (dimensões do *self*)” (ibidem).

ABRAM, J. **A linguagem de Winnicott**: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Trad. Marcelo Del Grande da Silva. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1971/2019). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. *In*: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu, 2019.

8. Mutualidade: trata-se de uma primeira forma de comunicação, primitiva e não verbal, assim nomeada por Winnicott (1969), que envolve a íntima conexão entre a mãe e o bebê. Experiência compartilhada, de trocas mútuas, afetivas e corporais, a mutualidade tem início antes mesmo de a criança ter alguma percepção da mãe como alguém separada dela mesma:

Assistimos concretamente a uma mutualidade que é o começo de uma comunicação entre duas pessoas; isto (no bebê) é uma conquista desenvolvimental [...] e, de modo semelhante, depende da mãe e de sua atitude e capacidade de tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar (WINNICOTT, 1969/2005, p. 198).

A mutualidade depende da possibilidade de haver identificações cruzadas, que partem da mãe para o bebê e do bebê para a mãe, e pode ser figurada, por exemplo, pelo bebê que, ao sugar o seio materno, oferece seu dedo em direção à boca da mãe para que ela também “se alimente” dele. Podemos pensar essa forma primitiva de comunicação como uma das bases da empatia.

WINNICOTT, D. W. (1969/2005) A experiência Mãe-bebê de mutualidade. *In*: WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**. Trad. José Otávio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994, pp. 195-202.

9. Diálogo tônico-postural: o psiquiatra infantil Ajuriaguerra (1983/2013) dedicou-se a pensar as alterações de movimento, equilíbrio e organização corporal em crianças com

afecções neurológicas e “funcionais” (alteração das funções sem lesão neurológica) considerando o desenvolvimento motor, o psiquismo e as interações com o objeto primário da criança. A postura, o movimento e o equilíbrio são importantes para o desenvolvimento psicológico, porém, é a mutualidade que favorece o desenvolvimento integrado e saudável. Haveria um *diálogo tônico postural* entre o bebê e a mãe, comunicação de corpos numa experiência de trocas que precede o diálogo verbal ulterior. “De fato, damos grande importância às mudanças tônicas e posturais “recíprocas” das primeiras inter-relações, considerando-as como os primeiros modos de apego” (AJURIAGUERRA, 1983/2013, p. 620). Quando se estabelece uma sintonia, tensão e descanso, expressões de prazer ou desprazer, gritos, choros, sorrisos e olhares, hipertonicidade, hipotonicidade e relaxamento *são mensagens* que a mãe recebe e utiliza para confortar, estimular o bebê e se comunicar com ele. Na gravidez, ambos se comunicam pelos movimentos fetais; após o nascimento, as roupas e os braços dos pais reestabelecem os limites do corpo à criança. A amamentação é um período de ajustes sucessivos corpo-a-corpo, uma troca de posturas que permite, em muitos momentos, a experiência da fusão, em que continente e conteúdo estão associados. O apoio da cabeça e dos membros, os balanços, a melodia da voz e vários outros ajustes no contato com o corpo da mãe promovem relaxamento e prazer.

O que eu chamo de diálogo tônico é bastante preciso. Essa noção corresponde ao processo de [...] acomodação entre o corpo da mãe e o corpo da criança; (que) por sua mobilidade, procura seu conforto nos braços que a sustentam. Sustentar não quer dizer estado fixo de sustentação, mas acomodação recíproca. A criança pode mudar de posição para encontrar uma sensação de bem-estar, ou para encontrar formas de regular a proximidade e a distância. *Gradativamente, a criança utiliza atitudes ou expressões que se tornam sinais intencionais, a partir das quais espera uma resposta do adulto.* No curso dessas trocas, aquele que interpela e o interpelado se abrem à comunicação (AJURIAGUERRA, 1983/2013, p. 622, grifos nossos).

Com o desenvolvimento, a criança passa a transformar a excitação em movimento – atividades livres e experimentações que favorecem a integração da experiência emocional. Em consonância, Marin (2017, p. 14) afirma que o diálogo tônico-postural permite “tanto a identificação quanto a destruição dos objetos, constituindo-se um suporte para a ambivalência”. Assim, o caminho dos estados fusionais à descoberta da alteridade passa pelo corpo e pela sua expressividade a partir do ambiente que acolhe e se opõe à criança alternadamente.

AJURIAGUERRA, J. (1983). Movimentos espontâneos do diálogo tônico-postural e atividades expressivas. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 18, n. 3, set./dez. 2013, pp. 613-625.
MARIN, I. S. K. Prefácio. In: LACERDA, E. T. (org). **A clínica da constituição do laço.** São Paulo: Escuta, 2017.

10. Função do para-excitação do ambiente: aspecto importante do cuidado, relaciona-se dialeticamente com a ideia de trauma segundo a concepção freudiana. Laplanche e Pontalis (1991) caracterizam o trauma como uma situação que está ligada ao afluxo de excitações que é *excessivo relativamente à tolerância do aparelho psíquico*. Para que um trauma ocorra, outros elementos entram em questão; mas, se o ego pode ser pensado como um *escudo protetor* para filtrar e metabolizar o efeito dos estímulos: “chamemos de ‘traumáticas’ as excitações externas que possuírem força suficiente para romper o escudo protetor. Acredito que não podemos compreender o conceito de trauma sem vinculá-lo a uma ruptura na barreira protetora contra os estímulos, a qual sabemos sob circunstâncias normais operar de modo eficaz” (FREUD, 1920, pp. 153-154). Essas ideias sugerem, na situação traumática, a debilidade do “eu” para fazer frente à carga excessiva de estímulos que podem vir do ambiente ou *das próprias pulsões*, pois as excitações provindas de dentro são sentidas como vindas de fora e, muitas vezes, ainda mais desorganizadoras. (Em desenvolvimentos posteriores, a ideia do segundo tempo do trauma e do trauma estruturante trarão complexidade ao conceito econômico descrito acima). Winnicott (1945/2000), levando mais em conta o ambiente, entende que as excitações que podem provocar trauma também são parte importante da vida do bebê, *desde que o ambiente permita que ele, nos estados excitados, não se desorganize*, por não ter ainda a capacidade egóica para lidar com o excesso de excitação. Nesse caso, é o apoio dos cuidados maternos que age por meio do manejo e da contenção/satisfação das “agudas experiências instintivas que tendem a aglutinar a personalidade a partir de dentro” (p. 224). Assim, a proteção e a metabolização dos excessos pela mãe é que permite o desenvolvimento do indivíduo imaturo, no sentido da integração. Liga-se a isso a continuidade dos cuidados em seu aspecto de confiabilidade, ritmo, previsibilidade e não intrusão. McDougall (2013, p. 44) descreve as consequências da falha ambiental neste âmbito, quando “uma mãe não consegue proteger o bebê da superestimulação traumática (especialmente quando ele está sofrendo), ou quando o expõe a uma subestimulação igualmente traumática”. Doenças psicossomáticas, desafetação, adições e transtornos narcísicos podem se desenvolver a partir dessas falhas ambientais. A autora aponta que os contornos do corpo, a distinção entre o corpo materno e o corpo da criança e o investimento das zonas erógenas dependem dessa regulação ambiental – tanto mais necessária quanto mais imaturo o indivíduo. Em suma, dependem da função de para-excitação materna.

FREUD, S. (1920). Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Vol II. Trad. Luis Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. (1967) 11. ed. Trad. Pedro Tamem. Verbete "Trauma ou traumatismo (psychique)" (p. 522). São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MC DOUGALL, J. **Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise**. 3. ed. Trad. Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

WINNICOTT, D. W. (1945) Desenvolvimento emocional primitivo. **Da pediatria a psicanálise – obras escolhidas**. Trad. Davi Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

11. Eu-pele: os cuidados iniciais permitem ao bebê o estabelecimento de um “eu-pele”, termo criado por Anzieu (1974) para nomear a primeira representação do corpo como um contorno.

Quando da amamentação e dos cuidados com ele, o bebê tem uma terceira experiência concomitante às duas precedentes: ele é segurado nos braços, apertado contra o corpo da mãe de quem ele sente o calor, o cheiro e os movimentos; é carregado, manipulado, esfregado, lavado, acariciado, e tudo geralmente acompanhado por um banho de palavras e de cantarolar. Encontramos aí reunidas as características da pulsão de apego [...] e aquelas que [...] evocam a ideia de cavidade primitiva. Estas atividades conduzem progressivamente a criança a diferenciar uma superfície que comporte uma face interna e uma face externa, isto é, uma interface que permite a distinção do de fora e do de dentro, e um volume ambiente no qual ela se sente mergulhada, superfície e volume que lhe trazem a experiência de um continente (ANZIEU, 2000, pp. 57-58).

É a experiência do eu-pele como um contorno que permite ao bebê desenvolver o psiquismo para poder, conforme caminha na direção da maturidade, simbolizar e fantasiar a experiência de ser um si mesmo em contato com o mundo: “Por sua vez, a diferenciação topográfica do espaço psíquico leva a transformações das qualidades sensíveis em elementos de fantasias, de símbolos, de pensamentos” (ANZIEU, 2000, p. 292). Também as trocas com o ambiente, nas modalidades oral, anal etc., dependem dessa noção de “limite entre o exterior e o interior” e “à confiança necessária para o controle progressivo dos orifícios, já que (o bebê) não pode se sentir tranquilo quanto a seu funcionamento a não ser que possua, por outro lado, um sentimento de base que lhe garanta a integridade de seu envelope corporal.” (ibidem, p. 60). Também em Anzieu está presente a ideia de que o ambiente é essencial ao estabelecimento do eu-pele do bebê.

ANZIEU D. **O eu-pele**. 2. ed. Trad. Zakie Yazigi, Rosali Mahfuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

O primeiro artigo em que o autor desenvolve esse conceito, “*Le moi peau*” data de 1974, e foi publicado na *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, revista importante da psicanálise francesa dirigida por Pontalis e que existiu de 1970 a 1994.

12. Manhês e envelope sonoro do bebê: o manhês é caracterizado como a fala musicada com que os pais se dirigem à criança, com “prolongamento das vogais, que a torna mais lenta e sonora, aumento da frequência, que a faz mais aguda, e glissandos característicos” (LAZNIK; PARLATO-OLIVEIRA, 2006, p. 58). Assim, não somente o toque

e a função especular dos objetos primários comparecem no início da vida para o estabelecimento da subjetividade da criança – o manhês, com sua prosódia característica, é especialmente importante para despertar a atenção do bebê para o estabelecimento das primeiras proto-conversações (FERNALD; KUHL, 1987). O bebê responde a essa fala materna também com vocalizações, pois as características dessa voz, e a sua musicalidade, envolvem o bebê e o *afetam*. Antes mesmo de poder compreender o sentido das palavras, ele reconhece sua entonação, intensidade e ritmo; sua presença e ausência, suas interrupções e surpresas. Para Dolto (1999, p. 79), esta sonoridade também é “alimento”: “o verdadeiro elemento transicional para a criança são as palavras” quando banhadas de afeto e musicalidade. Anzieu (2000) aponta que, na relação entre o bebê e seu cuidador, há um “espelho sonoro”, um jogo de som e fala que eles jogam em sua interação; e esse “envelope sonoro”, que dá conta da presença do cuidador para o bebê, é estruturante para o *Self* deste. Há claramente uma ressonância da ideia de Winnicott acerca do espelhamento do olhar da mãe quando Anzieu (2000, p. 215) ressalta que o envelope sonoro só tem a função de espelhamento quando pode “expressar ao bebê ao mesmo tempo alguma coisa dela e dele, e alguma coisa que diga respeito às primeiras qualidades psíquicas vividas pelo então nascente self do bebê”. Pela qualidade sonora dessa interação, abre-se um caminho para a simbolização e para a linguagem, que parte da mãe narrando ao bebê o que se passa, até que este possa ir compreendendo o sentido das palavras e adquira a capacidade de fazer vocalizações que tenham um sentido cada vez mais complexo, demonstrando uma intenção na direção da comunicação com o “outro” materno (SOCHA, 2008). Para Golse (2003), o cuidador “suficientemente narrativo” é aquele capaz de favorecer esse processo por meio do contar e do cantar para o bebê, despertando-o para a linguagem por meio do prazer compartilhado. Já Bernard This (1987) lembra que o envelope sonoro que envolve a criança refere-se, também, à voz do pai, e conecta o aspecto calmante e relaxante desta voz às percepções fetais. Isso porque a sensorialidade auditiva pré-natal se dá no meio líquido, justamente, um ambiente que favorece a propagação dos sons graves, mais do que os agudos. Assim, na vida intrauterina, a percepção sonora despertaria a pulsionalidade da criança *mesmo antes do encontro com o seio*: “A voz do pai é um objeto? Não se vê, não se come, não se bebe, não se toca! Sem dúvida não, é mais sutil, se ouve. Podemos dizer que a voz é o primeiro objeto de nossas pulsões? E isso antes do nascimento, numa época em que o olhar e o seio materno não entram em jogo” (THIS, 1987, p. 170). Por conta da qualidade da voz do pai, com seu timbre e tonalidade característicos, podemos imaginar certa especificidade de sua presença na vida do bebê. Também essa voz, vinda “de mais longe”, atravessaria

o corpo materno fazendo, desde o início, o papel de uma ponte, de um terceiro mediador, a conectar o feto/bebê (ainda confundido com a mãe) com o mundo externo.

ANZIEU D. **O eu-pele**. 2. ed. Trad. Zakie Yazigi, Rosali Mahfuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DOLTO, F. **Tudo é Linguagem**. Trad. Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNALD, A.; KUHL, P. K. (1987). Acoustic determinants of infant preference for motherese speech. *Infant Behavior & Development*, 10(3), 279–293. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0163-6383\(87\)90017-8](https://doi.org/10.1016/0163-6383(87)90017-8). Acesso em: 8 jun. 2022.

LAZNIK, M. C.; PARLATO-OLIVEIRA, E. Quando a voz falha. **Revista Mente e Cérebro**: a mente do bebê, (4), pp. 58-65, 2006.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. À escuta da linguagem na clínica de bebês. *In*: Formação de profissionais e a criança-sujeito, 7, 2008, São Paulo. **Proceedings online...** Disponível em:

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100031&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 17 maio 2022.

GOLSE, B. **Sobre a psicoterapia pais-bebê**: narratividade, filiação e transmissão. Trad. bras. Inês Catão. (Coleção 1ª Infância) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SOCHA, A. A função especular da voz materna e suas referências ao psiquismo e à constituição do si mesmo. **Winnicott e-prints**. São Paulo, v. 3, n. 1 e 2, pp. 1-12, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2008000100001&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 maio 2022.

THIS, B. **O pai**: ato de nascimento. Trad. Mário Fleig e Luiz Carlos Petry. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

13. Sustentar, conter, sonhar: trata-se de ações que fazem parte das funções de cuidado, descritas por Luís Claudio Figueiredo (2009) em seu livro *As diversas faces do cuidar*, em que propõe uma metapsicologia do cuidado. Nessa perspectiva, a função materna seria exercida por um “outro englobante [...] que desempenha as funções de acolher, hospedar, agasalhar, alimentar: no limite e no início da vida, ele pode nem ser reconhecido como um outro diferente de mim” (pp.135-136). Para o autor, a função materna se desdobra em dois aspectos principais: a função de *holding* (segurar), que garante a continuidade dos cuidados, e a função de *containing* (continência), que proporciona as experiências de transformação, e se inspira na obra de Bion (1967). O *holding* é descrito por Winnicott (1960/1983) como o conjunto dos processos de cuidado que garantem a continuidade do *SER* do bebê no tempo, e envolvem todo o manejo ambiental no sentido de evitar que ele experiencie rupturas que o desorganizem, no sentido mesmo dos cuidados com o seu corpo, sua sensorialidade e sensibilidade, visto que o bebê é ainda pouco capaz de autorregulação. Já a função *contingente* da mãe estaria ligada à sua capacidade psíquica de digerir ou *processar* para o bebê os conteúdos mentais que ele ainda não é capaz de transformar. Assim, o que torna tão complexa a função materna, na visão de Figueiredo (2009), é essa condição de sonhar e dizer seu bebê, traduzir seus estados e propiciar um

ambiente de contenção para ele (O reconhecimento, a interpelação, e os aspectos de implicação e reserva dos cuidados são retomados no item 22 deste apêndice).

BION, W. R. A theory of thinking (1962). In: **Second Thoughts**. New York: Aronson, 1967, pp. 110-119. Disponível em: <https://icpla.edu/wp-content/uploads/2014/09/Bion-W.-A-theory-of-thinking-The-PsychoAnalytic-Study-of-Thinking.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 2009.

WINNICOTT, D. W. Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

14. Funções anti-traumáticas do objeto primário: Elisa Cintra (2003) pensa a função de sustentar, conter e transformar os conteúdos provenientes do bebê pelo agente dos cuidados a partir da qualidade antitraumática desses processos. O antitraumático dos cuidados liga-se tanto ao suporte ambiental, que filtra os estímulos que atingem o bebê e o atendem de modo a satisfazer suas necessidades pulsionais e de segurança, como ao auxílio para que os processos de transformação psíquica ocorram, integrando e simbolizando as emoções vividas. Certos aspectos que se enraízam nas qualidades do objeto primário e de suas interações com o bebê permitem, em última instância, o predomínio das *funções de ligação* responsáveis pelo fortalecimento do *Self* e pelo desenvolvimento das funções egoicas do bebê, em sua capacidade para simbolizar e pensar. Cintra (2003) enumera as funções estruturantes dos cuidados a partir do amparo proporcionado para a situação de desamparo inicial. Trata-se de um *continuum* dos cuidados, sendo que, no início, a mãe fornece o apoio para mitigar as angústias mais primitivas do bebê. Com o aspecto do manejo inicial (*holding*) e do espelhamento, o objeto primário exerce a função de *ego auxiliar na construção dos limites do corpo e da sustentação contra a angústia de cair para sempre*. Em seguida, ele oferece um ambiente propício ao surgimento dos fenômenos transicionais, do brincar e da capacidade crescente do bebê para tolerar a separação. Isso depende de que o objeto tenha uma característica *de zona amorfa*, maleável¹²⁶, não demasiado rígida nem diretiva, para propiciar o brincar e o gesto espontâneo da criança. Também o manejo do tempo dará ao bebê *a capacidade de esperar, ao invés de entrar em desespero*, favorecendo que a confiança e a sensação

¹²⁶ Roussillon enfatiza a característica “meio maleável” materna, propícia aos processos de simbolização pelo bebê: uma mãe suficientemente disponível, alcançável e apreensível, e, ao mesmo tempo, previsível, mas transformável e adaptável. A mãe suficientemente sensível e receptiva pode entrar em ressonância com o bebê e fornecer respostas adaptáveis a ele, mantendo, ainda assim, seu caráter indestrutível: como um *meio maleável* e não demasiado rígido, capaz de transformação.

de continuidade do ser prevaleçam nas situações de dificuldade ao longo da vida. “Esperar para ser atendido ou perder toda a esperança no futuro e entrar em desespero dependem da experiência repetida de ter sido atendido em um lapso de tempo razoável e da confiança de que o outro reaparecerá e dará apoio e continência [à criança]” (CINTRA, 2003, p. 40). Finalmente, as *funções de continência e rêverie* (cf. abaixo) do objeto primário são fundamentais para estabelecer um psiquismo que pode sonhar e simbolizar, de forma a ser capaz de lidar com as angústias e emoções.

CINTRA, E. As funções antitraumáticas do objeto primário: *holding*, continência e *rêverie*. **Tempo Psicanalítico**, SPID, v. 35, Rio de Janeiro, 2003, pp. 37-55.

ROUSSILLON, R. O encontro humano e o encontro clínico. *In*: ROUSSILLON, R. **Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia**. Trad. Paulo Sergio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2019.

15. Função alfa e sua origem a partir das intuições kleinianas: prosseguindo com a ideia das funções transformadoras do objeto primário, Elisa Cintra (2003) faz um trajeto de pensamento que vai de Klein a Bion, passando por Winnicott. Para a autora, a *continência*, “outra maneira de falar da função materna primária”, é semelhante ao conceito do *holding*, sem a ele se sobrepor. “O modelo de origem da *continência* é o de um bebê super invadido por excitações, sensações e afetos impensáveis, sobretudo as angústias arcaicas, paranoides e depressivas. Paralelamente a isto, a figura materna serve de continente a este alvoroçado mundo interno” (CINTRA, 2003, p. 44). Partindo das ideias de Bion, a autora destaca que a mãe continente *acolhe* as angústias infantis, sem se desorganizar, oferecendo ao bebê sua capacidade de acomodação e processamento. Assim, ela devolve à criança o que foi nela projetado, depois de metabolizar psiquicamente essas projeções de uma forma que o bebê possa recebê-las, transformadas. Há duas dimensões da continência: **aceitação** de conteúdos estranhos e emoções intensas provenientes do outro, e **transformação** dessas emoções e conteúdos, por meio da *rêverie*. A palavra *rêverie*, que pode ser traduzida por “ensonhamento”, é *uma modalidade de trabalho psíquico* que representa a passagem, através de um fluxo de imagens, de emoções sentidas e percepções no nível do corpo até chegar aos pensamentos que as nomeiam. Envolve a comunicação entre a díade e o trabalho intrapsíquico da mãe, percebendo, sentindo e transformando, por meio de um processamento de imagens e percepções (semelhante ao do sonho), aquilo que ainda não pode ser sentido, pensado e transformado pelo bebê. Para tanto, configura-se, inicialmente, por parte do objeto primário, certa condição de figurabilidade dos conteúdos emocionais, além de uma elaboração secundária que permite à mãe devolver esses conteúdos ao filho, agora numa dimensão intersubjetiva de comunicação.

Quando a mãe oferece continência com *rêverie*, além de ter seus piores terrores acolhidos e elaborados pelo ego auxiliar, a criança introjeta uma

certa dimensão da própria capacidade de *rêverie* materna, iniciando o seu processo de elaboração, germe da futura independência. O princípio de um aparelho para pensar é esta *rêverie* materna introjetada (p. 46).

Cintra (2003) esclarece que a **função alfa** é a designação mais abstrata da *rêverie*, capaz de **atribuir sentido** às emoções, pela figura e palavra. O afeto bruto, sem rosto nem voz, torna-se muito ameaçador; “pura quantidade de energia que ameaça dilacerar e transbordar o corpo” (p. 46). Ainda segundo a autora, essas “emoções indizíveis e insuportáveis foram chamadas, por Bion, de “elementos-beta”, passando a ser “elementos-alfa” quando se tornam figuráveis. É assim que a criança, a partir dos cuidados, desenvolve sua capacidade de pensar. A mãe tranquila pode dar conta da “avalanche de elementos-beta” oriundos do medo e da agressividade não direcionada da criança, mas, se a mãe “estiver mergulhada em suas próprias angústias e incapaz de realizar a função alfa, não poderá oferecer continência e conforto ao seu filho” (CINTRA, 2003, p. 46). André Green (2017) também faz a sua leitura da função alfa conforme pensada por Bion, que se articula com a ideia da introjeção do “seio bom” materno:

Mesmo se o seio alimentar bem a criança, a conservação do seio bom não basta para gerar pensamento. Ele é uma condição necessária, mas não suficiente. O apoio do psíquico sobre o digestivo permite compreender a necessidade de postular sua retomada no plano intersubjetivo. Em outros termos, a mãe ‘digere’ psiquicamente as projeções da mente da criança (ela as mastiga, por assim dizer, graças à sua capacidade de *rêverie*). Portanto, a criança recebe um alimento segundo, metafórico do primeiro, ela se nutre não do seio corporal, mas do seio psíquico da mãe. A mãe acumula em si o ‘vomitado’ da criança e faz aquilo que esta ainda não consegue fazer sozinha: ela o “psiquiza” e transforma esse alimento ‘concreto’ em alimento psíquico (GREEN, 2017a, p. 317).

As formulações kleinianas sobre projeção, introjeção e identificação projetiva, segundo Cintra (2003), estão entre os precursores teóricos da ideia da continência e *rêverie* em Bion. Melanie Klein descreve a comunicação entre os psiquismos, por meio da qual a criança *projeta* seus conteúdos *para dentro* da mente da mãe. Também o *seio bom* introjetado, para a autora, depende tanto das condições intrapsíquicas, constitucionais, do bebê, como da capacidade de continência do objeto primário. Klein sempre pontuou que havia fatores intrínsecos aos bebês que permitiam uma maior ou menor capacidade de gratificar-se e experimentar gratidão. Embora não desprezasse os fatores ambientais, ela “admitia que havia bebês mais bem aparelhados para aproveitar o que o ambiente tinha a oferecer”, desde que não tivessem muita propensão à inveja e voracidade. Para Klein, a “primeira relação de objeto tem uma importância absoluta, pois é ela que pode levar à introjeção do bom objeto, e isso equivale à constituição de um núcleo gerador de pulsões de vida” dentro do psiquismo (CINTRA; RIBEIRO, 2010, p. 126). Notemos que o acento dado por Klein ao balanço entre as pulsões de vida e de morte – determinantes da

ambivalência de base – não exclui a importância da mãe, que, ao receber e conter as projeções do bebê, é capaz de não retaliar e auxiliar o filho a mitigar sua angústia, bem como facilitar e reconhecer as tentativas de reparação da criança, quando consegue estabelecer uma boa sintonia com ela.

CINTRA, E. M. U. As funções antitraumáticas do objeto primário: holding, continência e rêverie. *Tempo Psicanalítico, SPID*, v. 35, pp. 37-55, Rio de Janeiro, 2003.

CINTRA E.M. U.; RIBEIRO, M. **Melanie Klein**: estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2010.

GREEN, A. A capacidade de rêverie e o mito etiológico. *In: GREEN, A. A loucura privada*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo: Escuta, 2017a, pp. 315-333.

16. Comparação entre *holding* (Winnicott) e *containing* (Bion): Thomas Ogden (2010) salienta a relação entre a noção de *holding* com a continuidade do Ser do bebê *no tempo*, diferenciando-a da ideia bioniana de continente-contido, em que o aspecto fundamental está relacionado com o processamento (sonhar) de pensamentos derivados da experiência emocional vivida:

A expressão [*holding*] consegue transmitir o sentimento do movimento da experiência de estar vivo em uma época em que o bebê ainda não se tornou um sujeito [...] Em seu *holding* mais precoce do bebê, a mãe, com um alto custo emocional para si mesma, absorve o impacto do tempo (por exemplo, privando-se do sono que necessita, do tempo que necessita para renovação emocional oriunda de estar com outrem que não envolve o bebê, e do tempo que necessita para fazer alguma coisa sozinha que não envolva o bebê) (OGDEN, 2010, pp. 122-123).

O objetivo desse cuidado é manter a ilusão, para o ser imaturo, de um mundo “em que o tempo é medido quase totalmente” em função dos seus ritmos físicos e psicológicos. As experiências dos fenômenos transicionais e capacidade de estar só (cf. abaixo) “podem ser consideradas as facetas do processo de internalização da função materna de sustentar uma situação emocional no tempo” (OGDEN, 2010, p. 125). Por outro lado, com a ideia de continente-contido, Bion aborda a experiência do pensar. O pensamento onírico, processamento das experiências emocionais, é contínuo durante o tempo do sono e o tempo desperto, e permite que a experiência vivida se torne inconsciente, de modo a ser elaborada. Assim, sonhar seria uma forma primária de trabalho psicológico. O continente (capacidade de sonhar), no início da vida, é o próprio psiquismo materno; o contido (pensamentos – no sentido mais amplo da palavra – e sentimentos, incluídos aí os pensamentos inconscientes) diz respeito às projeções do bebê que necessita do apoio da mãe para aprender, aos poucos, a pensar os próprios pensamentos. “O continente-contido envolve, a cada momento, uma interação emocional dinâmica entre pensamentos oníricos (o contido) e a capacidade de sonhar (o continente). Continente e contido estão em tensão

feroz e muscular um com o outro, coexistindo em um estado inquieto de mútua dependência” (ibidem, p.137).

OGDEN, T. H. **Esta arte da psicanálise**. Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010.

17. Sonho e rêverie – a chegada do bebê e sua acolhida pelo pai: Pai e mãe, cada qual ao seu modo, como também os irmãos e outros membros da família, antes da chegada de um bebê, imaginam como ele será e de que modo afetará suas vidas. Solis-Ponton (2004) nos conta que, a cada gestação, existem pelo menos três bebês no psiquismo parental. O bebê imaginário reúne as expectativas, devaneios e considerações sobre seu gênero e destino; o bebê fantasmático, inconsciente, se liga às fantasias edípicas dos pais, e o bebê real é aquele que de fato chega com o nascimento. O bebê real, via de regra, não corresponde ao bebê imaginário e recebe os aspectos fantasmáticos, inconscientes, dos pais, que influenciam as percepções e o relacionamento destes pais com seu bebê. De certa forma, podemos dizer que um bebê totalmente “real” nunca existirá: as expectativas e projeções dos pais – a nível consciente e inconsciente – irão se justapor a ele a todo momento. Não só a mãe, mas também o pai, necessitam ajustar em si o desencontro existente entre o bebê desejado ou fantasiado e o bebê que se apresenta em cada fase da vida. A chegada de um filho, mais ou menos temida, mais ou menos desejada, envolve o confronto entre imagens e representações, conscientes e inconscientes, com a alteridade do novo ser, que sempre traz em si algo de surpreendente. Se uma surpresa pode, até certo ponto, ser assimilada ao psiquismo, temos razões para pensar que uma distopia acontece toda vez que um pai e uma mãe olham seu filho pela primeira vez. Essa distopia faz parte de um processo normal – seu componente estranho, infamiliar ou sinistro será recalçado ou transformado aos poucos. O estranho bebê que chega como um hóspede será assimilado como membro da família e re-conhecido como pertencente a ela. É possível articular o confronto entre o bebê real e o bebê imaginado por seus pais (com os aspectos do inconsciente parental que se ligam a este processo) ao conhecido texto de Freud de 1919, intitulado *O Inquietante* (FREUD, 1919/ 2014). Nele, Freud nos esclarece a relação entre o estranho e o familiar, destacando a ambiguidade existente nesses termos. Do alemão *unheimlich*, os fenômenos de estranheza, particularmente inquietantes para nós (o termo pode ser traduzido também como sinistro), são portadores de um paradoxo: a sensação que provocam deve-se, justamente, à sua *familiaridade* com algo que não é novo, mas foi *recalçado*. Relacionar o inquietante e o sinistro com a experiência do encontro com o recém-nascido é interessante na medida em que amplia a dimensão do fantasmático para além dos componentes edípicos, ou aquém deles: é o filho como um duplo horrendo de si / maravilhoso de si, que ressurgue neste

momento. Se, como destaca Cintra (2003, p. 50), um “aparelho para pensar precisa ser criado fundamentalmente para poder sentir e processar a sensação de falta e de frustração”, imaginemos que, também para o pai, a possibilidade de sonhar seu filho é condição necessária para lidar com o espanto e as decepções que ocorrem no encontro com sua alteridade. Seja ele do sexo desejado ou não, saudável ou não, parecido ou não com ele, haverá sempre um resto entre o desejo e as projeções paternas e a criança real. Por outro lado, existe outro tipo de “ensinhamento” que um pai pode fazer, dessa vez para auxiliar o filho em seu processo de subjetivação. Mesmo não tendo gestado a criança em seu ventre, ele pode sim participar da sua gestação psíquica exercendo essa função *matricial* de mente para ele, *sonhando por ele*; exercendo a função alfa à qual nos referimos acima. Acreditamos que o pai pode *metabolizar* os conteúdos mentais do filho desde que suficientemente próximo, conectado com ele. Seu papel também será o de dar suporte à mãe, e talvez isso signifique, muitas vezes, poder conter e metabolizar as *angústias dela*. Para Winnicott (1969/2005), o pai é o primeiro objeto total percebido pela criança, “diagrama para a sua própria integração” (p. 185). Talvez estar no colo do pai possa realmente, e num nível psicossomático, fornecer à criança um novo elemento que possibilite a ela ver-se a si mesma e à mãe por um outro *ângulo*... há um mundo a ser explorado a partir da passagem confiante do colo da mãe *para os joelhos do pai*. A ideia do colo do pai como *outra perspectiva* é interessante. O pai está lá para ser encontrado quando os olhos do bebê, que já encontraram o espelho materno, encontram os olhos do pai para descobrir o mundo. Esse aspecto da ligação com o pai encontra figuração em muitos rituais de nascimento indo-europeus: “A criança que sai do ventre materno é primeiramente posta sobre a terra; é o rito da *humi-positio*. É o pai que toma a criança, a *eleva* até ele, colocando-a *sobre seus joelhos* para reconhecê-la” (THIS, 1987, p. 228). Alguns autores parecem se afeiçoar à ideia de uma *rêverie* paterna, que estaria ligada à função de separar a díade e sustentar o filho e no filho o *desejo pela descoberta do mundo*, como propõe Techel (1996). O pai como um terceiro, apresentando o mundo à criança, pode estar mais aberto para reconhecer e traduzir os anseios dela por separar-se, diferenciar-se, expandir-se para além dos muros que o abraço materno representa. Há nessa ideia o aspecto de função simbolizante, figurativa e representativa da *rêverie*, mas a apresentação de objetos do mundo não é uma prerrogativa paterna. A ideia de Bion envolve um processo complexo de conter e sustentar, metabolizar e representar, traduzir e comunicar ao bebê, de um modo sensível e para além das palavras, aquilo que com ele se passa e não tem nome, nem mesmo foi pensado, representado. Tanto pai como mãe, no decurso do desenvolvimento da criança, sonham com palavras que emprestam a ela para que possa traduzir-se, discriminar-se, subjetivar-se.

CINTRA, E. As funções antitraumáticas do objeto primário: holding, continência e rêverie. **Tempo Psicanalítico**, SPID, v. 35, pp. 37-55, Rio de Janeiro, 2003.

FREUD, S. (1919) O inquietante. *In*: FREUD, S. **Obras Completas**, v. 14. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

SOLIS-PONTON, L. A construção da parentalidade. *In*: SOLIS-PONTON, L. (org.). **Ser pai ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. Trad. Maria Cecília Pereira da Silva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, pp. 29-40.

TECHEL, A, PENDEZZINI, A. **La farfalla insegna: la funzione delle emozioni nel processo dell' apprendimento**. Roma: Armando, 1996.

WINNICOTT, D. W. (1969/2005) O uso do objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. *In*: WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas**. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

18. Função vivificante do objeto: em seu livro *Companhia viva*, Anne Alvarez (2020) relata o longo trabalho psicanalítico que realizou com um menino autista. A partir de sua experiência, desenvolve o conceito de *reclaiming*, que significa a atitude convocatória, ativa, que visa despertar a atenção e convocar o paciente isolado e desvitalizado para a relação com o outro. O *reclaiming* é uma adaptação da técnica psicoterapêutica nos momentos em que a *reserva* do analista se revela ineficiente e mesmo indesejável para a evolução do processo terapêutico. Nesse contexto, Alvarez enumera os aspectos da *função vivificante* do objeto primário, observada na interação entre a mãe e o bebê, em que a alegria, a surpresa e a estimulação são essenciais para seduzir e encantar a criança na direção das trocas e da comunicação entre ela e o outro. A mãe apresenta, nesse sentido, a função de regulação – modulando o comportamento infantil, excitando ou acalmando, de forma verbal ou não verbal, chamando o bebê para o contato com ela e permitindo a assimilação das experiências nos momentos tranquilos. A mãe também busca estimular o bebê com o seu toque, que captura a sua atenção, toque esse geralmente acompanhado pelo banho de palavras, as *vocalizações* que narram de forma alegre e viva as partes do corpo do bebê, o que se passa com ele e com a dupla, e os *gestos e demonstrações* que direcionam o campo visual da criança mostrando os objetos e despertando o interesse por eles. Na observação das duplas pais-bebês, a autora aponta o ajuste que o adulto faz para estar na distância exata que permite o melhor foco de visão para o filho, a adaptação rítmica e cíclica dos cuidados e os diversos *inputs* que parecem ter o objetivo de tirar o bebê da depressão, passividade e inatividade quando sentidas como excessivas pelos pais, dando-lhes a impressão de que algo pode não estar bem com a criança naquele momento. O movimento, os estímulos, a voz, a musicalidade do manhês, as variações emitidas pelo objeto vivo, enfim, despertam a atenção da criança e a capturam quando parece estar entediada. Alvarez chama a atenção para a importância do brilho dos olhos e das expressões faciais dos pais como disparadores de processos que,

no bebê, vão muito além da atenção, e desencadeiam nele conexões complexas somato-sensoriais, afetivas e cognitivas que formarão a base para o seu desenvolvimento cerebral, emocional e intersubjetivo. Em relação à *função vivificante do pai*, os estudos observacionais da interação entre mães e bebês e pais e bebês nos dão informações interessantes a respeito da *qualidade estimulante do contato com o pai para maioria das crianças*. A brincadeira paterna tende a ser mais excitante e descontínua no tempo, trazendo para o bebê o elemento surpresa e a excitação, como o demonstram os jogos de atirar a criança para o alto para depois segurá-la fortemente, na presença de manifestações de prazer entre o pai e o bebê. Estudo de meta-análise encontram esse tipo de brincadeira paterna inclusive entre primatas que têm estabelecido o estilo biparental de cuidados (pai e mãe cuidando juntos de sua prole) (FELDMAN; BRAUN; CHAMPAGNE, 2019).

ALVAREZ, A. (2020). **Companhia viva**: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas. Trad. Gabriel Hirschhorn. São Paulo: Ed Blücher, 2020.

FELDMAN, R; BRAUN, K; CHAMPAGNE, F. A. The neural mechanisms and consequences of paternal caregiving. **Nat Rev Neurosci**. 2019 Apr; 20(4), pp. 205-224. Doi: 10.1038/s41583-019-0124-6. PMID: 30760881.

19. Objeto transformacional: criado por Bollas (1992), o conceito expressa a ideia do objeto primário do bebê, que é sentido por ele *mais como um processo* do que uma pessoa em si – processo esse que proporciona as experiências de transformação. Para compreender a função do objeto transformacional, é importante salientar a ideia de *Self*, que, para Bollas, se conecta à própria essência do indivíduo, relacionada com seu potencial herdado, sua própria maneira de ser e ritmo pessoais, traduzindo-se no *idioma* próprio da personalidade de cada um. O idioma pessoal é a expressão do cerne do *Self*, que nasce conosco como parte de nossa identidade psíquica,

um correlato psíquico da impressão digital humana [...] nunca podemos alterá-la ou perdê-la, e ninguém mais a terá, exceto nós mesmos. Esse “núcleo de lógica” gera a estética única que orienta nossa relação idiossincrática com o mundo, a maneira pela qual, inconscientemente, abordamos nossa experiência” (NETLETON, 2018, p. 40, grifo do autor).

Ao observar os bebês, notamos como alguns respondem mais a estímulos visuais, cores e formas; outros são mais musicais, prestando atenção aos estímulos auditivos, outros alteram seu humor com o balançar, as reviravoltas e a dança nos braços da mãe. O idioma é uma estética da personalidade, e desde antes da completa estruturação do aparelho psíquico, já se manifesta. Neste sentido, o cuidador pode tanto incentivar e reconhecer o idioma do bebê como mostrar-se desconectado com ele. Quando existe sintonia, a mãe oferece ao filho objetos que ressoam com seu idioma pessoal. Se a mãe conhece profundamente o bebê, percebe, reconhece e acolhe a sua subjetividade. Notemos como

esse ponto de vista difere da teoria da “tábula rasa” que prevalece em algumas concepções metapsicológicas. A esse respeito, Safra (2005, p. 39) destaca: “O bebê vive mergulhado em sinestésias, sons, temperaturas, cores e cheiros. Tenho observado que cada pessoa constitui seu *self* e sua maneira de ser, por meio de determinada forma sensorial que ganhou predominância no mundo do bebê que ele foi”. No início da vida, a mãe ambiente “é menos significativa e identificável como um objeto do que como um processo” (BOLLAS, 2015, p. 50) – processo este que determina as cumulativas transformações internas e externas que ocorrem com o bebê no dia a dia dos cuidados e do manejo maternos. Surge assim a ideia do objeto transformacional como a primeira experiência do objeto “mãe” que ainda não é reconhecida fora da área da subjetividade do bebê, pois ele ainda se encontra em simbiose com ela. O bebê registra então uma *experiência*, não uma representação, que lhe proporciona segurança, sensações de continuidade de ser e de sintonia que serão buscadas mais tarde nos objetos do mundo. O objeto transformacional, ao longo da vida, não será buscado como um objeto a ser possuído, e sim como algo que irá despertar, na pessoa, a sensação de ressonância e identificação. Assim, as experiências de transformação, crescimento e desenvolvimento serão buscadas por meio do contato com esse objeto.

Esse conceito de mãe sendo vivenciada como transformação é sustentada em diversos aspectos. Em primeiro lugar, ela assume a função de objeto transformacional porque modifica constantemente o ambiente do bebê para ir ao encontro das necessidades dele [...] na realidade ela transforma o mundo dele. Em segundo lugar, as próprias capacidades egóicas emergentes do bebê – de motilidade, percepção, integração – também transformam seu mundo. A aquisição da linguagem é, talvez, a transformação mais significativa (BOLLAS, 2015, p. 51).

Se o ego infantil se transforma na presença dessas aquisições, irá associá-las com a presença das qualidades especiais do objeto transformacional, muitas vezes não percebido de forma muito nítida, mas portador dos elementos necessários para que esse desenvolvimento ocorra.

BOLLAS, C. **Forças do destino**. Psicanálise e idioma humano. Trad. Rosa Maria Bergallo. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

BOLLAS, C. **A sombra do objeto** – psicanálise do conhecido não pensado. Trad. Fatima Marques. São Paulo: Escuta, 2015.

NETTLETON, S. **A metapsicologia de Christopher Bollas**. Trad. Lirácio Jr. Editora: Escuta, 2018.

SAFRA, G. **A face estética do self**: teoria e clínica. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

20. Ritmo como organizador do psiquismo: Victor Guerra (2017) destaca que o ritmo, que se relaciona com as vivências e mudanças do ser do bebê no tempo, é um dos fatores do cuidado que lhe proporcionam a experiência de confiabilidade e previsibilidade do ambiente. Muito cedo, a mente humana aprende a perceber os padrões rítmicos do

ambiente; e dentro do corpo somos também ritmo: respiração e coração. Mas o que é o ritmo? Ritmo é o contraste entre presença e ausência, continuidade e descontinuidade, na presença de certo padrão, no tempo: o que marca um ritmo é a repetição. A percepção de padrões, mesmo que de forma intuitiva – ou principalmente desta forma, torna possível suportar a ausência e a falta, preencher as lacunas e as esperas; e é por isso que, no cuidado com os bebês pequenos, a rotina é algo tão importante. O balançar acalma, o ninar é rítmico, a fala humana, ao se dirigir a um bebê, adquire uma tonalidade especial. Ao longo dos dias e do seu desenvolvimento, a criança, apoiada na previsibilidade dos ritmos maternos e do ambiente, aprende, pouco a pouco, a tolerar e esperar. *O ritmo é um recurso para superar a violência da descontinuidade.*

Quem não viveu a experiência de que uma das formas mais primárias e "eficazes" de acalmar um bebê angustiado é tomá-lo nos braços e cantar para ele, criar um ritmo que transforme a angústia em calma e em prazer de contato? Além disso, intuitivamente se sabe que esse ritmo a princípio é regular e contínuo e, a seguir, vai integrando pequenas variações como formas necessárias de descontinuidade (GUERRA, 2017, p. 43).

As experiências do bebê fazem-no confrontar-se com rupturas e descontinuidades, presença de objetos que se alternam com ausências. Para evitar que isto se revele traumático, a ritmicidade dessa alternância é um dos caminhos para sustentar o crescimento mental, por promover uma ilusão de permanência e continuidade verdadeiramente estruturantes para o psiquismo. Num nível profundo e possivelmente relacionado ao próprio desenvolvimento do sentimento de continuidade do ser e das funções egoicas, o ritmo aparece como elemento organizador do caos psíquico. Na vida adulta, ainda precisamos do ritmo e o buscamos para atingir estados mentais mais tranquilos, respirando, aprendendo a esperar e acolhendo os limites do nosso corpo e das nossas necessidades mais profundas. Para Maria Cecilia Pereira (2022, informação oral), o ritmo pode ser pensado como um primeiro elemento de terceiridade que se imiscui na relação diádica. Do ponto de vista do neurodesenvolvimento, quando há dificuldades de integração sensorial, "a rítmica organizaria as polissensorialidades". Preocupado com os transtornos de subjetivação arcaica, psicopatologias de caráter precoce que se originam nas vicissitudes dos primeiros encontros do bebê com seu objeto primário, Guerra (2017, p. 39) sugere o esforço terapêutico no sentido de "propiciar a mudança de uma relação sensorial com o ambiente para uma relação de objeto com o outro, em que possam entrar em jogo as emoções e as representações (intersubjetividade)" – sendo a rítmica um dos componentes essenciais desse processo. A importância do ritmo para o psiquismo foi bem desenvolvida em pesquisa realizada por Martha Pereira de Almeida Pinedo em dissertação de mestrado defendida em 8/4/2022, com o título "A importância do ritmo na relação pais-bebês" (PUC-SP).

GUERRA, Victor. O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. **Ide** (São Paulo), São Paulo, v. 40, n. 64, pp. 31-54, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 set. 2021.

METZNER, C. B. **O passo em falso na dança da subjetivação**: o transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/24429>. Acesso em: 4 jul. 2022.

PINEDO, Martha Pereira de Almeida. **A função do ritmo na relação pais-bebês: uma visão psicanalítica**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26105>. Acesso em: 2 jul. 2022.

21. Mãe ambiente e a mãe objeto: para comentar esses dois aspectos da mãe a partir da obra de Winnicott, é necessário relembrar ao leitor sua teoria do desenvolvimento, que compreende o bebê que caminha dos estágios iniciais, quando não se percebe separado da mãe, para o estágio da preocupação, ou concernimento, quando tem uma visão mais integrada de si mesmo e do seu objeto primário. Esse pensamento se assemelha ao conceito de Klein sobre a conquista da posição depressiva, em que o bebê, mais amadurecido, deixa de perceber a realidade em termos de objetos bons e maus (como fizera quando estava funcionando sob a égide da posição esquizoparanoide) para perceber que a mãe que o frustra e a mãe que o gratifica são a mesma pessoa. Tosta (2019) considera que os termos mãe-ambiente e mãe-objeto revelam os dois aspectos do cuidado do lactente. A mãe, como objeto, satisfaz as necessidades instintuais do bebê; é a mãe dos estados excitados, possuidora do objeto parcial (seio) que o bebê devora e ataca. A mãe dos estados tranquilos, não excitados, é a *mãe ambiente*, que “evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado” (WINNICOTT 1963/1983, p. 72) fazendo a sustentação do bebê no tempo e o seu manejo global. Winnicott salienta que o uso que o lactente faz do objeto, quando “no ápice da tensão do id” (ibidem), e o uso que faz do objeto quando toma a mãe “como parte do ambiente total” são muito diferentes. A tarefa do *estágio de preocupação* é a reunião, na mente do bebê, dos dois modos de cuidado, quando ele se dá conta de que pode esgotar, machucar e ferir a mesma mãe que dele cuida e garante o seu bem-estar. Tosta (2019, p. 542) ressalta:

Para que esta complexa tarefa tenha sucesso, é preciso a sobrevivência da mãe. Cria-se um círculo benigno, pois há a constituição da capacidade de reparação, capacidade para sentir culpa quando necessário, mas o indivíduo agora pode se preocupar e se sentir responsável pelo outro [...]. Antes do estágio de preocupação, e principalmente nos estágios mais iniciais, o bebê não tem condições de reunir essas funções maternas e esses modos de existência em sua mente. A questão é que na *preocupação* o bebê vai reunir as duas mães.

A reunião da mãe ambiente e da mãe objeto “na mesma pessoa”, sob o ponto de vista do bebê, corresponde à etapa do amadurecimento em que ele adquire a capacidade de se preocupar com o outro.

TOSTA R. M. Analista-ambiente e analista-objeto como funções na clínica winnicottiana: teoria e ilustrações. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** **22** (3), Jul-Sep 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n3p540.8>. Acesso em: 10 jun. 2022.

WINNICOTT, D. W. (1963/1983). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional (pp. 70-78). Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

22. Estrutura enquadrante: trata-se de um termo utilizado por André Green (1988) para denominar a matriz fundamental do psiquismo que resulta da introjeção dos cuidados maternos, quando deixam de ser percebidos como tal e passam a fazer parte do *Self*. Para Figueiredo (2009, p. 91), “a estrutura enquadrante é o *objeto primário em negativo*, participando da constituição psíquica e dos processos de identificação pela via da introjeção”. (grifo nosso) Sem essa estrutura, como explica Talya Candi, a respeito das ideias de Green, “a pulsão torna-se uma força violenta irrepresentável, e, portanto, traumática” (CANDI, 2020, p.118). Para o conceito de estrutura enquadrante comparecem a ideia da mãe ambiente de Winnicott e da *alucinação negativa* da mãe. A autora explica como a introjeção da mãe ambiente e da mãe objeto, em mútua relação, se processam na criança.

Concomitantemente à mãe da satisfação instintual existe, segundo Winnicott, a mãe dos cuidados maternos, a mãe dos momentos de ‘quietude’ que fala, brinca, limpa a criança, a mãe que não pode ser consumida. Na posição depressiva precisaria haver uma integração entre duas facetas distintas da relação mãe/bebê, (integração que) permitirá à criança estabelecer a diferença entre projeções subjetivas ligadas às fantasias e a percepção objetiva ligada à realidade externa. É essa integração que [...] promoverá a internalização da mãe-enquadre (CANDI, 2020, p. 117).

É importante salientar como a mãe passa a fazer parte do Eu, como estrutura “interna” na psique, a partir do seu apagamento perceptivo. A falência desse apagamento necessário do objeto significa que fracassaram os trabalhos do negativo, do corte e da separação, que teriam permitido ao sujeito prescindir da presença concreta da mãe para lhe dar apoio na dificuldade e nos processos de elaboração e transformação dos próprios afetos. Isso é encontrado nas estruturas não-neuróticas em que o trabalho do sonho, do luto e do próprio representar está dificultado em diversos níveis, justamente por ausência ou falhas da estrutura enquadrante.

Quando as condições são favoráveis à inevitável separação entre a mãe e a criança, ocorre no seio do Eu uma mutação decisiva. O objeto

materno se apaga enquanto objeto primário da fusão, para dar lugar aos investimentos próprios ao eu, fundadores de seu narcisismo pessoal, Eu doravante capaz de investir seus próprios objetos distintos do objeto primitivo. O objeto primário torna-se estrutura enquadrante do Eu abrigando a alucinação negativa da mãe (GREEN, 1988, p. 265).

O autor aponta como o apagamento do objeto materno só pode ser dessa forma conseguido “quando o amor do objeto é suficientemente seguro para desempenhar este papel de continente do espaço representativo” (ibidem, p. 265).

Notemos como a estrutura enquadrante se apoia na noção de *negativo* em Green, à qual se articula a questão fundamental do trabalho da representação, na medida em que o negativo pode se manifestar como desligamento necessário à eficiência do trabalho psíquico ou como excesso e destrutividade. Na saúde, o trabalho do negativo é importante para o recalque e a formação do inconsciente, necessários aos trabalhos de sonho e do luto. Assim, pode ser equiparado ao trabalho de morte, que paradoxalmente preserva a vida, ao participar da constituição das defesas que agem expulsando os excessos para garantir vida (CANDI, 2020). O trabalho do negativo também está ligado à expulsão do psiquismo daqueles conteúdos indesejáveis que precisarão do continente materno para sua metabolização. Podemos relacionar a alucinação negativa da mãe (deixar de percebê-la ou necessitar dela, quer ela esteja por perto, ou não) *com a capacidade de estar só na presença de alguém* (WINNICOTT, 1958/1988, grifo nosso); quando a mãe, como estrutura enquadrante, já faz parte do psiquismo, como “o chão da psique” (Elisa Cintra, informação oral). “A psique seria, em essência, a mãe em nós, aquilo que, da mãe, cuida da criança, com a condição de deixar claro que a criança cria a mãe ao menos tanto quanto ela a cria. Não falemos aqui de interiorização da mãe, real ou imaginária, como objeto bom ou mau. Digamos, antes, que é a mãe *ausente* que constitui o nosso *interior*” (PONTALIS, 2015, p. 61, grifo do autor). A estrutura enquadrante permite que o sujeito possa se ligar (e desligar) dos objetos, mantendo a sensação de coesão e unidade internas.

CANDI, T. S. **O duplo limite**: o aparelho psíquico de André Green. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2020.

FIGUEIREDO, L. C. F. **As diversas faces do cuidar**: novos ensaios de psicanálise. São Paulo: Escuta, 2009.

GREEN, A. A mãe morta. In: GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988.

PONTALIS, J. B. **Entre o sonho e a dor**. Trad. Claudia Berliner. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

WINNICOTT, D. W. (1958/1983). A capacidade para estar só. In: WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

23. Função materna e função paterna: a escola francesa de psicanálise, que se orienta a partir das ideias de Lacan, especifica a função materna como referente ao outro do cuidado

que interpreta as ações e estados do bebê, atribuindo-lhes significado e tecendo com ele uma *relação imaginária*. Trata-se, portanto, de uma função atributiva. Essa *alienação ao outro*, característica dos estados iniciais, é condição para que o bebê se humanize. A partir da libidinização do bebê por sua mãe, ele se torna pessoa, pois a mãe empresta significados para ele, vendo intenção e comunicação em seus gestos, antes mesmo de o bebê poder dar conta de si. Para Bernardino e Kupfer (2008, p. 672),

por função materna Lacan define o que faz uma mulher quando transmite ao seu bebê o significante, [...] que imprime no seu corpo como marcas de desejo (operação que ele chamou de *alienação*) e que o insere na linguagem; quando olha seu bebê e reconhece-o como filho, dotando-o de uma imagem (operação que ele chamou de “Estádio do Espelho”); quando não é toda presença nem toda ausência, mas se alterna simbolicamente para que seu filho perceba-a faltante (operação de introdução no Nome-do-Pai, aqui representada pelo discurso materno e denominada por Lacan de “Separação”).

A função paterna, por sua vez, relaciona-se com a dimensão simbólica, a partir do corte na relação imaginária (dual, mais indiferenciada) estabelecida entre o bebê e a mãe. A função paterna é aquela encarregada de transmitir a lei básica da cultura, a partir da separação entre mãe e filho, que introduz a criança no campo da linguagem. Por meio dessa função, a criança adquire a condição de renunciar em ser o objeto do gozo do outro, e o mesmo se dá com este Outro da criança, que deve renunciar à posse total sobre ela: temos aqui a presença de um corte, próprio da introdução da terceiridade na relação mãe/bebê. Quando significantes compartilhados são adquiridos, a criança passa a fazer parte do mundo da cultura e da linguagem. Bernardino e Kupfer (2008, p. 672) esclarecem:

Por função paterna, Lacan define o que faz um homem quando ocupa o papel de pai, real transmissor da *castração*. Este pai consente em desempenhar o papel do pai terrível e ideal que dá consistência ao corte que separa mãe e filho simbolicamente. Em seguida, este pai passa a ser tão somente o representante de uma lei que também o marcou, mas que o ultrapassa.

A relação entre essas funções é complexa, pois, no início, a função paterna potencializa a função materna, facilitando a relação diádica; mas, em seguida, é a função paterna que interrompe a relação fusional mãe/bebê. A dimensão imaginária que fazia equivaler bebê e falo, assentada na onipotência, é atravessada pela castração primária, aquela que é instaurada quando a criança renuncia a *ser-toda*. Porém, o desejo da mãe é fundamental na operação da função do pai; é o desejo da mãe que introduz o pai como um significante, agente da castração primária e da metáfora paterna: o pai simbólico.

BERNARDINO, L. M. F.; KUPFER, M. C. M. A criança como mestre do gozo da família atual: desdobramentos da pesquisa de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil. **Rev. mal-estar subj.** Fortaleza, v. 8, n. 3, pp. 661-680, set. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2022.

24. Implicação e reserva, interpelação e reconhecimento: em sua sistematização das funções do cuidado suficientemente bom, Luís Claudio Figueiredo (2007) acrescenta outro aspecto ao lado do *holding e containing*: o de reconhecer a alteridade do objeto, que passa pela capacidade de prestar atenção nele, considerando aquilo que ele tem de próprio e singular. Há um limite para a solicitude, pois “quando a intersubjetividade transubjetiva domina em excesso, configura-se uma experiência de engolfamento totalitário e claustrofóbico. É o cuidado que não dá sossego, sufoca” (FIGUEIREDO, 2007, p. 20). Isso pode ocorrer não somente na relação mãe/bebê, mas em outros contextos, inclusive na velhice, nas situações de doença ou hospitalização, por exemplo. Há que se ter um limite para a *generosidade* do agente de cuidados: uma moderação, que depende de sua capacidade de manter-se em reserva e mesmo *desapegar-se*. Se ele não se coloca numa *posição onipotente*, compreende que muitas vezes o não-cuidar é a melhor forma de cuidado: “Nesta condição, ele ‘deixa ser’ seu ‘objeto’ e o não-cuidar converte-se em uma maneira muito sutil e eficaz de cuidado, como a da mãe que deixa seu filho brincar sossegado” (ibidem, p. 21). O autor, com base em Klein (1940/1996), afirma: “[Quando aquele que cuida] exerce a renúncia à sua onipotência” e aceita sua própria dependência, torna-se capaz de abdicar das fantasias reparatórias maníacas e obsessivas e encarar sua necessidade de cuidar também de si mesmo: “a mutualidade nos cuidados é um dos mais fundamentais princípios éticos a ser exercitado e transmitido” (FIGUEIREDO, 2007, p. 21), não somente na relação entre os pais e os filhos, mas em todas as situações interpessoais de dependência que encontramos na vida. O binômio implicação e reserva diz respeito a um equilíbrio entre esses dois polos da relação entre o cuidador e o objeto dos cuidados, que leva em conta essas nuances.

Reconhecer, interpelar e “reclamar” são aspectos da função do cuidado que incluem uma dimensão simbólica. “Consideremos esta figura da alteridade que é a da intersubjetividade ‘traumática’. No caso, trata-se do ‘outro’ diferente, marcado desde sempre pela diferença e pela incompletude; é o outro sexuado e, ele mesmo desejante, vulnerável, dotado de um inconsciente” (FIGUEIREDO, 2017, pp. 18-19). Interpelar, seduzir ou reclamar, assim, são funções do cuidado indispensáveis para que o objeto dos cuidados possa ascender “à vida e à humanidade”. O autor completa: “Sem tais cuidados, um bebê não “vinga” (p. 19). O doador de cuidado, nesse sentido, desperta a pulsionalidade da criança, chama a sua atenção e a interpela. Alvarez (cf. acima) discute esse aspecto que se torna muito importante no tratamento de crianças com tendências ao autismo ou ao retraimento. Nesse caso, o analista deve ser um objeto vivo que se empenha em “despertar” a criança e convocá-la para a relação intersubjetiva:

A isto corresponde a função de ex-citar, chamar para fora, chamar às falas. Além disso, o outro que interpela e reclama funciona como agente do confronto e do limite, fazendo com que o sujeito entre em contato com os fatos da existência: a morte, a finitude, a alteridade e a lei. Ambas as funções – chamar à vida, chamar às falas e chamar à ordem – são tão necessárias aos processos de constituição psíquica e narcísica quanto as funções do acolhimento e do reconhecimento vistas anteriormente (FIGUEIREDO, 2007, p. 19).

FIGUEIREDO, Luís Claudio. A metapsicologia do cuidado. **Psyche** (Sao Paulo), São Paulo, v. 11, n. 21, pp. 13-30, dez. 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2022.

KLEIN, M (1940). O luto e suas relações com os estados maníaco depressivos. In: KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação**: e outros trabalhos 1921-1945. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

25. Ódio materno: nossa apresentação das funções do objeto primário ficaria incompleta sem abordar a importância do ódio e da ambivalência afetiva que marcam as primeiras relações. A mãe, nos primeiros tempos, é “consumida” pelo bebê, de muitas maneiras, doando seu tempo, suas noites de sono, sentindo-se responsável pela vida do filho. A própria amamentação, embora possa ser prazerosa, envolve muita paciência e disponibilidade, podendo ser extremamente cansativa. Winnicott (1947/2000) nos lembra que o bebê é “impiedoso”, por não saber esperar e não ter consideração pelo objeto primário, que ele nem mesmo reconhece como separado de si. “Por que razões a mãe odiaria seu bebê? Winnicott lista dezoito motivos que levariam uma mãe a odiar seu bebê: ele é impiedoso, tirânico, machuca-a, morde-a e interfere em toda a sua vida, entre outras coisas irritantes.” (LEJARRAGA, 2012, p. 26). A mãe “suficientemente boa”, porém, não direciona seu ódio no sentido de vingar-se e retaliar o impulso voraz do bebê; ela pode reconhecer seu cansaço e descontentamento e mantê-lo reservado, para usá-lo nas situações apropriadas. É a consciência do ódio que vai guiar a mãe na gradual desadaptação ao bebê quando lhe introduz a frustração em pequenas doses, propiciando seu desenvolvimento. Se a atitude materna for “sentimental, e a irritação e o ódio negados, a criança terá dificuldades, ao amadurecer, de tolerar toda a extensão de seu ódio, já que ela (a criança) precisa do ódio para poder odiar” (LEJARRAGA, 2012, p. 27). Assim, é o *ódio negado e cindido que faz mal à relação* entre a mãe e o bebê. O ódio faz parte do amor primário, com sua dose inevitável de frustração e raiva (FIGUEIREDO, 2013) e é mesmo *condição para a separação e estabelecimento das fronteiras do eu* (OLIVEIRA FILHO, 2021). Rozsika Parker (1997) relaciona a ambivalência materna com a criatividade nos cuidados. Podemos então imaginar que é a capacidade negativa da mãe, em tolerar, suportar e administrar sua ambivalência, que determina sua possibilidade de balancear a implicação e a reserva nos cuidados; é o desejo de “se livrar” um dia da extrema

dependência do bebê que guia a mãe nos processos de desapego, de separação e do estabelecimento dos limites, inclusive nos limites entre o seu corpo e o corpo do filho, como, por exemplo, no processo de desmame bem-sucedido. “A ambivalência, em si mesma, não é significativamente o problema; a questão principal é o modo como uma mãe administra a culpa e a angústia provocadas pela ambivalência” (PARKER, 1997, p. 23). A percepção do ódio que coexiste na mãe, lado a lado com o amor e a devoção ao filho, ajuda-a a promover o sentido de preocupação e responsabilidade em relação a ele, e da diferenciação do seu EU em relação ao EU do bebê. A idealização do amor materno, defesa contra a situação de desamparo no início da vida, dificulta a apropriação pela mãe de sua própria ambivalência, e nesse sentido as construções culturais que imputam à figura da mãe toda a responsabilidade pela saúde mental da pequena criança só fazem aumentar sua culpa e angústia. Assim, os terceiros que participam das relações iniciais, como o pai, avós e cuidadores com quem a mãe compartilha o cuidado com o bebê, são extremamente importantes. Se o parceiro da mãe acolhe a angústia que a experiência da ambivalência afetiva suscita nela, torna-se um agente do equilíbrio na relação mãe/bebê.

A relação de uma mulher com o parceiro [...] é de importância crítica na modelagem da experiência de ambivalência da mãe. Não obstante o parceiro compartilhar ou não as tarefas práticas de cuidar das crianças, ou a responsabilidade psicológica por elas, a atitude que mantém face à maternidade da mulher afeta poderosamente a esta (PARKER, 1997, p. 29).

Em seu livro *A mãe dividida* (1997), Parker cita um estudo em que mães londrinas aceitavam mais facilmente seus sentimentos negativos em relação aos filhos, se seus parceiros reconhecessem as dificuldades inerentes à sua criação e acreditassem que “frustração e irritação eram reações legítimas” na lida com a criança. Por outro lado, “a convicção mantida por um parceiro intolerante de que cuidar dos filhos deveria ser naturalmente agradável tornava a ambivalência materna muito mais difícil de vivenciar” (p. 29).

FIGUEIREDO, L. C. Cuidado e saúde: uma visão integrada. In: MARIN, I. K.; ARAGÃO, R. O. (orgs). **Do que fala o corpo do bebê**. São Paulo: Escuta, 2013.

LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond/ Faperj, 2012.

OLIVEIRA FILHO C. **Pelos caminhos do ódio** – da pulsão ao narcisismo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/8138?mode=full>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PARKER, R. **A mãe dividida**: a experiência da ambivalência na maternidade. Trad. Alece e Doralice Xavier de Lima. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

WINNICOTT, D. W. (1947) O ódio na contratransferência. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise** – obras escolhidas. Trad. Davy Bogolometz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

26. Violência da interpretação: Piera Aulagnier (1979) traz uma concepção metapsicológica própria a respeito do aparelho psíquico, seguindo a escola francesa, ao salientar o valor atributivo da função materna. Para ela, a “violência” da interpretação refere-se à intrusividade estruturante do desejo e da interpretação maternas sobre o bebê,

que, no entanto, são imprescindíveis para a formação de seu psiquismo. Afirma, ainda, que a vinda de um bebê é precedida pela “sombra falada” da mãe, resultado do seu desejo pela criança e dos seus anseios edípicos reprimidos. São agentes facilitadores do exercício da função materna “ter a repressão bem realizada da sexualidade infantil, amar a criança, estar de acordo com o essencial do discurso cultural de seu meio acerca da função materna; ter a seu lado a presença de um pai, a quem ela dedica sentimentos positivos” (p.110). Nota-se que a autora valoriza o componente do desejo materno, mas salienta que esse desejo deve ter meios de ser barrado pela constituição intrapsíquica da mãe – atravessada pela castração, pela cultura e pela presença do terceiro paterno. Violante (2001) explica o conceito da “violência da interpretação” a partir do pensamento de Aulagnier:

Assim, ela diz que o EU é antecipado pelo Eu materno, à medida que, desde o nascimento do bebê, a mãe interpreta, em termos de sentimento, o que não passa de manifestações de uma atividade puramente pictográfica do aparelho psíquico. Por meio dessa “violência primária” [...], o Eu materno atribui as manifestações corporais do mundo pulsional do bebê ao suposto desejo de um Eu ainda inexistente; desejo de sua presença, de seu seio e sua voz (p. 45).

Os pais revivem seu narcisismo frente ao filho, e é essa aposta de perfeição e realização que alimenta os sonhos e o prazer de cuidar que animam pai e mãe.

AULAGNIER, P. **A violência da interpretação**: do pictograma ao enunciado. Trad. Maria Clara Pellegrino. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

VIOLANTE, M. L. V. **Piera Aulagnier**: uma contribuição contemporânea à obra de Freud. São Paulo: Via Lettera, 2001.

27. Desejo do pai: Piera Aulagnier, segundo Violante (2001), dedica especial atenção ao *desejo do pai*, denunciando o “estranho silêncio” em torno desse aspecto, visto que, em Freud e Lacan, ele é sempre lembrado como o referente da lei, doador do nome e detentor das chaves que dão acesso ao simbólico.

No registro temporal, a relação com a mãe tem efetivamente a primazia, assim como a experiência da gravidez induz na mãe uma forma de investimento [...] que não possui a mesma qualidade do que se instala no pai durante sua espera pelo filho. Isto é um privilégio ‘natural’ cuja marca positiva ou negativa o homem sempre levará, [mas,] desde o início da vida, o pai também exerce uma ação modificadora sobre o meio psíquico que rodeia o recém-nascido (VIOLANTE, 2001, p. 49).

O desejo do pai está ligado à transmissão: pois, ao receber a criança de sua mulher, como um dom, o homem que o aceita pode, finalmente, quitar uma dívida que contraiu *com seu próprio pai* em relação aos seus desejos edípicos (VIOLANTE, 2001). Assim, a morte está presente na relação pai-filho, pois o filho deverá “matá-lo” (ocupar seu lugar) um dia, como ele desejou “matar” seu próprio pai. Para a criança, *a voz do pai* é marca do seu desejo por ela, o que é muito importante na sua estruturação; para o pai, vivenciar experiências

com o filho é um modo de lidar com a ambiguidade e a rivalidade para com ele, na medida em que a criança é prova e sinal da sua função fálica. Aulagnier ressalta, porém, a prova a que o homem se submete nessa passagem, relacionada à aceitação da própria morte. A inscrição subjetiva da própria finitude (CHERER, FERRARI, PICCININI, 2018) se liga ao desejo de doar ao filho um legado e um nome, e transfere ao filho o direito de exercer a função que o pai deverá abandonar, num tempo futuro.

CHERER, E. Q.; FERRARI, A. G.; PICCININI, C. A. Tornar-se pai: a paternidade como inscrição subjetiva da finitude. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 34, p. 1-11, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e34433>

VIOLANTE, M. L. V. **Piera Aulagnier**: uma contribuição contemporânea à obra de Freud. São Paulo: Via Lettera, 2001.

28. Situação antropológica fundamental e a sedução generalizada: a situação antropológica fundamental é a reunião *assimétrica* entre o adulto, “dotado de um inconsciente tão sexual quanto irreduzível” (ANDRÉ, 2012, p. 762) e a criança, inteiramente voltada para a satisfação de suas necessidades elementares, como a fome, a sede, a necessidade de aconchego, calor e ternura. Quando se dá este encontro, “a sedução não é uma relação contingente, patológica – ainda que possa sê-lo – e episódica. Ela se baseia na situação da qual o ser humano não pode escapar, que chamo de situação antropológica fundamental” (LAPLANCHE, 2015, p. 106). Nota-se uma semelhança entre essa ideia e o conceito ferencziano (1932/2011) de “confusão de línguas” entre o adulto e a criança, na medida em que o adulto, portador de um inconsciente sexual, feito de resíduos infantis e “perversos” (no sentido da sexualidade polimorfa), traz consigo a linguagem da paixão, enquanto o bebê, que não possui disposições sexuais genéticas, nem ativadores hormonais da sexualidade, é incapaz de compreender essa linguagem. Nesse contexto, mensagens enigmáticas, portadoras de conotações do sexual recalcado do adulto, chegam ao *infans*, que fracassa na tradução desses “enigmas”. Esse “mal-entendido originário” ocorre quando o conteúdo recalcado do adulto “se mistura, compromete o conjunto das mensagens (não somente languageiras) dirigidas ao recém-nascido” (ANDRÉ, 2012, p. 763). Um exemplo disso é a questão do gênero, que para Laplanche (2015) se refere a esse “enigmático”, pois o gênero é uma mensagem, uma designação, que vem do outro, do adulto, e é recebida pelo bebê *antes* de ele poder ter noções da diferença sexual e da diferenciação entre masculino/feminino. A criança, com o desenvolvimento das capacidades egoicas, tentará dominar, reduzir essa designação enigmática sob a lógica fálica, que sempre será insuficiente para simbolizá-la, uma vez que terá sido implantada em seu psiquismo a partir de desejos polimorfos de seus pais. A situação da sedução generalizada, por outro lado, pressupõe a ideia de que o masoquismo poderia ocupar uma posição libidinal originária na medida da passividade da criança diante

da *implantação em seu corpo* e psiquismo de mensagens comprometidas pelo inconsciente adulto. Essas mensagens teriam sempre um caráter invasivo, como explica Ribeiro (2012, p. 446), descrevendo a “armadilha paradoxal da sedução”: essa “armadilha” consiste no fato de que o “eu”, quando criado, “delimita automaticamente um corpo que *já foi invadido*”. A penetração generalizada, inerente à sedução originária, é um fator decisivo para a identificação feminina primária, ou para as origens femininas da sexualidade, como quer Jacques André (1996). *Ser penetrado e ser invadido* pelo outro são ideias que, embora partam de um pressuposto metapsicológico diverso em relação à maioria dos autores por nós estudados, podem trazer uma perspectiva interessante para pensar os processos perinatais em seu caráter enigmático e mobilizador de poderosas defesas psíquicas, as quais podem se manifestar, na clínica, no campo da patologia. As ideias de Laplanche também podem ser chaves de leitura interessantes para pensar certos adoecimentos psíquicos. Jacques André (2012, p. 763) exemplifica a reação do bebê diante da invasão da “língua da paixão” materna sobre seu corpo:

O bebê anoréxico sabe bem que para ele seria mais perigoso engolir o leite materno, apesar de sua qualidade nutritiva, do que recusar um alimento humano demais, carregado de angústia, de ódio ou de excitação excessiva. É mais perigoso (psiquicamente) incorporar do que correr o risco de vida da greve de fome.

Com efeito, para Figueiredo (2009), práticas excitantes que não encontram no desenvolvimento egoico do bebê um espaço de contenção e simbolização dão margem a processos psíquicos defensivos que têm em comum a *desconfiança* – como por exemplo a instauração de um superego excessivamente rigoroso que emite sinais de angústia diante da excitação, prazer e satisfação libidinal; ou na instauração de uma organização defensiva do *self* denominada *falso self*, “com suas características de falta de espontaneidade, falta de contato emocional e sabotagem do prazer” (pp. 75-76).

ANDRÉ, J. **As origens femininas da sexualidade**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ANDRÉ, J. LAPLANCHE, J.. Editorial. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** 15 (4), dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400001>. Acesso em: 15 jun. 2022.

FERENCZI, S. (1932). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: **Obras Completas – Psicanálise IV**. 2. ed São Paulo: Martins Fontes, 2011

LAPLANCHE, J. A partir da situação antropológica fundamental. In: LAPLANCHE, J. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2008**. Trad. José Carlos Calich. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2009.

RIBEIRO, P. C. Masculinidade e ciúme na perspectiva da teoria da sedução generalizada. **Psicologia em Estudo**. 2012, v. 17, n. 3, pp. 445-452. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dfgpTnLVn57QgfymZLJZCqz/?lang=pt>. Acesso em: 6 abr. 2022.

29. As funções do bebê, do pai e da mãe na relação triangular: notamos até aqui uma maior inclinação de cada autor a salientar certos aspectos dos cuidadores em suas vertentes intrapsíquica e intersubjetiva. Metzner (2021) procura, a partir da obra de Victor Guerra, correlacionar as funções dos elementos do triângulo edípico em interrelação, mostrando que a dificuldade em qualquer dos vértices desse triângulo repercute sobre a família como um todo e sobre a subjetivação do bebê. A autora enumera de forma didática a visão de Victor Guerra, e nos direciona para a percepção das funções do bebê, destinadas a maravilhar, despertar os pais e reativar a comunicação primária com eles:

São funções do bebê: 1) Trazer para a vida psíquica dos pais o prazer e o desespero próprios da parentalidade; 2) ser suporte das projeções parentais; 3) possibilitar a reativação da comunicação primária, arcaica – o bebê co-constrói com seus pais uma língua intersubjetiva que possibilita a organização rítmica e narrativa de sua polisensorialidade primária; 4) sustentar a ilusão de completude e continuidade; 5) possibilitar experimentar emoções estéticas (estética da subjetivação), representando, assim, uma esperança de renovação e criatividade na vida dos pais (pp. 56-57).

Dentre as funções maternas, encontramos: 1) sustentação e unificação do corpo e do psiquismo através do ritmo, da atenção e da narratividade; 2) envolvimento do bebê com suas fantasias; 3) encontro prazeroso; 4) função de espelho, de tradução e transformação das emoções do bebê; 5) tolerância dos mecanismos de regulação dos afetos e da capacidade de estar só; 6) frustração, desilusão e introdução da descontinuidade, abrindo espaço à terceiridade. A função primária do objeto materno é sustentar e unificar o corpo e o psiquismo, sendo o ritmo e a *lei materna* elementos fundamentais nessa tarefa. Quando ressalta as tarefas da integração (*holding, handling* e apresentação do objeto), Guerra (2013) marca mais uma vez a influência de Winnicott em seu pensamento. No que se refere às funções paternas, temos: 1) sustentação – o pai sustenta o encontro entre a mãe e o bebê – “se necessitam três para que dois tenham a ilusão de ser um”; 2) introdução da descontinuidade e separação próprias desse processo; 3) marcação da diferença com a mãe, podendo representar um polo exploratório do desconhecido e do mundo exterior; 4) separação e transmissão da proibição do incesto”.

Lembremos-nos, como quer Crespín (2004), que essas funções se relacionam dialeticamente, e, no caso da mãe e do pai, podem se intercambiar.

CRESPIN, G. **A clínica precoce: o nascimento do humano.** Trad. Claudia Mascarenhas Fernandes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GUERRA, V. (2013). Palavra, ritmo e jogo: fios que dançam no processo de simbolização. **Revista de Psicanálise da SPPA**, 20(3), 583. Disponível em: <https://revista.sppa.org.br/RPdaSPPA/article/view/110>. Acesso em: 5 jan. 2022.

METZNER, C. B. **O passo em falso na dança da subjetivação**: o transtorno de subjetivação arcaica e sua abordagem na clínica psicanalítica. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/24429>. Acesso em: 5 jun. 2022.

30. Processos terciários a partir da ideia do espaço potencial: Nelson Coelho Jr. (2015) discorre sobre as figuras da terceiridade em Psicanálise, partindo dos conceitos winnicottianos de objeto e fenômenos transicionais, e chegando até a ideia do terceiro em André Green. Winnicott considera o paradoxo da experiência do sujeito que está em contato com a realidade, mas mesmo assim a recria, por meio do brincar e da experiência cultural: é a terceira área da experiência, o “espaço potencial”. Vejamos como Pontalis (2005) historiciza essa importante formulação winnicottiana.

Em 1951, Winnicott publica um artigo imediatamente notado e logo considerado um clássico. Nele descreve um tipo de objeto que, embora não tivesse passado despercebido das mães, não recebera nem nome nem qualificação na literatura psicanalítica. O autor – poderíamos dizer aqui – o inventor – dá-lhe o nome de objeto transicional¹²⁷ (p. 204).

A descoberta (a partir do objeto transicional, que, paradoxalmente, *é e não é* a mãe para a criança) desse território intermediário, que garante a transição entre o eu e o não eu, perda e presença, dá base à compreensão de uma terceira área experiencial que se correlaciona com a criatividade e a saúde psíquica: a possibilidade de brincar “que nos faz sentir vivos, para além da adaptação, sempre tingida de submissão, ao nosso ambiente” (PONTALIS, 2005, p. 208). O espaço do brincar, que dá conta do “papel da criatividade nos processos de constituição subjetiva e intersubjetiva” é o espaço da ilusão “em que é um prazer se esconder, para poder ser encontrado” e abre o caminho para a criatividade e futuro lugar da experiência cultural” (COELHO JR., 2015, p. 181). Enquanto Winnicott ilumina o aspecto positivo do brincar, terceira área de experiência entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo, Green enfatiza a ideia do terceiro como uma ausência, situação intermediária entre presença e perda:

a dualidade comporta, desde seu início, um terceiro (a relação mãe-bebê sempre traz uma função paterna, ainda que como representação no psiquismo da mãe). É o triângulo aberto com o terceiro substituível, o outro do objeto, que pode ser o pai, um tio, um irmão, compondo a relação com a dupla mãe-bebê (COELHO JR., 2015, p. 189).

À medida que o terceiro presente na *rêverie* materna se torna real para o bebê, esse terceiro se torna condição da abertura da possibilidade de novos caminhos para a subjetividade da criança – ou pode ser vivido como impeditivo da completude dual originária. A *estrutura ternária* diz respeito ao sujeito, seu outro e o *outro do outro* e é condição para a simbolização. “A partir dessa ideia de símbolo e da concepção freudiana

¹²⁷ Pontalis refere-se ao artigo “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, de 1951. O artigo pode ser encontrado em WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019.

dos movimentos pulsionais (ligação – pulsão de vida e desligamento – pulsão de morte), Green propõe o modelo ‘ligar-desligar-religar’ como um dos marcos iniciais da formação da sua noção de terceiridade” (COELHO JR., 2015, p. 190). Urribarri (2012) nos lembra que Green recusa a ideia de uma relação diádica, pois o pai está sempre inscrito como uma sombra, figura de ausência, na relação mãe/bebê. O pai ocupa um lugar na mente da mãe, que não diz respeito, necessariamente, à figura do pai real, mas se liga aos fantasmas edípicos da infância da mãe. Em relação à triangulação edípica, “a questão principal não é a passagem do dois ao três, da díade à tríade, senão à transmissão do estado de terceiridade potencial (enquanto o terceiro está presente apenas na mente da mãe) à terceiridade efetiva, interiorizada e estruturante” (URRIBARRI, 2012, p. 150). Essa terceiridade estruturante diz respeito ao pensamento que pode “triangular” por comportar ao mesmo tempo a sustentação da visão subjetiva e objetiva sobre algo (BRITTON, 2003), e o símbolo, que é o que permanece após a elaboração da perda do objeto em seu aspecto sensível. O pensamento dialético, a capacidade de sustentar a dúvida e o paradoxo e a própria linguagem, dentro dessa visão, sustentam-se na triangulação introjetada. A imagem de Victor Guerra – “são necessários três para que dois tenham a ilusão de ser um” (GUERRA, 2017, p. 49) – ilumina o papel do terceiro elemento como fundo e estrutura essencial sem a qual a díade mãe-criança não consegue se sustentar. E mais ainda: o Édipo, a nível intrapsíquico, alude à organização mental dos adultos que se dispõem a gerar vida e contribuir para que um bebê também nasça como pessoa.

BRITTON, R. Subjetividade, objetividade e espaço triangular. *In*: BRITTON, R. **Crença e imaginação**. Trad. Lana Pinto Chaves. Trad. dos poemas: Renato Rezende. Rio de Janeiro: Imago, 2003, pp. 69-92.

COELHO JUNIOR, N. E. Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 32, pp. 175-195, jun. 2015. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jun. 2022.

GUERRA, V. (2017). O ritmo na vida psíquica: diálogos entre psicanálise e arte. **Ide** (São Paulo) [on-line]. 2017, v. 40, n. 64, pp. 31-54. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062017000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 maio 2022.

PONTALIS, J. B. **Entre o sonho e a dor**. Trad. Claudia Berliner. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

URRIBARRI, F. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 45, n. 82, pp.143-159, jun. 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jun. 2022.

31. A descoberta do pai, sob o ponto de vista do bebê: Rosa (2009), apoiada em Winnicott, relaciona as funções do pai no processo de amadurecimento do bebê, seguindo sua teoria sobre as fases do desenvolvimento.

1. No estágio da *dependência absoluta* (primeiros meses de vida), o bebê não percebe a mãe separada de si. O pai, então, pode ser um substituto materno, no cuidado direto com o bebê, desde que tenha em si uma capacidade de maternagem que se relaciona com o que Winnicott chamou de elemento feminino puro de sua personalidade. O elemento feminino é descrito como estando relacionado à possibilidade de identificação com o seio, uma experiência constitutiva do self. “Trata-se de uma identificação [...] que leva Winnicott a afirmar que a experiência de *ser* é transmitida pela mãe” (SAFRA, 2009, p.78). Winnicott considera que há pais que encontram em si uma grande capacidade de cuidar do bebê nos estágios iniciais, acessando, para isso, as experiências que tiveram, eles próprios, dos cuidados que receberam de suas mães e pais. Mas o autor também salienta:

Alguns homens parecem acreditar que seriam melhores mães do que suas esposas e, nesse caso, podem se tornar realmente incômodos. Isso é especialmente verdadeiro quando eles são capazes de, com o maior desembaraço, serem “mães” imensamente pacientes durante meia hora e depois, com o mesmo desembaraço, sumirem – esquecendo que as mães têm de ser boas mães durante as vinte e quatro horas de um dia, e um dia após outro. E, depois, pode ser que existam alguns pais que realmente dessem melhores mães que suas esposas, mas a verdade é que nem mesmo assim podem ser mães; assim, tem de se descobrir alguma saída para a dificuldade, sem estar em causa o desaparecimento da mãe nesse quadro (WINNICOTT 1957/1982 p. 128).

Ou seja: é importante que os pais tenham também em si a dimensão da reserva, para não desqualificarem o processo da parceira que também está aprendendo a cuidar do bebê. Tratar-se-ia de um equilíbrio entre a função materna do pai, diretamente no cuidado com a criança, e da sua função como sustento e suporte para a mãe, que precisa de sua ajuda para se sentir segura, arriscar-se e aprender com a própria experiência. A inveja do pai, disfarçada em solicitude, pode, ao invés de ajudar a mulher, reforçar seu sentimento de inadequação quando ele se esquece de seu papel como guardião da relação mãe/bebê.

2. Nos estágios da *dependência relativa*, a adaptação da mãe ao bebê é reajustada de modo a permitir que surjam pequenas rupturas na continuidade e no cuidado iniciais, de modo que a ilusão básica de onipotência passe a ser relativizada pelas incipientes percepções da realidade exterior (ROSA, 2011, p. 30). Aqui o pai ajuda a mãe a sair do estado de preocupação materna primária, reivindicando-a para si, além de se colocar para o bebê como um duplo materno e *primeiro objeto total percebido*. Inicialmente, sua potência genital e a conexão com a mulher são os baluartes que lhe possibilitam colocar-se como força organizadora para ela. O pai “não só quer ver sua esposa recuperar uma

existência independente, mas também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão de crianças” (WINNICOTT, 1960/1999 p. 100). No processo de desmame, o pai pode oferecer ao bebê – e à mãe – seu colo, nos momentos difíceis, revezando com ela nas noites mal dormidas e sendo uma presença que traz vitalidade ao campo nos momentos de quebra da simbiose. O pai também é a figura que duplica a mãe na percepção do bebê, reunindo em si os aspectos de firmeza, dureza e inflexibilidade maternas. O pai “acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado” (WINNICOTT, 1966/2011, pp. 126-127). Seja pelo suporte dado à mãe, ou pela natureza da sua presença, o pai permanece como a figura que facilita a passagem do bebê para a fase de dependência relativa, podendo, cada vez mais, se *diferenciar* do objeto primário. (Salientamos aqui, também, a importância de que *os olhos da mãe possam estar voltados para este seu parceiro*: a presença do pai no desejo materno é um componente importante para *direcionar* os olhos da criança a fim de descobrir e *se interessar* pelo pai). Se a percepção da mãe, pela criança, se inicia a partir de objetos parciais que se integram aos poucos, a figura paterna tende a ser percebida de modo *inteiro* pelo bebê. Há uma sincronicidade entre o “descobrimento” do pai e o amadurecimento do ego:

É interessante [...] sublinhar a ideia de que não é o pai quem decide por sua entrada na vida do filho, embora esteja disponível e desejoso de ser “o papai”, mas sim o bebê, que à medida que se separa da mãe [...] vai criando a presença paterna em sua vida: o bebê amadurece [...] avançando na direção da independência e se abrindo para novas relações. É assim que, à medida que se desenvolve, o bebê, ao mesmo tempo, “cria e encontra o pai” (ROSA, 2011, p. 34).

Safra (2009, pp. 83-84) relaciona a progressiva “entrada” do pai no campo representacional do bebê como um ganho deste em direção à maturidade, à flexibilidade psíquica, e à saúde.

O momento em que o terceiro começa a se constituir no horizonte da criança acontece como questão e como possibilidade, pois o terceiro terá grande participação no processo de integração. Trata-se de um momento ainda anterior ao Édipo clássico. O pai poderá ou não ter sido uma mãe substituta, mas em certo ponto do processo ele terá um papel diferente, pois é provável que ele seja usado pelo bebê como um modelo de um ser integrado. Se o pai não estiver lá, o bebê precisará realizar o mesmo desenvolvimento, mas de maneira muito mais árdua, ou ainda usando alguma relação estável confiável com uma pessoa total, que seja um representante de um terceiro.

Safra ilumina a importância da presença deste *terceiro* como uma antecipação de “futuro” para o bebê: (p.83-84)

[...] dessa maneira, percebe-se que o pai pode ofertar o primeiro vislumbre de integração e de pessoa total para a criança. O terceiro

aparece no horizonte da criança como um problema, ao mesmo tempo em que aponta o futuro possível para a criança. Temos aqui a compreensão de um processo de identificação que não se dá só como um evento ocorrendo de dentro para fora, mas, principalmente, de fora para dentro. O pai nessa situação é o sonho da criança de um si mesmo total e realizado – pressentimento do futuro. O terceiro traz as complicações das relações triangulares, mas ao mesmo tempo traz o pressentimento do futuro. Perspectiva fundamental para a questão da esperança como um elemento fundamental no processo maturacional.

3. No estágio do *concernimento*, temos a o ponto chave do amadurecimento sob o ponto de vista winnicottiano. Ela se assemelha à conquista, expressa por Klein, da passagem pela posição depressiva, no que diz respeito à capacidade de a criança sentir culpa. Aqui é importante salientar o importante papel do ambiente facilitador. Esse ambiente, por resistir aos ataques do bebê, não retaliando e sobrevivendo em sua alteridade, contribui para a consolidação da noção de que mãe e bebê são pessoas distintas e que a mãe, por sobreviver, *existe* fora da sua área de onipotência. *Paradoxalmente, o objeto passa a existir à medida que é destruído.* A noção kleiniana da integração dos bons e maus objetos inspira Winnicott, quando imagina o bebê adquirindo a percepção de objetos totais na fase do concernimento. “Aqui muito tem que ser presumido. Por exemplo, presumimos que a criança está se tornando uma unidade, e se tornando capaz de perceber a mãe como uma pessoa” (WINNICOTT, 1958/ 1983, p. 25). Cintra (2015) explica como a fase de concernimento se liga ao que Winnicott denomina de capacidade de *usar os objetos*:

O uso de um objeto envolve uma consideração mais nítida da natureza do objeto, de sua externalidade e de sua capacidade de suportar o amor impiedoso. Isto exige descobrir o objeto, de maneira mais radical; considerá-lo suficientemente forte para resistir ao amor impiedoso, vê-lo com um grau maior de despojamento das projeções do bebê. O despojamento das projeções é o que Winnicott vai chamar da necessária destruição do objeto. É preciso destruir parte das projeções e expectativas para que se passe do modo *relacionar-se com objetos* para o modo *usar o objeto*. O objeto que tem de ser destruído é o que antes tinha sido inventado e criado, aquele que era depositário de nossas projeções (CINTRA, 2015, p. 71).

O estágio do concernimento é longo, assim como a elaboração da posição depressiva, que se faz num processo contínuo, cheio de idas e vindas na vida da pequena criança. Mas haverá um momento em que o pai emergirá como um aspecto isolado e independente da mãe. (Também a percepção da diferença entre os sexos será um dos baluartes para a emergência da figura paterna, pois, nesse período, tem início a chamada fase fálica do desenvolvimento). Na fase de concernimento, desponta a ação paterna colocando limites à instintualidade infantil. O papel paterno como interditor da criança prossegue na fase edípica propriamente dita, mas, neste momento, “O pai ainda não opera como interventor, no sentido que é próprio à etapa edípica. Ele intervém no uso impulsivo ou exagerado que a criança faz da mãe, e isso funciona como *proteção*” (ROSA, 2009, p. 78, grifo da autora).

É fase de embates, birras, medos noturnos, exploração do mundo. A proteção e a contenção que um pai e um ambiente atentos podem fornecer à criança se torna pré-condição para que ela “se arme” em termos de capacidades egóicas, para poder enfrentar o embate edípico com suas fantasias incestuosas e parricidas. Por isso, é necessário que o pai, assim como a mãe, “tenha maturidade suficiente para permitir que a criança explore plenamente os sentimentos e ansiedades que pertencem a esse período” (ROSA, 2009, p. 78).

4. No estágio do Complexo de Édipo, finalmente, a criança experiencia plenamente a situação de ambivalência afetiva e o ódio pelo terceiro elemento, mas é grande a importância das fases anteriores para que a intensidade pulsional deste momento possa ser experienciada:

Agora, finalmente, na relação triangular, o ódio pode aparecer livremente, pois o que é odiado é uma pessoa que pode se defender, e que na verdade já é amada; no caso do menino, trata-se do pai, do genitor, do marido da mãe [...] o pai se transforma no objeto do ódio, aquele capaz de sobreviver, e castigar e perdoar (WINNICOTT, 1990, p. 72).

O pai “capaz de sobreviver, castigar e perdoar” aqui descrito, é aquela figura que, já percebida em sua totalidade pelo bebê, tem sua importância como um elemento terceiro real e presente. Aqui podemos destacar que a maneira como o pai reage à criança *faz diferença*. O pai poderá ser um agente a facilitar ou dificultar que o filho se torne capaz de suportar em si mesmo a pressão instintiva e a violência dos afetos de amor, ódio e ciúmes característico dessa fase. A esse respeito, Safra (2009, p. 85), baseado na teoria winnicottiana, insiste no caráter benéfico do complexo de castração, pois

[...] a criança irá em busca da castração pelo fato de que ela lhe possibilita um alívio. Nesse momento, a criança não tem a possibilidade de lidar com a intensidade da excitação decorrente das fantasias edípicas; a castração, assim, lhe dá a possibilidade de poder conter a excitação que, de outro modo, seria para ela um transtorno. Por meio da castração, a criança viverá a potência por procuração, ou seja, usufruirá a potência do genitor.

Daí a importância da firmeza dos pais nesse momento e da força de sua conexão, pois descobrir o casal unido é “encontrar um casal que se relaciona, tem vida afetiva e que se ama. Winnicott compara esse descobrimento à descoberta de uma rocha; ao mesmo tempo em que a criança se apega a essa rocha, porque lhe dá confiança e estabilidade, (há) algo firme como uma rocha que a criança pode atacar, sem que ela corra o risco de ver o casal ser afetado. A presença do casal significa confiança [...] também oferta à criança a possibilidade de experimentar sua vitalidade tanto física quanto psíquica (SAFRA, 2009, p. 84).

CINTRA, E. M. de U. A descoberta do mundo e a destrutividade originária. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 48, n. 89, pp. 67-78, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 4 nov. 2021.

ROSA, C. D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, pp. 55-96, fev. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2022.

ROSA, C. D. **As falhas paternas em Winnicott**. 2011. 238f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/bitstream/handle/15059/1/Claudia%20Dias%20Rosa.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2021.

SAFRA, G. Os registros do masculino e feminino na constituição do self. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 42, n. 76, pp. 77-89, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

WINNICOTT D.W. **Natureza Humana**. Trad Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago ed. 1990.